

Ana Paula Rodrigues da Rocha

# Os jogos e os vídeos didáticos: a motivação no ensino da História e da Geografia

Relatório de Estágio Pedagógico apresentada à  
Universidade Portucalense Infante D. Henrique,  
para obtenção do grau de Mestre em Ensino da História e Geografia  
no 3º ciclo do Ensino Básico e Secundário.

Trabalho realizado sob orientação de: Professora Doutora Fátima Braga,  
Consultora Científica para a História: Professora Doutora Isabel Freitas,  
Consultora Científica para a Geografia: Professora Doutora Ortelinda  
Barros.

Orientadores Cooperantes: Dr.<sup>a</sup> Célia Gomes, Dr.<sup>a</sup> Idalina Leite.



Universidade Portucalense Infante D. Henrique  
Departamento de Ciências da Educação e do Património

Agosto de 2014



Ao meu jardim particular: para as minhas Margaridas e para o meu Bem Me Quer.

Para a minha Princesa, a bebé mais linda do Mundo, a minha filhota.

Para a minha mamã, o meu anjo protetor, a melhor Mãe do Mundo.

Para o Arnaldo, meu amigo, companheiro e marido.



## **Agradecimentos**

A todos os professores que marcaram o meu percurso académico, com especial ênfase aos docentes do Mestrado em Ensino da História e da Geografia, pelo conhecimento científico, pela qualidade pedagógica ou pelas qualidades humanas e pessoais.

À Professora Doutora Fátima Braga pela amizade, carinho, disponibilidade e incentivo que foi fundamental para que este trabalho e projeto académico e pessoal chegasse a bom porto.

Às Professoras Doutoradas Isabel Freitas e Ortelinda Barros pela disponibilidade na supervisão das áreas científicas de História e Geografia e pelo manifesto apoio, carinho, amizade e estímulo para a realização deste trabalho.

Às Professoras Cooperantes da Escola Secundária António Sérgio, professora Dr<sup>a</sup> Idalina Leite e Dr<sup>a</sup> Célia Gomes, pelo carinho, apoio, orientação e supervisão de toda a prática pedagógica e pelo acolhimento e integração na escola.

Por fim toda a minha família, pois é a eles que tenho que agradecer tudo quanto sou. Obrigada pelo apoio, incentivo, carinho. Um agradecimento especial à minha mãe que apesar de não estar comigo fisicamente continua a dar-me força, coragem e a proteger-me sempre que preciso. Um agradecimento e um pedido de desculpas à minha filhota e ao meu marido pela minha ausência nestes últimos tempos. Obrigada pelo apoio, incentivo e força que sempre me deste, mesmo nos momentos mais difíceis.



## Resumo

O presente relatório expõe um projeto desenvolvido em contexto real de aprendizagem das disciplinas de História, no oitavo ano de escolaridade, e de Geografia, no décimo primeiro ano de escolaridade. Este relatório é uma narrativa reflexiva sobre o estágio pedagógico, que decorreu na Escola Secundária António Sérgio, no ano letivo de 2011/2012, tendo como objetivos centrais a descrição, reflexão e avaliação do processo experienciado.

Elegeu-se como tema/objeto de estudo “Os jogos e os vídeos didáticos: a motivação no ensino da História e Geografia”. Desta forma, tornou-se imprescindível criar instrumentos de avaliação e de recolha de dados. Assim, foram entregues questionários de satisfação que incidiam sobre o impacto e a importância dos vídeos e jogos no ensino, motivação e aprendizagem. Os resultados obtidos não deixam qualquer dúvida que os vídeos e jogos influenciaram os alunos no seu interesse, motivação e aprendizagem. Também foram entregues fichas de trabalho, para os alunos realizarem em casa, que contemplavam os jogos. Os resultados obtidos nestas fichas superaram todas as expectativas, pois a taxa de entrega e os resultados atingidos foram elevados. Salientamos que estamos perante duas turmas indisciplinadas, com aproveitamento satisfatório a fraco e que não têm hábitos de realizar os trabalhos de casa.

Estruturalmente, este relatório é composto por quatro capítulos, nos quais se procura fazer uma exposição, análise, fundamentação, reflexão e avaliação de todo o trabalho desenvolvido, bem como enumerar as diferentes tarefas realizadas e explanar as expectativas iniciais. Pretende também evidenciar a relevância que a prática supervisionada possui na formação inicial docente e o papel que o professor ocupa na motivação e aprendizagem dos seus alunos. O objetivo central que tivemos sempre ao longo do nosso estágio pedagógico foi de motivar os alunos de forma a realizarem aprendizagens significativas, desenvolvendo o questionamento e os conhecimentos históricos e geográficos dos alunos, através dos vídeos e jogos apresentados, de forma a desenvolver nos alunos as noções da temporalidade (em História) e da espacialidade (em Geografia).

## **Abstract**

The present report exposes a project developed in real learning context of the disciplines of History, in the eighth grade, and Geography, in the eleventh grade. This report is a reflexive narrative about the pedagogical training, which took place in António Sérgio High School in the 2011/2012 school year, having as central objectives the description, reflection and evaluation of the experienced process.

It was elected as theme\object of study “Didactical games and videos: the motivation in the teaching of History and Geography”. In this way, it became indispensable to create evaluation and data gathering instruments. Therefore, satisfaction questionnaires were delivered that focused on the impact, importance of videos and games in teaching, motivation and learning. The results obtained leave no doubt that videos and games influenced students in their interest, motivation and learning. Worksheets were also delivered, for the students to do at home, that contemplated games. The results obtained in those worksheets went beyond all expectation because both the rate of delivery and the results attained were high. We stress that we are in the presence of two undisciplined classes, with weak to satisfactory performance and lacking the habit of doing their homework.

Structurally, this report is composed of four chapters, in which one tries to make an exposition, analysis, substantiation, reflection and evaluation of all the work developed as well as enumerating the different tasks performed and explain the initial expectations. It also intends to evince the relevance that supervised practice possesses in the initial training for teachers and the role which the teacher takes in the motivation and learning of his students. The central objective that we kept present for the duration of our pedagogical training was to motivate the students so to make significant learnings, developing the questioning and the historical and geographical knowledge of the students through the presented videos and games. The teaching of History must privilege the involvement of the students in the construction of historical knowledge. The teaching of Geography must promote the capability of the student to “think geographically” and locate itself in space.

# Sumário

Agradecimentos .....	5
Resumo.....	7
Abstrat.....	8
Índice de tabelas .....	11
Índice de gráficos .....	13
Índice de anexos.....	15
Principais abreviaturas .....	19
INTRODUÇÃO .....	21
CAPÍTULO 1 - DESCRIÇÃO DO CONTEXTO DE ESTÁGIO.....	26
1.1 – Caraterização da instituição acolhedora .....	26
1.1.1 – Caracterização das Turmas: História e Geografia. ....	30
1.2 - Descrição das funções do professor e seu papel enquanto estagiária na instituição. ....	33
CAPITULO 2: O ESTUDO E A EXPLICITAÇÃO DO PLANO DE ESTÁGIO.....	35
2.1 – O Estudo .....	35
2.1.1 - Justificação do título .....	35
2.1.2 - A motivação .....	37
2.1.3 – Os audiovisuais/vídeos didáticos. ....	39
2.1.4 – Os Jogos didáticos .....	44
2.1.5 – Análise dos dados obtidos nos questionários de satisfação sobre os vídeos e jogos didáticos, nas turmas de História e Geografia. ....	48
2.2 - Explicitação do plano de estágio.....	63
2.2.1 - Início do estágio pedagógico: reuniões e observação de aulas das professoras cooperantes de História e Geografia. ....	65
2.2.2 - Cronograma de atividades na disciplina de História.....	69
2.2.3 - Cronograma de atividades na disciplina de Geografia.....	72
CAPITULO 3: DESCRIÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO DAS ATIVIDADES DE ESTÁGIO NO ÂMBITO DAS TRÊS ÁREAS DE FORMAÇÃO.....	75
3.1. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem nas aulas de História e Geografia: planificação, realização e avaliação. ....	75
3.1.1 – Planificação.....	76
3.1.2 – Realização.....	86
3.1.3 – Avaliação. ....	98
3.2 - Organização e gestão do ensino e da aprendizagem em História: planificação, realização e avaliação das aprendizagens.....	104

3.2.1 – Primeira aula de História: planificação, realização e avaliação.....	112
3.2.2 – Segunda aula de História: planificação, realização e avaliação. ....	127
3.3 - Organização e gestão do ensino e da aprendizagem em Geografia: planificação, realização e avaliação das aprendizagens.....	141
3.3.1 – Primeira aula de Geografia: planificação, realização e avaliação. ....	155
3.3.2 – Segunda aula de Geografia: planificação, realização e avaliação. ....	166
3.4 - Participação na escola e relação com a comunidade .....	181
3.5 - Desenvolvimento profissional docente: reflexão, auto e heteroavaliação, investigação. ....	183
3.5.1 – A escola e o ensino hoje.....	185
3.5.2 – O professor e as suas funções.....	187
CAPÍTULO 4 - AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES DE ESTÁGIO.....	190
4.1 - Avaliação das atividades de estágio em História.....	191
4.2 - Avaliação das atividades de estágio em Geografia.....	194
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	197
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA .....	199
Webgrafia - Sites consultados.....	204
Legislação .....	207
Documentos oficiais:.....	208
Anexos.....	209

## Índice de tabelas

Tabela nº 1 - Resultados obtidos na primeira questão do questionário de História sobre os recursos didáticos que despertam mais interesse/motivação.	50
Tabela nº 2 - Resultados obtidos na primeira questão do questionário de Geografia sobre os recursos didáticos que despertam mais interesse/motivação.	51
Tabela nº 3 – Observação de aulas da Professora Cooperante de História.	66
Tabela nº 4 – Observação de aulas da Professora Cooperante de Geografia.	66
Tabela nº 5 – Ações de planificação do processo de ensino e de aprendizagem.	69
Tabela nº 6 – Aulas de História lecionadas pela estagiária (8º Ano).	69
Tabela nº 7 – Ações de construção de elementos de avaliação.	70
Tabela nº 8 – Projetos de trabalho colaborativo nos quais a estagiária participou.	70
Tabela nº 9 – Atividades do departamento curricular do PAA, nas quais a estagiária participou e dinamizou.	70
Tabela nº 10 – Reuniões de pré e pós observação das aulas da docente cooperante.	71
Tabela nº 11 – Investigação-na-ação.	71
Tabela nº 12 – Análise dos documentos reguladores e orientadores da escola e da turma.	71
Tabela nº 13 – Ações de planificação do processo de ensino e de aprendizagem.	72
Tabela nº 14 – Aulas de História lecionadas pela estagiária (11º Ano).	72
Tabela nº 15 – Ações de construção de elementos de avaliação.	73
Tabela nº 16 – Projetos de trabalho colaborativo nos quais a estagiária participou.	73
Tabela nº 17 – Atividades do departamento curricular do PAA, nas quais a estagiária participou e dinamizou.	73
Tabela nº 18 – Reuniões de pré e pós observação das aulas da docente cooperante.	74
Tabela nº 19 – Investigação-na-ação.	74
Tabela nº 20 – Análise dos documentos reguladores e orientadores da escola e da turma.	74
Tabela 21 – Classificações obtidas na ficha de trabalho na primeira aula de História.	119
Tabela 22 – Classificações obtidas nas questões realizadas pela estagiária na <i>webquest</i> na primeira aula de História.	121
Tabela 23 - Resultados de classificação obtidos na questão na ficha de avaliação na primeira aula de História.	124
Tabela 24 - Resultados de classificação obtidos na ficha de trabalho na 2ª aula de História.	135

Tabela 25 - Resultados de classificação obtidos na ficha de avaliação na 2ª aula de História.	138
Tabela 26 - Resultados de classificação obtidos na ficha de trabalho na 1ª aula de Geografia.	162
Tabela 27 - Resultados de classificação obtidos na ficha de avaliação na 1ª aula de Geografia.	164
Tabela 28 com os resultados de classificação obtidos na ficha de trabalho da segunda aula de Geografia.	175
Tabela 29 - Resultados de classificação obtidos nas questões da ficha de avaliação da 2ª aula de Geografia.	176
Tabela 30 - Valor total das questões da estagiária e de todas as questões do teste.	178
Tabela nº 31 – Reuniões de pré e pós observação de aulas lecionadas pela estagiária.	191
Tabela nº 32 – Sessões de pré e pós observação de aulas lecionadas pela estagiária.	195

## Índice de gráficos

Gráfico 1 – Valorização do jogo como forma de aprendizagem. Turma de História.	53
Gráfico 2 - Valorização do jogo como forma de aprendizagem. Turma de Geografia.	53
Gráfico 3 – Opinião dos alunos relativamente aos jogos usados. Turma de História.	54
Gráfico 4 – Opinião dos alunos relativamente aos jogos usados. Turma de Geografia.	54
Gráfico 5 – O jogo como facilitador da aprendizagem. Turma de História.	55
Gráfico 6 – O jogo como facilitador da aprendizagem. Turma de Geografia.	55
Gráfico 7 – O jogo como motivador da aprendizagem. Turma de História.	56
Gráfico 8 – O jogo como motivador da aprendizagem. Turma de Geografia.	56
Gráfico 9 – O jogo como estratégia de consolidação da aprendizagem, através da realização de fichas de trabalho. Turma de História.	57
Gráfico 10 – O jogo como estratégia de consolidação da aprendizagem, através da realização de fichas de trabalho. Turma de Geografia.	57
Gráfico 11 - Os vídeos didáticos com estratégia de promoção da aprendizagem. Turma de História.	58
Gráfico 12 - Os vídeos didáticos com estratégia de promoção da aprendizagem. Turma de Geografia.	58
Gráfico 13 - Os vídeos didáticos com estratégia de promoção da aprendizagem. Turma de História.	59
Gráfico 14 - Os vídeos didáticos com estratégia de promoção da aprendizagem. Turma de Geografia.	59
Gráfico 15 – Opinião dos alunos sobre os vídeos usados. Turma de História.	60
Gráfico 16 – Opinião dos alunos sobre os vídeos usados. Turma de Geografia.	60
Gráfico 17 - Os vídeos como facilitadores da aprendizagem em História.	61
Gráfico 18 - Os vídeos como facilitadores da aprendizagem em Geografia.	61
Gráfico 19 - Os vídeos como facilitadores da memorização em História.	61
Gráfico 20 - Os vídeos como facilitadores da memorização em Geografia.	62
Gráfico 21 – Classificações obtidas (percentagens).	119
Gráfico 22 – Percentagem de acerto nas questões.	120
Gráfico 23 – Classificações obtidas (percentagens).	122
Gráfico 24 – Percentagens de acerto nas questões.	122

Gráfico 25 – Percentagens de acerto na questão.	125
Gráfico 26 – Relação da questão 3 com o total da classificação obtida no teste.	126
Gráfico 27 – Classificações obtidas.	136
Gráfico 28 – Percentagem de acerto nas questões.	136
Gráfico 29 – Intervalo de valores obtidos.	138
Gráfico 30 – Percentagem de acerto nas questões.	139
Gráfico 31 – Classificações finais obtidas.	140
Gráfico 32 – Classificações obtidas.	163
Gráfico 33 – Percentagem de acerto nas questões.	163
Gráfico 34 – Intervalo de valores obtidos.	165
Gráfico 35 – Percentagem de acerto nas questões.	165
Gráfico 36 – Percentagem de acerto nas questões.	175
Gráfico 37 - Intervalo de valores obtidos.	177
Gráfico 38 – Percentagem de acerto nas questões.	177
Gráfico 39 – Intervalo de valores obtidos nas questões da estagiária.	179
Gráfico 40 – Intervalo de valores obtidos em todas as questões do teste.	179

# Índice de anexos

<b>Anexos 1 e 2 – Questionários de satisfação sobre os vídeos e jogos didáticos.</b>	<b>211/213</b>
Anexo 1 – Questionário de satisfação da turma de História.	211
Anexo 2 – Questionário de satisfação da turma de Geografia.	213
<b>Anexos 3 ao 9 – Protocolos de observação das aulas da professora cooperante de História.</b>	<b>215/221</b>
Anexo 3 - Protocolo de Observação da 1ª Aula.	215
Anexo 4 - Protocolo de Observação da 2ª Aula.	216
Anexo 5 - Protocolo de Observação da 3ª Aula.	217
Anexo 6 - Protocolo de Observação da 4ª Aula.	218
Anexo 7 - Protocolo de Observação da 5ª Aula.	219
Anexo 8 - Protocolo de Observação da 6ª Aula.	220
Anexo 9 - Protocolo de Observação da 7ª Aula.	221
<b>Anexos 10 ao 14 – Protocolos de observação das aulas da professora cooperante de Geografia.</b>	<b>222/226</b>
Anexo 10 - Protocolo de Observação da 1ª Aula.	222
Anexo 11 - Protocolo de Observação da 2ª Aula.	223
Anexo 12 - Protocolo de Observação da 3ª Aula.	224
Anexo 13 - Protocolo de Observação da 4ª Aula.	225
Anexo 14 - Protocolo de Observação da 5ª Aula.	226
<b>Anexos 15 ao 17 – Quadros de síntese sobre a avaliação.</b>	<b>227/229</b>
Anexo 15 – Síntese da avaliação inicial.	227
Anexo 16 – Síntese da avaliação sumativa.	227
Anexo 17 – Síntese da avaliação formativa.	228
Anexo 18 – Síntese das técnicas de avaliação.	229
<b><u>ANEXOS 19 AO 31 – DISCIPLINA DE HISTÓRIA</u></b>	<b>237/283</b>
Anexo 19 e 20 – Planos de Unidades da disciplina de História.	237/242
Anexo 19 – Plano de unidade: Absolutismo e mercantilismo numa sociedade de ordens.	237

Anexo 20 - Plano de unidade: O triunfo das revoluções liberais.	242
<b>Anexos 21 a 27 - 1ª Aula de História:</b>	<b>248/265</b>
Anexo 21 – Plano da primeira aula: Sociedade do Antigo Regime.	248
Anexo 22 – Avaliação e reajustamento do plano da primeira aula: Sociedade do Antigo Regime.	255
<b>Recursos da 1ª Aula de História:</b>	
<u>Consultar CD, História, 1ª aula de História- Apresentação em <i>PowerPoint</i> da primeira aula: A Sociedade de Ordens.</u>	
<u>Consultar CD, História, 1ª aula de História – Vídeos.</u>	262/CD
➤ 1º Vídeo - Motivação.	
➤ 2º Vídeo - Duelo.	
➤ 3º Vídeo - Povo.	
➤ 4º Vídeo - Impostos.	
➤ 5º Vídeo - Sociedade do Antigo Regime.	
Anexos 23 ao 27 - <b>Instrumentos de avaliação</b> da 1ª Aula de História.	263/
Anexo 23 – Palavras cruzadas – Primeira aula.	263
Anexo 24 - Situação problema – Primeira aula.	263
Anexo 25 – Questões da <i>webquest</i> – Primeira Aula.	264
Anexo 26 – Certificados: marcadores de livros – Primeira aula.	265
Anexo 27 – Questão da ficha de avaliação da primeira aula de História (Sociedade do Antigo Regime).	265
<b>Anexos 28 ao 31 - 2ª Aula de História:</b>	<b>266/283</b>
Anexo 28 – Plano da segunda aula: Antecedentes da Revolução Francesa.	266
Anexo 29 – Avaliação e reajustamento do plano da segunda aula: Sociedade do Antigo Regime.	273
<b>Recursos da 2ª Aula de História:</b>	
<u>Consultar CD, História, 2ª aula de História</u>	
➤ Anexo 1 -_Apresentação em <i>PowerPoint</i> da segunda aula: Revolução Francesa.	
➤ Anexo 2 – Jogo didático.	281/CD
<u>Consultar CD, História, 2ª aula de História – Vídeos.</u>	
➤ 1º Vídeo – Motivação – “ <i>The French Revolution - Bad Romance_</i> by Lady Gaga”	
➤ 2º Vídeo – Resumo da Revolução Francesa.	
➤ 3º Vídeo – Causas da Revolução Francesa.	
➤ 4º Vídeo – A Tomada da Bastilha.	

Anexos 30 ao 31 - <b>Instrumentos de avaliação</b> 9 da 2ª Aula de História.	281/283
Anexo 30 – Ficha de trabalho.	281
Anexo 31 - Questões da ficha de avaliação da 2ª aula de História (Antecedentes da Revolução Francesa).	283
<b>ANEXOS 32 AO 44 – DISCIPLINA DE GEOGRAFIA</b>	<b>284/319</b>
Anexo 32 – Plano da Unidade Letiva de Geografia.	284
<b>Anexos 33 a 38 - 1ª Aula de Geografia:</b>	287/302
Anexo 33 – Cabeçalho da ficha de avaliação.	287
Anexo 34 – Plano da primeira aula: Transportes.	287
Anexo 35 – Avaliação e reajustamento do plano da primeira aula: Transportes.	292
<b>Recursos</b> da 1ª Aula de Geografia:	
<u>Consultar CD, Geografia, 1ª aula Geografia – Anexo 1 - Apresentação em PowerPoint da primeira aula: Transportes.</u>	297/CD
<u>Consultar CD, Geografia, 1ª aula Geografia – vídeo.</u>	
➤ 1º Vídeo – Evolução dos transportes.	
Anexos 36 a 38 - <b>Instrumentos de avaliação</b> da 1ª Aula de Geografia:	298/302
Anexo 36 – Ficha de trabalho.	298
Anexo 37 – Questões para a ficha de avaliação da primeira aula - versão 1.	301
Anexo 38 – Questões para a ficha de avaliação da primeira aula - versão 2.	302
<b>Anexos 39 a 44 - 2ª Aula de Geografia.</b>	<b>303/314</b>
Anexo 39 – Plano da segunda aula: Telecomunicações.	303
Anexo 40 – Avaliação e reajustamento do plano da segunda aula: Telecomunicações.	308
<b>Recursos</b> da 2ª Aula de Geografia:	
<u>Consultar CD, Geografia, 2ª aula Geografia – Anexo 1 - Apresentação em PowerPoint da segunda aula: Telecomunicações.</u>	314/CD
<u>Consultar CD, Geografia, 2ª aula Geografia – vídeo.</u>	
➤ 1º Vídeo – Cabos Submarinos.	
➤ 2º Vídeo – Comunicações via satélite.	
Anexos 41 a 44 - Instrumentos de avaliação da 2ª Aula de Geografia.	314
Anexo 41 – Ficha de trabalho - Palavras cruzadas: As Telecomunicações.	315
Anexo 42 – Ficha de trabalho: As Comunicações: cabo submarino, via satélite e móveis.	316

Anexo 43 – Questões para a ficha de avaliação da segunda aula - versão 1.	318
Anexo 44 – Questões para a ficha de avaliação da segunda aula - versão 2.	319
Anexo 45 – Panfleto da visita de estudo de Geografia.	320

## **Principais abreviaturas**

CEF	Curso de Educação e Formação de Jovens
EFA	Educação e Formação de Adultos
ESAS	Escola Secundária António Sérgio
PAA	Plano Anual de Atividades
PCT	Projeto Curricular de Turma
PE	Projeto Educativo
RI	Regulamento Interno
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação



## INTRODUÇÃO

Diz-me e eu esquecerei.

Ensina-me e eu lembrar-me-ei.

Envolve-me e eu aprenderei.

(Provérbio chinês).

“Aprender sem pensar é esforço vão; pensar sem nada aprender é nocivo”.

(*Confúcio*, 551 a.C. - 479 a. C)

**Mas...** “A satisfação está no esforço e não apenas na realização final”.

(*Mahatma Gandhi*, 1869 d.C. – 1948 d.C.)

A vida é uma aprendizagem constante, aprender é uma rotina do quotidiano que ocorre no ser humano de forma consciente ou inconsciente, em contexto formal ou informal. O trabalho desenvolvido nas escolas deve pautar-se por uma reciclagem diária, capaz de responder à heterogeneidade cultural, económica e religiosa dos aprendentes que chegam, na atualidade, ao sistema educativo. O professor de hoje deverá ter uma atitude multidirecional e de aprendiz constante. Assim, defendemos que um bom professor deve envolver, estimular, motivar os seus alunos de forma a promover o ensino e a aprendizagem significativa. Para o efeito, o professor deve diversificar os recursos, as técnicas, métodos e as estratégias pedagógicas, de forma a abarcar a diversidade cultural e as características intelectuais e pessoais de cada elemento da turma. Foi sob a égide destas premissas que procuramos orientar o nosso estágio pedagógico, que teve desde do início uma finalidade: cativar e motivar os alunos, utilizando recursos e metodologias didáticas eficazes, de forma a promover a aprendizagem significativa, tal como as citações iniciais indicam. Ou seja, desde cedo tivemos a preocupação de envolver os alunos e incentivar o seu pensamento (participação). O presente relatório de estágio constitui-se como uma narrativa reflexiva sobre a implementação do projeto de intervenção pedagógica supervisionada, concebido no âmbito da unidade curricular de Estágio Profissional, decorrente no segundo ano do ciclo de estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de História e de Geografia no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, no ano letivo de 2011/2012. O estágio pedagógico decorreu na Escola Secundária António Sérgio, durante o 2º e 3º período, com duas turmas. Uma turma do 8º ano de

escolaridade, onde lecionamos a disciplina de História, com 25 alunos, e outra do 11º ano, onde lecionamos a área de Geografia, com 16 estudantes.

A metodologia utilizada durante o estágio pedagógico teve como base e inspiração os pensamentos dos seguidores da Escola Nova, que defendem um ensino pela descoberta, estimulante, ativo, participativo, recheado de aprendizagens significativas. Assim, e de forma a promover e estimular eficazmente os alunos, consideramos que o professor deve planificar e construir cuidadosamente as suas aulas e recursos. Desta forma, e ao longo do nosso estágio profissional, construímos recursos (vídeos e jogos didáticos) e utilizamos técnicas, estratégias e metodologias pedagógicas de forma a despertar o interesse, a participação, o empenho e a motivação dos alunos, de forma a promover a aprendizagem significativa e a alterar comportamentos, atitudes e mentalidades.

Este relatório foi elaborado tendo como base um tema/objeto de estudo que elegemos “Os jogos e os vídeos didáticos: a motivação no ensino da História e Geografia”. Assim, e considerando a sua natureza um dos instrumentos utilizados para aferir o impacto dos recursos que privilegiamos (vídeos e jogos) elaboramos um questionário de satisfação que foi entregue aos alunos das duas turmas. Também as fichas de trabalho que foram entregues aos alunos, como trabalho de casa, tinham como objetivo aferir e avaliar o impacto dos vídeos e jogos na motivação e aprendizagem dos alunos. Assim, foram entregues fichas de trabalho que estavam organizadas em duas partes, uma mais tradicional, ou seja, com questões e uma outra parte composta por jogos. Os resultados foram surpreendentes, pois estávamos perante turmas que não tinham o hábito de realizar trabalhos de casa, porém a taxa de entrega e de realização foi superior à expectativa inicial. Podemos, assim concluir que efetivamente os jogos nas fichas de trabalho revelaram-se motivadores traduzindo-se em aprendizagem para os alunos. O objetivo central que tivemos sempre ao longo do nosso estágio pedagógico foi de motivar os alunos de forma a realizarem aprendizagens significativas, desenvolvendo o questionamento e os conhecimentos históricos e geográficos dos alunos. O ensino da História deve privilegiar o envolvimento dos alunos na construção do conhecimento histórico. Esse envolvimento dos alunos consubstancia-se, não só, pela prática de estratégias ativas (aulas - oficinas), mas também pelo desenvolvimento de competências de autoavaliação e de meta-

compreensão processual (Melo, Coelho e Santos, 2010). Face ao debate existente sobre o assunto, fazemos nossas as palavras de Barca (2004, p. 134), quando defende que “Ser competente em História passa por uma compreensão contextualizada do passado, com base na evidência disponível, e pelo desenvolvimento de uma orientação temporal que se traduza na interiorização de relações entre o passado compreendido, o presente problematizado e o futuro perspectivado”. No caso da Geografia, também são definidas no Currículo Nacional do Ensino Básico as competências específicas da educação geográfica. Assim, o seu ensino deve promover a capacidade do aluno em “pensar geograficamente” e em localizar-se no espaço.

O presente relatório foi elaborado, como já referimos, como parte integrante da prática pedagógica, tendo como objetivos centrais a descrição, reflexão e avaliação do processo experienciado. Estruturalmente este é composto por quatro capítulos, nos quais se procura fazer uma exposição, análise e avaliação de todo o trabalho desenvolvido, bem como enumerar as diferentes tarefas realizadas e explicar as expectativas iniciais. Pretendemos também evidenciar a relevância que a prática supervisionada possui na formação inicial docente, bem como, a importância da escolha e seleção dos recursos, jogos e vídeos, na motivação e aprendizagem dos alunos.

No primeiro capítulo procede-se à descrição do contexto de estágio: a instituição acolhedora e das turmas envolvidas. Este capítulo termina com uma reflexão sobre as funções do professor em geral e sobre o papel da professora, enquanto estagiária na instituição.

No segundo apresenta-se o estudo e a explicitação do plano de estágio. Este segundo capítulo é composto por duas partes. Na primeira apresentamos uma breve explicação sobre o título do relatório e a fundamentação científica sobre os temas centrais que estiveram na origem do nosso relatório, ou seja, sobre a motivação, os vídeos didáticos, os jogos pedagógicos. Esta parte termina com o estudo de caso, ou seja, com a apresentação e leitura dos resultados dos questionários de satisfação sobre a utilização dos vídeos e jogos didáticos. Este item é de extrema importância para fundamentar e justificar o título deste relatório, pois os resultados obtidos expressam claramente a motivação que os vídeos e jogos incutiram nos alunos. A motivação e a aprendizagem significativa também ficaram visíveis durante as regências, pois os recursos, técnicas e metodologias

utilizadas pela estagiária modificaram comportamentos e atitudes. Na segunda parte do segundo capítulo descrevemos a importância da definição e explicitação do plano de estágio em História e em Geografia, realizando-se o diagnóstico de necessidades e definindo-se os objetivos, assim como o cronograma de atividades.

No terceiro capítulo procede-se à descrição e fundamentação das atividades de estágio no âmbito das três áreas de formação (planificação, realização e avaliação). Este capítulo está organizado em cinco grandes pontos. O plano de estágio, tanto em História como em Geografia, foi desenvolvido de forma diacrónica e a organização e gestão do ensino e aprendizagem (planificação, realização e avaliação) tiveram aspetos em comum, apesar de serem disciplinas diferentes. Desta forma, consideramos fundamental fazer uma introdução/contextualização bibliográfica comum para fundamentar opções feitas ao longo do estágio pedagógico. Assim, na primeira parte do terceiro capítulo refletimos e fundamentamos a organização e gestão do ensino e da aprendizagem nas aulas de História e Geografia a nível da planificação, realização e avaliação. A segunda parte deste terceiro capítulo remete para a descrição, fundamentação e explanação das duas regências de História. Inicia com uma introdução e fundamentação da importância da planificação na disciplina de História. Também aqui abordamos as características de um professor eficaz e eficiente e as opções que tomamos, tendo em conta as características da turma. De seguida procedemos à descrição das duas aulas de História, não apenas factualmente, mas de forma reflexiva e fundamentada em bibliografia, tanto ao nível da organização como da gestão do ensino e da aprendizagem: planificação, realização e avaliação das aprendizagens. O terceiro item deste capítulo, a nível de metodologia, é igual ao item anterior, ou seja, esta terceira parte deste capítulo também descreve e fundamenta a organização e gestão do ensino e aprendizagem, só que em Geografia. Assim, descrevemos, refletimos e fundamentamos a planificação, realização e avaliação utilizada nas duas regências de Geografia. Consideramos importante fundamentar e explorar todas as opções tomadas ao longo do estágio pedagógico para, desta forma, demonstrar que os nossos objetivos iniciais (motivar os alunos para uma aprendizagem significativa) tinham sido atingidos como podemos observar ao longo das regências e nos resultados obtidos nos questionários de satisfação

realizados aos alunos. O quarto item deste capítulo é uma reflexão fundamentada sobre a nossa participação na escola e relação com a comunidade: colaboração em projetos em curso. Por fim, no quinto item refletimos sobre o desenvolvimento profissional docente: reflexão, auto e heteroavaliação, investigação. Neste ponto consideramos importante acrescentar mais dois subtemas: a escola e o ensino de hoje, os professores e as suas funções. Pensamos que uma reflexão sobre a função da escola de hoje e, concomitantemente, sobre a função docente, seria fundamental para compreender todas as opções tomadas pela estagiária em contexto de estágio. Neste ponto e nos dois subtemas associados pretendemos demonstrar os desafios, mudanças e ruturas da escola/ensino e do papel dos professores no século XIX.

Por último, o quarto capítulo é referente à avaliação das atividades de estágio. Neste capítulo sentimos a necessidade de fazer uma breve introdução e fundamentação bibliográfica sobre a importância da avaliação. Por fim, consideramos importante separar os pareceres e a avaliação das nossas regências de História e Geografia, criando para o efeito dois subtemas. Estes seguem a mesma metodologia, tendo como objetivo refletir, descrever e fundamentar as avaliações das atividades de estágio, isto é, as duas regências de História e Geografia.

Este relatório termina com as conclusões finais, onde refletimos sobre as finalidades iniciais traçadas para o projeto de estágio e os objetivos finais alcançados, bem como as limitações e constrangimentos encontrados ao longo deste projeto. Por fim, perspetivamos também novos estudos que se poderão realizar para aferir sobre o impacto dos vídeos e jogos didáticos no ensino e na aprendizagem dos alunos.

Na bibliografia encontram-se as fontes documentais: os livros consultados e as outras referências, apresentadas segundo as normas estipuladas.

Em anexo apresentam-se os questionários entregues nas turmas de História e Geografia, os protocolos de observação de aulas das duas disciplinas, tabelas e quadros de síntese sobre a avaliação, os planos de unidade e de aulas das duas disciplinas, a avaliação e reajustamento dos planos de aulas de História e Geografia, os recursos e instrumentos de avaliação utilizados nas aulas que se julgam importantes para fundamentar o trabalho mas que, por razões de ordem gráfica e prática, não se incorporaram no texto.

# **CAPÍTULO 1 - DESCRIÇÃO DO CONTEXTO DE ESTÁGIO**

## **1.1 – Caracterização da instituição acolhedora.**

O projeto de estágio pedagógico decorreu na Escola Secundária António Sérgio (ESAS), que fica localizada no Norte de Portugal Continental, no distrito do Porto e no concelho de Vila Nova de Gaia. A origem da ESAS remonta a 29 de dezembro de 1884, sendo por isso a mais antiga escola do concelho de Vila Nova de Gaia. Com cento e vinte e três anos de história, percorreu diversas localizações e viu o seu nome sofrer várias alterações sendo herdeira da cultura das escolas técnicas, comerciais e industriais (Projeto Educativo 2009/2010).

Atualmente a localização da ESAS é no centro de Vila Nova de Gaia, na freguesia de Mafamude, na Avenida Nuno Álvares, junto ao Jardim Soares dos Reis e a escassas centenas de metros da principal área comercial da cidade. Mafamude é a principal freguesia do concelho, que, juntamente com St<sup>a</sup> Marinha e Afurada, constituem a cidade de Vila Nova de Gaia. A escola insere-se num espaço urbano e edificado que integra um espaço residencial habitado por famílias de estratos sociais médios-altos e uma zona habitada por famílias de estratos sociais desfavorecidos. Sendo o espaço envolvente maioritariamente residencial, inclui, ainda assim, alguns pontos de comércio.

Recentemente sofreu obras de requalificação, no âmbito do plano de obras, da responsabilidade do Ministério da Educação, executado pela empresa Parque Escolar, concluídas em dezembro de 2010. As suas instalações possuem as condições de adequabilidade e conforto necessárias ao desenvolvimento integral da sua diversificada oferta educativa/formativa. A recente modernização das instalações escolares facilita a utilização das tecnologias da informação e comunicação, de atividade experimental no ensino das ciências, da prática oficial dos cursos profissionalizantes, mobilizando os docentes para a utilização de metodologias ativas no processo de ensino e de aprendizagem.

O sistema de informação e comunicação interno e externo aumentou a sua eficácia, sobretudo com a utilização de telefones móveis internos pelos assistentes operacionais, o acesso ao *site* da Escola e à plataforma *Moodle*, sobretudo por professores e alunos, e a utilização generalizada do endereço eletrónico pelos professores (Relatório de avaliação externa da ESAS, 2011, Regulamento interno da ESAS, 2011, Projeto curricular, 2011). A instalação do

sistema de informação da escola trouxe fluidez, comodidade e rigor, ao mesmo tempo que permitiu disponibilizar informação à comunidade, muito particularmente aos encarregados de educação, permitindo acompanhar e monitorizar a rotina diária dos seus educandos.

A diversidade da oferta educativa e formativa é uma realidade, funcionando a escola em regime diurno e noturno, das oito às vinte e quatro horas. Segundo o projeto educativo de 2009/2010 a população escolar foi de 2267, sendo 1013 do ensino diurno, 534 do ensino noturno e 720 no Centro de Novas Oportunidades (CNO). No entanto, no ano letivo de 2011/2012 a população discente compreende 1409 alunos (relatório de avaliação externa 2011). A ESAS disponibiliza um conjunto variado de ofertas formativas constituídas pelo 3º Ciclo do Ensino Básico, Cursos de Educação e Formação, Cursos do Ensino Secundário Científico-Humanísticos, Cursos de Carácter Profissionalizante, Cursos do Ensino Secundário Recorrente e Cursos de Educação e Formação de Adultos. Oferecem-se também Formações Modulares e o Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências, tanto de nível básico como de nível secundário. Tal diversidade de oferta curricular revela, simultaneamente, a complexidade organizacional e a importância da instituição no panorama de Vila Nova de Gaia. Desta forma, a escola propõe-se trilhar um caminho que conduza à formação de cidadãos livres, responsáveis, críticos e humanistas, valorizando a autonomia dos discentes e promovendo a igualdade de oportunidades. A ESAS surpreende e abre-se ao exterior, estabelecendo protocolos e parcerias com instituições e organismos da comunidade local e participa em projetos nacionais e internacionais, sobretudo Europeus. Procurando manter e aprofundar a oferta formativa, investir na inovação, construir uma escola humanizada, interagir com a comunidade e criar parcerias educativas, rentabilizar recursos, integrar na atividade educativa a educação de adultos, promover a formação dos recursos humanos, preservar os espaços e os recursos, promover a reflexão, análise e avaliação sistemática da atividade educativa. A auscultação dos membros da comunidade educativa confirma um clima de escola bastante agradável, cativando os alunos, pela forma de funcionamento ímpar que a caracteriza e que assenta numa elevada criatividade e na diversidade na construção de ofertas curriculares, para o ensino secundário diurno e noturno. O incentivo à participação em saraus, palestras, clubes, exposições, concursos, torneios, visitas de estudo e iniciativas europeias,

bem como a dinamização da biblioteca escolar, motiva os alunos para a prossecução do sucesso e da excelência, fomentando comportamentos e estilos de vida saudáveis e participativos (Projeto educativo, 2009/2010; Projeto curricular de escola, 2011; Plano anual de atividades, 2011). As oficinas ou ateliers são de crucial importância para o desenvolvimento, não sendo de descorar as saídas sistemáticas em estudo. Acredita-se que desta forma se proporciona uma ligação constante com o meio, em colaboração com a comunidade que proporcionará conhecimentos mais abrangentes às crianças.

A escola é tida como um espaço privilegiado de prática de cooperação e solidariedade na vida democrática, proporcionando condições materiais, afetivas e sociais aos educandos. Os educadores devem ter adquirido conhecimentos e valores morais e éticos instituídos pela humanidade ao longo do seu percurso histórico-cultural. Desta forma, pretende-se que envolvam organizações comunitárias, culturais e formativas onde os saberes e técnicas se difundam através de um processo de cooperação e interajuda, onde todos ensinam e todos aprendem. Esta metodologia visa garantir o respeito pelas diferenças e pressupõe um projeto de enriquecimento cognitivo e sociocultural.

A Escola Secundária de António Sérgio reúne um conjunto diversificado de alunos, pertencendo, do ponto de vista sociológico, a diferentes estratos sociais, o que se reflete na formação dos pais, que é díspar, coexistindo pais com formação superior e, conseqüentemente, profissões monetariamente mais elevadas e consideradas relevantes socialmente, e pais com formação diminuta. Quanto às habilitações académicas dos encarregados de educação, apenas se conhecem 35,3%, dos quais 46,9% têm formação ao nível do ensino secundário ou superior. Sendo conhecidas apenas 21,6% das profissões dos pais, destas 43,2% pertencem a quadros superiores e intermédios. Cerca de 96,1% dos alunos são de nacionalidade portuguesa. Segundo o relatório de avaliação da escola realizada no ano de 2011/2012, as habilitações académicas e as profissões dos pais apresentam valores acima da média nacional.

O Decreto-Lei 137/2012, que regula a autonomia, administração e gestão das escolas, fomenta os princípios de igualdade, participação e transparência. Procura-se promover o sucesso escolar e prevenir o abandono e o primado das necessidades pedagógicas sobre as necessidades administrativas. Esta condição ajuda a explicar a identidade desta instituição, que procura atender às

necessidades específicas de cada aluno, e tendo como desiderato último a transformação do espaço educativo num espaço de igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolar (Projeto Educativo ESAS, 2008 e Regulamento Interno ESAS). Para o efeito, e no que concerne aos serviços de ação social, além do apoio socioeconómico, também é proporcionado um apoio ao nível educativo. Assim, no ano letivo de 2011-2012, os auxílios económicos, no âmbito da Ação Social Escolar, abrangem 30,4% dos alunos, 13,4% dos quais integrados no escalão A e 17% no escalão B. A percentagem de alunos dos 9.º e 12.º ano sem ASE situava-se acima dos valores medianos. Relativamente à idade média dos alunos do 9.º e 12.º ano de escolaridade, em 2010-2011, estavam ligeiramente acima da média nacional (Relatório de avaliação externa da ESAS, 2011). A filosofia da Escola procura promover o sucesso escolar e prevenir o abandono, e o primado das necessidades pedagógicas sobre as necessidades administrativas. Como qualquer instituição, a Escola Secundária António Sérgio norteia o seu funcionamento pela lei e por princípios que lhe são próprios, alicerçados no Humanismo e na visão do seu patrono, António Sérgio, tendo em vista a prossecução dos seus objetivos. Embora a preocupação com a excelência e os resultados esteja sempre presente, é inegável o elevado pendor humanista presente em todos os documentos analisados, alicerçado não só no pensamento do Patrono, mas na própria postura da Escola e dos seus funcionários e docentes. Quanto ao corpo de pessoal docente e não docente é no total é de 263, sendo o corpo docente constituído por 207 profissionais, 80,7% dos quais são dos quadros. O pessoal não docente é composto por 56 elementos permitindo observar uma certa estabilidade (Projeto Educativo da ESAS no ano letivo de 2009/2010).

A ESAS caracteriza-se pela promoção de um ambiente de trabalho cooperativo entre todos os agentes educativos, que permite, indelutavelmente, criar um espaço de trabalho profícuo e agradável. Manifesta uma organização singular que nos permite afirmar que a ação da Escola tem produzido impacto na melhoria das aprendizagens e dos resultados dos alunos e nos respetivos percursos escolares, como resultado de práticas organizacionais eficazes. Estamos perante uma «cultura organizacional escolar» (Torres, 1997). Os docentes e demais trabalhadores valorizam o ambiente educativo calmo e de respeito, assente numa relação de proximidade com os alunos. As famílias e, sempre que necessário,

outros serviços são envolvidos no acompanhamento das situações mais problemáticas. A ESAS apresenta, fundamentalmente, a imagem da escola como democracia e escola como cultura. Como reconhecimento do mérito e do bom trabalho desenvolvido pela ESAS, na avaliação externa a que foi sujeita pelo Ministério da Educação, que decorreu entre os dias 28 e 29 de novembro 2011, a escola obteve uma classificação de «Bom» em todos os parâmetros perscrutados, o que revela a qualidade do trabalho desenvolvido pela mesma (Projeto Educativo da ESAS no ano letivo de 2009/2010).

### **1.1.1 – Caracterização das Turmas: História e Geografia.**

O projeto de estágio realizou-se em duas áreas disciplinares: História e Geografia. Os alunos envolvidos no plano de estágio na disciplina de História pertencem ao 3º ciclo do ensino básico, estando no 8º ano. Quanto à disciplina de Geografia, o nível de ensino era o secundário, sendo uma turma do 11º ano.

A **turma de História** é constituída por 25 alunos, 11 rapazes e 14 raparigas. No que diz respeito às habilitações dos pais e recursos económicos, a maior parte dos alunos estão enquadrados em famílias de baixa escolaridade e recursos económicos. Desta forma, 9 alunos beneficiam do Serviço da Ação Social Escolar (SASE), sendo 4 alunos com o escalão A e 5 com o B.

No percurso escolar da turma verificamos que existem repetências e níveis negativos, levando à implementação de medidas de apoio educativo. No ano anterior foram 3 os alunos retidos, que foram alvo de planos de recuperação e 2 que beneficiaram de apoio pedagógico. No entanto, o número de educandos com repetições em anos anterior sobe para 6. Nenhum elemento da turma é identificado com necessidades especiais, porém, são 4 discentes assinalados com necessidades de “atenção especial”. Apenas 4 educandos manifestam interesse nas atividades escolares. Apenas 8 alunos assumem ter perspetivas de ingresso no ensino superior (Projeto curricular de turma).

Globalmente, a turma caracteriza-se, segundo informações do Conselho de Turma, por ser faladora, indisciplinada, irresponsável, problemática, imatura, distraída, individualista e por excluïrem determinados elementos. Quanto à

assiduidade “os alunos são assíduos e as faltas dadas estão em grande parte justificadas por declaração médica” (Ata do Conselho de Turma). Relativamente à pontualidade, há elementos da turma que chegam sistematicamente atrasados ao primeiro tempo da manhã. No que concerne às atitudes e comportamento, a turma revela dificuldades no saber estar numa sala de aula, revelando atitudes se não inadmissíveis, pouco maduras e comuns para essa faixa etária, principalmente a maioria dos elementos masculinos, que evidenciam dificuldades de concentração, de aceitação de normas e de participação organizada ao longo dos 90 minutos letivos. No respeitante ao cumprimento dos prazos de entrega dos trabalhos e da realização dos trabalhos de casa, muitas vezes não trazem o material necessário ou não cumprem a obrigatoriedade da elaboração dos mesmos. O Conselho de Turma “considera que, em termos globais, a turma é razoável e barulhenta o que tem, de algum modo comprometido o processo de ensino/aprendizagem”.

A **turma de Geografia**, inicialmente, era constituída por 20 alunos, 12 do sexo masculino e 8 do sexo feminino. Porém, aquando das aulas de estágio, a turma já se encontrava reduzida a 16 alunos, dado 4 alunos terem anulado a matrícula. Desta forma, a turma era composta por 8 raparigas e 8 rapazes. A proveniência familiar dos alunos, quanto à escolaridade dos pais, é baixa, na sua maioria. A maior parte dos alunos estão enquadrados em famílias com um capital social e cultural razoável, pois são provenientes de famílias com alguma escolaridade e com atividades económicas de rendimento razoável, no entanto diversificadas. Assim, apenas 4 alunos beneficiam do SASE, 3 com escalão A e 1 com o escalão B. Os agregados familiares são pequenos, com 3 a 4 elementos.

Quanto ao aproveitamento escolar da turma, nos anos anteriores, observam-se 7 retenções e 8 alunos com classificações negativas. A nível de apoio pedagógico, no ano anterior foi realizado a 2 alunos. Nenhum elemento da turma é identificado com necessidades especiais, porém, há 10 estudantes assinalados com necessidades de “atenção especial”, e 4 apresentam bastantes dificuldades. Apenas 4 educandos manifestam interesse nas atividades escolares.

A turma caracteriza-se por ser faladora, indisciplinada, problemática, imatura, distraída e pouco participativa. Quanto ao comportamento, o conselho de turma é

unânime na referência ao “comportamento indisciplinado habitual da turma e nos reflexos prejudiciais no rendimento escolar dos alunos”. Salientam 4 elementos que têm “atitudes pouco consonantes com o ambiente escolar. Frequentemente perturbam as aulas, são desinteressados e não manifestam interesse pelo processo do ensino-aprendizagem, revelam-se como alunos bastante desconcentrados no decorrer das aulas, conversam paralelamente perturbando o bom funcionamento das aulas.” (Ata do Conselho de Turma). Porém, destes 4 elementos, há 1 que se destaca pelo seu mau comportamento e aproveitamento, falta de assiduidade e pontualidade. Este aluno é referenciado como um “aluno com problemas psicológicos” e comportamentos incorretos, tendo sido encaminhado para o Serviço de Psicologia e Orientação Vocacional, após uma participação disciplinar.

No respeitante ao cumprimento dos prazos de entrega dos trabalhos e da realização dos trabalhos de casa, muitas vezes não trazem o material necessário ou raramente cumprem a obrigatoriedade da elaboração dos mesmos. Segundo o projeto curricular de turma e a professora de Geografia, a turma possui “comportamentos individuais e coletivos infantis: faladores, posturas físicas pouco rigorosas; muitos alunos demonstram estranheza perante vocábulos que saem da linguagem quotidiana; alguns alunos revelaram graves lacunas de pré-requisitos, face às competências em Geografia definidas no perfil à saída do 3º ciclo do ensino básico; alguns alunos são pouco participativos”.

## **1.2 - Descrição das funções do professor e seu papel enquanto estagiária na instituição.**

Ser professora, para a estagiária, significa também ser educadora e ter uma atitude de investigação-reflexão-ação, isto é, ser professor é ser mediador e interveniente no processo educativo.

Ao longo da sua atividade profissional, a estagiária, teve a felicidade e o privilégio de trabalhar em vários contextos educativos (escolas de ensino regular, estabelecimentos prisionais, escolas profissionais e empresas de formação), com diferentes anos escolares, ofertas educativas e faixas etárias diversificadas. Estas experiências dotaram-na de uma capacidade de adaptação, reflexão e exigência, pois foi obrigada a tornar-se numa professora-investigadora, para tornar as aulas e sessões de formação eficazes, atrativas e motivadoras e para que as mesmas resultassem na aprendizagem dos alunos e formandos. Assim, ao longo dos anos, a estagiária deparou-se com determinados condicionalismos, por exemplo nos estabelecimentos prisionais, como desmotivação, falta de recursos e materiais didáticos, e por vezes os próprios conteúdos programáticos. As turmas neste contexto eram muito heterogéneas, com interesses e expectativas diferentes. Desta forma, tivemos de adotar um repertório de práticas eficazes, metodologias de ensino diversificadas (aprendizagem cooperativa, aprendizagem baseada em problemas, aprendizagem por descoberta). Consideramos que o ensino e a função do professor é ensinar para a construção do significado, que o conhecimento é algo pessoal e que o significado é construído pelo aluno.

Procuramos diferentes modelos, mas foi essencialmente o modelo construtivista, com o ensino centrado no aluno, que nos permitiu obter melhores resultados, pois a aprendizagem é ativa "...a aprendizagem é um processo de atribuição de significado às experiências..." (Arends, 2008, p. 12). As qualidades pessoais e de justiça social, bem como a "paixão" pelo ensino, são requisitos fundamentais para tornar os professores eficazes. Segundo Horace Mann "um professor que tenta ensinar sem inspirar no aluno o desejo de aprender, está a martelar em ferro frio" (<http://www.sitequente.com/frases/professores.html>). Assim, o professor deve criar atividades, visitas de estudo (a museus, bibliotecas, arquivos, zonas arqueológicas, teatros), realizar oficinas de teatro e aulas de laboratório, propor trabalhos de investigação desenvolvidos pelos alunos, em grupos de pares ou

individualmente, elaborar jogos didáticos e vídeos, *Webquest* que permitam que o aluno pesquise, selecione, analise e interprete informação.

Apesar dos treze anos de experiência que a estagiária possui, considera a execução deste estágio como um momento marcante para o seu futuro profissional. Para além de estar relacionado com a aquisição e aprofundamento de novos conhecimentos e desafios, encarou-o também como basilar no desenvolvimento de novas competências, que se materializariam tanto nas aulas a lecionar como nas atividades a desenvolver.

Antes de iniciar a prática supervisionada e de ter o primeiro contacto com a escola, a estagiária, não possuía desta, nem da comunidade educativa, nenhum conhecimento. Todavia, a integração neste ambiente revestiu-se de alguma facilidade, em muito auxiliada pela disponibilidade das professoras cooperantes. O processo iniciou-se com reuniões, onde foram analisados os documentos referentes ao regulamento de estágio, designadamente quanto à organização e gestão do ensino e da aprendizagem (correspondente a 60% da avaliação final), à participação na escola e relação com a comunidade (20% da avaliação final) e ao desenvolvimento profissional docente (20% da avaliação final).

No capítulo subsequente serão traçadas as linhas de ação do estágio pedagógico e proceder-se-á a uma explanação sobre o estudo, ou seja, temas (motivação, vídeos e jogos didáticos) que alicerçaram todo o estágio pedagógico.

## **CAPITULO 2: O ESTUDO E A EXPLICITAÇÃO DO PLANO DE ESTÁGIO**

A estagiária centrou a sua atuação pedagógica na orientação dos alunos para a motivação, de forma a conduzi-los para a aprendizagem. A motivação é uma condição essencial da aprendizagem, encarada como alteração do comportamento, tornando-se pois necessário abordar esta temática neste relatório. Einstein, citado por Estanqueiro, considera que “A arte mais importante do professor consiste em despertar a motivação para a criatividade e para o conhecimento.” (Estanqueiro, 2010, p. 11).

Este segundo capítulo é composto por duas partes. Na primeira parte - o estudo - tentamos explanar e fundamentar cientificamente os temas centrais que estiveram na origem do nosso relatório. Desta forma, organizá-la-emos segundo cinco subtemas. Assim, consideramos importante iniciar com o subtema «Justificação do Título». Os três subtemas seguintes («Motivação», «Os vídeos didáticos» e «Os Jogos pedagógicos») são compostos por uma revisão e fundamentação bibliográfica do título. Por fim, o quinto subtema é o «Estudo de caso»: apresentaremos os resultados de um inquérito por questionário de satisfação sobre a utilização dos vídeos e jogos didáticos.

A segunda parte, explicitação do plano de estágio, consiste em descrever a observação de aulas das professoras cooperantes, reuniões, supervisão pedagógica, participação na escola e relação com a comunidade. Esta segunda parte apresenta o cronograma das atividades desenvolvidas pela estagiária, que assentaram em 3 princípios basilares, que são transversais às duas áreas de saber: Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem; Participação na Escola e relação com a Comunidade; Desenvolvimento Profissional.

### **2.1 – O Estudo.**

#### **2.1.1 - Justificação do título.**

Aquando das primeiras experiências como assistente nas aulas das professoras orientadoras, a estagiária verificou que os alunos demonstravam falta de motivação na sala de aula. Esta falta de motivação era revelada pelo seu silêncio geral, participação baixa nas atividades e desconcentração no decurso da aula ou atitudes menos corretas e brincadeiras.

O objetivo inicial do estágio pedagógico centrou-se em fomentar e aumentar a **motivação** para aprender História e Geografia. Partindo do princípio de que ambas as disciplinas apresentavam particularidades diferentes, decidimos que deveríamos motivar os alunos para que estes obtivessem um melhor desempenho escolar, pois um aluno motivado e interessado é um aluno que aprende e retém a informação com maior facilidade.

Aquando da planificação e realização da primeira aula de História e das duas regências de Geografia ainda não tínhamos conhecimento de que o relatório teria de ter um título que centrasse todas as nossas atividades de estágio e que seria a partir deste que o nosso relatório seria construído. Para responder a esta solicitação, quando planificamos a última regência (segunda aula de História) tentámos encontrar elos de ligação entre as aulas dadas. Na altura da escolha e seleção dos recursos, atividades, métodos e técnicas pedagógicas, consideramos que a utilização dos vídeos e jogos didáticos iria promover e incentivar a motivação. Para o efeito, tivemos em linha de conta os conhecimentos prévios dos alunos através da observação das aulas da professora cooperante e da análise do Projeto Curricular de Turma (PCT), onde ficou visível o gosto dos alunos por jogos e recursos audiovisuais.

Após a primeira regência, pudemos constatar a mudança de comportamentos, atitudes e aprendizagem dos alunos com a escolha e seleção dos materiais escolhidos (jogos e vídeos) através da avaliação realizada. Assim, quando fomos informados de que deveríamos ter um título para o relatório, decidimos que iríamos manter os jogos e vídeos didáticos na última aula de História, pois tinha sido um sucesso, a nível de motivação e aprendizagem. Desta forma, decidimos rentabilizar o estágio para realizar um pequeno estudo exploratório sobre o impacto dos jogos e vídeos didáticos na motivação dos alunos. Para o efeito, foram elaborados questionários de satisfação aos alunos, para analisar o impacto dos jogos e vídeos na sua motivação e na sua aprendizagem.

O professor, como já referido, desempenha um papel fundamental de orientador e motivador, pois deve construir aprendizagens com significados. Deve afigurar-se como um promotor e incitador do pensamento, da interpretação dos alunos, do questionamento e da empatia, para que, tendo por base os conhecimentos tácitos dos alunos, se possam construir verdadeiras aprendizagens relacionadas, no caso vertente, com o conhecimento histórico e geográfico.

## 2.1.2 - A motivação.

A motivação<sup>1</sup> é um fator crucial no envolvimento e desenvolvimento escolar do aluno. Um aluno motivado é um aluno interessado, que revela desejo de aprender e de progredir intelectualmente. Ou seja, a qualidade das tarefas/atividades realizadas e o grau de empenho manifesto dependem da motivação existente. Podemos dizer que o interesse é um dos geradores da motivação e também do envolvimento, visto ser indispensável à aprendizagem, melhorando a qualidade do trabalho, bem como o empenho escolar dos alunos (Balancho e Coelho, 1996; Abreu, 1998). Pelo contrário, o desinteresse provoca a fadiga, dando esta origem à falta de interesse e conseqüente desmotivação. Portanto, para haver participação no processo de ensino e de aprendizagem, é fundamental haver motivação, e para haver motivação é necessário a participação e o envolvimento dos alunos nas atividades escolares (Boruchovitch e Bzuneck, 2009).

A motivação é um dos temas mais estudados em Psicologia, existindo várias teorias (psicanalítica<sup>2</sup>, cognitiva e racional<sup>3</sup>, humanista<sup>4</sup>) que tentam explicar o processo motivacional e tentam definir o conceito de motivação (Abreu, 1998; Balancho e Coelho, 1996; Lieury e Fenouillet, 1997; Jesus, 2000; Estanqueiro, 2010). A motivação pode ser definida através de uma palavra: o motivo, e pode ser incentivada por fatores internos (motivação intrínseca) e ou fatores externos (motivação extrínseca).

A **motivação intrínseca**, como o próprio nome indica, vem do interior do próprio aluno, advém do seu interesse e da sua curiosidade. Por outras palavras, um

---

<sup>1</sup> A motivação designa um conjunto de forças internas/impulsos que orientam o comportamento de um indivíduo para determinado objetivo. A motivação é fator fundamental da aprendizagem. Sem motivação não há aprendizagem.

<sup>2</sup> Esta teoria tem como mentor Freud, que considera que o comportamento humano é fundamentalmente motivado por razões de carácter inconsciente e orientado por pulsões (força ou impulso energético) que levam o organismo em direção a um fim.

<sup>3</sup> A teoria cognitiva considera que, como ser racional, o homem decide conscientemente o que quer ou não quer fazer. Bruner foi um dos principais teóricos cognitivistas. No entanto, existem outros nomes como Nuttin e Dewey.

<sup>4</sup> Para Maslow as necessidades humanas estão organizadas numa hierarquia, isto é, não têm todas a mesma importância. Rejeitou a teoria de que toda motivação humana pode ser explicada em termos de privação e necessidade. Maslow apresenta a sua teoria através de uma pirâmide em que, na base, estão as necessidades fisiológicas, e, no cume, as necessidades de autorrealização.

As necessidades humanas começam pelas mais baixas/básicas: as fisiológicas e as de segurança. Só depois de estas estarem satisfeitas se ascende na hierarquia para satisfação de outras necessidades mais complexas. Se não houver obstáculos, o ser humano progride na hierarquia até ao topo.

Em ambiente escolar podemos considerar a procura da realização como uma das necessidades básicas do ser humano desempenhando assim um papel fundamental em benefício da aprendizagem. A necessidade de conhecimento e compreensão abrange a curiosidade, a exploração e o desejo de conhecer novas coisas, de adquirir mais conhecimento. Porém, quando esta situação não ocorre, ou seja, o aluno não aprende, o professor deverá analisar o porquê. Isto é, um aluno que não aprende é provável que na base da sua dificuldade esteja a não-satisfação de alguma ou de várias das necessidades que antecedem, na hierarquia, a necessidade de conhecimento. O aluno pode ter dificuldade em aprender por estar com fome ou cansado, por estar inseguro quanto ao futuro, por estar isolado na família ou no grupo de colegas, por sentir-se desprezado ou inferiorizado, ou por sentir-se frustrado em relação a muitos de seus planos e objetivos. Dessa forma, há um longo caminho a percorrer antes que o professor possa entender por que um, vários, ou todos os alunos têm dificuldades em entender o que ele está tentando ensinar. O professor ocupa assim um papel decisivo na aprendizagem dos alunos e na sua motivação e realização.

aluno intrinsecamente motivado aprende e realiza as atividades porque gosta, porque estas lhe proporcionam o sentimento de satisfação aquando e após a sua realização. Investigações de vários especialistas indicam que os alunos que apresentam maior motivação intrínseca para a realização de certas tarefas/atividades, são aqueles que obtêm melhores resultados nessas mesmas tarefas. No entanto, salientam que é importante que o professor mantenha a motivação dos alunos através dos reforços positivos, ou seja, reconhecimento sob a forma de recompensas, incentivos e elogios, que incidam sobre o esforço e o progresso de cada aluno, após a realização bem-sucedida de uma tarefa. O professor desempenha assim um papel crucial na motivação dos alunos, pois caso contrário um aluno motivado intrinsecamente e que não seja incentivado e recompensado pelo seu esforço pode, lenta e intencionalmente, diminuir o seu interesse, curiosidade e o gosto pelo prazer de aprender (Martin, 2008; Boruchovitch e Bzuneck, 2009; Estanqueiro, 2010). Esta motivação, ao contrário da extrínseca, não visa unicamente uma recompensa, ela relaciona-se com a execução de tarefas que satisfazem por si só o sujeito (metas internas).

A **motivação extrínseca** dos alunos relaciona-se com fatores externos, isto é, o indivíduo executa uma tarefa interessado em compensações externas ou sociais; as suas atividades são efetuadas com o objetivo de agradar, por exemplo, aos pais, aos professores, para ter recompensas externas, prémios, receber louvores, qualificações dos testes, alcançar conseqüências futuras ou simplesmente evitar uma punição. Ou seja, as recompensas tanto podem ser materiais ou imateriais, sendo consideradas metas externas. Os elogios e os estímulos positivos são instrumentos pedagógicos muito importantes na motivação dos alunos (Abreu, 1998; Balancho e Coelho, 1996; Estanqueiro, 2010; Lieury e Fenouillet, 1997).

Os professores e as suas atitudes, a sua forma de relacionamento com os alunos, a forma como criam o clima de aula (transmissão de abertura, confiança) fazendo com que os alunos sintam que fazem parte integrante no processo de ensino e de aprendizagem, são fundamentais para promover os fatores extrínsecos e intrínsecos dos alunos, originando a motivação e conseqüente aprendizagem. Um professor eficaz também deve de ter uma boa base sólida de conhecimentos científicos para, desta forma, conseguir adotar um bom reportório de práticas (materiais, técnicas e métodos de ensino, atividades e recursos adequados aos seus alunos) (Marques, 1999; Arends, 2008). Mas, acima de tudo, para se ser um

bom professor é preciso gostar de ensinar, pois os alunos sentem, tornando-se a motivação um processo natural. Ou seja, o professor naturalmente consegue contagiar os seus alunos, promovendo um bom ambiente de trabalho, e, conseqüentemente, significativas melhorias nos processos de ensino e de aprendizagem.

Podemos, assim, concluir que motivar em educação é então gerar nos alunos a necessidade de aprender, de atuar e fazer com que os alunos encontrem motivos para o aperfeiçoamento, para conhecerem e rentabilizarem as suas capacidades cognitivas.

### **2.1.3 – Os audiovisuais/vídeos didáticos.**

O mundo globalizado em que hoje vivemos originou uma “nova sociedade”, com múltiplas denominações na literatura, como seja as de “sociedade de informação”, “sociedade em rede”, “sociedade de aprendizagem”, “sociedade do conhecimento”, “sociedade cognitiva” e muitas outras, em que o denominador comum é o reconhecimento do papel das tecnologias na reconfiguração dos processos de ensino e de aprendizagem. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) devem ser utilizadas na prática pedagógica, do dia-a-dia, na generalidade das disciplinas. Elas podem servir para a produção de materiais, bem como de suporte à realização de apresentações (tanto de professores como de alunos). Podem, além disso, servir para a realização de estudos e pesquisas, como meio de comunicação entre professor/aluno e entre os próprios alunos (Abrantes, 1992; Barbosa, 2006; Pereira, s/d).

O sistema educativo, perante esta “nova sociedade”, não se deve colocar de parte, mas sim acompanhá-la, formando alunos, futuros cidadãos, para uma melhor integração numa sociedade cada vez mais rigorosa e mais centrifugadora relativamente ao analfabetismo digital. Uma forma do sistema educativo responder a este desafio, é através da utilização das várias tecnologias de informação e comunicação, hoje disponíveis, como recurso didático, tendo estas hoje um enorme potencial. Numa sociedade cada vez mais intransigente, e com uma educação em que o modelo expositivo se tem revelado pouco eficaz, o professor deve ser construtivo e flexível no processo de estruturação da aula.

Assim sendo, o uso de novas tecnologias pode ser um recurso pedagógico fundamental e, dessa forma, além do livro didático, outros recursos didáticos passam a ser utilizados pelos professores no processo de ensino e de aprendizagem.

Ao longo deste relatório iremos tentar demonstrar a importância dos audiovisuais/vídeos como recursos didáticos eficazes e eficientes, pois o potencial educativo dos meios de comunicação de massa, em especial dos audiovisuais, é inquestionável. É um fenômeno global. Os recursos audiovisuais e os vídeos, já são utilizados há bastante tempo, pois a televisão veio facilitar o uso destes recursos. Ela permitiu, de forma mais fácil, integrar sons e imagens em pleno movimento de forma muito dinâmica; a popularização do vídeo cassete, e hoje do DVD, completou o ciclo. Embora o vídeo se tenha tornado um recurso de fácil acesso, o uso em sala de aula somente ocorreu a partir da década de 90. Assim, com a generalização da televisão e do computador, os filmes, séries televisivas e documentários começam a ser usados no ensino. Estes recursos têm vindo a ganhar importância, quer pela sua riqueza didática, quer pela cada vez maior perfeição e cuidado na sua produção. Os recursos audiovisuais (cinema, séries televisivas, documentários) estão associados ao contexto de lazer, de entretenimento, que passa de forma mais ou menos explícita para a sala de aula, ou seja, na cabeça dos alunos, significa descanso e não “aula”, o que modifica a postura, as expectativas em relação ao seu uso. O professor pode aproveitar essa expectativa positiva para atrair o aluno para a temática que irá ser abordada na aula, fornecendo um fator acrescido de motivação. Em relação ao processo de aprendizagem promovido por uma exibição audiovisual, Silbiger, que cita Moraes afirma que “tanto o cinema quanto o vídeo podem estimular uma forma de conhecimento ao acionar operações articuladas de memória, atenção, raciocínio e imaginação” (Silbiger, 2001, p. 55), daí sua eficácia no processo que conduz à aprendizagem significativa, em contraposição à memorização. Projetando um filme, o professor pode resgatar no íntimo do aluno aspetos que não estariam necessariamente visíveis, mas que podem vir à tona com as emoções suscitadas pelo vídeo. O desafio é manter a perspectiva do divertimento e do prazer propiciados pela fruição do vídeo, aliando tal atividade ao compromisso com a educação. A riqueza desta estratégia reside justamente em emprestar ao processo educacional a “motivação afetiva” que o consumo quotidiano dos meios

de comunicação de massa aciona nas pessoas, aproveitando a sua capacidade de gerar uma aprendizagem espontânea. Os recursos audiovisuais são utilizados, porque envolvem os sentidos na aquisição do conhecimento e apreensão das informações (a audição e a visão). É por envolver esses sentidos que os recursos audiovisuais são bastante usados no âmbito do ensino, principalmente os filmes relacionados com temas referentes aos assuntos que se desejam expor em sala de aula. Segundo Ferrés (1995, 28), o audiovisual não deve transmitir somente informações do tipo cognitivo, mas também emoções e experiências “São as emoções, suscitadas pela interação de imagens, música, palavras e efeitos de som, as que estão carregadas de sentido ou de significado”.

Os audiovisuais/vídeos estimulam a imaginação e provocam sensações, pois são sensoriais, visuais, linguagem falada, linguagem musical e escrita. Linguagens que interagem sobrepostas, interligadas, somadas, não separadas. Daí a sua força. Atingem todos os sentidos e de todas as maneiras. Desta forma, seduzem-nos, informam, entretêm, projetam outras realidades (no imaginário), noutros tempos e espaços. Os recursos audiovisuais mexem com o corpo, com a pele – tocam-nos e, através deles, “tocamos” os outros, pois ficam ao nosso alcance, através dos recortes visuais, do Zoom, do som envolvente. Nos recursos audiovisuais, sentimos, experimentamos, temos sensações sobre o outro, sobre o mundo, sobre nós mesmos. Os recursos audiovisuais exploram também o ver, o observar, o ter diante de nós as situações, as pessoas, os panoramas, as cores, as relações espaciais (próximo - distante, alto - baixo, direita – esquerda, grande – pequeno, equilíbrio – desequilíbrio). Os vídeos beneficiam de características de recursos técnicos que lhe são próprios: os comandos de pausa que permitem parar a imagem, repetir as sequências que mais interessam, isolar as imagens do som ou vice-versa, escutar o suporte sonoro sem que apareçam as imagens no ecrã. Pode-se criar um novo vídeo a partir de outros ou do primitivo (Abrantes, 1992; Ferrés, 1995; Moran, 1995; Santos, 2001; Silbiger, 2001, Barbosa, 2006; Vasconcelos e Leão, 2009).

A música e os efeitos sonoros atuam como recordação, memória (de situações passadas), de associações a personagens do presente, e de criação de expectativas, antecipando respostas e informações. Os meios audiovisuais também utilizam a escrita, pois aparecem nos ecrãs textos, legendas, citações,

principalmente nas traduções e nas entrevistas a estrangeiros (Moran, 1995; Santos, 2001; Silbiger, 2001, Barbosa, 2006; Vasconcelos e Leão, 2009).

Usar o vídeo como recurso audiovisual não significa abandonar os métodos tradicionais, porém, sugere-se um redirecionamento destes. Um bom uso dos recursos didáticos na prática pedagógica, seja de tecnologias avançadas ou tradicionais, deve levar em consideração as condições e atributos de cada meio, a adequabilidade ao conteúdo e as características do aluno. Santos (2001, p. 4) diz que “a utilização dos recursos didáticos pedagógicos diferentes dos utilizados pela maioria dos professores (quadro e giz), deixam os alunos mais interessados em aprender”, pois utilizar um vídeo (composto com pequenos trechos de filmes, documentários), um jogo, ou uma dinâmica em grupo, por exemplo, faz os alunos expressarem opiniões, entrando em contato com os conhecimentos de todos na turma. Ferrés (1995, p. 104) afirma: “O programa didático baseado no vídeo pode ser simplesmente um meio de informação. O é com frequência. Porém pode se converter também em um excelente instrumento para que o aluno aprenda a formular perguntas, para que aprenda a expressar-se, para que aprenda a aprender”. Ou seja, o aluno sai da sua situação passiva para se tornar num agente ativo no processo de ensino e de aprendizagem, podendo dessa forma absorver mais os conteúdos expostos pelos professores. Assim, o professor deve evitar o ensino puramente verbalizado, isto é, o método expositivo, uma vez que a aprendizagem é tão mais eficaz quanto mais se possa relacionar com uma experiência direta, vista e ouvida.

O vídeo ou a televisão, por si só, não garantem uma aprendizagem significativa, sendo indispensável a presença do professor como interlocutor no processo de ensino-aprendizagem. É ele, com a sua criatividade, inteligência, aptidão, experiência docente, que deve ser capaz de perceber situações adequadas ao uso do vídeo (Abrantes, 1992). Vasconcelos e Leão (2009, p. 22) apresentam alguns cuidados e aspectos a serem considerados durante a exibição, quando o professor pretende utilizar o vídeo como recurso didático, pois a interação que os alunos possam ter com o recurso vai depender da forma como a aula será desenvolvida após a exibição do mesmo, dos impactos (positivos ou negativos) que serão criados nos alunos e do objetivo principal. Só atendendo a estes aspectos os alunos conseguirão aprender os conceitos ali trabalhados, possibilitando uma mobilização deles em atividades posteriores. Sendo assim,

cabe ao professor saber como melhor utilizar o recurso visual para atingir os objetivos, pré-definidos por ele, a serem alcançados pelos alunos. Uma atividade didática com a visualização de um vídeo pode exercer funções bastante diversificadas no processo de ensino e de aprendizagem como: função informativa, motivadora, expressiva, avaliativa, conceitual, documental, investigadora, lúdica, metalinguística e altitudinal (Bauza, 1991; Moran, 1995; Vasconcelos e Leão, 2009).

Segundo Moran (1995), os recursos audiovisuais podem ser utilizados na sala de aula de diversas formas. Um dos critérios que a estagiária teve em atenção na elaboração/criação dos seus vídeos foi de criar documentos curtos, pois vai ao encontro das conclusões de uma pesquisa realizada por Vasconcelos e Leão (2009, p. 9) na qual os autores afirmam que “a maioria dos alunos tem preferência em vídeos curtos, animados e educativos”.

Na disciplina de História e na primeira aula, a estagiária utilizou pequenos extratos de dois filmes “O Perfume” e “Os três Mosqueteiros”, que caracterizam muito bem a época e a sociedade do Antigo Regime. Para o efeito criou três vídeos, ou seja, pequenos extratos retirados dos filmes. Nos vídeos foram colocadas músicas (sons) de fundo, que foram criteriosamente selecionadas correspondentes à época e à situação retratada em cada vídeo. A estagiária também construiu dois *PowerPoint*, que depois transformou em vídeo com som; para o efeito, utilizou imagens/caricaturas da época. Na segunda aula a estagiária iniciou a aula com um vídeo de música (*The French Revolution - Bad Romance* by Lady Gaga) sendo a primeira atividade de motivação. Também criou três vídeos que tiveram como base uma série de documentários do canal História, um deles foi usado como terceira atividade de motivação e os dois restantes tinham como finalidade ilustrar os conteúdos abordados (Revolução Francesa).

Na disciplina de Geografia, o percurso metodológico aplicado foi semelhante, pois também criou um vídeo para a primeira aula sobre a “evolução dos transportes”. Neste vídeo pode-se observar os vários meios de transporte e a sua evolução em poucos segundos. Para a segunda aula a estagiária elaborou dois vídeos: um sobre os “Cabos submarinos” e outro sobre as “Comunicação via satélite”.

### **2.1.4 – Os Jogos didáticos.**

Os jogos estão associados ao lúdico, ao prazer. A palavra “lúdico” tem sua origem na palavra latina “*ludus*”, que etimologicamente quer dizer jogo. A palavra jogo deriva do latim “*jocus*”; etimologicamente expressa divertimento, brincadeira, passatempo sujeito a regras que devem ser observadas quando se joga (Farinha, 2008; Maurício, s/d).

O jogo lúdico possui um caráter educativo e possui especificidades que o diferenciam dos demais, como possibilitar ao aluno o autoconhecimento, o respeito por si mesmo e pelo outro, a flexibilidade, a vivência integrada entre colegas e professores, motivando-o a aprender, tudo isso associado à alegria e prazer (Farinha, 2008; Bueno, 2010; Maurício, s/ data; Braga, Araújo e Vargas, s/d). O lúdico influencia as crianças e a sua utilização na vida escolar é caracterizada por ser um recurso pedagógico muito rico, uma vez que essa atividade explora a criatividade, o desenvolvimento cultural e, sobretudo, a incorporação de novos valores. Por aliar os aspectos lúdicos aos cognitivos, entendemos que o jogo é uma importante estratégia para o ensino e a aprendizagem de conceitos abstratos e complexos, favorecendo a motivação interna, o raciocínio, a argumentação, a interação entre alunos e entre professores e alunos (Farinha, 2008; Pedroso, 2009; Bueno, 2010; Escolano, Generozo e Dornfeld, 2011; Maurício, s/d; Braga, Araújo e Vargas, s/d). A obtenção de conhecimentos e a aprendizagem podem torna-se mais simples e prazerosas utilizando metodologias alternativas. As atividades lúdicas, mais estritamente os jogos, podem assim auxiliar os alunos na apropriação dos conteúdos, e conseqüentemente gerar uma aprendizagem significativa (Meirinhos, 2000; Braga, 2007; Bueno, 2010).

Os jogos podem ser considerados educativos, no âmbito escolar, se desenvolverem habilidades cognitivas importantes para o processo de aprendizagem (resolução de problemas, percepção, criatividade, raciocínio rápido, dentre outras habilidades). Desta forma, se o jogo foi planejado e elaborado com o objetivo de atingir conteúdos específicos, pode ser designados como jogo didático. Por outro lado, se o jogo não possuir objetivos pedagógicos explícitos e sim ênfase ao entretenimento, então é denominado jogos de entretenimento (SEIES, 1992; Escolano, Generozo e Dornfeld, 2011; Castro e Costa, 2011).

No passado, os jogos não eram vistos como um recurso, como uma técnica didática pois a ideia de jogo encontrava-se apenas associada ao prazer. Alguns professores confundem interação e diversão dos alunos com indisciplina. Assim, o jogo assumia pouca importância para a formação do estudante e a sua utilização como meio educativo demorou a ser aceita. Porém, os jogos podem ser utilizados como um ótimo recurso para a aprendizagem dos alunos, pois motivam e exploram o desenvolvimento comportamental do aluno, ou seja, geram múltiplos sentimentos como: exaltação, tensão, alegria, frustrações. No entanto, também através do jogo a criança manifesta a sua criatividade, espontaneidade, iniciativa e imaginação, uma vez que o brincar estimula a criatividade e a imaginação, aprofundando, para a criança, a compreensão da realidade (Mão de Ferro, 1993; Braga 2007; Bueno, 2010, Contreras e Lafuente, s/d). Por influenciar tanto a criança, o professor deve ter em mente o papel e o impacto que o jogo pode vir a causar nos seus alunos, por essa razão o docente deve pensar no poder de tal atividade na aprendizagem do aluno, não deixando passar a oportunidade de utilizá-lo. Santos (2001, p. 4) cita Monteiro que diz “O ato de brincar comporta dois elementos importantes: a imaginação e as regras”. Assim, o professor ocupa um papel fundamental para que o jogo funcione como estratégia, recurso e técnica de aprendizagem, pois, antes de dar início a qualquer tipo de jogo, deve-se deixar claro para o aluno o objetivo do mesmo e o que ele deve alcançar no fim da atividade. O professor deve adequar o jogo à idade e nível de escolaridade dos alunos (Braga, 2007; Pedroso, 2009; Escolano, Generozo e Dornfeld, 2011).

O jogo, quando bem direcionado e tendo claros os seus objetivos perante os estudantes, ajuda a diminuir a ansiedade no ambiente da sala de aula, atuando na regulação do filtro afetivo e, conseqüentemente, amenizando as possíveis frustrações às quais está sujeito o aluno. A utilização de jogos didáticos em sala de aula permite a fixação de conteúdos já aprendidos, requer a participação ativa dos alunos, favorecendo a socialização entre eles e possibilita ao professor identificar algumas dificuldades que ainda não tinham sido identificadas (Santos, 2001; Braga, 2007; Pedroso, 2009; Pereira, s/d). Outra importante vantagem no uso de atividades lúdicas é a tendência em motivar o aluno a participar espontaneamente na aula. Acrescenta-se a isso o auxílio do caráter lúdico no desenvolvimento da cooperação, da socialização e das relações afetivas, e a possibilidade de utilizar jogos didáticos, de modo a auxiliar os alunos na

construção do conhecimento em qualquer área (Pedroso, 2009). Percebe-se que os jogos, além de estimularem as relações cognitivas, afetivas e sociais, são importantes na aprendizagem e na construção do conhecimento, também sendo peças fundamentais para a participação ativa do aluno, para o trabalho em grupo, mediante o exercício da cooperação, além de propiciarem atitudes de crítica e desenvolverem a criatividade nos alunos (Castro e Costa, 2011). O objetivo da atividade lúdica não é apenas levar o aluno a memorizar mais facilmente o assunto abordado, mas sim induzir o raciocínio do aluno, a reflexão, o pensamento e conseqüentemente a construção do seu conhecimento, ao promover a construção do conhecimento cognitivo, físico, social e psicomotor. Além do desenvolvimento de habilidades necessárias às práticas educacionais da atualidade (Bueno 2010; Castro e Costa, 2011; Pereira, s/d; Maurício, s/d).

A estagiária utilizou os jogos didáticos como recurso e técnica para motivar e estimular os alunos para os conteúdos programáticos e incutir algumas regras sociais e comportamentais. Na disciplina de História os jogos didáticos foram utilizados nas fichas de trabalho e nos trabalhos de casa, que foram entregues no final da aula para consolidar os conhecimentos adquiridos na aula. A estagiária criou jogos didáticos diferentes para as duas fichas de trabalho. Após a análise das respectivas fichas de trabalho verificamos que os jogos didáticos efetivamente foram eficientes e eficazes, pois motivaram os alunos e ajudaram-nos a memorizar os conteúdos. Recordamos que estávamos perante uma turma desmotivada e que não tinha hábitos de estudo e de entrega de trabalhos de casa; porém, o número de entrega e de rendimento/correção nos jogos superou as expectativas iniciais, tanto da estagiária como da professora cooperante. Podemos, assim, concluir que os jogos motivaram os alunos para a realização dos trabalhos de casa, pois estes não foram vistos como uma tarefa apenas escolar e didática, mas sim como um “prêmio”, como algo lúdico, divertido. Na segunda aula de História, para além da ficha de trabalho com jogos, também reservamos o final da aula para um jogo didático que designamos como a “Revolução Francesa”. Este jogo foi elaborado em *PowerPoint*, tendo sido uma atividade que promoveu grande entusiasmo, exigiu uma compreensão dos conteúdos e um raciocínio rápido, estimulando a inteligência e as regras comportamentais e sociais, mostrando ser um material educacional que se

enquadra como estratégia de uma aprendizagem significativa na promoção da aprendizagem em História.

Na disciplina de Geografia também foram utilizados os jogos didáticos, que motivam e estimularam a aprendizagem e promoveram o bom ambiente didático nas aulas. Na primeira aula o jogo foi utilizado para finalizar a aula, pois a estagiária pretendia consolidar e aferir os conhecimentos dos estudantes. A atividade foi muito bem-sucedida, pois todos os alunos estavam interessados e empenhados em participar no jogo. Na segunda aula a estagiária entregou uma ficha de trabalho que continha palavras cruzadas. A realização desta ficha surgiu da necessidade que a estagiária teve de ocupar os estudantes durante a atividade de visualização e experimentação da fibra ótica. Ou seja, um grupo de alunos estava com a estagiária a observar e analisar o candeeiro de fibra ótica, enquanto os restantes elementos da turma estavam a realizar o jogo didático. Esta ficha de trabalho também tinha como objetivo a consolidação dos conhecimentos e promover a motivação para os conteúdos abordados. Recordamos que estávamos perante uma turma faladora, indisciplinada e distraída. A estratégia de utilizar o jogo foi muito bem-sucedida, pois os alunos estiveram em silêncio a realizar a tarefa (jogo) e empenhados para conseguir terminar as palavras cruzadas. Ou seja, o jogo foi um momento de descontração, porém contribuiu para um bom ambiente de aprendizagem.

Podemos assim concluir que o jogo didático é uma importante ferramenta, pois promove a motivação e facilita a construção dos processos de ensino e de aprendizagem. É preciso, portanto, selecionar recursos didáticos e escolher metodologias coerentes com as nossas intenções educativas. Acreditamos assim, como Bueno (2010), que o aspeto lúdico e cognitivo presente no jogo são importantes estratégias para o ensino e a aprendizagem de conceitos abstratos e complexos, favorecendo a motivação interna, o raciocínio, a argumentação, a interação entre os alunos e com o professor. Cabe ressaltar que os jogos pedagógicos não são substitutos de outros métodos de ensino, estes são apenas suportes para o professor, que os pode utilizar como armas motivadoras para os alunos, que usufruem dos mesmos como recurso didático para a sua aprendizagem.

### **2.1.5 – Análise dos dados obtidos nos questionários de satisfação sobre os vídeos e jogos didáticos, nas turmas de História e Geografia.**

A estagiária, quando tomou conhecimento de que o relatório de estágio teria de ter um título, observou que tinha em comum, nas duas disciplinas, a utilização dos vídeos e os jogos didáticos. Assim, na planificação e elaboração da segunda aula, utilizou novamente os vídeos e os jogos, para desta forma poder realizar um estudo exploratório sobre a importância dos jogos e vídeos didáticos utilizados nas suas regências. Ou seja, após a regência das aulas assistidas, elaborou um questionário de satisfação que foi entregue aos alunos onde as regências ocorreram. A estagiária tinha como objetivo perceber se os jogos e os vídeos didáticos tinham efetivamente funcionado como motivação para a aprendizagem dos alunos. Assim, a estagiária pediu autorização às professoras cooperantes para entregar os questionários aos alunos, para que estes os preenchessem anonimamente para, desta forma, evitar constrangimentos nas respostas dos estudantes. Os questionários foram preenchidos durante um bloco de 45 minutos que as professoras cooperantes disponibilizaram.

Os estudos exploratórios têm como finalidade definir as questões ou hipóteses para uma investigação posterior. Isto é, são o prelúdio para uma investigação subsequente, mas não necessariamente um estudo de caso. Estes estudos são diferentes dos descritivos, podendo buscar hipóteses e proposições relevantes para orientar estudos posteriores. Pretendem fornecer um certo suporte para a teorização (1995; Carmo, 1998; Quivy; 1998; Hill e Hill; 2005). Os estudos explanatórios procuram informação que possibilite o estabelecimento de relações de causa efeito, ou seja, procuram a causa que melhor explica o fenómeno estudado e todas as suas relações causais (Carmo, 1998; Quivy; 1998; Hill e Hill; 2005).

Na opinião de Quivy (1998, p. 67) o inquérito por questionário deverá ser utilizado quando se tem como objetivo conhecer uma população (comportamentos, valores, opiniões); analisar um “fenómeno social que se julga poder apreender melhor a partir de informações relativas aos indivíduos” da população alvo e/ou questionar um grande número de pessoas.

Alguns autores apontam algumas vantagens e desvantagens para os inquiridos por questionário. Como principais vantagens referem a possibilidade de quantificar inúmeros dados e suas análises correlacionais e a representatividade do conjunto dos inquiridos. Quanto às desvantagens referem como principais a pertinência dos objetivos e das hipóteses; a validade das perguntas elaboradas e, a fiabilidade dos resultados obtidos, uma vez, que, exigem ao investigador uma definição correta do que se pretende estudar, do tipo de informação que se pretende obter (Carmo, 1998; Quivy; 1998; Hill e Hill, 2005).

O questionário foi aplicado à totalidade de alunos das duas turmas, que possuem um número total de alunos e nível de escolaridade diferente. A turma de História é composta por 25 alunos, sendo 11 rapazes e 14 raparigas. A turma de Geografia possui 16 educandos, sendo composta por 8 elementos do sexo masculino e 8 do sexo feminino.

Quanto à construção dos questionários, estes podem ser estruturados ou não estruturados, mas quando se pretende garantir que os entrevistados respondam às mesmas questões, é usado um questionário estruturado e direto, sendo as questões apresentadas da mesma forma e pela mesma ordem a todos os inquiridos (Ghiglione e Matalon, 1993, Quivy e Campenhoudt, 1998; Carmo, 1998; Hill e Hill, 2005). Na construção dos inquiridos por questionário, do presente estudo, tivemos em consideração as orientações propostas por Carmo (1998) e Hill e Hill (2005), no que respeita: às perguntas e à apresentação do questionário. Esta foi a opção tomada, simplificando a sua aplicação e a análise posterior. Os questionários podem apresentar perguntas abertas e/ou fechadas. Na elaboração das perguntas devemos ter em conta os seguintes aspetos: reduzidas e curtas com palavras e sintaxe simples; Se possível fechadas e compreensíveis para os respondentes; Não ambíguas e não neutras; Evitar perguntas múltiplas. Quanto à apresentação do questionário este deve de garantir confidencialidade das respostas; Instruções precisas quanto ao seu preenchimento; Tamanho e clareza do questionário; Disposição gráfica; Aparência estética. Optou-se, por perguntas fechadas, que pré-determinam o conjunto de respostas alternativas e o formato da resposta simplificando o posterior tratamento e análise estatística.

Os questionários, tanto de História como de Geografia, são compostos por duas partes: a primeira parte é referente ao tema dos jogos e a segunda possui questões relativas aos vídeos. Tanto a primeira parte como a segunda possuem

cinco questões fechadas cada. A primeira pergunta dos questionários é referente aos recursos que despertam mais motivação/interesse (Anexos 1 - Questionário de satisfação da turma de História e anexo 2 - Questionário de satisfação da turma de Geografia).

Após a devolução dos questionários, inseriram-se os dados no programa *Excel*, para uma melhor compreensão dos resultados obtidos. Para cada questão, foi desenvolvido um gráfico com o respectivo comentário.

A análise e interpretação que de seguida apresentamos seguiram a seguinte metodologia: as perguntas foram analisadas individualmente; em primeiro lugar comentámos os resultados alcançados na disciplina de História e depois prosseguimos com a leitura dos dados obtidos na turma de Geografia. Por fim, procedemos a uma análise conjunta dos resultados alcançados nas duas turmas, para elaborarmos a conclusão. Só depois deste estudo conjunto dos resultados é que passámos para a análise da questão seguinte.

Para os resultados obtidos na primeira pergunta (Quais os recursos didáticos que lhe despertam mais interesse/motivação? Ordene por ordem de preferência. 1 para a opção que gosta mais e 5 para a que gosta menos), elaboramos uma tabela, tanto para História como para Geografia.

<b>Recursos/Ordem</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
Imagens	4	1	12	6	2
Vídeos	8	14	1	2	0
Jogos didáticos	11	10	3	1	0
Apresentações/ diapositivos	2	0	9	14	0
Textos escritos	0	0	0	2	23

Tabela 1 - Resultados obtidos na primeira questão do questionário de História sobre os recursos didáticos que despertam mais interesse/motivação.

Na observação da tabela 1, relativa à turma de História, podemos verificar que os 25 educandos colocam em primeiro lugar e por ordem de preferência os jogos (11 alunos), seguidos dos vídeos (8 estudantes), imagens (4 aprendizes) e por fim, a apresentação de diapositivos, (2 educandos). Na segunda preferência são assinalados os vídeos com catorze alunos, seguidos dos jogos com dez estudantes e as imagens (apenas um aluno as escolheu). Quanto à terceira ordem de preferência, as imagens aparecem no topo com doze alunos, a

apresentação de diapositivos foi selecionada por nove estudantes, enquanto, que três educandos selecionaram como terceira preferência os jogos didáticos. Por fim, apenas um estudante selecionou os vídeos. Na quarta ordem de preferência, e ocupando o primeiro lugar, aparece-nos a apresentação de diapositivos (14 alunos), depois surgem as imagens (6 estudantes), os vídeos e os textos escritos (2 educandos) e, por fim, os jogos didáticos com apenas um aluno. No final da ordem de preferência, ou seja, em quinto lugar, os alunos escolheram os textos escritos (23 aprendizes) e apenas dois consideram as imagens como o recurso menos interessante.

Da análise da tabela e dos resultados obtidos através do questionário podemos concluir que os alunos de História preferem, em primeiro lugar, os jogos, seguidos dos vídeos e das imagens. No final das preferências, ou seja, em quarto lugar, ficam as apresentações em diapositivos e, por fim, em quinto, os textos escritos.

A estagiária, na preparação e elaboração dos seus materiais e estratégias, teve em linha de conta as indicações e características dos alunos. Desta forma, e pela análise dos documentos da turma, assim como através das indicações e da análise das aulas da professora cooperante, a estagiária percebeu que deveria utilizar recursos, estratégias, técnicas e metodologias que explorassem os seus sentidos e estimulassem o seu interesse e motivação. Desta forma, decidiu dar especial ênfase aos vídeos e jogos didáticos, em primeiro lugar. Porém, as imagens também foram pensadas e cuidadosamente selecionadas, bem como toda a apresentação em diapositivos.

<b>Recursos/Ordem</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
Imagens	0	0	6	9	1
Vídeos	6	9	1	0	0
Jogos didáticos	9	7	0	0	0
Apresentações /diapositivos	1	0	9	6	
Textos escritos	0	0	0	1	15

Tabela 2 - Resultados obtidos na primeira questão do questionário de Geografia sobre os recursos didáticos que despertam mais interesse/motivação.

Na análise e observação da tabela 2 podemos verificar que, na primeira preferência, aparecem os jogos didáticos, com nove alunos, e os vídeos, com seis estudantes. Apenas um educando colocou em primeiro lugar as apresentações/diapositivos. Em relação à segunda preferência, os alunos dividiram-se entre os vídeos (9 estudantes) e os jogos (7 alunos). A terceira

preferência recai sobre as apresentações/diapositivos (9 aprendizes), imagens (6 educandos) e vídeos (1 aluno). A quarta preferência coloca em primeiro lugar as imagens, com nove alunos, enquanto, que seis estudantes escolheram as apresentações/diapositivos. Apenas um estudante selecionou em quarta preferência os textos escritos. Por fim, na quinta preferência, todos alunos, com a exceção de um, assinalaram os textos escritos; este elegeu as imagens como quinta preferência. Da análise global da tabela e dos resultados obtidos, a preferência dos estudantes do 11º ano é a seguinte: jogos didáticos, em primeiro lugar, vídeos, em segundo, apresentações/diapositivos, em terceiro, imagens, em quarto lugar, e por fim, os textos escritos.

Em termos de conclusão, em relação à primeira questão, podemos concluir que os recursos que todos os alunos, tanto de História como de Geografia, preferem são, em primeiro lugar, os jogos, seguidos dos vídeos. A diferença entre estes recursos a nível de preferência é mínima, pois refere-se apenas a três e quatro alunos. Ou seja, apenas três e quatro alunos é que selecionam os vídeos como segunda opção. No final das preferências, as duas turmas também são unânimes, pois o recurso que regista menos preferência, e que corresponde ao quinto lugar, são os textos escritos. A única divergência que existe nos resultados apurados é em relação ao terceiro e quarto lugares, que são ocupados pelos recursos das imagens e apresentações/diapositivos. Na turma de História os alunos selecionaram as imagens como terceira preferência, enquanto, que os de Geografia colocaram as apresentações/diapositivos. O recurso do quarto lugar em História são as apresentações/diapositivos e em Geografia são as imagens<sup>5</sup>.

Os parágrafos seguintes relacionam-se com a primeira parte dos questionários, ou seja, os **jogos didáticos**. Os resultados obtidos são muito positivos, relativamente ao uso do jogo didático nas aulas da estagiária, pois fica bem visível a importância que os jogos tiveram no processo de ensino e de aprendizagem. Porém, salientamos que a estagiária desempenhou, na operacionalização deste tipo de estratégia, o seu papel de professora/orientadora, para tornar o ambiente estimulante e organizado e para conseguir atingir os seus objetivos com o jogo, uma vez que este também foi usado como instrumento de avaliação.

---

<sup>5</sup> Sobre o necessário trabalho a realizar relativamente à importância do texto escrito nestas disciplinas muito poderia ser dito, mas não o faremos, por sair do âmbito da temática escolhida para este relatório.

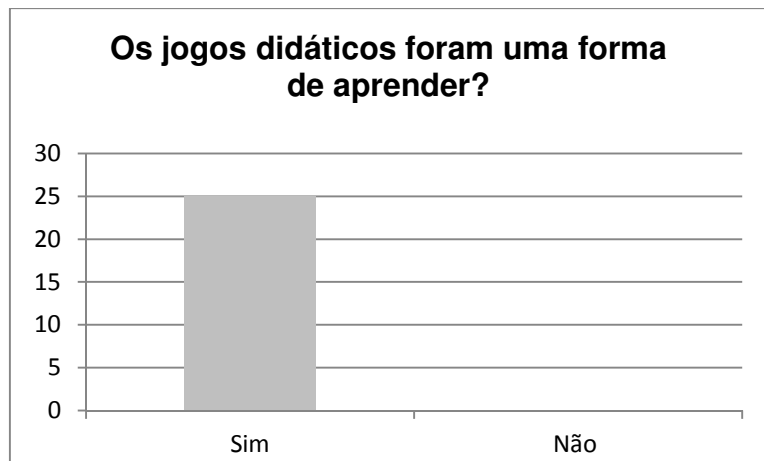


Gráfico 1 – Valorização do jogo como forma de aprendizagem.  
Turma de História.

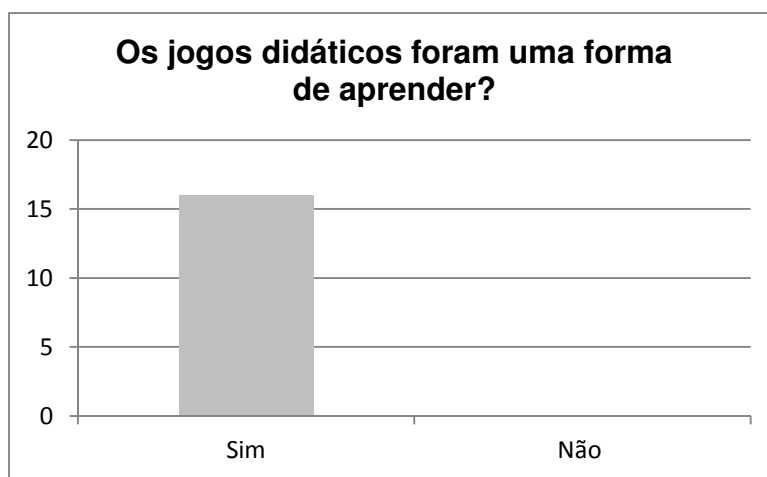


Gráfico 2 - Valorização do jogo como forma de aprendizagem.  
Turma de Geografia.

Na observação dos gráficos 1 e 2, que correspondem à primeira pergunta do questionário, a resposta foi unânime, tanto em História (gráfico 1) como em Geografia (gráfico 2), pois todos os alunos responderam que sim, ou seja, os 25 estudantes de História e os 16 de Geografia consideraram que os jogos desenvolvidos pela estagiária tinham ajudado na sua aprendizagem.

Observámos, durante as regências, tanto em História como em Geografia, que os alunos ficavam motivados e participativos, apelando para que pudessem responder às questões que eram colocadas no jogo. Relativamente aos jogos que foram entregues nas fichas de trabalho, verificou-se que, efetivamente, estes modificaram comportamentos e atitudes, pois os alunos esforçaram-se por preencher as fichas, situação inédita, pois eram estudantes que, regra geral, não cumpriam com as suas obrigações escolares, ou seja, não tinham o hábito de fazer trabalhos de casa.

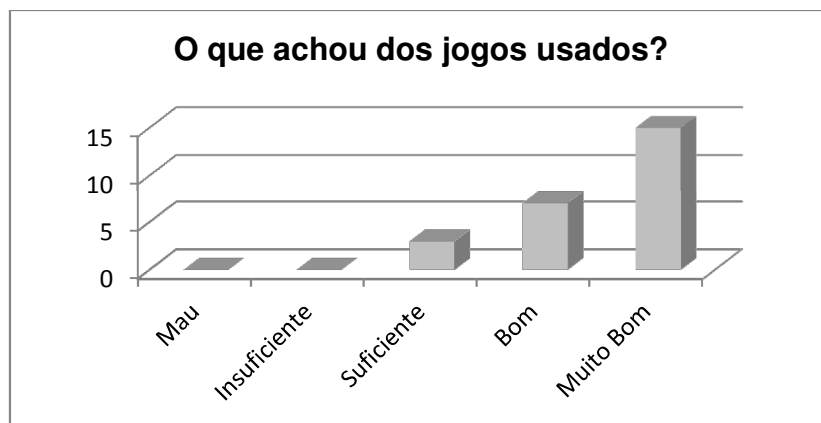


Gráfico 3 – Opinião dos alunos relativamente aos jogos usados.  
Turma de História.

Na leitura do gráfico 3, referente à segunda questão, verificamos que os alunos de História escolheram apenas as três últimas opções, ou seja, 3 estudantes selecionaram a opção de suficiente, 7 alunos consideraram os jogos bons e os restantes, ou seja, 15 educandos assinalaram a opção Muito Bom.

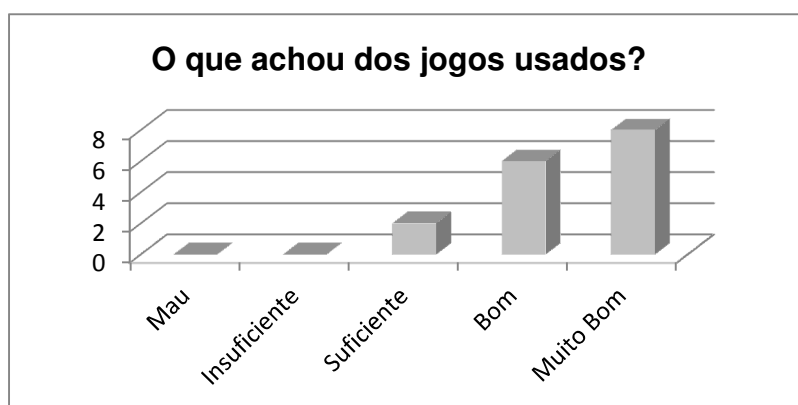


Gráfico 4 – Opinião dos alunos relativamente aos jogos usados.  
Turma de Geografia.

Na turma de Geografia, e através da análise ao gráfico 4, observamos que apenas 2 alunos escolheram a opção Suficiente. No entanto, 6 dos inquiridos consideraram os jogos usados bons e 8 muito bons.

Desta breve análise podemos verificar que mais de metade das turmas considera que os jogos foram muito bons. Efetivamente, aquando da avaliação das regências, as professoras cooperantes e os colegas do núcleo de estágio elogiaram os jogos pois tinham tornado a aula “dinâmica”. Efetivamente, o jogo está associado a uma brincadeira, a algo lúdico, o que proporciona o desenvolvimento do conhecimento e da concentração.

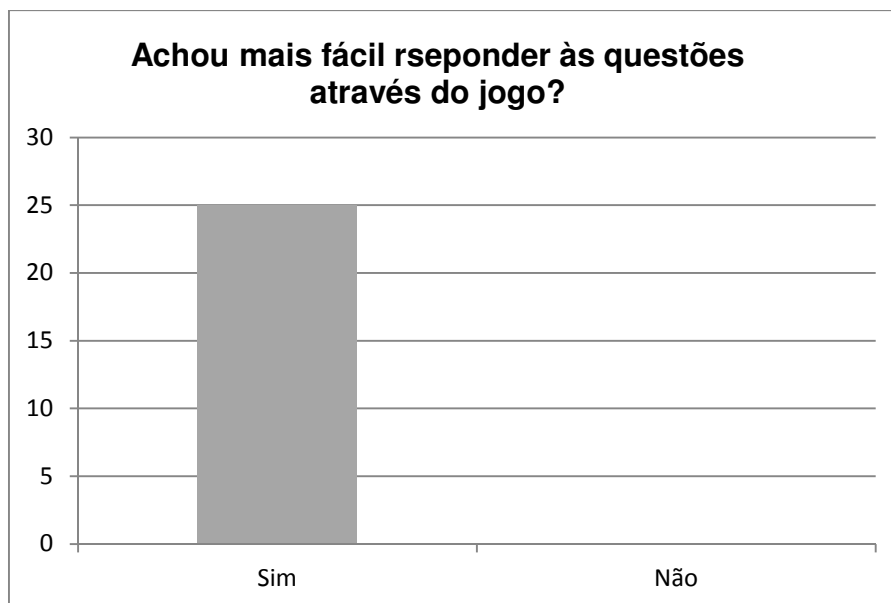


Gráfico 5 – O jogo como facilitador da aprendizagem.  
Turma de História.

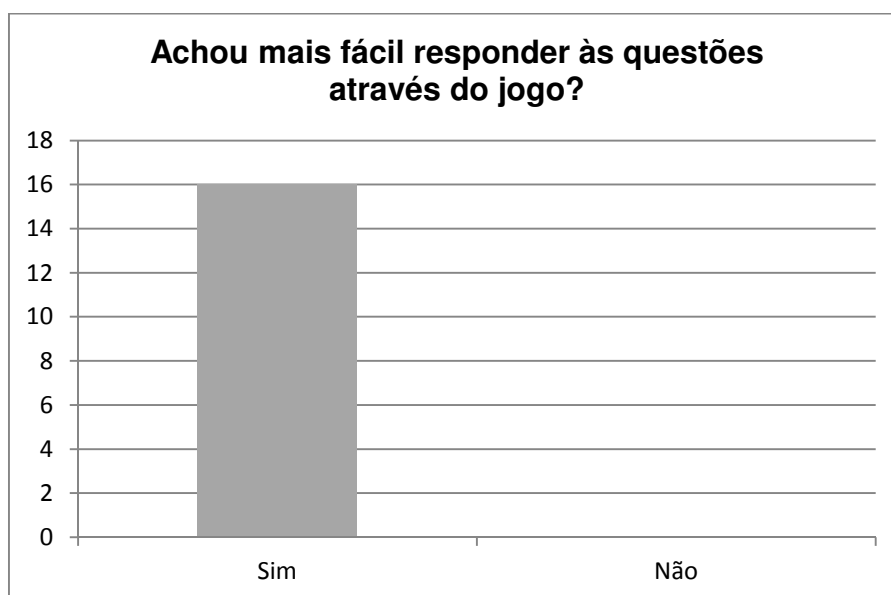


Gráfico 6 – O jogo como facilitador da aprendizagem.  
Turma de Geografia.

Para a terceira questão elaborámos os gráficos 5 (turma de História) e 6 (turma de Geografia), onde podemos verificar que, tanto os alunos da turma de História como de Geografia, foram unânimes, pois todos os elementos das duas turmas responderam que Sim. Ou seja, os 25 alunos de História e os 16 de Geografia consideraram que as questões que a estagiária colocou ao longo da aula foram mais fáceis de responder devido à motivação causada pelos jogos, pois estes foram facilitadores da aprendizagem.

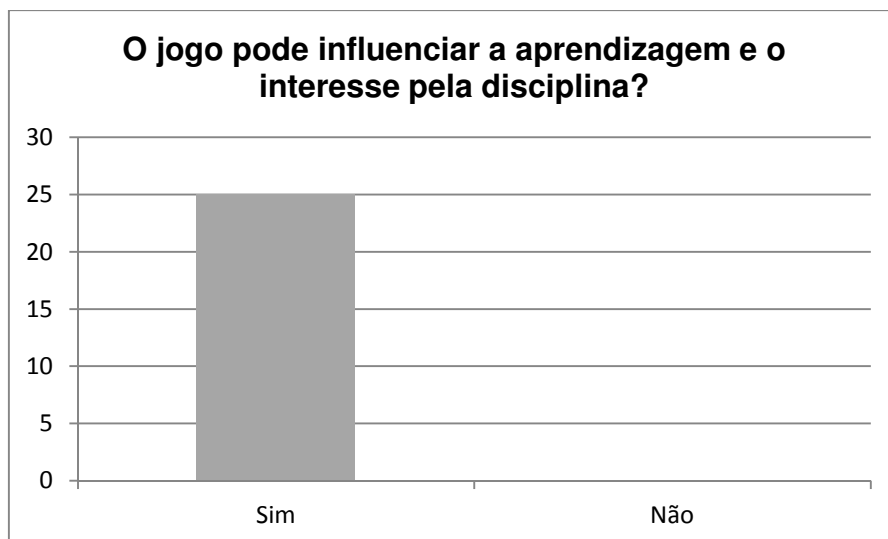


Gráfico 7 – O jogo como motivador da aprendizagem.  
Turma de História.

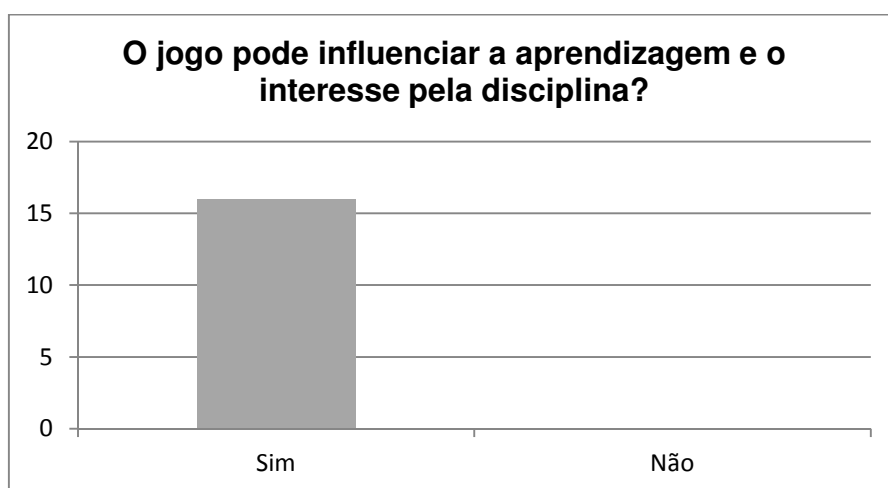


Gráfico 8 – O jogo como motivador da aprendizagem.  
Turma de Geografia.

Na observação dos gráficos 7 e 8, que correspondem à quarta questão colocada nos questionários, os resultados são iguais aos alcançados na questão anterior, pois também nesta pergunta todos os estudantes responderam que Sim. Os questionários e a análise dos resultados destes vieram confirmar o que foi visível, durante as aulas, a motivação acrescida dos alunos, pois os seus comportamentos, atitudes e participação, ao longo das aulas, foram uma expressão clara de satisfação, motivação e interesse. Podemos considerar assim, que as estratégias, recursos e metodologias empregues pela estagiária despertaram e modificaram comportamentos e atitudes nos alunos, como as próprias professoras cooperantes assinalaram nas reuniões de avaliação das regências e como os colegas estagiários também verificaram.

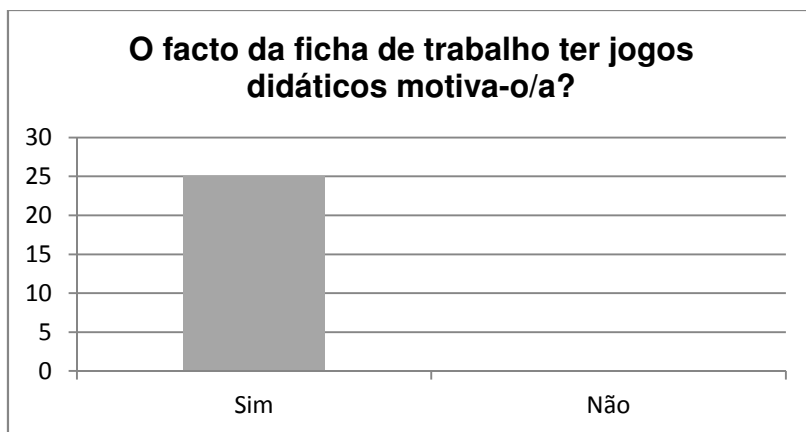


Gráfico 9 – O jogo como estratégia de consolidação da aprendizagem, através da realização de fichas de trabalho. Turma de História.

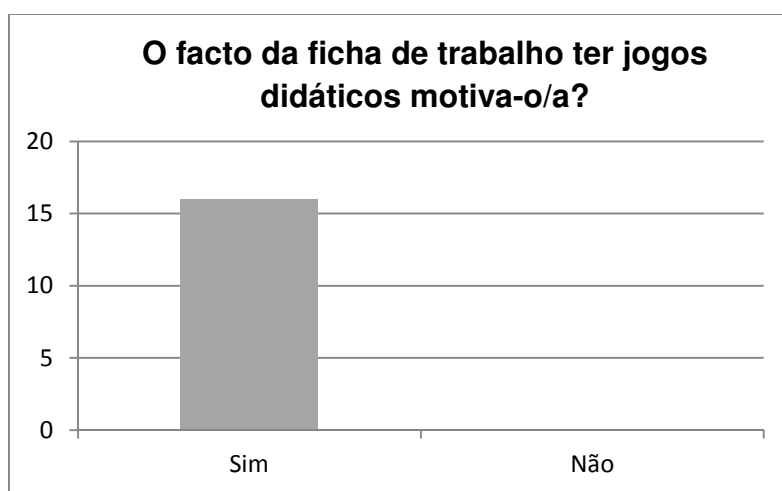


Gráfico 10 – O jogo como estratégia de consolidação da aprendizagem, através da realização de fichas de trabalho. Turma de Geografia.

Na última questão da parte I do questionário, mais uma vez, todos os educandos, tanto os alunos do 8º ano como os do 11º ano, assinalaram a opção Sim sem exceção, quando questionado sobre a importância do jogo como estratégia de consolidação das aprendizagens, promovida pela realização de fichas de trabalho, como podemos verificar na observação dos gráficos 9 e 10. Ou seja, todos os estudantes das duas turmas consideram que o facto da ficha de trabalho ter jogos didáticos os motivou. Efetivamente, e após a análise das mesmas, no que aos resultados obtidos neste instrumento de avaliação diz respeito, são visíveis a motivação e interesse que os jogos despertaram nos alunos. As professoras cooperantes, aquando da entrega das fichas de trabalho aos alunos e no balanço dos instrumentos de avaliação criados para avaliar as aprendizagens adquiridas pelos alunos nas regências da estagiária, referem que ficaram

surpreendidas com a quantidade de alunos que entregaram os trabalhos de casa e pelos resultados obtidos. Recordamos que estávamos perante turmas que não tinham hábitos de estudo, que eram considerados indisciplinados, que não traziam os materiais necessários para as aulas e que não entregavam os trabalhos de casa.

A parte II do questionário tinha como objetivo avaliar o impacto dos vídeos didáticos na motivação, interesse e aprendizagem dos alunos e os resultados são os que se seguem.

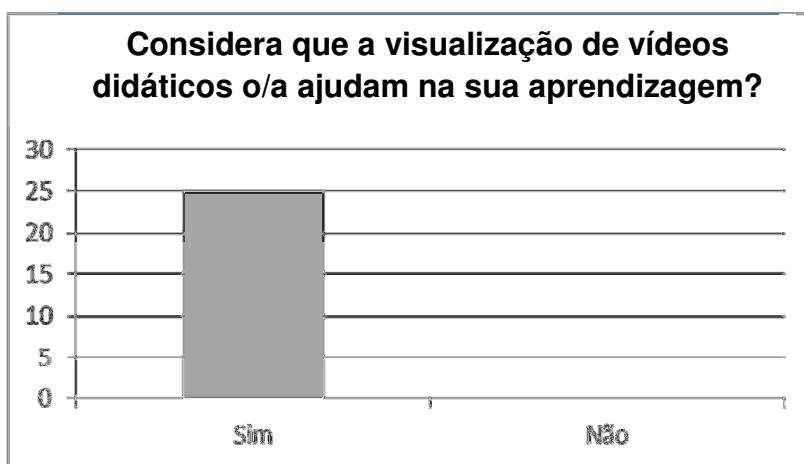


Gráfico 11 - Os vídeos didáticos com estratégia de promoção da aprendizagem. Turma de História.

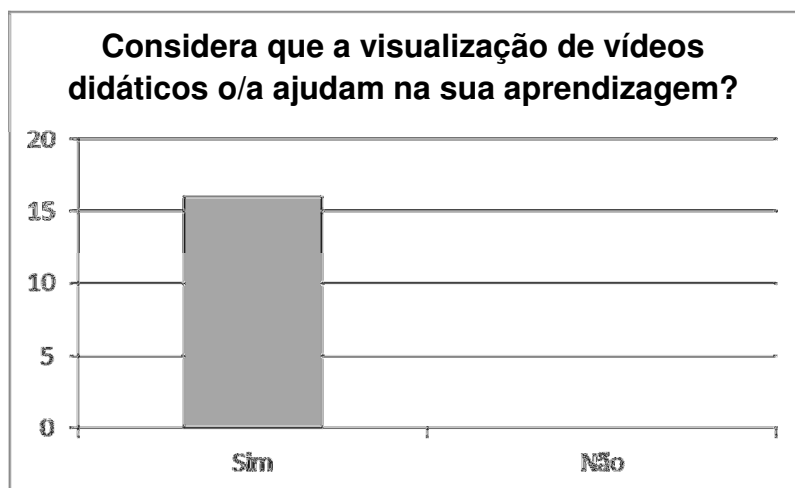


Gráfico 12 - Os vídeos didáticos com estratégia de promoção da aprendizagem. Turma de Geografia.

Nos gráficos 11 e 12 podemos verificar que todos os alunos, tanto de História como de Geografia, assinalaram a resposta Sim. Ou seja, todos os estudantes consideraram que a visualização dos vídeos didáticos os ajudou na sua aprendizagem.

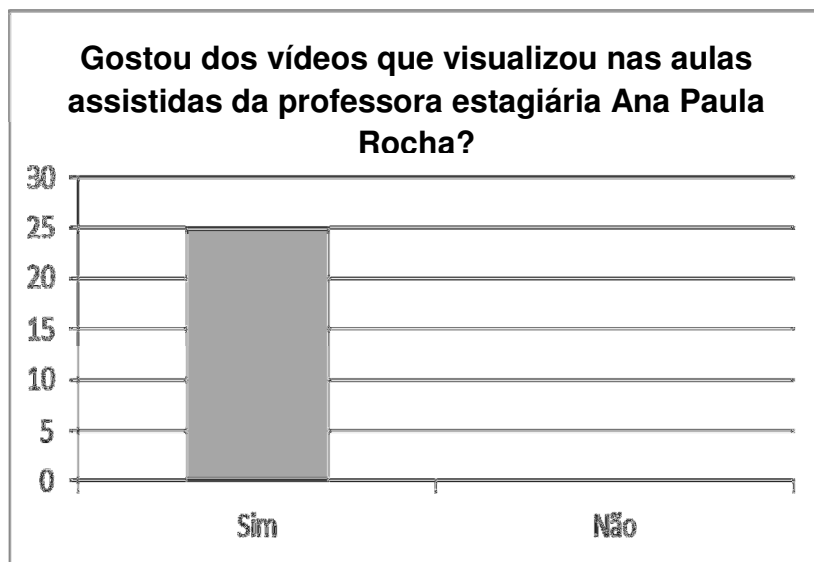


Gráfico 13 - Os vídeos didáticos com estratégia de promoção da aprendizagem. Turma de História.

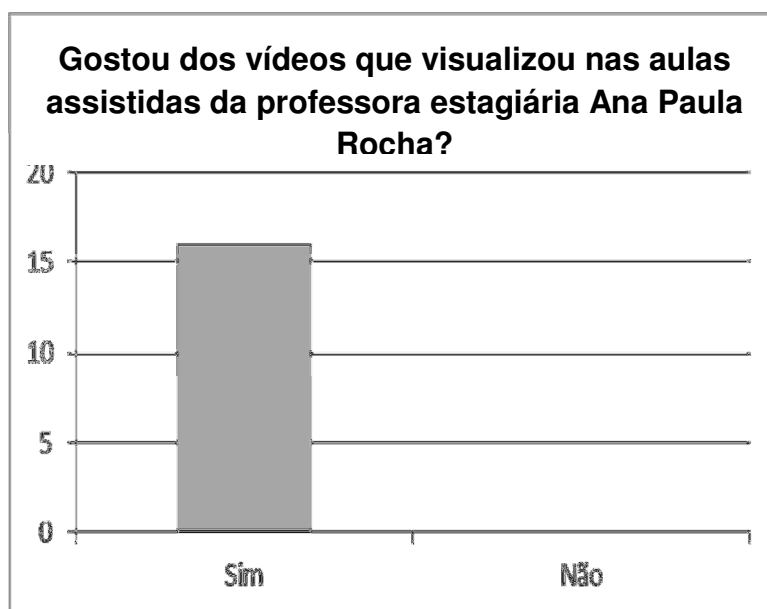


Gráfico 14 - Os vídeos didáticos com estratégia de promoção da aprendizagem. Turma de Geografia.

Para a segunda questão elaboramos os gráficos 13 e 14 e, mais uma vez, todos os estudantes optaram pela opção Sim, nos dois níveis de ensino. Recordamos que a estagiária, nas duas regências de História, criou nove pequenos vídeos que utilizou para demonstrar e criar sensações, estimular a aprendizagem e a motivação para os conteúdos abordados. Em relação à disciplina de Geografia, apenas criou 3 pequenos vídeos para ilustrar os conteúdos abordados. Durante as suas regências, a estagiária rentabilizou os vídeos e as suas características didáticas, ou seja, pausa, zoom, repetição do vídeo questionando os alunos.



Gráfico 15 – Opinião dos alunos sobre os vídeos usados.  
Turma de História.

No gráfico 15 observamos que apenas um aluno indicou a opção suficiente, seis estudantes consideraram que os vídeos eram bons e os restantes elementos da turma classificaram-nos como muito bons, ou seja, dezasseis aprendizes. Podemos assim concluir que os alunos consideraram os vídeos como recursos didáticos muito importantes na sua motivação e aprendizagem dos conteúdos de História.

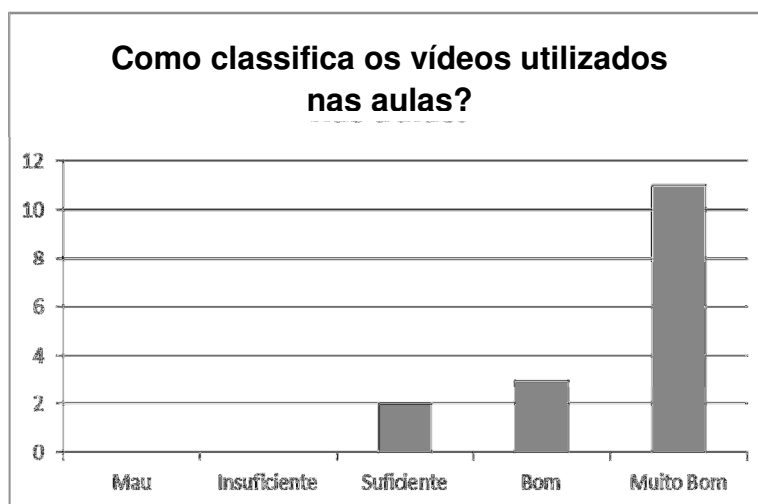


Gráfico 16 – Opinião dos alunos sobre os vídeos usados.  
Turma de Geografia.

Quanto à turma de Geografia (gráfico 16), e num total de dezasseis alunos, apenas dois escolheram a opção Suficiente, três a opção Bom e os restantes, ou seja, onze optaram pela opção Muito Bom. Podemos, assim, concluir que mais de metade dos aprendizes da turma de Geografia considerou os vídeos apresentados como Muito Bons.

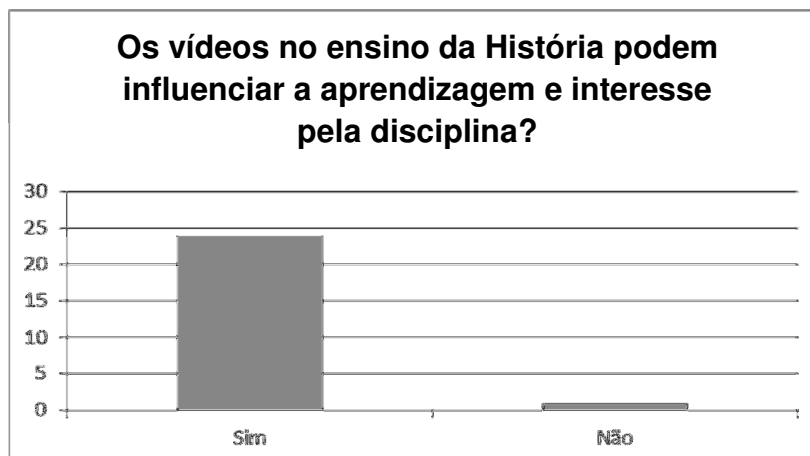


Gráfico 17 - Os vídeos como facilitadores da aprendizagem em História.

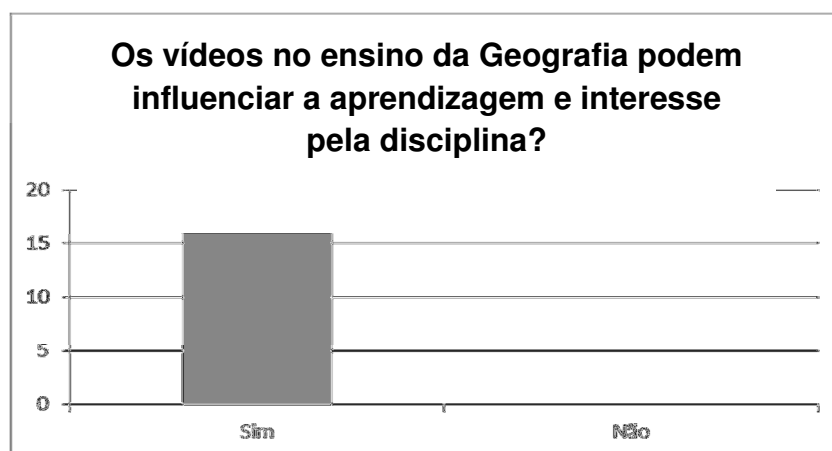


Gráfico 18 - Os vídeos como facilitadores da aprendizagem em Geografia.

Na questão referente à influência dos vídeos no ensino (gráfico 17 e 18) e na aprendizagem dos conteúdos das disciplinas, todos os estudantes dos dois níveis de ensino escolheram a opção Sim, com a exceção de um aluno do oitavo ano, ou seja, da turma de História.

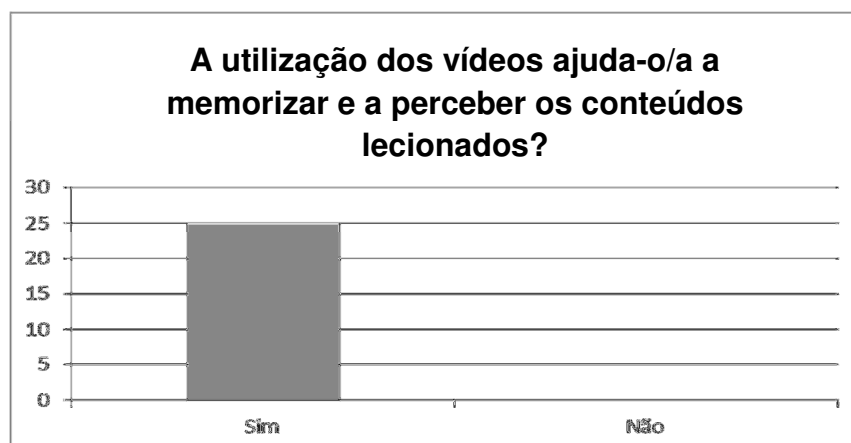


Gráfico 19 - Os vídeos como facilitadores da memorização em História.

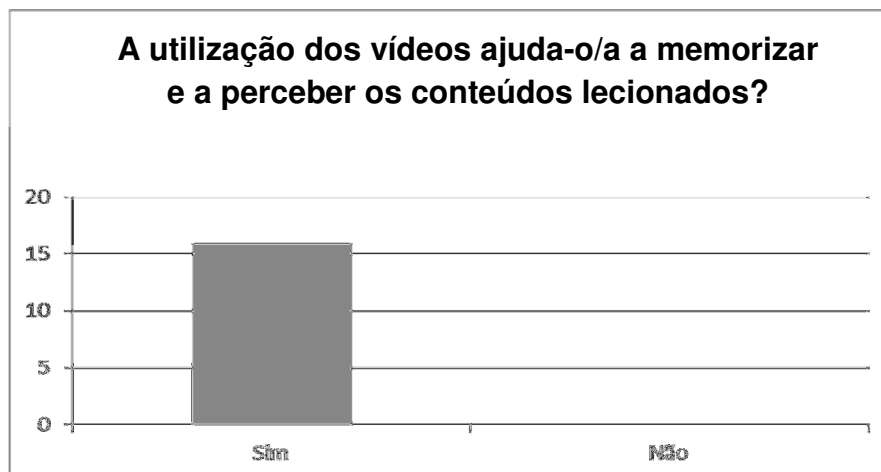


Gráfico 20 - Os vídeos como facilitadores da memorização em Geografia.

Na última questão de resposta fechada (gráficos 19 e 20) sobre se a utilização dos vídeos ajuda a memorizar e a perceber os conteúdos lecionados, mais uma vez, os estudantes das duas turmas foram unânimes na sua opção, pois todos sem exceção assinalaram o Sim.

Podemos, assim, concluir que a utilização dos vídeos ajudou os alunos a concentrarem-se, interessarem-se, motivarem-se e participarem na aula. Efetivamente, podemos constatar durante as regências que os vídeos ajudavam os alunos a memorizar e motivavam-nos a participar. Nas reuniões de avaliação, as próprias professoras cooperantes referiram que os vídeos tinham sido um recurso muito importante para os alunos, pois tinham-nos ajudado a memorizar determinadas situações, descrevendo-as na ficha de avaliação e, quando questionados sobre os conteúdos, respondiam com determinadas passagens dos vídeos, sobretudo os educandos da disciplina de História.

Através dos dados obtidos, confirmou-se que os alunos se sentiram mais motivados e demonstram um maior desempenho quando neles foi despertado o interesse de aprender, sendo que esse resultado foi proveniente da motivação que o professor suscitou nos alunos, estando extremamente associado com a utilização dos recursos didáticos. Podemos assim concluir que, para os estudantes, é importante a variedade de recursos, estratégias e métodos. Efetivamente, a estagiária teve uma preocupação acrescida para conhecer bem os alunos de forma a criar recursos, estratégias, metodologias e técnicas pedagógicas e de aprendizagem que resultassem nas características e perfil dos alunos.

## 2.2 - Explicitação do plano de estágio.

O estágio pedagógico desenvolveu-se ao longo de cinco meses, de dezembro a abril, sendo composto por diversas fases: observação de aulas das professoras cooperantes, reuniões, supervisão pedagógica, participação na escola e relação com a comunidade. De acordo com os documentos que regularam a prática pedagógica, a formação e a avaliação dos estagiários alicerçou-se em três dimensões, que são transversais às duas áreas de saber:

I – Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem;

II – Participação na Escola e relação com a Comunidade;

III – Desenvolvimento Profissional<sup>6</sup>.

Quanto à **organização e gestão do ensino e da aprendizagem** (60% da avaliação final), esta dimensão está organizada em três domínios: planificação (15% da avaliação final), realização (30% da avaliação final) e avaliação (15% da avaliação final).

As ações e tarefas a desenvolver na planificação deverão ser pensadas com rigor científico e metodológico, no que respeita às aulas a lecionar nas turmas do professor cooperante ou de outros colegas da escola que colaborem com o núcleo de estágio. Quanto aos objetivos definidos para esta etapa, são os seguintes: aplicar os conhecimentos teóricos de História e Geografia, e das Ciências da Educação na planificação da atividade letiva; adequar as decisões pré-ativas ao contexto da escola, ao nível etário dos alunos e aos diagnósticos realizados.

Na componente da realização, as ações e tarefas a desenvolver relacionam-se com a lecionação de aulas nas turmas atribuídas ao professor cooperante ou a outros colegas da escola que colaborem com o núcleo de estágio, tendo como objetivo promover tarefas didáticas eficientes e eficazes; aplicar estratégias de diferenciação pedagógica adequadas; implementar aprendizagens significativas; promover o desenvolvimento cognitivo dos alunos.

No que respeita à avaliação, foi definido que as ações e tarefas a desenvolver são: criação ou auxílio do professor cooperante na elaboração de instrumentos de avaliação das aprendizagens, para aplicar nas aulas; cooperação com o professor

---

<sup>6</sup> Instrumento de registo e avaliação do trabalho desenvolvido no estágio do Mestrado em Ensino da História e da Geografia.

cooperante na correção de instrumentos de avaliação das aprendizagens referentes às aulas lecionadas; colaboração com o professor cooperante na análise e tomada de decisões relativamente aos resultados de avaliação das aprendizagens dos alunos. Os objetivos traçados foram os seguintes: regular o processo de ensino e de aprendizagem; analisar resultados de avaliação das aprendizagens do aluno.

A segunda dimensão, **participação na escola e relação com a comunidade** (20% da avaliação final) tem como ações e tarefas a desenvolver: participar em projetos de trabalho colaborativo na escola (conselhos de turma e reuniões de departamento); colaborar com os professores cooperantes na organização/dinamização de umas (ou mais) atividades do Departamento Curricular inserida(s) no Plano Anual de Atividades da Escola, com o objetivo de exercer a atividade profissional assumindo a escola como instituição educativa e contextualizando-a na comunidade em que se insere.

Em relação ao **desenvolvimento profissional** (20% da avaliação final), as ações e tarefas a desenvolver são conducentes à reflexão sobre o contexto cultural e social da escola e dos alunos, de forma a contribuir para a tomada de decisões pedagógicas, com base na análise dos instrumentos de autonomia da Escola: PEE, PCE, RI, PAA, PCT's; à participação ativa nas sessões de pré e pós observação das aulas que lecionou (heteroavaliação e autoavaliação), dando conta dos registos elaborados em protocolo de observação das aulas; à investigação-na-ação, como forma de resolver problemas da prática; ao estabelecimento de relações entre a prática pedagógica e os saberes construídos ao longo do curso. Os objetivos traçados são: refletir criticamente acerca do processo em que está envolvido; hetero avaliar e autoavaliar-se; integrar a formação inicial num processo de desenvolvimento profissional ao longo da vida.

Deste modo, a conceção da prática pedagógica só foi exequível após a análise dos diversos documentos (PEE, PCE, RI, PCT, etc.) que regem e regulam as turmas e a instituição de ensino, assim como a averiguação das condições materiais e humanas. Esta tarefa inicial foi fundamental na organização da atividade docente, pois permitiu planear, planificar o ensino e a aprendizagem de acordo com os alunos, o meio e os recursos.

A estagiária planeou todo o seu estágio pedagógico com um objetivo - motivar os alunos para a aprendizagem, ou seja, transformar os saberes científicos e

pedagógicos em estratégias conducentes a processos de ensino e de aprendizagem eficientes e eficazes. Desta forma, era crucial criar estratégias que estivessem adequadas às necessidades e características dos alunos, em função da sua diversidade e dos diferentes contextos de que são oriundos. Assim, tornou-se essencial obter informações sobre as características dos alunos. Desta forma, foram fundamentais os diálogos que tivemos com as professoras cooperantes e com os diretores de turma, assim como a observação de aulas e do funcionamento das mesmas. Foram atendidas de forma especial os seguintes aspetos: o ritual de abertura e encerramento da aula (atitudes, comportamento dos alunos e da professora), a forma como o docente operacionaliza a lição, a linguagem empregada, estratégias e recursos pedagógico/didáticos utilizados e as competências trabalhadas.

Este período inicial de observação revestiu-se de grande importância, uma vez que, desta forma, verificámos a motivação e a reação dos alunos às várias temáticas abordadas, às tarefas de resolução de exercícios e ainda a gestão do tempo necessário para a sua concretização.

### **2.2.1 - Início do estágio pedagógico: reuniões e observação de aulas das professoras cooperantes de História e Geografia.**

Para dar início à prática pedagógica, tanto em História como em Geografia, tornou-se necessário uma reunião conjunta entre as Professoras Cooperantes e o núcleo de estágio. Nestas reuniões, uma com a professora cooperante de História, Dr<sup>a</sup> Célia Gomes, e outra com a professora de Geografia, Dr<sup>a</sup> Idalina Leite, definiu-se um conjunto de tarefas a desenvolver: análise dos documentos estruturantes da escola, os dias em que teríamos reunião de orientação (todas as quartas e sextas-feiras, exceto quando não fosse pertinente), as datas e turmas em que iríamos realizar a observação das aulas e as aulas supervisionadas. Neste encontro ficaram também agendadas as reuniões de pré e pós observação das aulas observadas.

A **observação das aulas de História** realizou-se em quatro turmas: duas no 8<sup>o</sup> ano e duas no 10<sup>o</sup> ano, onde a professora cooperante era a titular.

Bloco	Turma	Ano	Data
1º Bloco de observação de aulas	V	10º Ano	09-12-2011
2º Bloco de observação de aulas	I	8º Ano	09-12-2011
3º Bloco de observação de aulas	II	8º Ano	12-12-2011
4º Bloco de observação de aulas	V	10º Ano	12-12-2011
5º Bloco de observação de aulas	II	8º Ano	14-12-2011
6º Bloco de observação de aulas	IV	10º Ano	05-01-2011
7º Bloco de observação de aulas	IV	10º Ano	09-01-2011

Tabela nº 3 – Observação de aulas da Professora Cooperante de História.

As aulas, nos dois anos de escolaridade, iniciaram-se com a entrega e correção da ficha de avaliação sumativa. As aulas seguintes do 8º ano versaram sobre a unidade temática “6 - Portugal no Contexto Europeu dos Séculos XVII e XVIII”, tendo como subunidade “O império português e a concorrência internacional”. As duas primeiras lições do 10º ano tiveram como unidade estudada “3 - O Espaço Civilizacional Greco-latino à Beira da Mudança” e a subunidade “3.1. O império universal romano-cristão”. As duas últimas versaram sobre a unidade “1 A identidade Civilizacional da Europa Ocidental” e as subunidades “1.1. Poderes e crenças – multiplicidade e unidade” e “1.2 O quadro económico e demográfico-expansão e limites do crescimento” (Anexos 3 a 9 – Protocolos de observação das aulas da professora cooperante de História).

Após a reunião com a professora cooperante iniciámos a prática pedagógica com a **observação das aulas de Geografia A**, em duas turmas, uma do 11º ano e outra no 12º ano.

Bloco	Turma	Ano	Data
1º Bloco de observação de aulas	V	11º Ano	10-01-2012
2º Bloco de observação de aulas	V	11º Ano	13-01-2012
3º Bloco de observação de aulas	V	11º Ano	17-01-2012
4º Bloco de observação de aulas	IV	12º Ano	17-01-2012
5º Bloco de observação de aulas	V	11º Ano	20-01-2012

Tabela nº 4 – Observação de aulas da Professora Cooperante de Geografia.

As lições no 11º ano incidiram sobre a unidade 3 “Os espaços organizados pela população” e sobre os Subtemas “3.1.1. As fragilidades dos sistemas agrários; 3.1.2. A agricultura portuguesa e a política agrícola comum”. No 12º ano, a unidade abordada foi “2 - O Mundo Policêntrico” e o subtema “2.2. A emergência dos novos centros de poder” (Anexos 10 ao 14 – Protocolos de observação das aulas da professora cooperante de Geografia.).

A observação das aulas das professoras cooperantes e as reuniões (orientação, pré e pós observação de aulas) permitiram reunir um conjunto de informações que possibilitaram avaliar os contextos de intervenção pedagógica e, conseqüentemente, problematizar teorias e prática da educação em História e em Geografia. Vários temas foram objeto de **observação e problematização**, por nos parecerem mais relevantes e significativos, como a motivação e conseqüente aprendizagem. Ao longo deste período, tentámos observar os recursos, metodologias e atividades que despertavam mais interesse ou dedicação nos alunos. Assim, as primeiras sessões de observação das práticas letivas das nossas orientadoras e do comportamento e atitudes dos nossos alunos em contexto sala de aula originaram uma série de **interrogações**, nomeadamente: Que tipo de tarefas/atividades são propostas? Qual é a sua intenção e impacto na turma? Que tipos de leitura e interpretação de fontes são implementados? Quais são os papéis do professor e do aluno? Que estratégias e métodos são utilizados para promover a motivação e a aprendizagem? Será que funcionam?

Paralelamente, durante este período, verificámos que o manual escolar era utilizado, sobretudo nas aulas de História, bem como outros recursos didáticos, como, por exemplo, o computador. Deste modo, algumas questões foram sendo delineadas, igualmente, nomeadamente: Com que frequência ele é usado? Quais são os objetivos dos seus usos? Que tipos de textos do manual são explorados (textos do autor, natureza e tipo de fontes: verbais, icónicas...)? Verificámos que, em História, o computador era utilizado para a visualização de *PowerPoint*. No entanto, em Geografia, este recurso era utilizado para aceder à internet e a sites (INE, Google Earth,...), e para fazer a visualização de notícias; os alunos eram chamados a participar e o computador era utilizado como recurso, gerando um clima de satisfação e de motivação. Naturalmente, estamos cientes que a natureza epistemológica da História e da Geografia condiciona as práticas dos professores e que as características da turma influenciam, de forma acentuada,

as estratégias a adotar em cada momento. Por isso, a observação das aulas revelou-se fundamental como prelúdio para a implementação do projeto de lecionação.

Com base na perspectiva construtivista da educação que adotamos, enquanto estagiários e profissionais, o ensino não é considerado um fim em si; ele almeja a **aprendizagem** pelo aluno, para o que é necessário proporcionar-lhe “a oportunidade de uma experiência concreta e contextualmente significativa” (Fosnot, 1996, 10). Partilhámos da ideia de César Coll (s/d), quando este afirma que tão importante quanto o que se ensina e se aprende é como se ensina e como se aprende.

Esta visão também pressupõe que a aprendizagem deve partir do aluno. Porém, induz para o papel fundamental que o professor ocupa neste processo de fazer aprender. Estudos sobre a **aprendizagem** (Ribeiro e Ribeiro, 1989; Ribeiro, 1993; Roldão, 2000 a; Pinto e Santos, 2006; Arends, 2008; Sousa, 2012) indicam que esta pode ser **facilitada**, uma vez que: *i)* a compreensão facilita a aprendizagem, logo torna-se mais fácil desenvolver abstrações quando a compreensão subjacente a um conceito foi incorporada; *ii)* quanto mais significativo é o material aprendido mais facilmente ocorre e perdura a aprendizagem; *iii)* a construção de uma base organizada de conhecimento facilita a aquisição e a recuperação da nova informação; *iv)* as mnemónicas são estratégias para auxiliar a aquisição e a recuperação do material aprendido e podem ser verbais ou não verbais; *v)* a velocidade de processamento de informação e a codificação aumentam razoavelmente com a idade; *vi)* a aprendizagem é mais eficaz quando é distribuída no tempo.

No caso específico do contexto escolar, sobre o qual incidimos, o conhecimento a ser construído pelos alunos depende do seu envolvimento ativo, pois implica a mobilização dos conhecimentos tácitos que possui “o processo de aprendizagem afeta esse conhecimento tácito dos alunos, que persiste, se mescla com o novo, e que voltará a ser usado em novas situações, tarefas ou problemas, escolares ou não, e com novas configurações” (Melo, 2008, p. 33).

## 2.2.2 - Cronograma de atividades na disciplina de História.

### 2.2.2.1 - Organização e gestão do ensino e da aprendizagem.

Em conformidade com os documentos de base que regulamentaram o estágio, bem como com as ações e os objetivos já definidos, nas páginas anteriores deste capítulo, e após a fase de observação das aulas lecionadas pela professora cooperante, seguiu-se a planificação e a realização das regências que a estagiária iria executar. As duas aulas assistidas tiveram a duração de 90 minutos cada.

De seguida apresentamos a tabela com o cronograma das ações de **planificação** do processo de ensino e de aprendizagem (planificações das unidades e das duas regências):

Assunto	Data
Planificação da unidade F2 - Absolutismo e Mercantilismo numa sociedade de Ordens.	05-01-2012
Planificação da 1ª aula da estagiária.	03/04-01-2012
Planificação da unidade G2 - O Triunfo das Revoluções Liberais.	28-03-2012
Planificação da 2ª aula da estagiária.	10/11-04-2012

Tabela nº 5 – Ações de planificação do processo de ensino e de aprendizagem.

De seguida apresentamos a tabela com o cronograma da **realização** no processo de ensino e de aprendizagem (aulas assistidas da estagiária):

Assunto	Data
<b>1ª Aula</b>   A Sociedade de Ordens.	09-01-2012
<b>2ª Aula</b>   A Revolução Francesa.	19-03-2012

Tabela nº 6 – Aulas de História lecionadas pela estagiária (8º Ano).

Quanto à **avaliação**, a operacionalização neste domínio, para além das fichas de trabalho, também se traduziu na realização de uma *webquest* (45 minutos), assunto que iremos descrever no capítulo 3. Esta atividade foi desenvolvida pelo núcleo de estágio, com o objetivo de aferir o sucesso obtido no processo de ensino e de aprendizagem.

De seguida apresentamos a tabela com o cronograma da avaliação do processo de ensino e de aprendizagem (elaboração das fichas de trabalho e *webquest*):

<b>Assunto</b>	<b>Data</b>
Elaboração da ficha de trabalho para a 1ª aula.	05-01-2012
Elaboração da ficha de trabalho para a 2ª aula.	13-03-2012
Elaboração das questões da <i>Webquest</i>	12-12-2011
Criação de grelha de avaliação da <i>Webquest</i>	19-12-2011
Elaboração de certificados da <i>Webquest</i>	20-01-2012
Reunião de núcleo de estágio para verificação de resultados obtidos e atribuição de níveis	26-01-2012

Tabela nº 7 – Ações de construção de elementos de avaliação.

### 2.2.2.2 - Participação na escola e relação com a comunidade

De seguida apresentamos a tabela com o cronograma do **trabalho colaborativo** no processo de ensino e de aprendizagem (conselho de turma):

<b>Assunto</b>	<b>Data</b>
Conselho de Turma 8ºI	20-01-2012

Tabela nº 8 – Projetos de trabalho colaborativo nos quais a estagiária participou

E a tabela com o cronograma da **participação em atividades do departamento curricular inseridas no PAA** (ação de motivação e visita de estudo):

<b>Assunto</b>	<b>Data</b>
Ação de motivação para a visita de estudo a Lisboa do 10º2	09-03-2012
Visita de estudo a Lisboa (dinamização e orientação da visita no Mosteiro dos Jerónimos)	13-03-2012

Tabela nº 9 – Atividades do departamento curricular do PAA, nas quais a estagiária participou e dinamizou.

### 2.2.2.3 - Desenvolvimento profissional.

Foram as seguintes as **reuniões de pré e pós observação das aulas da professora cooperante** no processo de ensino e de aprendizagem (reuniões de pré e pós observação):

Assunto	Data
Reunião de pré observação do 1º bloco de aulas	05-12-2011
Reunião de pós observação do 1º bloco de aulas	07-12-2012
Reunião de pré observação do 2º,3º e 4º bloco de aulas	09-12-2012
Reunião de pós observação do 2º,3º e 4º bloco de aulas	14-12-2012
Reunião de pré observação do 5º bloco de aulas	04-01-2012
Reunião de pós observação do 5º bloco de aulas	06-01-2012
Reunião de pré observação do 6º e 7 blocos de aulas	06-01-2012
Reunião de pós observação do 6º e 7 blocos de aulas	10-01-2012

Tabela nº 10 – Reuniões de pré e pós observação das aulas da docente cooperante

No que respeita à **investigação-na-ação** no processo de ensino e de aprendizagem, foram as seguintes as sessões formativas em que a estagiária participou:

Assunto	Data
Conferência sobre “ A voz – Reabilitação, Colocação, Locução e Projeção” com o Prof. Dr. Pais Clemente.	14-12-2012
Curso de Profissionalização na Universidade Aberta	01-2012 a 02-2013

Tabela nº 11 – Investigação-na-ação

Logo no início da formação, e como foi anteriormente referido, tornou-se necessário proceder à **análise dos documentos reguladores e orientadores da escola e turma** no processo de ensino e de aprendizagem, de acordo com o seguinte cronograma:

Assunto	Data
Análise do PEE, PCE, RI, PAA da Escola António Sérgio	20/21/22/2 -12-2011
Análise do PCT do 8º1	02/03-01-2012

Tabela nº 12 – Análise dos documentos reguladores da escola e da turma

## 2.2.3 - Cronograma de atividades na disciplina de Geografia.

### 2.2.3.1 - Organização e gestão do ensino e da aprendizagem.

Na área de Geografia o estágio pedagógico obedeceu também aos mesmos critérios definidos para a disciplina de História. Assim, as duas aulas assistidas também tiveram a duração de 90 minutos cada.

De seguida apresentamos a tabela, cronograma das ações de **planificação** do processo de ensino e de aprendizagem (planificações das unidades e das duas regências):

Assunto	Data
Planificação da Unidade 4 - A População como se movimenta e comunica.	11/25-01-2012
Planificação da 1ª aula da estagiária.	03/04-02-2012
Planificação da 2ª aula da estagiária.	17/18-02-2012

Tabela nº 13 – Ações de planificação do processo de ensino e de aprendizagem

De seguida apresentamos a tabela, cronograma da **realização** no processo de ensino e de aprendizagem (aulas assistidas da estagiária):

Assunto	Data
<b>1ª Aula</b> Os transportes.	07-02-2012
<b>2ª Aula</b> As redes de comunicação.	24-02-2012

Tabela nº 14 – Aulas de História lecionadas pela estagiária (11º Ano)

Quanto à **avaliação**, a operacionalização neste domínio, realizou-se com a elaboração de instrumentos de avaliação desde de fichas de trabalho, jogos didáticos e construção de questões para a ficha de avaliação.

De seguida apresentamos a tabela, cronograma da avaliação no processo de ensino e de aprendizagem (elaboração das fichas de trabalho e questões para a ficha de avaliação):

<b>Assunto</b>	<b>Data</b>
Elaboração da ficha de trabalho para a 1ª aula.	05-01-2012
Elaboração do jogo didático – com imagens (1ª aula).	03-01-2012
Elaboração do jogo didático – palavras cruzadas (2ª aula).	17-02-2012
Elaboração da ficha de trabalho para a 2ª aula.	19-02-2012
Elaboração de questões para a ficha de avaliação.	02-03-2012
Reunião com o Professor Cooperante para verificar e retificar as questões da ficha de avaliação elaborado pelos estagiários – elaboração da 2ª versão	05-03-2012
Correção da ficha de avaliação sumativa.	07-03-2012

Tabela nº 15 – Ações de construção de elementos de avaliação.

### **2.2.3.2 - Participação na escola e relação com a comunidade.**

De seguida apresentamos a tabela, cronograma do **trabalho colaborativo** no processo de ensino e de aprendizagem (conselho de turma):

<b>Assunto</b>	<b>Data</b>
Conselho de Turma 8º I	20-01-2012
Reunião de Grupo de Geografia (420).	07-03-2012
Redação da ata da Reunião de Grupo.	08-03-2012
Conselho de Turma 11º III.	27-03-2012

Tabela nº 16 – Projetos de trabalho colaborativo nos quais a estagiária participou

De seguida apresentamos a tabela, cronograma da **participação em atividades do departamento curricular inseridas no PAA** (ação de motivação e visita de estudo):

<b>Assunto</b>	<b>Data</b>
Visita de estudo ao Nordeste Transmontano.	23-03-2012

Tabela nº 17 – Atividades do departamento curricular do PAA, nas quais a estagiária participou e dinamizou

### 2.2.3.3 - Desenvolvimento profissional.

De seguida apresentamos a tabela, cronograma das **reuniões de pré e pós observação das aulas da professora cooperante** no processo de ensino e de aprendizagem (reuniões de pré e pós observação):

Assunto	Data
Reunião de pré observação do 1º e 2º bloco de aulas	04-01-2012
Reunião de pós observação do 1º e 2º bloco de aulas	04-01-2012
Reunião de pré observação do 3º bloco de aulas	11-01-2012
Reunião de pós observação do 3º bloco de aulas	13-01-2012
Reunião de pré observação do 4º bloco de aulas	13-01-2012
Reunião de pós observação do 4º bloco de aulas	18-01-2012
Reunião de pré observação do 5º bloco de aulas	13-01-2012
Reunião de pós observação do 5º bloco de aulas	18-01-2012

Tabela nº 18 – Reuniões de pré e pós observação das aulas da docente cooperante

De seguida apresentamos a tabela, cronograma relativo às iniciativas de **investigação-na-ação** no processo de ensino e de aprendizagem em que a estagiária participou, e que são as já referidas na parte relativa à disciplina de História:

Assunto	Data
Conferência sobre “ A voz – Reabilitação, Colocação, Locução e Projeção” com o Prof. Dr. Pais Clemente.	14-12-2012
Curso de Profissionalização na Universidade Aberta	01-2012 a 02-2013

Tabela nº 19 – Investigação-na-ação

De seguida apresentamos a tabela, cronograma **da análise dos documentos reguladores e orientadores da escola e turma** no processo de ensino e de aprendizagem, também estes coincidentes com a tabela já apresentada para a disciplina de História:

Assunto	Data
Análise do PEE, PCE, RI, PAA da Escola António Sérgio	20/21/22/23-12-2011
Análise do PCT do 11º III	02/03-01-2012

Tabela nº 20 – Análise dos documentos reguladores e orientadores da escola e da turma.

## **CAPITULO 3: DESCRIÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO DAS ATIVIDADES DE ESTÁGIO NO ÂMBITO DAS TRÊS ÁREAS DE FORMAÇÃO**

### **3.1. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem nas aulas de História e Geografia: planificação, realização e avaliação.**

O plano de estágio, tanto em História como em Geografia, foi desenvolvido de forma diacrónica e a organização e gestão do ensino e da aprendizagem (planificação, realização e avaliação) tiveram aspetos em comum, apesar de serem disciplinas diferentes. Desta forma, consideramos fundamental fazer uma introdução/contextualização bibliográfica comum para fundamentar opções feitas ao longo do estágio pedagógico. Assim, de seguida refletimos e fundamentamos a organização e gestão do ensino e da aprendizagem nas aulas de História e Geografia a nível da planificação, realização e avaliação.

Torna-se importante referir que, para a explanação dos temas que se seguem, em muito contribuíram os conhecimentos adquiridos pela estagiária ao longo da sua atividade profissional e formação (o curso de formação pedagógica inicial de formadores, a parte curricular do Mestrado em Ensino de História e Geografia, sobretudo a cadeira de didática da História e da Geografia, e o curso de profissionalização em serviço da Universidade Aberta - princípios de didática, educação e sociedade, modelos de avaliação pedagógica, gestão de conflitos na escola, ética e educação entre outras). Na realização destas formações e cursos, a estagiária realizou leituras de diversos autores para a elaboração de trabalhos e estudo para as fichas de avaliação. Destas leituras a estagiária assimilou conhecimentos e competências que, de seguida, demonstra nos parágrafos que se seguem.

### 3.1.1 – Planificação.

A planificação organiza a tarefa docente, uma vez que contribui para reduzir as suas incertezas e inseguranças quando se confronta com uma turma. Ensinar é mais do que falar; desta forma, as aulas, expositivas ou não, requerem uma extensa preparação para serem bem-sucedidas. Planificar implica que o professor processe informação prévia e formule hipóteses sobre o possível resultado das atividades que selecionou, sobre a adequação dos conteúdos e do tempo dedicado a cada conteúdo. É portanto um processo diretamente orientado para a ação, em que se misturam elementos de pensamento, juízo e tomada de decisões sobre que conteúdos a incluir na apresentação (Braga, 2001, Braga *et al* 2004; Arends, 2008). Um professor tem, no início do ano letivo, o conteúdo programático definido superiormente. Assim, os docentes conhecem as finalidades do seu exercício. Uma das funções do professor é ser “mediador entre o sujeito que aprende (o aluno) e os conhecimentos a aprender” (Proença, 1992, 33), ou seja, deve refletir sobre a informação prévia que possui sobre os alunos e formular hipóteses sobre o possível resultado das atividades que selecionou, sobre a adequação dos conteúdos e do tempo dedicado a cada conteúdo. Deste modo, deve refletir sobre a melhor forma de organizar os conteúdos para que estes sejam lógicos e significativos para os alunos, o que requer uma extensa preparação da planificação por parte do professor (Ribeiro e Ribeiro, 1989; Zabalza, 1992; Arends, 2008).

O processo de planificação está sujeito a várias condicionantes exteriores: ao aluno, ao professor e mesmo à escola. No entanto, o papel do professor é essencial na planificação do processo de ensino e de aprendizagem, sendo que, se a reflexão e a gestão curricular adotadas se manifestarem adequadas às necessidades e interesses dos alunos, poderemos ter maiores probabilidades de obter sucesso nas atividades letivas (Ribeiro e Ribeiro, 1989; Arends, 2008).

Podemos, assim, identificar quatro grandes ordens de fatores que influenciam o processo de planificação, são elas: *i)* o facto do plano estar sujeito ao currículo e programa da disciplina; *ii)* num aspeto mais macro, as deliberações de carácter legislativo emanados pelos respetivos órgãos competentes, nomeadamente de âmbito político; *iii)* por outro lado, o plano tem que ser adequado às características dos alunos (idade, características cognitivas, socioeconómicas,

culturais, entre outras); *iv*) por último, o meio e o contexto escolar têm que ser tidos em conta na elaboração do plano, ao nível das características da escola e da comunidade em que esta se insere (Nóvoa, 1991; Pinto e Santos, 2006; Arends, 2008).

O processo de planificação pode ser estruturado em três subtipos de planificação (planificação a longo prazo, a médio prazo e a curto prazo), que se diferenciam entre si pela abrangência temporal da atividade que é planificada (Proença, 1990; Braga, 2001; Braga *et al* 2004; Arends, 2008).

A **planificação a longo prazo** trata da organização do ensino numa perspetiva temporal relativamente longa. Aqui se inclui a planificação da gestão dos diversos conteúdos de ensino, recorrendo-se a esquemas conceptuais, no âmbito de temas organizadores ou unificadores, de unidades de ensino ou unidades didáticas e mesmo subunidades didáticas. Proença (1990) considera que, neste tipo de planificação, deve ser detetável uma clara linha conceptual.

Por **plano a médio prazo** entende-se a planificação ao nível de unidade didática. **Planificação a curto prazo** é a planificação da aula. A planificação a médio prazo, segundo Proença (1990), deve contemplar uma linha conceptual, pré-requisitos (ou seja, aquilo que se pressupõe que o aluno domine, previamente, em termos conceptuais e de conhecimentos), definição de objetivos gerais e a sua operacionalização em objetivos específicos, conteúdos organizados, estratégias de ensino, avaliação e uma previsão temporal dos tempos letivos, relacionados com a estruturação da matéria a abordar. Alguns elementos devem acompanhar uma planificação a médio prazo, como o material necessário à sua execução, uma tabela de especificação dos objetivos e conteúdos, materiais de avaliação formativa, materiais de avaliação sumativa, atividades de remediação ou de enriquecimento e bibliografia utilizada. Assim, “a planificação será sempre um marco de referência necessário para o professor verificar até onde chegou e o que lhe falta ainda alcançar” (Proença, 1990, p. 150).

Uma **boa planificação** envolve: escolha dos objetivos e do conteúdo da apresentação, diagnóstico do conhecimento prévio dos alunos, seleção e escolha dos métodos de ensino adequados, correta seleção das estratégias de motivação dos alunos. Uma planificação eficaz origina um ambiente de aprendizagem

produtivo, pois planifica-se com determinadas finalidades e para um público específico; de outro modo, a planificação não será nem adequada nem exequível (Ribeiro e Ribeiro, 1989; Proença, 1990 e 1992; Zabalza, 1992; Braga, 2001; Braga *et al*, 2004; Arends, 2008).

As investigações têm revelado as **vantagens da planificação** e que a definição de objetivos tem consequências, tanto para a aprendizagem, como para o comportamento dos alunos na sala de aula. Uma boa planificação pode contribuir para melhorar a **motivação do aluno**, ajudar a focalizar a aprendizagem do aluno e a **diminuir os problemas de gestão da sala de aula**. Os processos de planificação iniciados pelos professores podem dar um sentido de direção, tanto aos alunos como aos professores, e podem ajudar os alunos a terem consciência dos fins implícitos nas tarefas de aprendizagem que têm de cumprir (Nóvoa, 1991; Gomez, 1995; Estrela, 1996; Braga, 2001; Braga *et al*, 2004;). Estudos importantes realizados nos EUA na década de 70, por Duchastel e Brown, citados por Arends (2008), concluíram que a planificação e a definição de objetivos da aprendizagem produzem um efeito de **concentração nos alunos**. Por outro lado, o facto de o professor dar muita importância aos objetivos pode também limitar a valorização de outras aprendizagens importantes por parte dos alunos. Na mesma altura, Zahorik, investigador americano citado por Arends (2008) conduziu estudos sobre os efeitos da **planificação no comportamento dos professores**, concluindo que a planificação pode também apresentar **aspectos negativos** não previstos. Pode, por exemplo, fazer com que o professor, na tentativa de prosseguir com os seus objetivos, **limite a iniciativa** do estudante na aprendizagem e se torne menos sensível às ideias dos seus alunos. Mas a eliminação da planificação poderia também originar uma aprendizagem completamente ao acaso e improdutiva. Zahorik, citado por Arends (2008), conclui ainda que, se uma aula deve ser eficaz, poderá ser necessário que tenha alguma direção na forma de objetivos e experiências, por mais gerais e vagos que possam ser, recomendando para tal que os professores estabeleçam objetivos centrados no seu próprio comportamento (Arends, 2008).

Outra consequência importante da planificação dos professores é que a aula decorre de uma forma regular, com menos problemas de disciplina e menos interrupções. Os professores que planificam bem descobrem que as suas aulas

se caracterizam por um fluir tranquilo de ideias, atividades e interações (Estrela 1992; Perrenoud,1997; Braga, 2001; Braga *et al*, 2004; Arends, 2008).

O **modelo e a estrutura da planificação** utilizada durante o estágio pedagógico foi fornecido pela Universidade, sendo o resultado de um trabalho desenvolvido na disciplina de didática, sob a orientação da Professora Doutora Fátima Braga. Este documento de planificação, tanto de aula como de unidade, inicia-se definindo-se o conceito-chave e uma situação problema relativamente aos conteúdos a abordar, seguindo-se os objetivos centrais da unidade ou da aula, o esquema conceptual, as ideias tácitas dos alunos (ideias prévias dos alunos), identificação dos conceitos novos a trabalhar, as capacidades a desenvolver, as experiências de aprendizagem a propiciar aos alunos, métodos/estratégias a aplicar. Similarmente foram determinadas as competências gerais, essenciais e específicas das disciplinas de História e Geografia. Os recursos e as fontes também integram o nosso modelo de planificação, bem como a sequência a dar à aula, em termos de diferenciação pedagógica. Por fim, a avaliação (intercalar e final) e o sumário, no plano de aula, ou sumários no caso do plano de unidade.

A criatividade, o rigor, a exatidão e a inspiração são condições imprescindíveis para todos os profissionais da docência. Quando se organiza um plano de aula, de ano, ou de unidade, é importante ter em conta as diversas fases ou elementos que a constituem; deve-se refletir sobre os assuntos, sob pena de colocar em causa um eficiente desenvolvimento da aula. As finalidades constituem os grandes objetivos ou propósitos de um plano de educação e expressam um desígnio geral, ministrando uma diretriz para a globalidade da sessão educativa. Sempre que possível, devem relacionar-se os objetivos com a matéria dada anteriormente, com os saberes, a experiência ou vivência dos alunos, através de uma "sondagem informal", ou seja, recorrendo a várias técnicas de questionamento e estratégias e recursos como, por exemplo, a nuvem de palavras (jogo didático). Um outro aspeto fundamental a ter em consideração é a forma como se procede para interessar, envolver e motivar o aluno, de forma a estimular o desejo de estudar e descobrir o conteúdo apresentado. O professor deve realizar uma planificação orientada em conformidade com o público-alvo específico, em função do contexto concreto da formação, que engloba a idade, as habilitações profissionais, as situações emocionais, entre muitos aspetos (Estrela

1992; Roldão, 2000 a; Braga, 2001; Braga *et al*, 2004; Arends, 2008; Estanqueiro 2010).

Jean Piaget considera que "o professor não ensina, mas arranja modos de a própria criança descobrir. Cria situações-problema" (<http://kdfrases.com/frase/104094>, acessado no dia 22 de junho de 2013). A **situação-problema** desempenha uma tripla função: é motivadora, exploratória e orienta a avaliação. Consiste na resolução de atividades ou de problemas apresentados ao longo da aula. A situação-problema deve corresponder a uma necessidade, deve colocar um desafio e ser reconhecida como útil em termos de conhecimento da realidade ou de investimento. A situação problema apresenta as seguintes características: explicação, aplicação, demonstração e debate.

Uma planificação deve ser precisa, de forma a avaliar o acompanhamento dos educandos, para que seja possível verificar, avaliar, controlar e compreender o grau de domínio atingido, sem ambiguidade. Caso os objetivos não tenham sido atingidos, o professor deve analisar as causas e os motivos que originaram esta situação, para desta forma recuperar o que não foi apreendido.

Até há duas décadas atrás, os termos **finalidades e objetivos** eram utilizados para especificar o que os alunos deviam aprender. No entanto, nas duas últimas décadas, o termo **competências** foi depois considerado mais apropriado para expressar importantes resultados de aprendizagem. Um padrão de competência ou de desempenho é uma declaração sobre o que os alunos devem saber ou ser capazes de fazer, e que níveis de desempenho devem ter em várias matérias. Estes padrões são normalmente escritos com um nível de abstração tal, que lhes permitem ser aceites por um grande número de participantes no ensino. Os currículos têm sido elaborados tradicionalmente a partir das várias disciplinas académicas consideradas fundamentais para a educação das pessoas. Por sua vez, as orientações curriculares têm uma grande influência no que é ensinado nas escolas, porque as provas de aferição de conhecimento são normalmente elaboradas à volta dos padrões de desempenho identificados nas linhas orientadoras (Ribeiro e Ribeiro, 1989; Proença, 1992; Zabalza, 1992; Gomez, 1995; Estrela e Estrela, 1997; Nóvoa, 1997; Braga, 2000; Braga *et al*, 2004). Hoje fala-se em metas de aprendizagem.

Convém ter uma ideia do que se entende por competências no âmbito educativo. Assim, Zabala apresenta um conceito de competência claro e conciso, adaptável a qualquer cenário da atividade humana: “la capacidad o habilidad de efectuar tareas o hacer frente a situaciones diversas de forma eficaz en un contexto determinado. Y para ello es necesario movilizar actitudes, habilidades y conocimientos al mismo tiempo y de forma interrelacionada.” (Zabala, cit. por Arends, 2008, pp. 43-44).

O conceito de competência aplicada à educação é mais amplo e profundo, na medida em que a competência é vista como a capacidade de, no nosso dia-a-dia, conseguirmos resolver os problemas que surgem, através da mobilização rápida e interrelacionada de recursos adquiridos e construídos ao longo da nossa vida, por via da experiência e das aprendizagens, o que implica conhecimentos expressos nos procedimentos e nas atitudes (Barreira e Moreira, 2004; Arends, 2008).

Os **objetivos** são o resultado das aprendizagens visadas, isto é, o resultado que se espera que os alunos obtenham do processo de ensino-aprendizagem. Os objetivos assemelham-se a mapas de estradas, ajudam os professores e alunos a conhecer os caminhos que estão a percorrer e a conhecer se o destino já foi alcançado. Educar implica um fim ter em vista determinados objetivos que clarificam os conteúdos, os conhecimentos, capacidades, aprendizagens que os alunos devem adquirir no final da aula ou unidade. Mager considera que se um professor “comunicar a um aluno os objetivos da sua aprendizagem talvez não tenha que fazer mais nada” (Mager, 1983, pp. 54)<sup>7</sup>. A informação dos objetivos possibilita ao educando situar-se em relação ao fim a atingir; tomar consciência do que lhe vai ser exigido, o que lhe permitirá distinguir o essencial do acessório. Os objetivos são instrumentos de comunicação, uma vez que possibilitam um entendimento fácil entre os vários intervenientes ou interessados no processo de educação. Durante um processo de educação e de ensino-aprendizagem, podem existir várias intenções e as interpretações do que se pretende, por parte dos professores e alunos, pode ser diferente. Desta forma, com a comunicação inicial dos objetivos, a ambiguidade diminui. As ambiguidades que rodeiam a educação, como os temas centrais, as ideias elementares, os conhecimentos genéricos e

---

<sup>7</sup> Alguns estudos desenvolvidos sobre este assunto, do efeito do conhecimento dos objetivos nos resultados obtidos pelos alunos, concluíram que, na maioria dos casos, os resultados alcançados por aqueles que conheciam os objetivos da sua aprendizagem, eram superiores, em relação, aos que não tinham qualquer informação a esse respeito.

difusos, são eliminadas com a apresentação dos objetivos. Os alunos adquirem com estes clareza e objetividade de procedimentos ao longo do processo educativo. É também garantida uma congruência entre os resultados desejados e os alcançados.

Se uma das principais finalidades do ensino é modificar o aluno e a sua integração na sociedade, há que considerar não só o desenvolvimento das suas potencialidades cognitivas; a capacidade de integração, as relações humanas, o sentido da responsabilidade constitui conhecimentos imprescindíveis. Deve-se desenvolver um ensino centrado em objetivos que ultrapassem o nível da simples memorização.

Os objetivos devem ser redigidos de forma clara, tendo em vista não só as capacidades que se espera ver adquiridas pelos alunos ao nível do saber, saber-fazer e ao nível das atitudes e dos comportamentos.

Quanto às **ideias tácitas** dos alunos, ou **ideias prévias**, há que as distinguir dos **pré-requisitos**, estes são o conjunto de saberes solicitado pela aprendizagem, enquanto as primeiras são todas as representações que o aluno possui, quer certas, quer erradas. O aluno pode ter adquirido muitas aprendizagens, mas só algumas constituem os pré-requisitos. Não é possível verificar todos os conhecimentos anteriores, já que são comumente muito numerosos, mas é importante perceber quais as representações mais fortes que um aluno possui sobre as situações alvo de reflexão. Devem, também, ser indicados os conhecimentos que são específicos e imprescindíveis para a compreensão e apreensão da matéria prevista para a aula em causa. Estes procedimentos são indispensáveis para alcançar com êxito o domínio dos objetivos previstos.

A componente do plano de aula que diz respeito às estratégias/recursos, nomeadamente a sua escolha e seleção, está intimamente relacionada com a definição das competências e dos indicadores de aprendizagem, previamente elaborada, pelo que, o professor tem um papel essencial neste campo, de forma a atingir os “objetivos” operacionais fixados. Como referem Barreira e Moreira, no campo das estratégias/recursos devem ser referidos “os recursos e as estratégias a implementar, com vista à aquisição de saberes, ao desenvolvimento das capacidades e à resolução de problemas em contexto.” (Barreira e Moreira, 2004, p. 7).

As provas de avaliação têm por finalidade testar as competências adquiridas em função dos objetivos fixados. O docente deve ter, portanto, uma visão clara dos objetivos/finalidades a atingir, de forma a orientar a aprendizagem com segurança e elaborar os instrumentos de avaliação adequados. A verificação dos resultados não deve ocorrer somente no final da aula, mas durante todo o processo de ensino e de aprendizagem, de modo a verificar-se o conhecimento adquirido. A verificação também deve servir de análise em relação à eficiência do professor (a forma como usou os seus meios).

O nosso projeto de estágio, como já referido, iniciou com as aulas de observação das professoras cooperantes, a que se seguiam as reuniões de balanço de pré e pós observação. Este período de observação e partilha de informação foi crucial para o sucesso da planificação das aulas supervisionadas, pois tivemos contacto direto com os alunos e procedemos à leitura e análise do plano curricular de turma. Com este **conhecimento prévio dos alunos** associado à **experiência profissional** em diversos contextos e faixas etárias, como já desenvolvido no capítulo I, adequamos os recursos, as técnicas pedagógicas e os métodos de ensino aos alunos e às suas características e competências. Consideramos que na nossa planificação **individualizamos a instrução**<sup>8</sup> (Braga, 2000, 2010 e 2011; Braga *et al*, 2004; Arends, 2008).

Na elaboração da planificação e na escolha dos recursos didáticos (vídeos, imagens, gráficos, tabelas e mapas), tivemos como objetivo central despertar a **motivação dos alunos**, de forma a refletir-se na sua **aprendizagem**, ou seja, a nossa planificação está **centrada nos alunos** e desenvolve-se segundo uma perspetiva construtivista. Os alunos devem ser vistos como construtores da sua aprendizagem; desta forma, há que considerar e relevar o conhecimento tácito substantivo histórico (Melo, 2008) e geográfico que eles transportam. Assim, defende-se que se deva partir das conceções dos alunos e aproveitar, daquelas,

---

<sup>8</sup> Os professores podem utilizar a planificação para individualizar a instrução para desta forma irem ao encontro das necessidades dos alunos. Ao fazerem uma planificação cuidadosa, os professores podem dar mais tempo para que alguns alunos completem os trabalhos, ajustar o nível de dificuldade dos materiais e instrumentos de avaliação proporcionando atividades de ensino variadas. Os alunos não vão para as aulas com os mesmos conhecimentos prévios e competências desta forma a planificação do professor deve refletir maneiras de ajudá-los a progredir de acordo com as suas capacidades. Algumas formas para individualizar o ensino através da planificação: variar o tempo, adaptar matérias, utilizar diferentes atividades de aprendizagem, variar os objetivos de aprendizagem (Balanchó, e Coelho, 1996; Perrenoud, 1997b e c; Roldão, 2000 a; Flores, 2000; Arends, 2008; Estanqueiro, 2010).

as mais úteis, de modo a que se possa, na simbiose professor/ alunos, construir conceitos e ideias mais válidas. “A aprendizagem é uma atividade construtiva que os próprios alunos têm de realizar” e por conseguinte, o professor deve proporcionar aos alunos oportunidades e incentivos para que ela ocorra (Fosnot, 1996, 20).

Assim, e porque os alunos não vão para as aulas com os mesmos conhecimentos prévios e competências, a planificação do professor deve refletir maneiras de ajudá-los a progredir de acordo com as suas capacidades. Através do processo de planificação, os professores podem variar o tempo, as matérias e as atividades de aprendizagem para irem ao encontro das necessidades de cada aluno da turma. Efetivamente, esta foi uma das preocupações a ter em linha de conta na elaboração das planificações de aula, pois sabíamos que teríamos de **adequar determinadas questões e atividades aos alunos**. Na nossa planificação refletimos sobre os reforços positivos de forma a incentivar e motivar os alunos, pois concordamos que “se o dever não for acompanhado por estímulos, apoios e recompensas, o estudo torna-se penoso e pouco rentável” (Monteiro, 2002, p. 41) (anexos 21, 28, 34 e 39, referentes às planificações de aula de História e Geografia, respetivamente).

É importante salientar que o facto de se elaborar um plano é tão importante quanto é relevante ser-se capaz de o pôr de lado, pois por vezes existem situações em que é fundamental deixar de lado a planificação e valorizar as necessidades dos domínios afetivo e psicomotor. Uma aula deve ser viva e dinâmica e o professor e as suas qualidades pessoais e de justiça social desempenham um papel fundamental na motivação dos alunos. O professor deve preparar as suas planificações para acontecimentos imprevistos na sala de aula e não ficar refém do plano elaborado, perdendo o “fio à meada” quando o desenrolar da aula não corre como o previsto. Para isso, Maria Cândida Proença (1990) refere que as planificações não devem ser rígidas e devem estar sujeitas a alterações mediante o desenrolar da atividade letiva. A planificação tem que ser encarada como dinâmica e adaptável a diferentes circunstâncias, servindo de referência para o professor se orientar e verificar os objetivos alcançados e aqueles que ainda estão por alcançar. Assim, e no decorrer de qualquer processo, deve-se **refletir e avaliar, as planificações** e as aulas (Proença, 1992; Nóvoa, 1997; Pinto e Santos, 2006; Arends, 2008). Desta forma, para além de

planificar a aula, no final da mesma tivemos a preocupação de a avaliar e de refletir sobre a mesma, para autorregulação, para analisar o que tinha corrido bem ou mal e, a partir daí, introduzir melhorias no próprio processo de ensino e de aprendizagem (ver anexos 22, 29, 35 e 40, referentes aos **planos de avaliação e reajustamento do plano de aula**). Estes reajustamentos dos planos foram criados, pois ao longo das aulas houve situações imprevistas que obrigaram a reajustar o tempo e a pensar no momento novas estratégias e metodologias, originando a mudança de comportamentos e o despertar da **motivação** e interesse dos alunos. Porém, e embora tenham surgido alguns contratemplos na regências da estagiária, que de seguida iremos referir detalhadamente aquando da descrição das aulas, o **clima instalado e planificado** foi de personalização, coesão, satisfação, orientação, inovação e individualização (Perrenoud, 1999 b; Roldão, 2000 b; Flores, 2000; Estrela, 1992; Braga, 2000, 2010 e 2011; Braga *et al*, 2004). O clima de personalização foi desenvolvido pela estagiária, pois esta preocupou-se com o bem-estar dos alunos, dando-lhes atenção. Durante as regências esteve atenta aos seus pedidos, dúvidas, mostrando interesse e compreensão face às suas opiniões, valorizando a suas intervenções e questões. O clima de coesão desenvolveu-se com as relações amistosas que a estagiária criou, dando ênfase à participação dos estudantes, através da sua postura corporal e tom de voz. Ao longo da aula foi solicitando ajuda aos alunos, espírito de entreatajuda, solicitando a leitura do *PowerPoint* e de pequenos textos. A estagiária criou um clima de satisfação, pois conseguiu mudar “maus ambientes”, comportamentos, atitudes incorretas dos alunos para um clima de uma classe amena, divertida, interessante e descontraída, pois, no final das regências, os alunos continuaram na sala a questionar e a solicitar mais questões (História) e em Geografia a experimentar, visualizar e a questionarem sobre a fibra ótica. O clima de orientação foi planeado e concretizado, pois a estagiária organizou as aulas eficazmente e com clareza nos objetivos. Quanto ao clima de inovação, a estagiária diversificou as técnicas, métodos (ativo, interrogativo e demonstrativo), atividades e recursos (fibra ótica, vídeos e jogos pedagógicos). Por fim, em relação ao clima de individualização, a estagiária respeitou as capacidades e destrezas de cada aluno na realização das atividades; promoveu a expressão da opinião pessoal, adequando as perguntas às características e competências dos alunos para, desta forma, motivar a sua participação.

### 3.1.2 – Realização.

Ao nível da realização a estagiária promoveu tarefas didáticas eficazes e eficientes, pois é uma das seguidoras do Movimento da Escola Nova, que defende que a aprendizagem resulta da ação do aluno. Este deveria ir à escola, não para ser ensinado, mas sim para aprender. Como tal, tornou-se fundamental que os alunos tivessem oportunidades de experimentar, produzir, fazer, manipular e refletir com os resultados obtidos. A formação global (não apenas intelectual, mas afetiva, emocional, social) era uma das preocupações deste movimento, no qual se pressupunha que o objetivo da educação escolar não era meramente formar o intelecto, mas fomentar o desenvolvimento da pessoa e do cidadão, para a construção de uma sociedade futura melhor e mais justa (Alarcão, 2001; Pinto e Santos, 2006; Arends, 2008). Assim, os métodos de ensino deveriam ser de natureza mais ativa, estando mais centrados no aluno do que no professor; este deveria agir, não como um mestre que tudo sabe, mas como um orientador das descobertas e das aprendizagens graduais dos alunos. Desta forma, ao selecionar os métodos e as técnicas a usar, a estagiária teve em conta os seguintes fatores: alunos (idade, número, interesses e motivação), objetivos (perfil dos alunos e seus conhecimentos/capacidades e tempo), conteúdos, meios (equipamentos, recursos e instalações), duração (apenas 2 aulas de 90 minutos para cada disciplina).

Ao longo das aulas a estagiária utilizou os seguintes **métodos**<sup>9</sup> pedagógicos: expositivo, interrogativo, ativo, demonstrativo (fibra ótica) (Silva, 1992 e 1997; Marques, 1998 e 1999; Mão de Ferro, 1993 e 1999; Roldão, 1999; Ferrão e Rodrigues, 2000; Braga, 2001; Arends, 2008; Martim, 2008).

O **método expositivo** é, sem dúvida, o mais utilizado, devido aos extensos programas curriculares das disciplinas. No entanto, é sem dúvida o mais contestado, pois o professor desenvolve oralmente um assunto, apresentando todo o conteúdo, estruturando o raciocínio e o resultado, o que lhe permite

---

<sup>9</sup> Método é o caminho usado pelo professor para atingir os seus objetivos, a motivação e a aprendizagem dos alunos. O método pedagógico consiste na seleção de um conjunto de ações desenvolvidas pelo professor com o objetivo de desenvolver nos alunos a capacidade de aprender novas informações/conteúdos, obter novos conhecimentos e modificar atitudes e comportamentos. O método pedagógico implica a ordenação de meios em direção a um fim, e consiste na aplicação coordenada de um conjunto de técnicas e recursos.

economizar tempo. No entanto, as ideias de **Ausubel** contrariam a opinião corrente de que o ensino expositivo está associado a uma aprendizagem mecânica. Para que a aprendizagem se possa tornar significativa para o aluno, o professor deve ter em conta dois princípios na programação dos assuntos: diferenciação progressiva e a harmonização integradora. A diferenciação progressiva consiste em apresentar as ideias mais gerais e inclusivas acerca de um assunto para depois, progressivamente, as diferenciar em termos de detalhe e especificidade, por ordem de complexidade. A harmonização integradora consiste em apresentar ideias novas ao aluno, as quais devem ser integradas em conteúdos previamente aprendidos pelo estudante. Assim, as ideias novas são mais facilmente apreendidas quando se relacionam com os conceitos já existentes no sistema (Silva, 1997; Marques, 1999; Mão de Ferro, 1999; Ferrão e Rodrigues, 2000; Arends, 2008; Martim, 2008).

O ambiente de aprendizagem deve ser estruturado, permitindo uma comunicação descendente e eficaz, ou seja, os alunos são agentes passivos e o professor é o centro das atenções/autoridade, pois é dele que saem as informações. O volume e o nível dos conhecimentos são impostos pelo professor. As desvantagens da utilização exclusiva deste método são inúmeras: não respeita o ritmo individual dos alunos, há grande probabilidade de se perder grande parte do conteúdo (retemos cerca de 20% daquilo que ouvimos), não favorece a iniciativa nem a aprendizagem autónoma. A utilização deste modelo de ensino como método único numa aula é muito semelhante ao método de ensino utilizado pelos defensores da escola tradicional, onde o professor era o detentor do saber, autoritário.

Os objetivos deste método de ensino consistem em ajudar os alunos a adquirir, assimilar e reter a informação nova, mas também largarem as suas estruturas conceptuais e desenvolverem hábitos de escutar e pensar sobre a informação. Este modelo de ensino tem as suas vantagens, pois é muito útil para os alunos adquirem o conhecimento fatural simples e conhecimento conceptual, sendo muito económico ao nível de recursos e tempo. A utilização deste método é vantajosa quando o professor quer resumir um tópico ou fazer uma revisão, pois permite sintetizar e interrelacionar todos os conteúdos.

A estagiária, ao utilizar o método expositivo, teve a preocupação de organizar eficazmente os conteúdos, fornecer organizadores prévios (ativar, ancorar e

integrar novos conhecimentos), estabelecer a prontidão ou a indução, expor a matéria com clareza, entusiasmo, economia<sup>10</sup> e poder<sup>11</sup>, o que obrigou a uma boa planificação e domínio completo do conteúdo (Arends, 2008).

A técnica de utilizar organizadores prévios (Arends, 2008) consiste em utilizar afirmações antes da exposição de matérias novas, sendo mais abstratas do que a informação subsequente. Estes são o suporte da nova informação e devem conter matéria familiar aos alunos e serem concebidos para se relacionarem com o conhecimento prévio dos alunos.

A técnica de estabelecer a prontidão ou indução (Arends, 2008) é utilizada no início da aula e estabelece um elo entre o que os alunos sabem e o que estão prestes a aprender. Ao usarem a prontidão induzida, os professores ajudam os alunos a recuperem informações e competências intelectuais apropriadas na memória de longo prazo, que serão utilizadas durante a exposição feita pelo professor. No entanto, o professor pode também utilizar outra técnica que consiste em fornecer pistas, dicas sobre o que os alunos estão prestes a aprender, utilizando perguntas. As atividades para induzir a prontidão ajudam o aluno a concentrar-se na aula.

A realização de uma aula expositiva deve ter como base uma boa gestão do tempo e do espaço, pois o professor deve assegurar-se de que o tempo reservado tem em conta as aptidões dos alunos e as suas capacidades e deve motivar os alunos (para estarem atentos e concentrados). As exposições devem ser adaptadas às diferentes capacidades dos alunos, de forma a tornar a exposição mais relevante e significativa para o máximo de alunos possível. Desta forma, o professor pode usar: imagens e ilustrações para ilustrar ideias e conceitos, pistas e exemplos variados para tornar a informação mais significativa, explicar as ideias de forma concreta e abstrata para ir de encontro às necessidades dos alunos em diferentes níveis de desenvolvimento intelectual.

Este método pode ser uma boa opção para transmitir um aspeto do saber que posteriormente pode ser objeto de um outro tipo de tratamento, isto é, utilização de um outro método pedagógico em simultâneo ou de seguida como, por exemplo, o demonstrativo ou interrogativo.

---

<sup>10</sup> O professor deve de utilizar uma linguagem clara, simples e concisa.

<sup>11</sup> O docente deve de ensinar apenas os conceitos mais importantes e representativos.

A utilização do **método interrogativo** requer uma participação ativa do professor, pois exige muito trabalho de preparação, uma elevada competência na técnica das perguntas e muita experiência. O docente deve colocar as questões de modo a que as respostas sejam encontradas com alguma facilidade. O processo de aprendizagem é mais longo, pois dá-se mais importância ao processo de pensamento independente e ativo de quem aprende, apesar de as perguntas, se bem aplicadas, evitarem a dispersão do diálogo. Neste método, os alunos são levados a participar voluntariamente, porque sabem que as suas intervenções são ouvidas e tidas em conta. Este método é utilizado para trabalhar o desenvolvimento das capacidades cognitivas (aptidões e técnicas de formulação de perguntas, processos de raciocínio indutivo) e ajudar os discedentes a definir questões e a desenvolver caminhos para as aprofundar e construir explicações. A utilização deste método favorece a memorização, que é facilitada pela reflexão pessoal, e desenvolve capacidades de comunicação verbal e de oralidade. Este método tem vantagens: maior participação do que no método expositivo, permite, através de uma pergunta direta, interpelar um aluno distraído “trazendo-o desta forma de volta para a aula”, obter feedback contínuo. A técnica das perguntas possibilita a participação de alunos mais tímidos, através de perguntas que o professor sabe à partida que não lhes oferecem dificuldades e, numa situação inversa, com questões difíceis de responder, permite ao educador controlar os participantes que fazem demasiadas intervenções a ponto de prejudicar a turma (Silva, 1997; Marques, 1999; Mão de Ferro, 1999; Ferrão e Rodrigues, 2000; Arends, 2008; Martim, 2008).

O **método ativo** é implementado através das ideias pedagógicas promovidas pelo movimento da “Escola Nova”, que valorizam o aluno e as teorias de aprendizagem cognitivistas (Piaget, Bruner e Ausubel). Neste método, os alunos funcionam como agentes ativos da aprendizagem, que desenvolvem os três níveis de saber: saber-saber, saber-fazer, saber-ser/estar. A utilização deste método compreende em si todos os outros métodos (expositivo, interrogativo e demonstrativo) e tem como finalidade motivar o aluno para as aprendizagens significativas<sup>12</sup>, ou seja, o saber fazer – o saber aplicar conhecimentos,

---

<sup>12</sup> O psicólogo cognitivista David Joseph Ausubel formulou a teoria da aprendizagem significativa, que prioriza como conceito central o processo pelo qual uma nova informação se relaciona, com os conhecimentos relevantes preexistentes na estrutura cognitiva do aluno (Arends, 2008).

capacidades e competências a situações reais e o saber transferir conhecimentos, capacidades e competências adquiridas a novas situações. A utilização deste método de ensino permite desenvolver: o espírito de grupo e de cooperação, a interação e aumentar os saberes psicomotores, a capacidade para a autoaprendizagem e a autonomia. O método ativo favorece interação entre alunos e professor, pois estes cooperam no processo de ensino e de aprendizagem, contribuindo para o aumento da participação e motivação através da compreensão dos objetivos da aprendizagem. Este método exige dos alunos criatividade, reflexão, iniciativa, descoberta, autonomia, responsabilidade (Silva, 1997; Marques, 1999; Mão de Ferro, 1999; Ferrão e Rodrigues, 2000; Arends, 2008; Martim, 2008).

Para o pedagogo John Dewey, citado por Arends (2008), um dos fundadores da Escola Nova, o professor deve iniciar a aula com situações de aprendizagem significativas e gradualmente descer às situações mais pormenorizadas. Assim, a estagiária iniciou as suas aulas com uma atividade de motivação para, desta forma, motivar os alunos com uma aprendizagem significativa e, no decorrer da aula, é que especificou os conteúdos programáticos. Através do método ativo o aluno aprende por observação, reflexão, experimentação e socialização, pois uma das características é levar os alunos a aplicarem conhecimentos a situações reais e a transferirem-nos para novas situações.

As **técnicas**<sup>13</sup> pedagógicas utilizadas pela estagiária foram diversas: *brainstorming*, discussão, demonstração experimental, sessão de perguntas/respostas, técnica de perguntas e trabalhos de grupo (Silva, 1992 e 1997; Marques, 1998 e 1999; Mão de Ferro, 1993 e 1999; Roldão, 1999 e 2000 a; Ferrão e Rodrigues, 2000; Arends, 2008; Martim, 2008).

A técnica **Brainstorming** permite evidenciar a criatividade e a originalidade dos alunos perante um conceito novo ou uma situação específica. O desenvolvimento

---

<sup>13</sup> Uma técnica pedagógica consiste num conjunto de atividades e procedimentos que o professor utiliza para facilitar a apreensão dos conhecimentos. As técnicas pedagógicas são recursos indispensáveis para potenciar a relação pedagógica e garantir a aprendizagem. A escolha de uma técnica é um ato responsável que o professor deve saber fazer tendo em conta: técnica em si e a justificação da sua utilização no momento. São três os critérios a ter em linha de conta na escolha das técnicas pedagógicas: critério de coerência, critério da eficácia, critério da preferência pessoal. O critério da coerência relaciona-se com os objetivos e conteúdos da aula; perfil e conhecimento dos alunos; articulação com as outras técnicas pedagógicas e recursos que dispõem. O critério da eficácia o docente não deve hesitar proceder à exclusão de uma técnica pedagógica caso ela, na prática, se revele ineficaz, mesmo quando é frequentemente utilizada por outros colegas e caracterizada como importante. O critério da preferência pessoal relaciona-se com a segurança e gosto do professor, pois um docente seguro permite desenvolver uma relação pedagógica com maior sucesso e natural.

desta técnica segue três fases: exposição de abertura (explicação da técnica), exposição de ideias (fase produtiva), fase de apuramento das ideias mais relevantes (seleção das melhores ideias). O papel do professor é fundamental, pois este deve reforçar todas as intervenções dos educandos através de elogios, reforços positivos (Silva, 1992 e 1997; Marques, 1998 e 1999; Mão de Ferro, 1993 e 1999; Roldão, 1999 e 2000 a; Ferrão e Rodrigues, 2000; Arends, 2008; Martim, 2008).

A técnica da **discussão** realiza-se quando o professor promove a troca de impressões entre os alunos a respeito de algum objetivo de aprendizagem.

A técnica **demonstração/experimental** foi utilizada pela estagiária através da utilização de vários recursos (textos, imagens, vídeos, fibra ótica). Esta técnica foi aplicada com o objetivo de mostrar aos alunos como era a Sociedade do Antigo Regime e como decorreu a Revolução Francesa, na disciplina de História. Quanto à disciplina de Geografia, os **vídeos** tinham a função de demonstrar como foi a evolução dos meios de transporte, cabos submarinos (fibra ótica) e satélites. A nível de demonstração/experimentação também ocorreu na área de Geografia, durante a segunda regência, pois a estagiária levou um **candeeiro de fibra ótica** para os alunos tocarem, experimentarem e analisarem.

Nas regências, a estagiária observou que estas técnicas foram bem-sucedidas, tanto a nível da motivação como da aprendizagem, pois os alunos fixaram/memorizaram determinados excertos dos vídeos, pois passado mais de um mês os alunos ainda referiam essas visualizações em conversas com a estagiária e nas aulas que se seguiram. Os alunos, no questionário que preencheram, também evidenciam a importância dos vídeos na sua aprendizagem.

A técnica de **pergunta/resposta** tem como finalidade operacionalizar o método interrogativo. A partir do jogo de perguntas-respostas desenvolve-se o processo de aquisição de saber. Pretende-se que todos os alunos façam perguntas, se interroguem e procurem respostas.

A estagiária utilizou a técnica em diversas situações/fases da aula, de forma a ter maior eficácia. Assim, utilizou esta técnica para: fazer arrancar a discussão aquando da visualização de uma imagem, vídeo; estimular ou moderar a

discussão; orientar a discussão para as finalidades que pretendia (situação que ocorreu sobretudo nas aulas de História, pois os alunos divagavam para aspetos da matéria que não eram relevantes); captar ou dirigir a atenção (situações de distração); descobrir fontes de informação; determinar a razão de certas opiniões; chegar a conclusões. A estagiária utilizou, quanto à **forma, as perguntas**: gerais (dirigidas à turma); diretas (dirigidas a determinado aluno); ricochete (apelar à opinião da turma sobre uma questão colocada por outro aluno); espelho (questionar o educando acerca da própria questão); abertas (visando obter uma resposta panorâmica); fechadas (só admitem uma resposta de “sim” ou “não”); orientadas (visando provocar uma escolha alternativa) (Silva, 1992 e 1997; Marques, 1998 e 1999; Mão de Ferro, 1993 e 1999; Roldão, 1999 e 2000 a; Ferrão e Rodrigues, 2000; Arends, 2008; Martim, 2008).

Também nesta técnica a professora estagiária ocupou um papel importante, pois teve de adaptar as questões/perguntas ao nível de conhecimento do aluno. Ao elaborar/planificar a aula a estagiária teve determinado cuidado na formulação das perguntas, pois fez perguntas curtas e claras de forma natural, com tato, sem hostilidade e sem colocar os participantes em “cheque”, formulou questões adaptadas aos conhecimentos da turma e a que os alunos pudessem responder. A estagiária evitou que fossem sempre os mesmos alunos a responder às perguntas, apelando à participação de todos os elementos da turma. Assim, para os alunos com mais dificuldades, elaborou questões com um grau de dificuldade menor, para que o aluno tivesse sucesso, e isso o motivasse para a aprendizagem e para a aula, através de reforços positivos, enquanto as questões/perguntas para alunos com um elevado nível de conhecimento apresentavam maior dificuldade, de forma a potenciar no aluno o desafio e a favorecer a sua concentração/motivação na aula, para que continuasse o seu percurso de aprendizagem. Caso contrário, o aluno pode desmotivar e desinteressar-se pela aula, pois já não tem desafios e pensa que “já sabe tudo”. A utilização desta técnica exige do professor um bom conhecimento prévio dos alunos e uma árdua preparação/planificação da aula, como já referido no ponto 3.1.

A técnica **trabalho de grupo** consiste em dividir a turma em pequenos grupos, de forma a executarem uma determinada tarefa; as regras são definidas pelo

docente. Esta divisão pode ser espontânea, aleatória ou selecionada pelo professor. Esta técnica tem como finalidades criar hábitos de trabalho em grupo (relacionamento interpessoal), desenvolver a capacidade de emitir uma opinião, justificá-la, e a capacidade de síntese (Silva, 1992 e 1997; Marques, 1998 e 1999; Mão de Ferro, 1993 e 1999; Roldão, 1999 e 2000 a; Ferrão e Rodrigues, 2000; Tomlinson e Alla, 2002; Arends, 2008; Martim, 2008). A estagiária utilizou esta técnica na atividade desenvolvida em conjunto com os seus colegas de estágio, na disciplina de História, aquando da realização da *webquest*.

A escolha correta das técnicas, métodos e recursos pedagógicos torna-se fundamental para a motivação e aprendizagem dos alunos. Partilhamos da mesma opinião que Estanqueiro (2010) quando afirma que “Um professor competente utiliza recursos variados, incluindo recursos multimédia, para motivar os alunos e reforçar as suas mensagens. Qualquer pessoa aprende melhor o que escuta e vê ao mesmo tempo.” (Estanqueiro 2010, p. 37). Estudos científicos de um psiquiatra norte-americano, William Glasser, revelam que aprendemos 10% do que lemos, 20% do que ouvimos, 30% do que vemos, 50% do que vemos e ouvimos, 70% do que discutimos, 80% do que experimentamos e 95% do que ensinamos aos outros<sup>14</sup>. Ao pretender concretizar um determinado objetivo, o professor não poderá nunca cair no erro de estimular essencialmente um sentido. É indispensável que haja observação para que daí resultem experiências suficientes para assimilar determinados conceitos. Tendo em conta os dados do estudo de Glasser, devem-se estimular diferentes sentidos, de modo a que todos eles contribuam, na sua totalidade, para que o aluno, no final da aula, tenha apreendido os conteúdos de tal modo que os consiga executar e explicar. Os mesmos dados serviram de referência para dosear a atuação da estagiária, ao longo das aulas, utilizando de uma forma consciente os meios audiovisuais (vídeos) previstos para a explanação dos conteúdos. Assim, podemos considerar, tal como diz o provérbio chinês, que “o que ouço esqueço, o que vejo recordo, o que faço compreendo.” Tal permite retirar a conclusão de que o trabalho com vários recursos, individualmente e em grupo, permite o desenvolvimento de

---

<sup>14</sup> Informação recolhida em <http://www.fabiomarques.com.br/site/servicos/tec-de-apresentacao.html>.

competências intelectuais e sociais, como também reforça a nossa decisão de termos optado por trabalhar com os jogos e vídeos didáticos.

Os **recursos**<sup>15</sup>, como já referimos diversas vezes, e a sua criteriosa seleção, são fundamentais para o sucesso do processo de ensino e de aprendizagem dos alunos e do professor. A seleção dos recursos deve ter em linha de conta os conteúdos, os objetivos que se pretende atingir e a estrutura metodológica da aula, dependem ainda do perfil dos alunos (competências, nível de ensino, meio socioeconómico). As preferências pessoais do docente não devem condicionar a escolha dos recursos, pois este deve descentrar-se de si e focar a sua atenção no perfil dos alunos. Só assim poderá escolher criteriosamente os melhores meios de apoio/recursos. Para além dos aspetos mencionados, é necessário analisar e prever qual a função do recurso didático, qual o momento da apresentação do recurso e como será feita a sua difusão, para em seguida ser devidamente explorado. Essa exploração será o momento mais importante da utilização do recurso didático, pois os recursos não podem funcionar como elementos que distraiam a atenção dos alunos, nem serem bloqueadores. Por fim, importa referir que não existem documentos de apoio universais. Cada documento/recurso deve ser criado tendo como foco os alunos e o momento. O grau de generalidade dos documentos é muito reduzido. Sempre que se pretenda usar meios já disponíveis, o professor deve analisar o seu grau de adequabilidade com a população destinatária.

Os recursos devem apresentar algumas **caraterísticas** para se tornarem realmente eficazes: exatidão (representando corretamente os factos ou partes essenciais desses factos); atualidade (dependendo da natureza dos factos, sendo necessário ter características e elementos do presente ou então da época a retratar); qualidade (melhorando a aquisição de conhecimentos, atitudes e valores); finalidade (deverão estar de acordo com os objetivos definidos para a aula); utilidade (oferecendo possibilidades de trabalho entre aluno e professor); adequação (deverão estar ao nível da apreensão dos alunos, sem nunca esquecer os objetivos do trabalho a realizar); simplicidade (terão que ser simples,

---

<sup>15</sup> Recursos didáticos são os meios utilizados para favorecer o processo de ensino e de aprendizagem, permitem aos alunos aprender mais ou reter melhor a informação. A seleção dos recursos deve ter em linha de conta os conteúdos, objetivos que se pretendem atingir e a estrutura metodológica da aula, dependendo do perfil dos alunos (competências, nível de ensino, meio socioeconómico) (Proença, 1992; Estrela e Estrela 1997; Ferrão e Rodrigues, 2000; Arends, 2008; Estanqueiro, 2010),

de modo a facilitar a apreensão, ou seja, poder-se-á correr o risco de, quanto mais complicado for o recurso didático, menor ser a sua eficiência); aplicabilidade (deverão manter sempre pontos de relacionamento com o assunto a tratar; a oportunidade de realização poderá ser também um fator de sucesso, no momento de aplicação dos recursos didáticos); interesse (devendo ser capaz de despertar o interesse dos alunos a quem se destina); compreensão (precisando de ser de fácil percepção, não dando possibilidades de criar a dúvida e a confusão dos alunos); apresentação (obedecendo a princípios de percepção e estética, de modo a facilitar a compreensão dos alunos (Proença, 1992; Estrela e Estrela 1997; Ferrão e Rodrigues, 2000; Roldão, 2000; Arends, 2008; Estanqueiro, 2010).

Ao longo das aulas, a **professora–investigadora (estagiária)** utilizou vários recursos didáticos, nomeadamente: computador, videoprojector, quadro, documentos do manual, imagens, vídeos, jogos didáticos, mapas, gráficos e notícias. A utilização selecionada de **audiovisuais**<sup>16</sup> e dos restantes recursos pedagógicos favoreceu o processo de aprendizagem, contribuindo para o aumento do interesse, atenção e motivação, pois o tempo de exposição e apreensão foi reduzido, logo o espírito de crítica e de intervenção (troca de ideias) aumentou. A estagiária conseguiu atingir os seus objetivos facilmente e rapidamente, pois a exposição foi facilitada pelos meios audiovisuais que elaborou e teve ao seu dispor, mais eficazes do que o seu discurso oral, capazes de fazerem chegar de forma mais rápida o conhecimento, porque os alunos encontram-se mais estimulados. A utilização destes recursos provocou grande impacto, pois criaram um clima de expectativa e estimulação dos sentidos, facilitando a memorização. A memória foi estimulada de uma forma mais eficaz na captação da mensagem, porque estiveram nela envolvida os principais sentidos. Por fim, importa sublinhar que, além de vários estudos comprovarem que o trabalho com **vídeos e jogos** se revela motivador, deve insistir-se no cruzamento de fontes verbais/escritas e não-verbais (ou seja, iconográficas), consubstanciadas em atividades e tarefas estimulantes, do ponto de vista

---

<sup>16</sup> Os meios audiovisuais são um conjunto de documentos e instrumentos que permitem uma comunicação por métodos óticos e eletroacústicos isolados ou combinados. O seu principal papel é o de reforçar a ação comunicativa que até à sua aparição estava confinada quase exclusivamente à palavra do professor. Estes são uma excelente ajuda para o professor pelas suas qualidades de transmitir exatamente o modelo requerido, pela sua capacidade de repetição, tantas vezes quanto o necessário, pela sua capacidade de afastar-se no espaço e no tempo. Graças a eles pode-se incorporar na aula imagens visuais e sonoras do nosso meio envolvente ou do passado, e que constituem interesse para a análise geográfica e histórica (Abrantes, 1992; Alegria, 2005; Arends, 2008; Eça, 2008; Melo, 2008).

cognitivo, pois permitem a construção de leituras mais ricas e abrangentes, convergentes ou divergentes, sobre um mesmo assunto. Por outro lado, analisar uma fonte iconográfica significa perceber os conhecimentos tácitos dos alunos, o que lhes permite a leitura e leva, inevitavelmente, a interpretações diferentes.

Desta forma, a escola deve continuar a responder de forma mais segura e consolidada às profundas mudanças sociais e culturais, que têm potenciado a progressiva substituição da informação visual em detrimento da cultura da escrita, nomeadamente sob a forma eletrónica, e assumir o compromisso de educar os alunos para o mundo globalizado e digital (Meirinhos, 2000). Deve abandonar-se a ideia de que essa faculdade de ler e interpretar imagens é linear, ou básica ou ainda inata, assumindo-se que esta deve ser treinada e sistematizada, pois só assim as imagens poderão facilitar a compreensão. Dotarão os alunos (e talvez seja esta a razão mais válida, atual e premente para a sua utilização), do saber, saber ser e saber fazer, que os tornarão indivíduos conscientes e responsáveis, possibilitando a prática de uma leitura consciente e crítica das imagens (Alegria, 2005; Arends, 2008; Eça, 2008; Melo, 2008).

A estagiária implementou o **ensino cooperativo e pela descoberta**, tanto nas aulas de História como de Geografia (Ferrão e Rodrigues, 2000; Barca, 2004; Arends, 2008; Martim, 2008). O Ensino pela Descoberta teve o seu início na década de 70 e tem como características: partir da análise de documentos escritos e iconográficos e a realização esporádica de experiências (fez-se a experimentação/demonstração da fibra ótica). A descoberta é conduzida pelo professor, fomentada através do diálogo para, desta forma, os alunos (re)descobrirem e compreenderem a História e a Geografia. A utilização deste ensino tem como objetivos ajudar os alunos a: construir conhecimentos; desenvolver capacidades e competências (processos cognitivos significativos e instrumentos de comunicação oral e escrita); tornarem-se autónomos, independentes, confiantes, participativos; pesquisarem e desenvolverem o espírito crítico, de ajuda e de cooperação; fomentar a interação.

Para o efeito, a estagiária utilizou as situações-problema, os jogos didáticos (palavras cruzadas, acróstico, jogo com imagens, jogo em *PowerPoint* com perguntas) as fichas de trabalho para resolução em casa com jogos e perguntas abertas e fechadas com orientação indutiva, mais do que dedutiva. Procurou

envolver-se ativamente na aula, promover o diálogo (não dizer sim ou não), ajudar os alunos a resolverem problemas, agir como guia, provocar e manter a participação dos alunos, ter em consideração os conhecimentos anteriores dos alunos, fomentar a discussão, combater as divagações dos alunos, encorajar a participação, ouvir todos os pontos de vista, dignificar a resposta ou o desempenho do aluno (através dos reforços positivos). Para o efeito utilizou diversas estratégias/atividades, técnicas/métodos e recursos didáticos, tal como mencionado nos parágrafos anteriores e no documento das planificações das aulas, designadamente: interação professora-alunos; explicação da professora; visualização e experimentação de fibra ótica, utilização das novas tecnologias (*webquest* e site – aula da sociedade de ordens), debate entre alunos (interpretação e leitura dos vídeos e textos, imagens, jogos didáticos, *webquest* – trabalho de grupo de pares). Assim, planificamos as nossas regências de forma a motivar os alunos promovendo a sua aprendizagem e a memorização/aprendizagem dos conteúdos.

Sabendo que um **professor eficaz** deve ter determinadas qualidades pessoais (deve ser atencioso, dinâmico, entusiasta, otimista) para motivar os alunos (Arends, 2008). O professor deve responder e clarificar as dúvidas que forem surgindo ao longo da aula, acompanhar de perto as atividades da aula, realizar uma boa planificação. A estagiária, nas regências, cumpriu as planificações e os objetivos que pretendia, pois conseguiu motivar, implementar aprendizagens significativas e promover o desenvolvimento cognitivo, implementando estratégias de diferenciação pedagógica adequadas. Para o efeito, muito contribuiu o conhecimento prévio dos alunos que se preocupou em fazer emergir, o que lhe permitiu adequar as atividades, recursos, métodos e técnicas, nomeadamente as questões, às características das turmas, de forma a todos os elementos terem motivação e sucesso nas aprendizagens. Desta forma, a estagiária implementou nas suas aulas a interação por solicitação (cooperativa e personalizada) e espontânea. A estagiária planificou e concretizou a **interação cooperativa**, ajuda mútua face a uma solicitação do professor. A **interação personalizada** ocorre da interação, troca de opiniões entre os alunos e entre estes e o professor (Estrela 1992; Arends, 2008; Braga, 2011; Braga *et al*, 2004).

### 3.1.3 – Avaliação.

A planificação não descurou a avaliação que é, sem dúvida, um dos processos mais complexos da arte de ensinar. A avaliação<sup>17</sup> é um terreno conceptualmente profuso e difuso, onde se acomoda facilmente a desorientação (Ribeiro e Ribeiro, 1989; Ribeiro, 1993; Ferrão e Rodrigues, 2000; Estanqueiro, 2010; Pinto e Santos, 2006; Arends, 2008). De facto, quer a bibliografia académica quer a legislação sobre a avaliação confrontam-nos com termos como “conhecimentos”, “conteúdos”, “competências”, “capacidades”, “aquisições”, “destrezas”, “habilidades”, “atitudes”, “comportamentos”, etc., sem que sejam imediatamente claras as fronteiras e as correlações existentes entre eles. Se, por um lado, a literatura específica sobre esta matéria é a base de debates conceptuais diversos, a legislação é, pela sua natureza normativa, um ponto de referência para os principais atores da avaliação, os professores e alunos. O Despacho Normativo 14 de 2011, de 18 de Novembro, estabelecia, na altura em que o estágio foi realizado, os princípios e os procedimentos a observar na avaliação das aprendizagens e competências dos alunos dos três ciclos do ensino básico. Assim, segundo esse despacho, as finalidades da avaliação eram:

Apoiar o processo educativo, de modo a sustentar o sucesso de todos os alunos, permitindo o reajustamento dos processos curriculares de escola e de turma, nomeadamente quanto à seleção de metodologias e recursos, em função das necessidades educativas dos alunos; certificar as diversas aprendizagens e competências adquiridas pelo aluno, no final de cada ciclo e à saída do ensino básico; contribuir para melhorar a qualidade do sistema educativo, possibilitando a tomada de decisões para o seu aperfeiçoamento e promovendo uma maior confiança social no seu funcionamento. (Anexo Despacho Normativo de 14 de 2011, republicação do Despacho Normativo 1 de 2005, de 5 de Janeiro).

Na passagem transcrita, estão subjacentes duas formas de avaliação: a sumativa e a formativa.

Para operacionalizar uma avaliação formativa, é necessário proceder a uma **avaliação inicial** ou **diagnóstica** (Anexo 15 – Quadro 1 - Síntese da avaliação inicial), que consiste num levantamento das dificuldades dos alunos, para que o

---

<sup>17</sup> Avaliação é a análise quantitativa dos dados relevantes do processo de ensino e de aprendizagem que auxilia o professor na tomada de decisões em relação às atividades didáticas seguintes. Esta deve ser realizada em diversos momentos de ensino e tem como tarefa principal: a verificação, a qualificação e a apreciação qualitativa.

professor possa atuar sobre elas, solucionando-as (Ribeiro e Ribeiro, 1989; Ribeiro, 1993; Ferrão e Rodrigues, 2000; Estanqueiro, 2010; Pinto e Santos, 2006; Arends, 2008).

A avaliação **sumativa** (Ferrão e Rodrigues, 2000; Estanqueiro, 2010; Pinto e Santos, 2006; Arends, 2008) está muito ancorada numa imagem de Escola normativa, cuja preocupação central, em termos de avaliação, é o controlo do desempenho escolar dos alunos, no final do processo de ensino e de aprendizagem e, através dela, o professor tem que tomar decisões de seriação e seleção dos alunos. Exprime-se quantitativamente pela atribuição de uma nota num determinado ponto da escala de classificação adotada formalmente, ou por um termo que expresse uma graduação, conduzindo à hierarquização dos alunos. A avaliação sumativa constitui, deste modo, um balanço final, acrescentando novos dados aos recolhidos pela avaliação formativa e “deve exprimir uma interpretação tão rigorosa quanto possível dos dados colhidos durante o processo de ensino-aprendizagem” (Pais e Monteiro, 1996, p. 50). Este tipo de avaliação tem uma função distinta da avaliação formativa, pois certifica as competências adquiridas pelo aluno (Anexo 16 – Quadro 2 - Síntese da avaliação sumativa).

Para que a formalização da avaliação sumativa seja possível, é necessário que exista um processo continuado de recolha e análise de dados, utilizando diferentes instrumentos e recorrendo a diferentes intervenientes do processo de avaliação, na medida em que são múltiplas as situações de avaliação e os processos cognitivos desenvolvidos pelos diferentes alunos e por cada aluno em diferentes situações.

Assim, a **avaliação formativa** (Ribeiro e Ribeiro, 1989; Ribeiro, 1993; Ferrão e Rodrigues, 2000; Estanqueiro, 2010; Pinto e Santos, 2006; Arends, 2008) deve assumir um carácter contínuo e sistemático com vista à regulação do ensino e da aprendizagem. Numa perspetiva construtivista, a avaliação deve ter em conta uma vertente de diagnóstico com a qual se pretende elaborar ou adequar a adoção de estratégias de diferenciação pedagógica. No entanto,

As principais dificuldades apontadas para o desenvolvimento de práticas de avaliação formativa prendem-se com: a dificuldade de sistematizar a informação em situações mais informais de avaliação; a sobrecarga de trabalho que a avaliação formativa acarreta porque aumenta os momentos de avaliação; uma desconfiança nos instrumentos não tradicionais e nos processos informais de avaliação (Pinto e Santos, 2006, p. 4).

A regulação das aprendizagens durante a avaliação formativa pode ocorrer em vários momentos: antes do início da tarefa (regulação pró-ativa), ao longo do processo de aprendizagem (regulação interativa) e após uma sequência de aprendizagens (regulação retroativa) (Pinto e Santos, 2006; Arends, 2008). Devemos salientar a importância da regulação interativa que, enquadrada numa perspectiva cognitiva de aprendizagem e de avaliação, ocorre durante o processo de ensino e de aprendizagem e é baseada na interação do professor com o aluno. Esta interação deve decorrer, se possível, desde o início de uma atividade de aprendizagem, resultando de uma estratégia de avaliação que privilegia a observação dos alunos quando estes estão a fazer a aprendizagem ou a realizar uma dada tarefa. Através da observação do aluno enquanto realiza a tarefa e da interação deste com o professor, procura-se identificar as dificuldades no momento em que surgem e diagnosticar os fatores que estão na sua origem. Neste tipo de avaliação, a comunicação e a negociação assumem um papel fundamental, quer da parte dos professores, para procederem a alterações e irem de encontro às necessidades dos alunos, quer da parte dos alunos, para terem consciência dos seus progressos e dificuldades (Pais, e Monteiro, 1996; Santos, 2010).

A avaliação formativa proporciona, para além de uma troca de conhecimentos para o aluno e para o professor durante o desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem, a correção de erros, o esclarecimento de dúvidas e o estímulo à continuação do trabalho do aluno por forma a alcançar um objetivo e, deste modo, proporciona ao docente informações sobre o desenvolvimento do trabalho. Neste sentido, a comunicação com o aluno deve ser o mais explícita possível, para que ele possa perceber quais os objetivos propostos pelo professor. Na avaliação formativa, os erros e as dificuldades dos alunos são identificadas para se perceber qual é a sua causa, não devendo ser vistos de modo negativo, apontando o aluno como “um aluno com dificuldades”, mas sim

como um alicerce na sua aprendizagem (Pinto e Santos, 2006; Arends, 2008). O erro é um importante revelador da natureza da dificuldade que o aluno tem ao nível da representação da tarefa, da estratégia para a sua execução ou ainda da sua própria execução (Arends, 2008; Pinto e Santos, 2006). O objetivo é que o aluno tome consciência dos seus erros, reflita sobre eles, os compreenda, e seja capaz de fazer a sua autocorreção. Quando o próprio consegue identificar o erro e corrigi-lo, acontece aprendizagem. Cabe ao professor interpretar o significado do erro, formular hipóteses explicativas do raciocínio do aluno, para o poder orientar. A orientação por parte do professor deve atender a certos aspetos, como seja, não identificar o erro, nem tão pouco corrigi-lo, mas sim questionar ou apresentar pistas de orientação da ação a desenvolver pelo aluno que o leve à identificação e correção do erro. Um feedback, que vá de encontro a estes objetivos, deve ser descritivo, específico, relevante, periódico e encorajador, imediatamente utilizável, oralmente ou por escrito, em privado ou em público, dirigido a um indivíduo ou grupo de alunos, pois

toda a ação educativa só pode estimular o autodesenvolvimento, a autoaprendizagem, a autorregulação de um sujeito, modificando o seu meio, entrando em interação com ele. Não se pode apostar, afinal de contas, senão na autorregulação (Perrenoud, 1999 c, p. 96).

Assim, neste contexto de avaliação formativa, o erro deve ser desmistificado e restabelecido, retirando-lhe a conotação pejorativa que lhe é atribuída na avaliação tradicional; “visto nesta perspetiva, o erro não constitui um estigma para quem o produz, mas antes um passo na construção do saber” (Pinto e Santos, 2006, p. 114). (Anexo 17 – Quadro 4 - Síntese da avaliação formativa).

O trabalho desenvolvido dentro da sala de aula constitui um local privilegiado para a interação pedagógica, onde o desenvolvimento das tarefas realizadas pelos alunos e as intervenções reguladoras por parte do professor devem estar em perfeita sintonia, para assim permitir o sucesso da aprendizagem. É do modo como o professor vai utilizando as suas interações avaliativas, no quotidiano da sala de aula de aula, que depende o sucesso ou o insucesso nas aprendizagens, mais do que dos momentos formais de avaliação, como é o caso dos testes (Arends, 2008; Pinto e Santos, 2006). Em síntese, a escrita avaliativa ou feedback corresponderá a um processo de regulação, apenas quando é usado pelo aluno para melhorar a sua aprendizagem. Entre os diferentes aspetos que poderão

influenciar a natureza reguladora da escrita avaliativa, destacamos as seguintes características: ser clara, para que autonomamente possa ser compreendida pelo aluno; apontar pistas de ação futura de forma que, a partir dela, o aluno saiba como prosseguir; incentivar o aluno a reanalisar a sua resposta; não incluir a correção do erro, no sentido de dar ao próprio a possibilidade de ser ele mesmo a identificar o erro e a alterá-lo de forma a permitir que aconteça uma aprendizagem mais duradoura ao longo do tempo; identificar o que já está bem feito, no sentido não só de dar autoconfiança como igualmente permitir que aquele saber seja conscientemente reconhecido.

A elaboração dos instrumentos de avaliação deve ter em conta os seguintes aspetos: identificar o tipo de avaliação pretendida, criar questões e respetiva correção, criar tabelas de cotação ou notação, prever a decisão (limite mínimo de conhecimentos) e, por fim, prever a remediação (alternativas). Mas os instrumentos de avaliação devem, também: considerar as características dos alunos e a sua familiaridade com os instrumentos a utilizar; identificar o tipo de avaliação pretendida e adequar os instrumentos, tendo em conta as finalidades da formação; criar questões de forma a haver equivalência entre: objetivos, critérios e condições de desempenho, instrumentos de avaliação; criar a corrigenda com as respostas-tipo; criar tabelas de notação (ou cotação), onde se prevê: a cotação a atribuir a cada resposta certa e o desconto a efetuar por cada questão errada ou parte dela; prever o limite mínimo de conhecimentos admitidos em função da importância dos conteúdos programáticos. Na avaliação formativa, quando o aluno não domina, deve prever-se a remediação, que consiste em aconselhar o aluno a rever a parte da matéria que não domina ou, então, oferecer-lhe alternativas de aprendizagem (Ribeiro e Ribeiro, 1989; Ribeiro, 1993; Perrenoud, 1999 b; Ferrão e Rodrigues, 2000; Estanqueiro, 2010; Pinto e Santos, 2006; Arends, 2008).

A avaliação das aprendizagens adquiridas pelos alunos das turmas em que a professora estagiária lecionou em contexto de estágio não foi descurada, pois a avaliação das aprendizagens converte-se numa atividade estreitamente ligada à prática reflexiva e crítica, atividade da qual todos saem beneficiados, tanto os professores como os alunos. Neste contexto, a avaliação formativa assumiu um papel de relevo no processo avaliativo, pois determinou, de uma forma qualitativa, a evolução dos alunos no processo de ensino e de aprendizagem e teve como objetivo

fornecer feedback aos alunos acerca das suas aprendizagens. Tratou-se de uma avaliação reguladora, acompanhada de procedimentos de remediações de ordem pedagógica (Ribeiro e Ribeiro, 1989; Perrenoud, 1999 a; Ferrão e Rodrigues, 2000; Pinto e Santos, 2006; Arends, 2008).

O grande objetivo deste estágio pedagógico assentou na **motivação** (afetiva e cognitiva) dos alunos, tendo como finalidade a **aprendizagem**, pelo que a escolha de recursos, estratégias e atividades foi fundamental. Assim, tentamos diversificar as técnicas e os instrumentos de avaliação (Anexo 18 – Quadro 4 - Síntese das técnicas de avaliação). Como técnicas, privilegiamos a observação direta e a formulação de perguntas (avaliação oral e escrita). Quanto aos instrumentos de avaliação, diversificamos, utilizando fichas de observação, escala de classificação, lista de perguntas, inquérito/questionário, testes e fichas de trabalho.

As fichas de trabalho continham jogos didáticos, com o objetivo de serem resolvidas em casa, tanto na disciplina de História como na de Geografia. O recurso didático vídeo e a técnica pedagógica dos jogos estiveram sempre presentes durante as aulas ou nas fichas de trabalho. No final do estágio pedagógico, ou seja, no fim das aulas observadas, os vídeos e os jogos foram alvo de uma reflexão/avaliação por parte dos alunos, pois elaboramos um inquérito/questionário de satisfação sobre estes recursos. Este questionário teve como propósito suscitar uma reflexão, isto é, perceber se os jogos e os vídeos didáticos influenciaram a aprendizagem dos alunos, por terem despertado neles atenção, interesse e motivação (tema já desenvolvido no capítulo 2, no subtema 2.1.5 – Análise dos dados obtidos nos questionários de satisfação sobre os vídeos e jogos didáticos, nas turmas de História e Geografia).

Os objetivos (regular o processo de ensino e de aprendizagem e analisar os resultados de avaliação das aprendizagens dos alunos) delineados para a área da avaliação foram cumpridos na íntegra pela professora estagiária, tanto em História como em Geografia.

### **3.2 - Organização e gestão do ensino e da aprendizagem em História: planificação, realização e avaliação das aprendizagens.**

O estágio pedagógico em História iniciou-se com uma reunião entre o grupo de estagiários e a professora cooperante, a Dr<sup>a</sup> Célia Gomes, onde ficaram definidos os dias de reunião de orientação (todas as quartas e sextas de manhã, salvo exceções). Nesta reunião também ficaram definidos os dias e turmas onde iríamos assistir à observação de aulas da professora cooperante (assunto desenvolvido no capítulo 2), bem como as regências dos estagiários.

A prática pedagógica iniciou com a elaboração conjunta do plano de unidade “Absolutismo e mercantilismo numa sociedade de ordens” pelo grupo de estagiários, uma vez que a primeira regência de todo o grupo iria versar sobre esta unidade temática (Anexo 19 – Plano de unidade: Absolutismo e mercantilismo numa sociedade de ordens). O plano de unidade “O triunfo das revoluções liberais”, assunto abordado na segunda aula, não foi desenvolvido pelo grupo de estagiários, pois apenas duas estagiárias tiveram a segunda regência nesta unidade temática (Anexo 20 - Plano de unidade: O triunfo das revoluções liberais). Os planos de unidade obedeceram à estrutura definida nas aulas de didática, tanto para os planos de aula como de unidade (assunto já desenvolvido, no capítulo 3, no subtema planificação).

O projeto de estágio de História decorreu numa turma do 8<sup>o</sup> ano, onde a professora estagiária lecionou 2 blocos de 90 minutos, ou seja, 2 aulas. A estagiária foi a primeira do grupo de estágio a ter aula assistida, ou seja, foi a estagiária que deu início à prática pedagógica no seu grupo de estágio. A primeira aula ocorreu na unidade letiva “Absolutismo e Mercantilismo numa sociedade de Ordens” e a segunda na unidade “O triunfo das revoluções liberais”.

As regências das aulas eram sempre antecedidas de reuniões que tinham como objetivo analisar e discutir os planos de aula, definir as estratégias e atividades pedagógicas bem como os recursos (vídeos, jogos, imagens, textos, *PowerPoint*) e os instrumentos de avaliação (fichas de trabalho e jogo didático).

Na **planificação** das aulas foram vários os aspetos que tivemos em consideração: o programa de História, os conteúdos que iríamos lecionar, as competências específicas e transversais a desenvolver, as especificidades da

turma e dos alunos, a **motivação e a aprendizagem** que poderíamos conseguir através da utilização dos recursos selecionados (Zabalza, 1992; Balancho, e Coelho, 1996; Nóvoa, 1997; Jesus, 2000; Alarcão, 2001; Pinto e Santos, 2006; Arends, 2008; Estanqueiro 2010).

A planificação das unidades letivas e de aulas teve como base os programas curriculares de História que se regiam, na altura, pelo paradigma das competências, ou seja, do saber-fazer, saber-ser e do saber-estar. Nesse sentido, para a disciplina de História, visou-se transmitir um conhecimento abrangente e globalizante que permitisse ao aluno construir “uma visão global de uma sociedade complexa em permanente mudança no tempo, numa dimensão mais abrangente e plural do mundo” (M. E. Competências Essenciais). O documento oficial do Ministério da Educação elegia, na altura, um conjunto de competências diversificadas utilizando a tipificação: Tratamento da Informação/Usos de fontes, a Compreensão Histórica (Temporalidade, Espacialidade e Contextualização), e Comunicação em História.<sup>18</sup>

O **currículo de História** no Ensino Básico pretende promover a construção de saberes e competências que permitam aos alunos serem crescentemente autónomos nos seus processos de aprendizagem. Essa construção sustenta-se em experiências que mobilizem estratégias cognitivas e metacognitivas, assim como atitudes enformadas pela natureza específica das disciplinas de História e de Geografia. Estas preocupações entroncam e inserem-se nos domínios das Educações Histórica e Geográfica. Assim, independentemente do ano de escolaridade, norteados por uma abordagem construtivista, e nos documentos orientadores<sup>19</sup>, concebemos o ensino da História como nuclear na promoção de:

Competências que possibilitem aos alunos usarem procedimentos metodológicos, que são a base da atividade histórica interpretativa, ou seja, lidar com as características das fontes históricas. Deve promover, além disso, competências que possibilitem aos alunos usarem procedimentos descritivos, explicativos e críticos e mobilizarem linguagens diversas (orais, escritas e multimodais), necessárias à compreensão, interpretação da História e à partilha da sua aprendizagem. O ensino da História deve considerar o conhecimento tácito dos alunos, os conhecimentos históricos e de outros saberes disciplinares

<sup>18</sup> [http://sitio.dgicd.minedu.pt/recursos/Lists/Repositio%20Recursos2/Attachments/86/compe\\_essenc\\_Historia.pdf](http://sitio.dgicd.minedu.pt/recursos/Lists/Repositio%20Recursos2/Attachments/86/compe_essenc_Historia.pdf), consultado em 3 de janeiro de 2012

<sup>19</sup> Currículo Nacional do Ensino Básico (CNEB) – Competências Essenciais/Competências Específicas da História, em [www.dgicd.min-edu.pt/.../Competencias%20Especificas/com](http://www.dgicd.min-edu.pt/.../Competencias%20Especificas/com) - consultado em 12 de Dezembro de 2011

anteriormente adquiridos, de forma a possibilitar que todos possam contribuir para a construção crescentemente sofisticada, de um quadro narrativo histórico global (Melo, 2008, p. 36).

Além do mais, o ensino da História deve privilegiar o envolvimento dos alunos na construção do conhecimento histórico. Face ao debate existente sobre o assunto, fazemos nossas as palavras de Isabel Barca, quando defende que

ser competente em História passa por uma compreensão contextualizada do passado, com base na evidência disponível, e pelo desenvolvimento de uma orientação temporal que se traduza na interiorização de relações entre o passado compreendido, o presente problematizado e o futuro perspectivado (Barca, 2004, p. 134).

A planificação das aulas de História teve como base o **perfil dos alunos**, pois consideramos crucial, para que o professor tenha sucesso, o conhecimento prévio da faixa etária dos discentes, procurando adequar as estratégias e os recursos didáticos ao seu grau de ensino e interesses. Assim, procuramos conhecer detalhadamente os alunos da turma onde iríamos lecionar, através da leitura do PCT (Projeto Curricular de Turma)<sup>20</sup> e da análise do comportamento e atitudes durante as aulas da professora cooperante. Estávamos perante uma turma conversadora e com um nível de aproveitamento fraco, sendo imperativo para o seu sucesso “a motivação para a aprendizagem”. Na análise do PCT verificamos que a maior parte dos estudantes reconhece que grandes obstáculos para o seu sucesso são: falta de atenção / concentração (22 alunos), indisciplina na sala de aula (19), falta de hábitos de estudo (19), desinteresse pela disciplina (14), antipatia do professor (10), falta de oportunidade para esclarecimento de dúvidas (8), falhas na compreensão da linguagem dos professores (7) e incompreensão pelo professor (3).

As atividades de tempos livres preferidas deste grupo são diversas: ver televisão, ouvir música, praticar desporto, ler livros de aventuras e banda desenhada.

Quanto ao tipo de professor que os alunos gostariam de ter, estes enumeram as seguintes características: simpático, que ensine bem, divertido, compreensivo e paciente. Relativamente ao tipo de atividades que os alunos preferem que sejam dinamizadas nas aulas referem: trabalhos de grupo (21), audiovisuais e pesquisa.

---

<sup>20</sup> Projeto Curricular de Turma, facultado pela Diretora de Turma, consultado e analisado em 21 de Dezembro de 2012.

A utilização dos recursos audiovisuais em História foi de extrema importância, pois permitiu ao professor aproximar a realidade histórica que estava a ser estudada (Sociedade do Antigo Regime e a Revolução Francesa) dos alunos através das imagens/vídeos e som que a estagiária selecionou para as duas regências. A utilização dos recursos audiovisuais permitiu fazer um elo de ligação com a realidade e o objeto histórico. Sempre consideramos os recursos audiovisuais como ferramentas essenciais; eles são importantes para a motivação e aprendizagem dos alunos e para a compreensão do objeto de realidade histórica (demonstração). Assim, e para a segunda regência, a estagiária continuou a dar ênfase aos recursos audiovisuais e introduziu na sua aula o jogo didático com o qual terminou a sua segunda aula.

A utilização dos recursos audiovisuais (especial destaque para os vídeos) e dos jogos didáticos tiveram como objetivo principal motivar os alunos para desencadear a sua aprendizagem, tendo em conta o perfil da turma. Consideramos que, após a análise estatística realizada aos inquéritos de satisfação aos alunos, ficou evidente que a escolha dos recursos contribuiu para a motivação e aprendizagem dos alunos (tema já desenvolvido no capítulo 2, no subtema 2.1.5 – Análise dos dados obtidos nos questionários de satisfação sobre os vídeos e jogos didáticos, nas turmas de História e Geografia).

A turma onde a estagiária iria lecionar deseja um professor que possua uma postura corporal e verbal próxima, afetuosa e que seja criativo nos recursos e atividades. No decurso das aulas procuramos ajustar a linguagem verbal e a postura corporal conforme as situações, sem nunca descorar o rigor científico (Marques, 1999; Jesus, 2000; Barca, 2004; Barreira e Moreira, 2004; Arends, 2008; Braga, 2010 e 2011).

Ao planificar, o professor eficaz (capaz de estabelecer uma relação de afinidade com os seus alunos e um ambiente de incentivo e preocupação com o seu desenvolvimento pessoal) deve ter um conhecimento prévio das características da turma, pois torna-se fundamental dar atenção e valorizar a participação de alguns elementos mais desmotivados e problemáticos. Desta forma, organizamos a aula e os alunos em grupos, correspondentes às suas características, de forma a utilizarmos técnicas da diferenciação pedagógica – grupos 1, 2 e 3 -; sabíamos também que tínhamos que valorizar a proxémica (linguagem da organização e gestão do espaço) e a cinésica/quinésica (linguagem do corpo - posturas

corporais e verbais), adequar formas de exercer o poder (repreensão, recompensa ou elogios) aos alunos e situações. Ou seja, o comportamento do professor e a sua reação/relação não pode ser igual tendo em conta as características dos alunos. O grupo 1 é composto por 4 alunos extremamente complicados e incertos (brincalhões e barrulhentos). O grupo 2 é constituído por 3 alunos desmotivados e desinteressados pela disciplina. O grupo 3 é formado por 4 alunos interessados, participativos, no entanto, muito barrulhentos (Anexo 21 e 22 Plano de avaliação e Plano de avaliação e reajustamento da primeira aula de História).

A estagiária planificou os **reforços positivos** (postura corporal acompanhada por um tom de voz meigo, por vezes, toque num braço ou cabeça, elogios) ao longo da aula, pois considera, como já referido, que um dos fatores da motivação e da aprendizagem significativa são os motivos externos e os intrínsecos. Desta forma, a estagiária considera que a professora que tem uma aproximação corporal e afetuosa poderá desencadear no aluno uma reação de motivação. Também consideramos importantes os estímulos, reforços positivos através do elogio, pois um aluno com pouca autoconfiança necessita de ser valorizado perante a turma para desta forma ganhar autoestima e ser motivado para a disciplina. Na turma onde a estagiária lecionou havia elementos que necessitavam de estímulos tanto afetivos (toque) como orais (elogios). Os alunos que reagiam positivamente aos reforços positivos relacionados com o toque eram alunos participativos, com razoáveis resultados, mas muito conversadores. Desta forma, consideramos que deviam ter um reforço positivo de forma a não perturbar o funcionamento da aula, e não seria um elogio, pois estes tinham uma autoestima elevada. Em oposição, os alunos que necessitavam de reforços através do elogio eram alunos que manifestavam algum desconforto em participar nas aulas com receio de errar, eram inseguros e tinham pouco relacionamento interpessoal com alguns elementos da turma. Assim, consideramos ser importante a valorização da sua participação através do elogio, para que a turma escutasse. Desta forma, os alunos ganham autoestima e verificamos que o próprio relacionamento interpessoal entre colegas melhora, pois tivemos oportunidade de o verificar quando observamos alunos a pedir ajuda a colegas na atividade da *webquest*.

Ao nível da **realização**, a estagiária **iniciou** as suas aulas clarificando os objetivos e estabelecendo/induzindo a prontidão para motivar os alunos. Assim,

iniciou a aula com uma versão abreviada do plano de aula/matéria a lecionar e atividades. Para o efeito criou um pequeno vídeo (atividade de motivação) que resumia os conteúdos da aula.

A **avaliação** deve servir para auxiliar o aluno no seu percurso de aprendizagem, mas também o professor na seleção das estratégias e das atividades que sejam adequadas aos seus alunos (Ribeiro, 1993; Perrenoud, 1997 a; Ferrão e Rodrigues, 2000; Estanqueiro, 2010; Pinto e Santos, 2006; Arends, 2008; Santos, 2010). A estagiária concorda plenamente com os autores Pereira e Cardoso (2011, pp. 18), quando falam da “avaliação não só do produto mas também do processo em função da progressão do aluno”, desta forma, e nas duas regências adotou pela avaliação formativa e sumativa.

Quanto à **avaliação formativa** esta foi composta pelas técnicas de observação e formulação de perguntas. As fichas de trabalho tiveram sempre um jogo didático, pois eram alunos desmotivados e frequentemente não realizavam os trabalhos de casa. A estagiária elaborou sempre jogos didáticos para trabalho de casa como forma de motivar os alunos, pois também era um recurso adequado à sua faixa etária e perfil, pois eram alunos desinteressados e segundo o Plano Curricular de Turma existia uma elevada percentagem de alunos que gostam de realizar jogos. Também foram realizados **questionários de satisfação**, no final das duas regências, aos alunos, com o objetivo de verificar os resultados dos recursos utilizados (jogos e vídeos didáticos) na motivação e aprendizagem. Através da análise estatística dos questionários, verificamos que estes foram considerados pelos alunos como importantes instrumentos de motivação e aprendizagem (assunto desenvolvido no capítulo 2).

A **Avaliação sumativa**, como já referido no ponto 3.1.3 – Avaliação, é realizada no final do processo de ensino aprendizagem e exprime-se quantitativamente numa escala de classificação. Para o efeito, a professora cooperante elaborou testes sumativos no final das unidades temáticas lecionadas pelos estagiários. Ou seja, os conteúdos programáticos lecionados pelos estagiários foram alvo de questões elaboradas e corrigidas pela professora cooperante.

O **processo de motivação** é a arte mais importante do professor, que consiste em despertar a motivação para a criatividade e para o conhecimento (Albert Einstein cit por António Estanqueiro, 2010, p. 11). Segundo Paulo Freire (1980) se o professor conseguir criar a necessidade de aprender no aluno, a satisfação

dessa necessidade conduzirá a uma aprendizagem mais fácil. Desta forma, uma das **preocupações** sempre presentes nas aulas de História foi a necessidade de inovar, de modo a não criar uma situação rotineira, e portanto desenhámos aulas bem diferentes umas das outras, optando por mobilizar diferentes tipos de discurso, estratégias e materiais (Flores, 2000; Arends, 2008; Estanqueiro, 2010; Sousa, 2012). Por fim, consideramos que o professor de história tem uma função crucial para que os seus alunos consigam compreender as relações existentes entre o Passado e o Presente. (Roldão, 1987; Febregat, 1989; Proença, 1992; Felgueiras, 1994; Barca, 2004). A História é a disciplina responsável por situar o aluno diante das permanências e ruturas, nas quais se inspirou o currículo. O currículo pode ser organizado de forma temática ou não temática, isto é, por conteúdos. A questão não é ser ou não ser temático, mas se há ou não uma estrutura lógica como referência da organização da escola. Ou seja, há um saber escolar que se manifesta através do currículo e cujas condições de transmissão e assimilação de conhecimentos a escola, em última instância, garante viabilizar. Desta forma, a escola tem um papel específico, pedagógico, na educação escolar, através do seu núcleo central que é a organização curricular. Ou seja, pensar no trabalho educativo é uma responsabilidade inerente ao professor. Conclui-se, assim, que se trata de saber articular o saber escolar com o ensino da História e o currículo (Ribeiro, 1992; Proença, 1990 e 1992; Roldão, 2000 b e 2003; Pacheco, 2000; Barca, 2004; Morgado e Alves, 2005).

O surgimento da História como disciplina escolar autónoma ocorre apenas no século XIX, ao lado de movimentos de laicização da sociedade e da formação de Estados Nacionais Modernos. Ou seja, ao lado de movimentos de oposição ao poder da Igreja, época do movimento republicano e dos ideais positivistas. A inclusão do ensino da História nos programas e guias curriculares sofreu forte influência das tradições europeias, herdando o esquema quadripartido francês: Idade Antiga, Média, Moderna e Contemporânea. As teorias defendidas por Foucault e Marxistas são antagónicas, pois uma é sustentada na visão da direita e a outra na esquerda. A visão da direita entende o poder sob a ótica estritamente institucional da soberania. A teoria marxista defende que o poder é o aparelho do Estado. No entanto, sejam visões de bases políticas bem distintas, a teoria do poder indica a existência de um ponto em comum entre elas: tanto a conceção liberal ou jurídica do poder político (filósofos do século XVIII) como a postura

marxista são, segundo Foucault, economicistas. Segundo Le Goff, a periodização histórica privilegia as revoluções, as guerras, as mudanças de regime político, enfim, a história dos acontecimentos. A história em processo é a história dos homens, o modo como eles produzem socialmente a sua vida, ligando-se e opondo-se uns aos outros, de acordo com as suas posições na sociedade e no Estado. Geram-se, assim, os eventos e processos históricos que evidenciam a produção, sociedade e o Estado que preservam ou alteram ao longo do tempo. Desta forma, a recorrência histórica significa, basicamente, captar o movimento histórico do presente, em processo, sem separá-lo do passado (Horn e Germinari 2006, pp. 20-66).

A estagiária, como professora eficaz e eficiente, concorda com os autores Horn e Germinari (2006) em relação ao tempo, pois este é um elemento fundamental para a análise das sucessões e transformações que ocorrem numa determinada sociedade (através da linha do tempo). A tendência de compreender a noção de tempo associada unicamente à periodização deve-se não só à conceção unilateral de tempo histórico presente no currículo, mas também aos livros didáticos que definem a História como a “ciência que estuda o passado para compreender o presente em vista de um futuro melhor... é um ir e um vir do presente ao passado e do passado ao presente” (Horn e Germinari 2006, pp. 50). No ensino da História é preciso perguntar (Horn e Germinari, 2006). O ensino deve ser capaz de capacitar o aluno com espírito crítico, capacidade de avaliação das situações e deve facilitar o desenvolvimento de estratégias (Roldão, 2000 e 2003; Barca, 2004; Morgado e Alves, 2005; Horn e Germinari 2006; Estanqueiro, 2010; Sousa, 2012). Na realidade o questionamento leva à problematização, mas esta só é possível após muita investigação, estudo e compreensão dos acontecimentos. Sem fundamentação teórica não há problematização. Se a aula se reduz à exposição do facto ou à junção de acontecimentos, apenas ocorre a periodização sem problemática. O aluno deve ter contacto com o objeto sendo, obviamente, mediado pelo professor; desta forma, o aluno passa a construir o conhecimento histórico (Febregat, 1989; Citron, 1990; Felgueiras, 1994; Horn e Germinari 2006;). Assim, o professor deve criar atividades (trabalho de pesquisa na internet, livros) que permitam que o aluno pesquise, selecione, análise e interprete informação – conteúdo histórico). Desta forma, o aluno passa a construir o conhecimento histórico.

### 3.2.1 – Primeira aula de História: **planificação, realização e avaliação.**

A primeira regência do estágio pedagógico foi na disciplina de História, sob a temática “A Sociedade de Ordens”, tendo como sumário: A Sociedade de Ordens: Privilegiados e não Privilegiados.

A construção da **planificação** obedeceu à estrutura estabelecida (assunto já desenvolvido no ponto 3.1.1 - Planificação). Consideramos que os **objetivos** definidos na planificação foram **cumpridos**, pois os alunos manifestaram interesse, participação e motivação ao longo da aula. (Anexo 21 – Plano de aula: Sociedade do Antigo Regime).

A planificação desta aula deu especial atenção às características dos alunos e às orientações obtidas através da análise do PCT, pois ao planificar o professor deverá ser conhecedor de vários critérios: o grau de ensino; quem ensina, como vai ensinar; o que vai ensinar; como avaliar os resultados do ensino (Arends, 2008). Os comportamentos verbais e não-verbais da proxémica (linguagem da organização e gestão do espaço) e da cinésica/quinésica (linguagem do corpo) também foram objeto de reflexão e planificação, tendo como objetivo controlar eventuais comportamentos menos adequados, detetar e responder rapidamente às necessidades dos alunos, criar o sentimento de individualização e personalização com o **objetivo de motivar**, interessar os alunos pela aula. A interação personalizada e espontânea foi planificada, pois consideramos que, no decorrer da aula, devem ocorrer momentos e espaços de expressão de opinião pessoal. Estes momentos foram pensados com a finalidade de ir ao encontro das necessidades que os alunos demonstraram no PCT (quanto ao tipo de professor que os alunos gostariam de ter, enumeram as seguintes características: simpático, que ensine bem, divertido, compreensivo e paciente). Quanto à participação, esta foi planificada colocando questões diretas e orientadas aos alunos, tendo como finalidade a participação ativa de todos os elementos da turma. Assim, um dos objetivos iniciais que tínhamos e que conseguimos cumprir era motivar e desenvolver uma aprendizagem significativa em toda a turma. Para o efeito, solicitamos a colaboração de todos os elementos da turma através da técnica das perguntas (gerais, diretas, ricochete, abertas, orientadas e fechadas).

A organização do espaço e do tempo também foi tida em conta na planificação e durante o decorrer da aula; desta forma se assegurou a movimentação correta dentro da sala de aula. Relativamente ao espaço, a estagiária, ao escolher os recursos, teve em conta o espaço, pois adequou o *PowerPoint* (fundo e tamanho das letras) à sala/espaço (grande, muita luz o que impossibilita a visibilidade fácil). A nível de organização do tempo, a estagiária adequou todas as tarefas, atividades e recursos ao tempo que tinha para a aula. Assim, conseguiu realizar todas as atividades que tinha planificado e cumprir a planificação inicial.

Quanto às **formas do professor exercer o poder**, a estagiária adotou a recompensa e o elogio ao longo da aula e, sempre que um aluno participava, utilizava os reforços positivos através de aproximação corporal, expressões orais, deixar o aluno ler o diapositivo, entrega de uma ficha com palavras cruzadas (jogo didático que foi entregue no final da aula como recompensa). Geriu a forma de aproximação corporal (voz baixa, toque nos alunos em determinados elementos da turma - grupo 2 e 3) e distanciamento corporal (olhar frio e de reprovação, voz alta - grupo 1). A estagiária prestou especial atenção ao grupo 1, pois, com a observação das aulas da professora cooperante, detetamos que eram alunos que se distraíam com muita facilidade e necessitavam de uma atenção reforçada. Assim, a estagiária, com este conhecimento prévio, teve de exercer o seu poder utilizando o reforço negativo (repreensão), pois os alunos estavam distraídos e a brincar, tendo que intervir para que os alunos ficassem atentos. Perante esta atitude, os alunos mudaram de comportamento e atitude, pois começaram a participar na aula de forma correta. No fim da aula, os alunos pediram desculpa pela atitude e agradeceram as palavras cruzadas.

Como já referimos, no ponto 3.1.1 – Planificação, uma planificação deve ser objeto de reflexão e reajustamentos. Desta forma, e após a regência, fizemos **uma avaliação e reajustamento** ao plano de aula, onde acrescentamos as estratégias e descrevemos a sequência da diferenciação pedagógica implementada (Anexo 22 – Avaliação e reajustamento do plano de aula: Sociedade do Antigo Regime). Neste documento, ficaram visíveis as situações inesperadas e improváveis com que a estagiária se deparou no decorrer da aula e as estratégias e metodologias que teve de adotar para conseguir cumprir com todos os objetivos da planificação, a nível de conteúdos, tempo e clima de aula. No final da aula, o **clima** que estava instalado na sala era de coesão, satisfação,

interesse e curiosidade (Perrenoud, 1999 b; Flores, 2000; Estrela, 1992; Braga *et al* 2004; Braga 2010 e 2011). Ou seja, ao longo da aula, o papel da estagiária, as estratégias, as metodologias e os recursos modificaram comportamentos e atitudes dos alunos, motivando-os e levando à participação ativa.

A **realização** da aula atingiu, como acabamos de referir, os objetivos definidos na planificação, que foi cumprida na íntegra. O professor deve estar ciente da **seleção dos métodos, técnicas** e meios a utilizar para favorecer a aprendizagem. A explicação dos pontos-chave dos conteúdos, dos tipos de intervenção, dos motivos de interesse são aspetos fundamentais para um maior envolvimento dos alunos. O processo de motivação nem sempre é fácil. Segundo Paulo Freire (1980), se o professor conseguir criar, no aluno, a necessidade de aprender, a satisfação dessa necessidade conduzirá a uma aprendizagem mais fácil. Esta fase consiste na abordagem da matéria que serve de base às atividades de ensino e aprendizagem a desenvolver na aula.

A elaboração dos **materiais/recursos/estratégias/atividades** foi delineada, tendo em conta o perfil dos alunos. Assim, foram planeadas atividades e estratégias de aprendizagem, como: reflexão sobre a questão orientadora, leituras, interpretação, análise e exploração de vários recursos como diapositivos (*PowerPoint*) e pequenos textos do manual, imagens, vídeos didáticos.

Os **recursos didáticos**, os métodos e os materiais a utilizar na aula tiveram em consideração os objetivos que pretendíamos que os alunos atingissem no final da aula (ver anexo 21 – plano de aula). Os **recursos audiovisuais** utilizados foram os vídeos.

A **aula iniciou-se** com a visualização de **vídeo/diaporama**<sup>21</sup>, que foi usado como estratégia de motivação (assunto já desenvolvido no capítulo 2, no ponto 2.1.2 - a motivação); foi construído pela estagiária em *PowerPoint* e depois transformado em vídeo (Anexo 1, em CD, – 1º Vídeo motivação). Na elaboração deste vídeo pretendíamos criar uma atividade dinâmica, que ficasse retida na memória dos alunos, pois era um resumo dos conteúdos e dos diapositivos que, de seguida, seriam explorados ao longo da aula. A partir deste vídeo exploramos com os

---

<sup>21</sup> Diaporama ou montagem sonora é um recurso audiovisual. Neste caso combina-se uma música (som) e uma série de diapositivos. Para montar um diaporama necessita-se de um guião prévio e parte-se indistintamente da banda sonora ou dos diapositivos. A sua realização requer sempre uma clara definição dos objetivos, e uma rigorosa seleção de materiais em função dos conteúdos previamente definidos. Pode tornar-se um magnífico exercício para a formação científica e intelectual dos alunos, se eles intervirem na sua elaboração. No entanto, e por uma questão de logística, tempo a estagiária optou por não realizar nenhum exercício de construção conjunta de diaporamas com os alunos.

alunos os conhecimentos prévios e a questão orientadora/desafio, através da técnica pedagógica “Brainstorming” (Tempestade de Ideias).

A questão orientadora está visível no primeiro diapositivo do *PowerPoint*, que foi elaborado cuidadosamente, tendo em conta as características físicas da sala (luminosidade e tamanho), pois adaptamos o fundo às necessidades de luz e os tamanhos das letras à dimensão. Ao longo dos diapositivos colocamos imagens e vídeos ilustrativos (sociedade do Antigo Regime abrangendo: classes sociais, cultura, atividades, tempos livres, arquitetura...) (Anexo 2 no CD, – Apresentação em *PowerPoint* “A sociedade de Ordens”). A construção e elaboração dos **vídeos** (Duelo, Povo e Sociedade) resultaram de um trabalho árduo e minucioso de cortes de pequenos extratos de dois filmes (“O Perfume” e “Os três Mosqueteiros”) que caracterizam muito bem a época e a sociedade do Antigo Regime. Aos vídeos foram colocadas músicas (som) de fundo que foram criteriosamente selecionadas correspondentes à época e à situação retratada em cada vídeo. Para o efeito as músicas selecionadas são de J.S. Bach “Brandenburg Concertos Age of Enlightenment” e Johann Pachelbel “Canon in D major”. Com a criação destes vídeos pretendíamos, através da visualização e audição, criar sensações, demonstrar como eram a vida e a sociedade no Antigo Regime criando elos de comparação com a atualidade. Também pretendíamos que os alunos identificassem e descrevessem os diferentes grupos sociais. Para o efeito aplicamos os métodos expositivos, interrogativo e ativo, assunto já desenvolvido no tema 3.1.2 – Realização. No final da visualização dos vídeo a estagiária utilizou a técnica Brainstorming, assunto já desenvolvido no tema 3.1.2 – Realização (Silva, 1992 e 1997; Marques, 1998 e 1999; Mão de Ferro, 1993 e 1999; Roldão, 1999; Ferrão e Rodrigues, 2000; Arends, 2008; Martim, 2008).

A construção e elaboração dos diferentes vídeos e ilustrações/imagens ao longo dos diapositivos teve como objetivo apresentar organizadores prévios e, para induzir a prontidão, a estagiária pergunta o que sabem sobre cada grupo/ordem. De seguida, os alunos devem classificar os diferentes grupos sociais segundo as imagens que se encontram nos diapositivos (aplicação dos métodos interrogativo e expositivo).

O vídeo do Duelo (duração de 00.40) foi elaborado com o objetivo de caracterizar a nobreza de sangue (passatempo e atividade profissional) (Anexo 3, em CD, – Vídeo do duelo).

O vídeo do Povo (duração de 03.37) retrata o Terceiro Estado e com ele fica evidente a heterogeneidade (burgueses, camponeses e marginais) desta ordem não privilegiada. A criação deste vídeo teve como objetivo demonstrar e caracterizar o Terceiro Estado na sua essência desde o vestuário, à habitação, atividades económicas, transporte, alimentação, convívio social (divertimento). Neste vídeo a escolha do som recaiu sobre uma música triste, pois era este Estado que sustentava toda a sociedade. Esta Ordem vivia em condições miseráveis, ficando bem evidente no pequeno vídeo que foi construído com trechos do filme “O Perfume”. Os alunos memorizaram este vídeo, pois nas aulas seguintes ainda descreviam situações retratadas, nomeadamente o tratamento a que eram sujeitos e a violência com que eram tratados (Anexo 4, em CD, – Vídeo do Povo).

Para além do diaporama inicial, que foi utilizado como motivação inicial, também construímos outro vídeo/diaporama com o tema dos impostos. Para o efeito, selecionamos *caricaturas* que retratam o pagamento dos impostos pelo Terceiro Estado; mais uma vez fica evidente a importância da *pedagogia da imagem*. (Febregat, 1989; Proença, 1990; Felgueiras, 1994; Balancho e Coelho, 1996; Torres, 1997; Barca, 2000 e 2004; Horn e Germinari, 2006; Melo, 2008). A música escolhida para este diaporama é uma música triste, com o objetivo de som e imagem estarem em consonância (Anexo 5, em CD, – Vídeo dos impostos).

As atividades para induzir a prontidão, como já referido, ajudam o aluno a concentrarem-se na aula; desta forma, a estagiária colocou perguntas aos alunos fazendo ligações entre os conteúdos abordados e a atualidade (métodos expositivo, interrogativo e ativo). Por exemplo, aquando da visualização do vídeo “A Sociedade do Antigo Regime” a estagiária fez o paralelismo com a atualidade e com os casamentos reais atuais (método ativo). A motivação dos alunos foi evidente, pois fizeram muitos comentários. Este vídeo (duração de 01.25) teve este título pois são visíveis todos os grupos sociais (povo, nobreza, clero), a diferentes níveis: vestuário, meios de transporte, habitação, convívio social (tratamento e saudação) (Anexo 6, em CD, – Vídeo “A Sociedade do Antigo Regime”).

Para a exploração destes recursos (*PowerPoint* com texto sintetizado, imagens, vídeos) usamos diversas atividades pedagógicas (leitura e passagem para os cadernos diários do conteúdo de alguns diapositivos, visualização, análise e

exploração dos vídeos e imagens) ao longo da aula. Ao pretender concretizar os objetivos definidos não podíamos nunca cair no erro de estimular apenas um sentido. É indispensável que haja observação e que daí resultem experiências suficientes para fazer assimilar determinados conceitos. Como desenvolvemos no ponto da motivação, existem investigações que provam que os alunos que ouvem, leem, veem e escrevem assimilam/memorizam uma maior quantidade de informação. Desta forma, consideramos importante criar uma **página de internet na Wix**, onde disponibilizamos todos os materiais (sumário, situação-problema/desafio, objetivos, apresentação em *PowerPoint*, vídeos e palavras cruzadas) usados na aula (consultar o endereço: <http://annarrocha.wix.com/aula2#!>).

Em termos de **conclusão**, podemos afirmar que os vídeos tiveram um papel fundamental na motivação, concentração e aprendizagem dos alunos, pois memorizaram os conteúdos que necessitavam de saber. Nas aulas seguintes, os alunos foram descrevendo e caracterizando as diferenças dos grupos sociais, relatando situações visualizadas nos vídeos. Consideramos que os alunos, com a visualização destes pequenos vídeos, tiveram “contacto direto” com o objeto histórico, transformando os conteúdos abordados em “reais”. A motivação e o entusiasmo dos alunos foram evidentes, pois fizeram imensas perguntas. No final da aula, um grupo de alunos ficou a conversar com a estagiária sobre os conteúdos abordados e queriam pormenores sobre alguns aspetos, nomeadamente, alimentação, diferenças sociais, vestuário “naquele tempo a roupa era mesmo assim?” – perguntavam.

A **avaliação** não foi descurada neste processo de ensino e de aprendizagem, pois a avaliação é fundamental para todos os intervenientes no processo, assunto já desenvolvido no capítulo 3 no ponto 3.1.3 – Avaliação.

A **Avaliação formativa**, como já referido no ponto 3.1.3 – Avaliação, pode ocorrer em vários momentos da aula; para o efeito, a estagiária utilizou as seguintes técnicas e instrumentos de avaliação: observação direta e formulação de perguntas.

Em **termos de observação direta**, ao longo da aula foram analisados os níveis de participação e o interesse manifestado ao longo da aula pelas atividades propostas. Para o efeito, a estagiária recorreu à técnica de formulação de perguntas orais (interpretação e análise de documentos escritos e imagens, vídeos). Também foi observado o respeito manifestado pelos colegas e pelo professor. Para o efeito, a estagiária elaborou grelhas de observação e escalas de classificação.

A avaliação escrita passou pela **formulação de perguntas**: ficha de trabalho, atividade da *webquest* e questionários de satisfação. Estes exercícios tinham como finalidade final a consolidação de conhecimentos, a construção do saber através do envolvimento dos alunos (aprendizagem significativa) e motivação.

A ficha de trabalho (trabalho de casa) era composta por uma parte mais lúdica (jogo de palavras cruzadas) e outra de produção escrita, referente à situação problema. Continha um jogo de palavras cruzadas (Anexo 23 – Palavras cruzadas), que tinha como objetivo premiar e motivar (reforço positivo) os alunos. Consideramos que o objetivo foi atingido, pois os alunos ficaram muito contentes aquando da entrega das palavras cruzadas e conseguiram realizar com sucesso o exercício. Para avaliação da produção escrita curta/longa a estagiária solicitou aos alunos que copiassem para os seus cadernos diários a situação problema (Anexo 24 - situação problema) e elaborassem uma resposta escrita. Para o efeito, a estagiária reservou os últimos minutos da aula e, para auxiliar os alunos, projetou o texto de apoio (último diapositivo do *PowerPoint*).

Analisados os resultados obtidos no instrumento de avaliação, conclui-se que o **trabalho de casa** foi entregue por todos os elementos femininos da turma, ou seja, por 14 raparigas e por 9 rapazes, pois 2 elementos do sexo masculino não entregaram a ficha à estagiária. A **ficha** foi corrigida pela estagiária e os resultados globais obtidos neste instrumento de avaliação foram muito positivos (conforme podemos observar na Tabela 21 - resultados de classificação obtidos na ficha de trabalho na primeira aula de História), tendo em conta as características da turma, referidas no início deste relatório. Desta forma, consideramos que conseguimos mudar comportamentos, atitudes e hábitos, graças à metodologia/estratégias de aprendizagem utilizadas durante a aula e no instrumento de avaliação.

Disciplina: História						
Nº	Nome	Questão	1	2	Total	CLASSIFICAÇÃO
		Observação	Palavras Cruzadas	Questão Orientadora		
		Cotação	50	50		
1			45	25	70,00	
2			40	40	80,00	
3			50	30	80,00	
4			40	35	75,00	
5			45	40	85,00	
6			35	45	80,00	
7			50	40	90,00	
8			40	40	80,00	
9			50	46	96,00	
10			0	0	0,00	
11			45	35	80,00	
12			50	48	98,00	
13			45	25	70,00	
14			0	0	0,00	
15			45	10	55,00	
16			40	25	65,00	
17			50	0	50,00	
18			50	40	90,00	
19			50	35	85,00	
20			45	42	87,00	
21			40	25	65,00	
22			45	20	65,00	
23			50	45	95,00	
24			45	46	91,00	
25			50	48	98,00	

Questão	1	2	Total	CLASSIFICAÇÃO
Cotação	50	50	100	
% acerto na questão	83,6	62,8		

Tabela 21 - Classificações obtidas na ficha de trabalho na primeira aula de História.

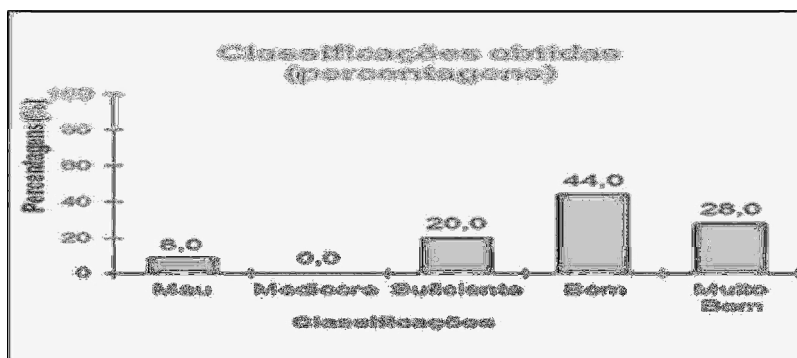


Gráfico 21 – Classificações obtidas (percentagens).

Na tabela 21 e gráfico 21 podemos observar que apenas dois alunos não entregaram a ficha de trabalho, o que nesta turma é um aspeto muito positivo, pois mais de metade da turma não tinha hábito de realizar os trabalhos de casa, bem como levar para a aula os materiais necessários (livro, caderno, caderno de exercícios). Podemos observar, no gráfico 21, as percentagens das classificações obtidas e o quanto estas são positivas no seu computo final, pois estamos perante uma turma em que apenas 20% dos alunos obtiveram a classificação de suficiente, 44% ativeram a classificação de bom e 28% conseguiram o muito bom.

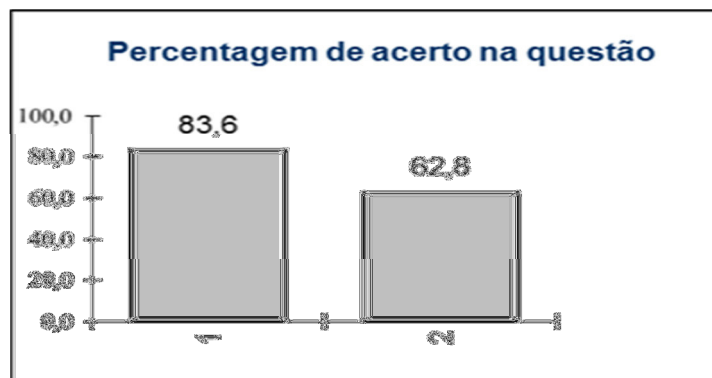


Gráfico 22 – Percentagem de acerto nas questões.

Quanto à análise do gráfico 22, verificamos que a questão 1 da ficha de trabalho, ou seja, o jogo (palavras cruzadas) foi um sucesso com os alunos, pois obtiveram nesta questão 83,6% de acerto contra 62,8% na questão 2 (situação problema). Podemos concluir que o jogo teve um impacto muito positivo na motivação e mudança de comportamento/mentalidade dos alunos, pois, como observamos na correção da ficha e pela análise dos dados obtidos no gráfico 22, alguns alunos apenas realizaram o exercício das palavras cruzadas. Porém, também verificamos que houve uma grande percentagem de estudantes que se esforçou para responder à questão da situação problema, mas não obtiveram uma boa qualificação. No entanto, consideramos importante salientar que o jogo didático despertou a curiosidade nos alunos e motivou muitos dos estudantes a realizarem a questão 2, que era um exercício mais difícil e que eles não gostam de praticar; todavia, muitos deles, incentivados pelas palavras cruzadas, esforçaram-se, contribuindo para a sua aprendizagem.

A **atividade webquest** teve a duração de 45 minutos e foi realizada na biblioteca da ESAS. Esta atividade ocorreu após todo o núcleo de estágio ter efetuado a primeira regência, na unidade temática 6. As questões foram elaboradas pelos estagiários de acordo com a temática que haviam lecionado, no nosso caso específico “A Sociedade do Antigo Regime”, com as questões 1 a 5 (Anexo 25 – Questões da *webquest* e link para a atividade <https://sites.google.com/site/webquestesaj/>). As questões foram corrigidas pelos respetivos estagiários e os resultados foram muito satisfatórios, como podemos observar na tabela 22.

Para esta atividade, eu e mais dois elementos elaboramos certificados para os alunos (Anexo 26 – Certificados: marcadores de livros), nos quais constava a nota obtida por cada um deles. Nesta atividade utilizamos a técnica pedagógica de

trabalho de grupo, a aprendizagem cooperativa em pares (Ferrão e Rodrigues, 2000; Arends, 2008; Martim, 2008; Braga, 2010 e 2011). Os grupos foram organizados pelos próprios alunos; no entanto, durante a realização da *webquest* houve situações de interajuda entre grupos, favorecendo a troca de ideias, opiniões e aprendizagens.

A análise dos resultados obtidos neste instrumento de avaliação mostra que todos os elementos da turma participaram nesta atividade, ou seja, 25 alunos, sendo 11 rapazes e 14 raparigas. Na tabela 22 e no gráfico 23 podemos verificar que elaboramos 5 questões, tendo todas as questões obtido boas cotações. No gráfico 23 podemos observar que, neste exercício de avaliação, a turma obteve as duas melhores classificações Bom ou Muito Bom. A classificação de Muito Bom foi obtida por 76% dos alunos e os restantes, ou seja, 24% obtiveram a classificação de Bom.

História									
Nº	Nome	Questão	1	2	3	4	5	Total	CLASSIFICAÇÃO
		Cotação	6	5	6	3	5	25	
1	.....		4,5	5	4,5	3	5	22	Bom
2	.....		4,5	5	5	0	5	19,5	Bom
3	.....		5,5	5	5,5	3	5	24	Muito Bom
4	.....		5,5	5	5,5	3	5	24	Muito Bom
5	.....		6	5	5,5	3	5	24,5	Muito Bom
6	.....		4,5	5	5	3	5	22,5	Muito Bom
7	.....		5,5	5	5,5	3	5	24	Muito Bom
8	.....		6	5	5,5	3	5	24,5	Muito Bom
9	.....		5	5	6	3	5	24	Muito Bom
10	.....		5,5	5	4	0	5	19,5	Bom
11	.....		6	5	6	0	5	22	Bom
12	.....		6	5	6	3	5	25	Muito Bom
13	.....		6	5	6	3	5	25	Muito Bom
14	.....		4,5	5	5	0	5	22,5	Muito Bom
15	.....		5,5	5	4	0	5	19,5	Bom
16	.....		4,5	5	5	3	5	19,5	Bom
17	.....		5	5	5,5	3	5	23,5	Muito Bom
18	.....		6	5	6	3	5	25	Muito Bom
19	.....		5,5	5	5	3	5	23,5	Muito Bom
20	.....		5,5	5	5	3	5	23,5	Muito Bom
21	.....		6	5	5,5	3	5	24,5	Muito Bom
22	.....		5,5	5	5	3	5	23,5	Muito Bom
23	.....		6	5	6	3	5	25	Muito Bom
24	.....		6	5	6	3	5	25	Muito Bom
25	.....		5	5	6	3	5	24	Muito Bom

Questão	1	2	3	4	5	Total	Classificação
Cotação	6	5	6	3	5	25	
% acerto na questão	90,3	100,0	89,3	80,0	100,0		

Tabela 22 - Classificações obtidas nas questões realizadas pela estagiária na *webquest* na primeira aula de História.

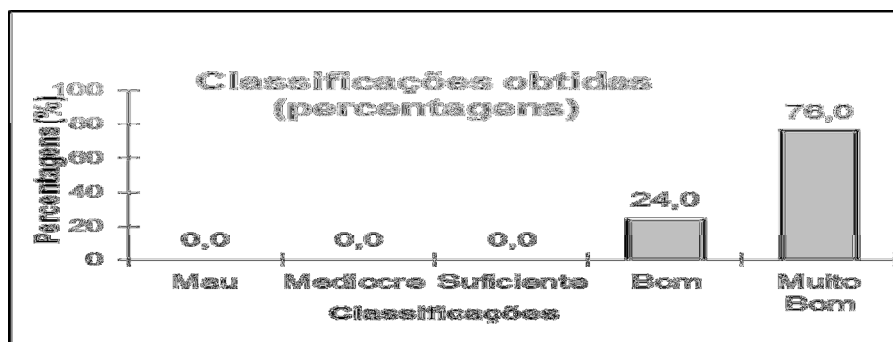


Gráfico 23 – Classificações obtidas (percentagens).

Numa análise mais detalhada do gráfico 24 e observando as cotações das primeiras cinco questões, a que aqui nos referimos, verificamos que a resposta com a cotação mais baixa é de 80% correspondendo à questão 4. A cotação de 80% de acerto nesta questão de escolha múltipla justifica-se, pois aquando da correção tivemos em linha de conta as características dos estudantes e verificamos que os alunos assinalados como os mais problemáticos, distraídos e conversadores foram os que erraram nesta questão.

Estes educandos assinalaram a opção 2 (altos cargos administrativos, militares e religiosos, não tinham isenção de impostos). A palavra «não», na opção, torna a resposta errada; desta forma, consideramos que os alunos mais distraídos e conversadores nem leram corretamente as opções e assinalaram esta opção, pois, na distração, o «não», não foi lido.

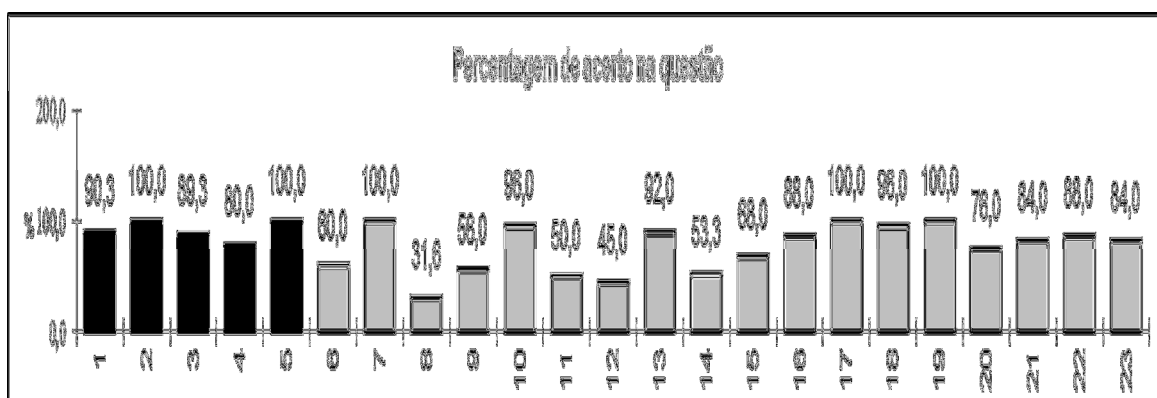


Gráfico 24 – Percentagens de acerto nas questões.

Relativamente, às questões 1 e 3, as percentagens de acerto são de 90,3% e 89,3% respetivamente. Nestas questões, os aprendizes não obtiveram a cotação máxima de 100%, pois eram perguntas que envolviam raciocínio e algum desenvolvimento de expressão escrita, o que dificultou a obtenção da classificação máxima. Na análise do gráfico 24 podemos verificar que a percentagem de acerto nas restantes questões elaboradas pelos restantes estagiários ronda entre os 31,6% e os 100%. Existem 6 questões, correspondendo às questões 6 (60%), 8 (31,6%), 9 (56%), 11 (50%), 12 (45%), 14 (53,3%), ou seja, a percentagem de acerto ronda entre os 31,6% e os 60%, inclusive. A percentagem de acerto nas questões com classificações entre os 70% e 90% foi de 5 questões, identificadas com os números 15 (68%), 16 (88%), 20 (76%), 21 (84%), 22 (88%) e 23 (84%). Quanto às questões classificadas entre os 90% e os 100% apenas são 6, correspondendo às questões 7 (100%), 10 (96%), 13 (92%), 17 (100%), 18 (96%), 19 (100%).

Podemos, assim, concluir que os alunos tiveram excelentes resultados nas questões elaboradas pela estagiária, sendo visível o resultado das metodologias/estratégias e a ação da estagiária, enquanto docente e educadora, pois motivou os alunos para uma aprendizagem, através do uso de técnicas/recursos (jogos e vídeos didáticos) pedagógicos eficazes. Desta forma, a estagiária, ao longo da regência da sua aula e na aula da atividade da *webquest*, foi uma professora eficiente e eficaz, interagindo e comunicando com os alunos, tanto ao nível dos comportamentos verbais como não-verbais (proxémica e cinésica/quinésica).

A **Avaliação sumativa** foi realizada através de um **teste de avaliação** elaborado e corrigido pela professora cooperante, como já referido. Para o efeito, a professora cooperante elaborou uma questão sobre a matéria lecionada pela estagiária (Anexo 27 – Questão da ficha de avaliação da primeira aula de História (Sociedade do Antigo Regime)).

De seguida apresentamos a análise dos resultados obtidos no instrumento de avaliação – avaliação sumativa.

Os resultados obtidos foram muito positivos e excelentes, pois houve muitos alunos com cotação máxima (11%) e os restantes com apenas uma penalização de dois por cento, ou seja, cotação de nove por cento, como podemos observar na tabela 23 e no gráfico 25, onde verificamos que a percentagem no acerto da questão foi de 84,4 %.

		Disciplina: História														Ano/Turma: 9ºB	Classificação
Nº	Nome	Questão	11	13	13	14	15	14	17	21	23	23	24	3	4	5	Total
		Cotação	10	5	3	6	10	6	3	2	2	10	10	11	10	12	
1																10	31
2																10	42
3																11	77
4																9	45
5																10	66
6																9	57
7																11	36
8																7	38
9																11	90
10																10	46
11																10	57
12																10	75
13																10	46
14																6	38
15																5	40
16																10	80
17																9	26
18																6	9
19																11	35
20																10	50
21																11	55
22																11	56
23																10	64
24																8	50
25																8	58
		Questão	11	12	13	14	15	16	17	21	23	23	24	3	4	5	
		Cotação	10	5	3	6	10	6	3	2	2	10	10	11	10	12	
		% acerto na questão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	84,4	-	-	

Tabela 23 - Resultados de classificação obtidos na questão na ficha de avaliação na primeira aula de História.

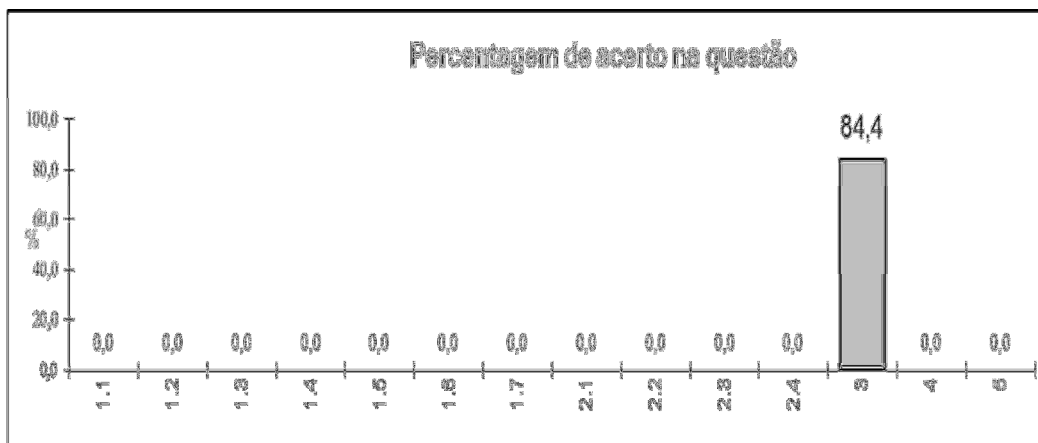


Gráfico 25 – Percentagens de acerto na questão.

Numa análise mais detalhada, podemos observar as classificações obtidas pelos alunos, na questão 3 referente à matéria lecionada pela estagiária, a que a professora cooperante atribuiu a cotação de 11%, podemos verificar que os resultados obtidos foram bastante satisfatórios, pois variam entre os 6% e 11%, com a exceção de 1 aluno que tirou 0%, pois não realizou a ficha de avaliação (aluno com o número 18).

As classificações, que variam entre o 6% e 9%, foram obtidas por 8 alunos, dos quais apenas 1 obteve a classificação de 6% e outro de 7%, enquanto 3 educandos obtiveram 8% e 9%. Todavia, houve 8 estudantes que alcançaram a classificação de 10%. A cotação máxima de 11% foi obtida também por 8 alunos.

No gráfico 26, juntamente com a tabela 23, verificamos que as classificações finais variam entre 23% e 90%. Fazendo a comparação entre os resultados obtidos na questão 3 e a classificação final, verificamos que 3 alunos obtiveram classificações finais entre os 70% e os 90% e a classificação na questão 3 atingiu o máximo da cotação, ou seja, os 11%, correspondendo aos alunos com os números: 3 (77%), 9 (90 %) e 12 (79 %). Relativamente, aos valores finais, que rondam os 50% e 66 %, identificamos 8 estudantes com os números 5 (66 %), 6 (57 %), 11 (57 %), 20 (59 %), 21 (58 %), 22 (56 %), 23 (64 %) e 25 (58 %) que obtiveram, como classificação na questão 3, valores que rondam entre os 8% e 11%, sendo apenas 1 aluno com a cotação de 8% e 9%; 4 estudantes atingiram os 10% e 2 educandos a cotação máxima (11%). As percentagens finais que se situam entre os 30% e 50% foram alcançados por 10 estudantes. Na comparação dos resultados obtidos por estes 10 alunos, no que se refere ao que obtiveram na questão 3 e na percentagem final verificamos que o número 1 obteve 31% na

classificação final e 10% na questão 3; o número 2, 42% na classificação final e 10% na questão 3; o 4, 49% na classificação final e 9 % na questão 3; o, 7, 36% na classificação final e 11% na questão 3; o, 8, 39% na classificação final e 7% na questão 3; o 10 e o 13, 46% na classificação final e 10% na questão 3; o, 15, 40% na classificação final e 8% na questão 3; o 16, 50% na classificação final e 10% na questão 3; o 19, 35% na classificação final e 11% na questão 3; o, 24, 51% na classificação final e 8% na questão 3. Apenas 2 alunos obtiveram como classificação final valores que variam entre 20% e 30%, sendo os estudantes com os números 14 e 17. O aluno com o número 14 tirou 23 % na classificação final e 6% na questão 3, enquanto, que o educando 17 obteve os 26 % na classificação final e 9% na questão 3.

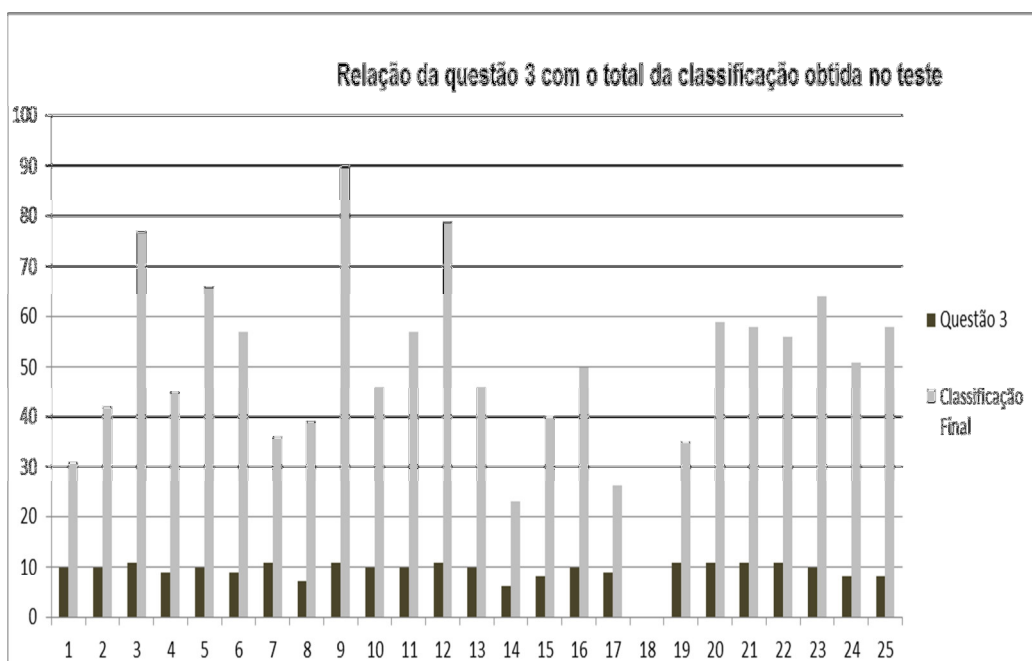


Gráfico 26 – Relação da questão 3 com o total da classificação obtida no teste.

Ao longo da análise da tabela 23 e dos gráficos, apuramos que os alunos obtiveram classificações finais muito baixas e, em contrapartida, os resultados na questão 3, onde constava a matéria da estagiária, foram muito positivos. A título de exemplo podemos citar os alunos com os números: 1, 7, 10, 13, 16, 19.

Podemos, assim, concluir que as boas práticas e metodologias/estratégias/recursos aplicados foram bem-sucedidos na aprendizagem e motivação dos alunos, como ficou visível nos resultados obtidos e comparados entre a questão 3 e as classificações finais.

### 3.2.2 – Segunda aula de História: planificação, realização e avaliação.

Na segunda regência de História, os estagiários escolheram as turmas e os conteúdos programáticos que queriam lecionar. Desta forma, a escolha da estagiária recaiu sobre a unidade temática “O trinfo das Revoluções Liberais” e teve como temática “A Revolução Francesa”, sendo o sumário “A Revolução Francesa. Antecedentes da Revolução Francesa. Da Monarquia Absolutista à Monarquia Constitucional”.

Os motivos desta escolha relacionam-se com o facto de dar **continuidade à aula anterior** (primeira regência de História), pois a aula versou sobre a Sociedade do Antigo Regime, pelo que nesta regência os conteúdos programáticos abordam o fim da Sociedade do Antigo Regime. Em consentâneo com o paradigma construtivista, atentámos aos conhecimentos prévios dos alunos (primeira regência de História), indagando os seus conhecimentos sobre os conteúdos abordados. Assim, nesta segunda aula, a estagiária teve oportunidade de **avaliar os conhecimentos** adquiridos pelos alunos na sua primeira aula, utilizando a técnica da formulação de perguntas/respostas ao abordar os antecedentes da Revolução Francesa. Ou seja, a estagiária verificou as aprendizagens dos alunos na sua primeira regência, fazendo o elo de ligação entre as duas aulas e as várias áreas: sociedade, política e economia. Desta forma, relacionou os conteúdos: Sociedade do Antigo Regime/Monarquia Absolutista e Antecedentes da Revolução Francesa/Monarquia Constitucional. Assim, na elaboração do **PowerPoint**, colocou propositadamente um diapositivo, número treze, da primeira aula, para que os alunos recordassem as características dos grupos privilegiados. Desta forma, apelou à memória e avaliou as aprendizagens adquiridas na primeira regência. Os diapositivos oito a dezasseis (causas económicas, sociais e políticas da Revolução Francesa) são compostos por conteúdos que os alunos tinham abordado na primeira aula com a estagiária e nas aulas anteriores. Inicialmente, aparece a imagem no diapositivo e a estagiária, utilizando a **técnica** das perguntas gerais (dirigidas à turma), discussão e brainstorming, apelou à participação dos alunos. Ou seja, conduziu os alunos para que eles, nas suas respostas, preencherem o diapositivo. Só depois da participação dos alunos é que apareceu o texto/tópicos dos conteúdos programáticos. Todas as **imagens** foram

cuidadosamente selecionadas, pois caracterizavam/ilustravam os tópicos do diapositivo. Algumas foram propositadamente repetidas (caricaturas) da primeira aula. A utilização das imagens tinha como objetivo ajudar os alunos a “preencherem” o diapositivo através da utilização da memória e dos conhecimentos adquiridos nas aulas anteriores. Assim, a estagiária analisou os **conhecimentos** que tinham sido **assimilados**, pelas reações e respostas que os alunos davam às questões colocadas. Para o efeito, a estagiária utilizou os **métodos**: expositivo, interrogativo e ativo. Verificou, ainda, que os **vídeos e os jogos didáticos**, da primeira aula, tinham resultado como atividades e recursos de **motivação e de aprendizagem significativa**, pois os alunos, nas suas respostas, remeteram, por vezes, para aspetos/realidades/aprendizagens que tinham visualizado/adquirido nos vídeos da primeira aula.

Na **planificação e realização** desta segunda aula também tivemos em linha de conta as **características da turma**, tendo prosseguido os **objetivos** já referidos para a primeira aula, relacionados com a motivação e a aprendizagem significativa dos alunos. Quanto ao documento da planificação, este obedeceu à estrutura definida para o efeito, como já referimos (Anexo 28 – Plano de aula: Antecedentes da Revolução Francesa). Ao planificar a aula a estagiária teve em linha de conta aspetos já referidos anteriormente, que consideramos fundamentais para o sucesso de uma aula: o espaço e o tempo. Quanto ao **espaço** a estagiária estava em vantagem em relação à primeira regência, pois a sala foi a mesma da primeira aula, ou seja, o reconhecimento do espaço já tinha sido realizado, o que lhe trouxe mais confiança e conforto. A experiência da primeira aula ajudou a estagiária a localizar-se em determinados locais, durante a visualização dos vídeos, de forma a ter contato mais direto com o grupo de alunos que sabia à partida que poderiam mais facilmente distrair-se ou conversar com os colegas do lado. Assim, os comportamentos não-verbais, quer no que respeita à proxémica (linguagem da organização e gestão do espaço – movimento pela sala), quer à cinésica/quinésica (linguagem do corpo - tom de voz e postura corporal)<sup>22</sup> durante a aula foram adequados às situações, alunos, atividades, recursos e necessidades.

---

<sup>22</sup> Materiais de apoio às aulas de Didática do Mestrado em Ensino da História e da Geografia lecionadas pela Professora Fátima Braga e no curso de formação inicial pedagógico e no curso de profissionalização em serviço da Universidade Aberta. Alguns autores: Silva, 1992 e 1997; Marques, 1998 e 1999; Mão de Ferro, 1993 e 1999; Balancho, e Coelho, 1996;

Relativamente ao **tempo**, planificamos todas as atividades, recursos e estratégias de forma a terminar a aula com o último diapositivo do jogo didático. Ou seja, para que, quando a campainha tocasse, este fosse o último diapositivo, para no fim entregar as fichas de trabalho para os alunos preencherem em casa. A estagiária ponderou colocar no último diapositivo a seguinte mensagem: Ah! Finalmente tocou... Espero que tenham gostado da aula e do jogo. Porém, e com receio que a planificação não fosse cumprida ao segundo, isto é, o último diapositivo do jogo podia ser visualizado minutos antes ou depois de a campainha tocar, optou por colocar apenas a mensagem: “Finalmente cheguei!!!! Obrigado pela ajuda...” No entanto, a **planificação foi cumprida na íntegra e ao segundo**, pois quando os alunos responderam à última pergunta, a estagiária passou para o último diapositivo e a campainha tocou. Todavia, a reação dos alunos, aquando do toque da campainha, não foi de quererem sair da sala, mas sim de quererem mais perguntas, ou seja, queriam continuar o jogo e diziam “só mais uma pergunta, só mais umas...”, “professora vamos repetir o jogo.”

A planificação deve ser objeto de uma **avaliação e reajustamento**, após a sua realização; desta forma, e tal como na primeira regência, também nesta aula procedemos à avaliação da mesma (Anexo 29 – Avaliação e reajustamento do Plano de aula). Esta avaliação permite-nos concluir que, ao longo da aula, o papel da estagiária, as estratégias, as metodologias e os recursos **modificaram comportamentos e atitudes dos alunos**, isto é, o clima.

No **final da aula, o clima** que estava instalado na sala era de coesão, satisfação, interesse e curiosidade<sup>23</sup> devido aos recursos apresentados (vídeos, jogo didático, imagens, música) e às estratégias e métodos pedagógicos aplicados. Porém, importa salientar que o **clima inicial da aula** era de grande instabilidade, agitação, confusão, comportamentos e atitudes menos corretas dos alunos, devido a contratemplos externos: atrasos dos alunos, penúltima aula do fim do período (alunos pensavam que iam ver um filme), ansiedade por saberem a nota do teste que tinham realizado. Todos estes fatores conjugados fizeram com que o

---

Perrenoud, 1997b ; Roldão, 1999; Ferrão e Rodrigues, 2000; Flores, 2000; Arends, 2008; Braga *et al*, 2004, Braga 2010, 2011.

<sup>23</sup> Tema desenvolvido no tema 3.1.1 – Planificação. Autores: Perrenoud, 1999 b; Flores, 2000; Estrela, 1992; Braga, 2000, 2010 e 2011; Braga *et al*, 2004.

início da aula tivesse um atraso de cerca de 15 minutos. Porém, a planificação, como referido anteriormente, foi cumprida na íntegra, pois a estagiária conseguiu ultrapassar as dificuldades iniciais, demonstrando uma grande capacidade de improvisar e rentabilizar o tempo. Ou seja, a estagiária demonstrou que é uma professora eficaz e que domina as técnicas e os métodos pedagógicos, pois conseguiu recuperar os 15 minutos de atraso, utilizando o método expositivo, que permite economia e gestão do poder (assunto já desenvolvido no ponto 3.1. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem nas aulas de História e Geografia: planificação, realização e avaliação). Assim, a estagiária teve de exercer o seu poder nos primeiros minutos da aula, com reforços negativos (postura corporal adequada e tom de voz grave).

Para a realização desta segunda aula, selecionamos vários **recursos pedagógicos** (*PowerPoint*, imagens, gráficos, vídeos, música, pequenos extratos do manual e jogo didático) e adotamos os métodos: expositivo, interrogativo e ativo. A elaboração dos vários recursos foi minuciosa. Na exploração de todos os recursos pedagógicos (*PowerPoint*, atividades de motivação e jogo) utilizamos as seguintes técnicas pedagógicas: brainstorming, discussão, perguntas/respostas. Na elaboração do **PowerPoint** tivemos como preocupação a escolha do fundo dos diapositivos e o tamanho e cor das letras (Anexo 1, em CD – Apresentação em *PowerPoint* da segunda aula: A revolução Francesa. Antecedentes da Revolução Francesa. Da Monarquia Absolutista à Monarquia Constitucional). Desta forma, e uma vez que o conteúdo programático da aula era a Revolução Francesa, decidimos colocar os títulos dos diapositivos com as cores da bandeira Francesa e também sublinhamos algumas palavras com outra cor, para chamar a atenção do aluno para a palavra ou frase, facilitando a sua memorização. Consideramos que a estética, a parte visual de uma apresentação, é fundamental para cativar, despertar a atenção e memorização dos alunos. A utilização da cor da bandeira Francesa nos títulos dos diapositivos tinha também o seguinte objetivo: criar desde do primeiro momento um elo de ligação com a temática lecionada, ou seja, demonstrar a importância da Revolução Francesa, pois foi com ela que se criou a bandeira Francesa que ainda hoje é usada. Pensamos que foi conseguido, pela reação dos alunos. Como já referido nos parágrafos anteriores, as imagens que integram a apresentação em *PowerPoint* foram cuidadosamente selecionadas, bem como os gráficos. Na explanação dos

diapositivos desenvolveu-se a interação cooperativa espontânea, por solicitação e personalizada, tendo a estagiária aplicado os métodos: expositivo, interrogativo e ativo. A **interação personalizada** (Estrela 1992; Arends, 2008; Braga *et al*, 2004; Braga, 2011) realizou-se com alguns elementos da turma que, como já referido, necessitam de ser valorizados e de ter reforços positivos. Assim, a estagiária adequava as questões, (adequação do grau de dificuldade, auxílio de imagens e gráficos) para apelar à participação destes alunos, utilizando a técnica da pergunta direta e aberta.

O recurso aos **audiovisuais** foi, mais uma vez, imprescindível para, através dos pequenos quatro **vídeos**, aproximarmos o objeto histórico dos alunos, para que estes compreendessem mais facilmente a realidade histórica, facilitando a sua aprendizagem e motivação.

Para ajudar os alunos a obterem os resultados desejados através do aumento da motivação, decidimos que devíamos investir em atividades de motivação diferentes (três no seu total), que cativassem a atenção e que incentivasse os alunos a atuarem, interagirem e participarem. Assim, a **aula iniciou** com a visualização do primeiro **vídeo de música** (*The French Revolution - Bad Romance*\_ by Lady Gaga), sendo esta a **primeira atividade de motivação**. Este, apesar de ter uma duração de quatro minutos e cinquenta segundos, apenas foi visualizado até aos dois minutos e quarenta segundos. Os minutos visualizados referem-se aos antecedentes da Revolução Francesa e ao fim da Monarquia Absolutista. Os minutos restantes do vídeo, dois minutos e dez segundos, retratam todos os acontecimentos da Revolução Francesa (Anexo 2, em CD, 1<sup>o</sup> Vídeo “*The French Revolution - Bad Romance*\_ by Lady Gaga”).

A música tinha como objetivo facilitar a motivação e a atenção dos alunos. A música e a introdução inicial que a estagiária fez ajudaram a modificar comportamentos e atitudes incorretas iniciais de confusão. Inicialmente, a estagiária explicou que a música e o vídeo que iriam escutar e visualizar resumia os conteúdos programáticos da aula e que deviam estar atentos, pois queria que eles “dessem a aula”, transformando os alunos em agentes ativos do ensino. Ou seja, a estagiária disse que, ao longo da aula, iria colocar questões que seriam facilmente respondidas se os alunos estivessem atentos ao vídeo. Durante a visualização a estagiária foi traduzindo as legendas para português (receio de que

os alunos não percebessem inglês), no entanto, os alunos cantaram e abanaram os braços ao som da música. No final da visualização os alunos queriam continuar a ver o vídeo e a cantar. Assim, esta primeira atividade de motivação inicial (vídeo de música) foi um sucesso, como podemos avaliar pela atitude e respostas que os alunos deram às questões colocadas pela estagiária após a visualização do vídeo.

No quarto diapositivo, a estagiária realizou uma **segunda atividade de motivação** usando uma **imagem/quadro** “A Liberdade guiando o Povo” (1830). Este recurso foi rentabilizado pela estagiária para a motivação dos alunos, através do uso das técnicas: brainstorming, discussão, perguntas/respostas ricochete, abertas e gerais.

Na conceção dos três vídeos que foram usados nos diapositivos seguintes tivemos como base uma série de documentários do canal História. A produção destes vídeos resulta de um trabalho metuculoso, pois fizemos excertos de vários documentários que, no seu conjunto, tinham a duração de cinco horas, que deram origem aos pequenos vídeos. A seleção dos excertos foi difícil e lenta, pois é complicado criar elos de ligação entre os vários cortes.

No terceiro diapositivo visualizamos mais um **vídeo**, **terceira atividade de motivação**, que consistia num pequeno resumo da Revolução Francesa, como já referido (Anexo 3, em CD, – 2º Vídeo – Resumo da Revolução Francesa). Esta atividade e a projeção de mais dois vídeos tinham uma dupla finalidade: motivar os alunos para a aula e para as aulas seguintes e estabelecer a prontidão ou indução. Ou seja, com a visualização destes vídeos, a estagiária pretendeu dar pistas para a participação e motivação dos alunos. Assim, no quinto diapositivo projetou-se o terceiro vídeo intitulado “Causas da Revolução Francesa”, com duração de 3 minutos e dez segundos (Anexo 4, em CD, – 3º Vídeo – Causas da Revolução Francesa). No diapositivo vinte mostramos o quarto vídeo “A Tomada da Bastilha”, que dura três minutos (Anexo 5, em CD, – 4º Vídeo – A Tomada da Bastilha). O objetivo da criação destes vídeos foi atingido, pois a motivação, o interesse, a participação, a satisfação e a aprendizagem dos alunos ficou evidente, tanto pela interação que tiveram ao longo da aula (perguntas/respostas) como pelos instrumentos de avaliação que realizaram (jogo didático, ficha de trabalho e teste).

O **manual** foi outro dos recursos usados ao longo do *PowerPoint*, pois selecionamos **3 pequenos textos** que se encontravam nas páginas 35 (Estados Gerais), 37 (Revolução Burguesa) e 36 (Sabias que...?). Os dois primeiros textos foram utilizados ao longo da aula (diapositivos 19 e 21 respetivamente), tendo sido selecionados por serem definições de conceitos importantes para explicar a matéria; a leitura destas definições tinham como finalidade consolidar o conceito. A estagiária utilizou a técnica da pergunta geral (pergunta dirigida à turma) para solicitar a leitura dos textos do manual, *PowerPoint*. Na reação da turma podemos verificar a motivação, interesse e participação dos alunos, pois a maioria da turma quer ler, apenas os alunos mais tímidos não se manifestam.

A **aula terminou** com um **jogo didático** em *PowerPoint* (Anexo 6, em CD – Jogo didático). A elaboração do jogo didático foi pormenorizada, pois idealizamos todos os pormenores desde a personagem, música, cenários, tarefa. A música foi escolhida e adaptada aos diferentes cenários/situações que compõem os diapositivos. O jogo é composto por oito questões. Ao criarmos este jogo/recurso não pretendíamos apenas colocar uma série de questões para que os alunos respondessem, mas sim criar um ambiente e uma contextualização envolventes, favorecendo e despertando mais a curiosidade e a motivação. Assim, decidimos utilizar um cão com o nome Dartacao, fazendo a ligação aos desenhos animados Dartacão (adaptação fiel do romance de Alexandre Dumas, "Os três mosqueteiros", embora tenha alguns pormenores diferentes, tais como os protagonistas serem cães). Como a história dos desenhos animados e dos três mosqueteiros remonta ao período do reinado de Luís XIV (período que remonta à Sociedade do Antigo Regime matéria da nossa primeira aula) consideramos que, para fazermos uma boa ligação, deveríamos colocar a personagem do nosso jogo como bisneto do Dartacão. Este herdou o seu nome e continuou a luta contra os indefesos. Assim, decidi levar o caderno de queixas dos populares para a Assembleia Constituinte, tarefa para a qual necessitava da ajuda dos alunos e das respostas às questões que se seguiam.

O jogo didático iniciou-se após a explicação/contextualização, pela estagiária, da personagem principal (Dartacão) e da leitura do **terceiro texto** do manual (Sabias que...?). Este texto retrata o caderno de queixas dos populares, para serem analisadas pela Assembleia Nacional Constituinte. Ao longo do jogo, a reação de satisfação, motivação, interesse e participação superou as expectativas, pois todos

os alunos queriam responder, mesmo os mais tímidos. Podemos afirmar que a utilização deste recurso (jogo) é um sucesso e uma mais-valia na motivação e aprendizagem dos alunos, como observámos pela reação e respostas que deram nos questionários de satisfação. Como já referimos, o clima de aula modificou-se e os alunos, que não queriam ter aula, quando acabou o jogo e tocou, não queriam sair e pediam mais uma pergunta.

Em termos de **conclusão**, podemos considerar que, ao planificar e criar os recursos pedagógicos, nomeadamente as três atividades de motivação, *PowerPoint* (títulos dos diapositivos com a bandeira Francesa, textos de apoio do manual, gráficos, imagens) e jogo didático, pretendíamos criar um **clima de inovação e orientação** (Perrenoud, 1999 b; Roldão, 2000 b; Flores, 2000; Estrela, 1992; Braga, 2000, 2004, 2010 e 2011). Porém, no final da aula também estava instalado o clima de individualização/personalização e satisfação, como já referido nos parágrafos anteriores e conforme consta do anexo 29, avaliação e reajustamento do plano de aula. Assim, ao longo da aula a estagiária desenvolveu atividades/estratégias e técnicas pedagógicas que fizeram com que todos os elementos da turma participassem e contribuíssem, tendo como finalidade aumentar a motivação intrínseca e extrínseca dos alunos. Desta forma, os reforços positivos desempenham um papel fundamental que um professor eficaz não deve descurar. Consideramos que um professor pode ter excelentes recursos, mas, se não tiver qualidades pessoais, justiça social e bom reportório de práticas, não consegue por si só motivar os alunos. Ou seja, o professor e a sua linguagem verbal e não-verbal (proxémica e cinésica/quinésica) adequadas são fundamentais para a motivação e aprendizagem dos alunos.

A **avaliação** da aprendizagem dos alunos foi realizada ao longo da aula, com caráter formativo, e também no final da unidade, pela orientadora.

Em termos de **observação direta e indireta**, registaram-se a participação, interesse, motivação e empenho manifestados ao longo da aula pelas atividades propostas. A estagiária recorreu à técnica de formulação de perguntas orais (interpretação e análise de documentos escritos, textos do manual e diapositivos, vídeos/imagens e jogo didático). Também foi avaliado o respeito manifestado pelos colegas e professor.

Foram formuladas **perguntas (avaliação escrita)** para uma ficha, a realizar em trabalho de casa. Era composta por duas partes: a primeira, mais lúdica, com dois **jogos didáticos**. A segunda parte da ficha foi composta por **três perguntas de desenvolvimento**, uma referente à situação problema e duas questões orientadoras definidas para a aula. A segunda parte da ficha, ou seja, as três questões, foram apresentadas no início da aula (nos dois primeiros diapositivos), tendo sido explicado aos alunos que, no final da aula, teriam de realizar a ficha de trabalho onde estariam as questões (Anexo 30 – Ficha de trabalho). Estes exercícios tinham como finalidade proceder-se à consolidação de conhecimentos, construção do saber através do envolvimento dos alunos (aprendizagem significativa) e motivação.

Os resultados obtidos através deste instrumento de avaliação foram muito positivos a dois níveis: percentagem de entrega e resultados. Quanto à entrega, todos os alunos entregaram a ficha de trabalho, o que é muito positivo, face ao perfil da turma. Quanto aos resultados, estes foram muito positivos, como podemos observar na tabela 24 e no gráfico 27.

Disciplina: <b>História</b>									
Nº	Nome	Questão	I - 1	I - 2	II - 1	II - 2.1	II - 2.2	Total	CLASSIFICAÇÃO
		Cotação	16	16	24	24	20		
		Observação	JOGO		QUESTÕES				
1			16	16	24	22	20	98,00	Muito Bom
2			15	15	24	20	20	94,00	Muito Bom
3			16	16	20	15	18	85,00	Bom
4			16	16	15	20	15	82,00	Bom
5			16	16	22	24	20	98,00	Muito Bom
6			14	16	14	16	18	78,00	Bom
7			14	12	16	14	16	72,00	Bom
8			16	16	24	24	10	90,00	Muito Bom
9			16	16	24	22	0	78,00	Bom
10			14	16	0	0	0	30,00	Não Satisfaz
11			10	12	14	18	12	66,00	Satisfaz
12			16	16	22	20	18	92,00	Muito Bom
13			16	14	0	16	5	51,00	Satisfaz
14			10	14	0	0	0	24,00	Não Satisfaz
15			14	14	12	0	12	52,00	Satisfaz
16			14	14	18	14	12	72,00	Bom
17			10	12	12	15	10	59,00	Satisfaz
18			16	14	20	22	18	90,00	Muito Bom
19			12	16	10	5	12	55,00	Satisfaz
20			16	16	20	22	18	92,00	Muito Bom
21			16	16	14	16	12	74,00	Bom
22			16	16	18	22	15	87,00	Bom
23			14	12	20	10	14	70,00	Bom
24			12	12	16	20	14	74,00	Bom
25			16	16	18	20	12	82,00	Bom

Questão	I - 1	I - 2	II - 1	II - 2.1	II - 2.2	Total	CLASSIFICAÇÃO
Cotação	JOGO		QUESTÕES			100	
% acerto na questão	30,3	32,3	66,2	66,2	64,2		

Tabela 24 - Resultados de classificação obtidos na ficha de trabalho na 2ª aula de História.

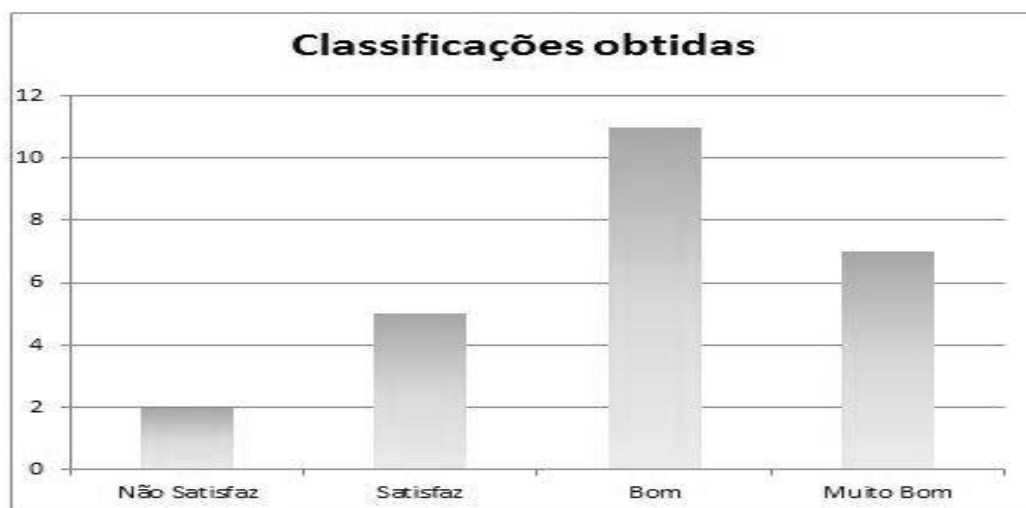


Gráfico 27 – Classificações obtidas.

Na análise da tabela 24 e do gráfico 27 verificamos que apenas 2 alunos tiveram Não Satisfaz (um com 24%, outro com 30%), 5 obtiveram a classificação de Satisfaz (percentagens que rondam entre 51% e 66%), 11 estudantes alcançaram a classificação de Bom (com percentagens que rondaram entre os 82% e 85%) e, por fim, 7 educandos conseguiram a classificação de Muito Bom (percentagens que rondam entre os 90% e 98%). Assim, consideramos que conseguimos mudar comportamentos, atitudes e hábitos, graças às metodologias/estratégias de aprendizagem utilizadas durante a aula e ao instrumento de avaliação.

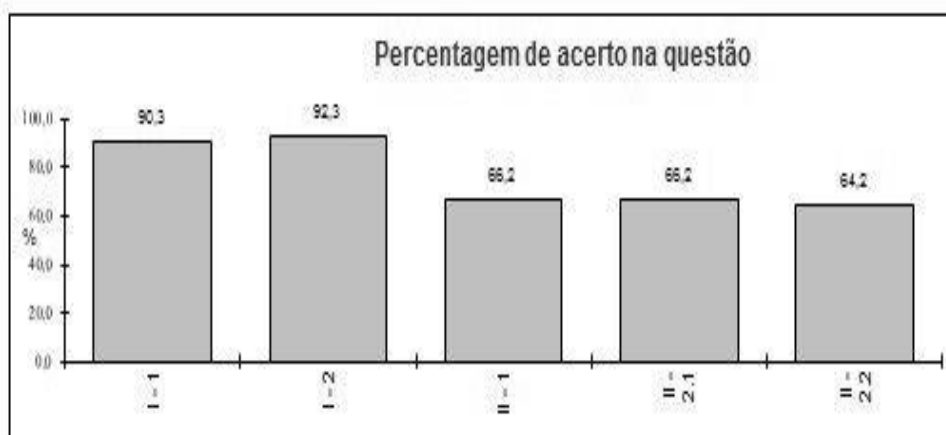


Gráfico 28 – Percentagem de acerto nas questões.

Na observação do gráfico 28 podemos observar que a percentagem de acerto nas questões é bastante positiva, pois situa-se entre 92,3% e os 64,2%. As questões com menor percentagem no acerto foram as perguntas de resposta longa, isto é, as questões referentes ao grupo II com as perguntas 1.1, 2.1 e 2.2 com 66,2%,

66,2%, 64,2% respetivamente. Ou seja, a percentagem de acerto nas questões é positiva, pois todas as respostas obtiveram cotações superiores a 60%. As respostas do grupo I, composto por jogos didáticos, tiveram uma percentagem de acerto excelente, pois a primeira teve 90,3% de acerto e a segunda pergunta/jogo o valor de 92,3%.

Em **conclusão**, em relação à parte II da ficha, ou seja, às questões de desenvolvimento, nota-se uma pequena melhoria nas percentagens de acerto das questões em relação à primeira ficha. Recordamos que, na primeira ficha de trabalho, os resultados obtidos tinham sido de 62,8 % (havia apenas uma questão), enquanto que, na segunda ficha, a média dos resultados obtidos na percentagem de acerto das questões é de 65,2%, composta por três questões de desenvolvimento (66,2%, 66,2% e 64,2%). Porém, em relação à parte I da ficha de trabalho, os resultados foram significativamente melhores. Assim, e pela análise dos resultados obtidos nos questionários de satisfação, reações dos alunos na sala de aula, bem como os resultados obtidos nas fichas de trabalho e na parte **jogos didáticos**, constata-se que os estudantes obtêm conhecimento e aprendizagens com os jogos embora, por vezes isso seja inconsciente, pois para a maioria deles estão a realizar apenas uma tarefa divertida e lúdica, não encarando este recursos (jogo) como uma atividade obrigatória e escolar. Ao compararmos os resultados obtidos nas **duas fichas de trabalho**, verificamos que os jogos didáticos obtiveram percentagens de acerto na ordem dos 87,3% (83,6% na primeira ficha: palavras cruzadas. Na segunda ficha: 89,8% construção de frases e 92,8% para acróstico). A média de acerto nos jogos didáticos da segunda ficha de trabalho foi de 91,15%. Desta forma, confirmamos que os jogos didáticos são instrumentos e recursos didáticos que os alunos realizam com prazer, tendo impactos positivos na sua aprendizagem.

A **Avaliação sumativa** foi realizada através de um **teste de avaliação** elaborado e corrigido pela professora cooperante, como já referido. Para o efeito, a professora cooperante elaborou quatro questões sobre a matéria lecionada pela estagiária (Anexo 31 - Questões da ficha de avaliação).

A análise que de seguida apresentamos foi construída com base nos resultados obtidos nas questões que a professora cooperante elaborou sobre a segunda aula da estagiária e nos resultados totais finais obtidos pelos alunos. O valor total destas questões é de 29%. Os resultados obtidos na ficha de avaliação e nas questões referentes à segunda aula foram excelentes, pois todos os estudantes, com a exceção de um, que apenas tirou 11%, atingiram mais de metade da cotação, pois os valores rondaram entre os 15% e 28%, ou seja, todos obtiveram aproveitamento.

História									
Nº	Nome	Questão	1.1	1.2	2.1	2.2	Total	Total Final Obtido	CLASSIFICAÇÃO
		Cotação	12	5	6	6	29		
1			6	3	0	2	11,00	25,00	Não Satisfaz
2			12	2	3	6	23,00	51,00	Satisfaz
3			10	3	6	6	25,00	77,00	Bom
4			9	2	6	6	23,00	76,00	Bom
5			12	4	6	6	28,00	94,00	Muito Bom
6			12	3	0	6	21,00	56,00	Satisfaz
8			8	2	4	6	20,00	58,00	Satisfaz
9			9	4	6	6	25,00	90,00	Muito Bom
10			5	2	3	5	15,00	30,00	Não Satisfaz
11			8	3	3	2	16,00	49,00	Não Satisfaz
12			11	4	4	6	25,00	92,00	Muito Bom
13			10	2	4	0	16,00	49,00	Não Satisfaz
14			7	3	3	2	15,00	42,00	Não Satisfaz
15			10	1	2	3	16,00	49,00	Não Satisfaz
16			8	3	3	2	16,00	47,00	Não Satisfaz
17			6	1	5	6	18,00	43,00	Não Satisfaz
18			10	3	6	3	22,00	66,00	Satisfaz
19			6	2	4	4	16,00	31,00	Não Satisfaz
20			8	3	1	3	15,00	56,00	Satisfaz
21			8	2	4	2	16,00	57,00	Satisfaz
22			11	3	6	6	26,00	85,00	Bom
23			9	3	3	3	18,00	60,00	Satisfaz
24			10	2	4	2	18,00	62,00	Satisfaz
25			12	3	4	2	21,00	68,00	Satisfaz

Questão	1.1	1.2	2.1	2.2	Total	CLASSIFICAÇÃO
Cotação	12	5	6	6		
% acerto na questão	75,3	52,5	62,5	66,0		

Tabela 25 - Resultados de classificação obtidos na ficha de avaliação na 2ª aula de História.



Gráfico 29 – Intervalo de valores obtidos.

Na observação da tabela 25 e do gráfico 29 podemos observar que 13 estudantes obtiveram valores entre os 15% e os 20% (3 alunos obtiveram 15%, 6 educandos alcançaram 16% e 3 alunos obtiveram 18% e um outro alcançou 19%). Porém, 8 alunos atingiram valores entre os 21% e os 25% (2 alunos atingiram 21%, 1 educando com 22%, outro com 23% e 3 com 25%). Todavia, apenas 2 estudantes alcançaram os valores que se situam entre os 26% e 28%.

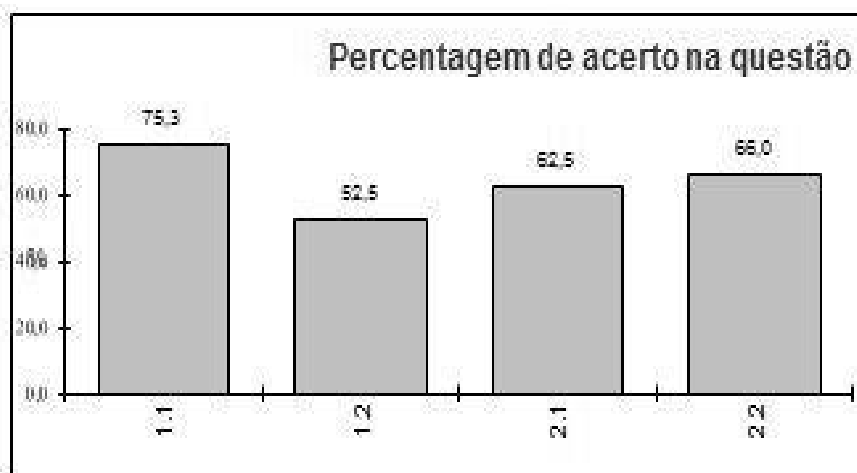


Gráfico 30 – Percentagem de acerto nas questões.

No gráfico 30 podemos verificar que o aproveitamento e os resultados obtidos neste instrumento de avaliação são bastante positivos, pois a percentagem no acerto das questões rondam entre os 75,3% e os 52,5%. Na questão 1, o acerto na questão alcançou o melhor resultado, ou seja, os 75,3% pois é uma questão que possui imagens de auxílio, o que podemos considerar que deverá ter sido uma mais-valia para os alunos, pois estes recorreram à memória visual. A estagiária na sua aula ilustrou os conteúdos abordados com imagens e vídeos onde apareceram, justamente, tanto a caricatura como o gráfico, que a professora cooperante colocou no teste. Relativamente, à questão 1.2, os resultados foram menos positivos, pois apenas houve 52,5% de acerto. A questão 2.1 obteve o resultado de 62,5% de acerto, pois era uma resposta longa. Por fim, a questão 2.2 conseguiu alcançar os 66% de acerto.

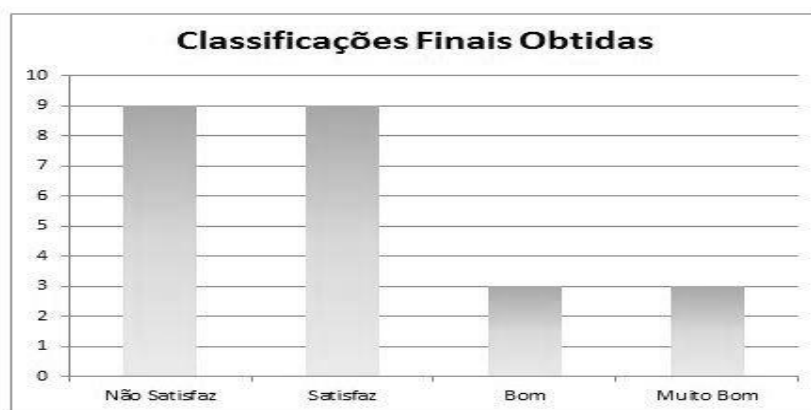


Gráfico 31 – Classificações finais obtidas.

Quanto às classificações finais, isto é, resultados finais obtidos pelos alunos em todas as questões da ficha de avaliação, os resultados não são muito positivos, como podemos analisar na tabela 25 e no gráfico 31.

Na análise do gráfico 31 verificamos que houve 9 negativas, ou seja, que 9 alunos não conseguiram atingir metade da cotação total do teste. Estas negativas situam-se entre 25% e 49%. Os alunos que não obtiveram aproveitamento positivo, ou seja, que não alcançaram a positiva nas 4 questões de que consta a matéria lecionada pela estagiária, obtiveram valores entre os 15% e 18%, com a exceção do número 1, que apenas obteve 11% nas questões da estagiária e no total final 25%. Desta forma, observamos que os resultados obtidos nas questões da estagiária foram excelentes, pois a percentagem de acerto foi muito positiva, comparando com a percentagem de acerto das restantes questões. Os alunos que não tiveram positiva no teste obtiveram praticamente metade da cotação final nas questões da estagiária, que apenas valiam 29% em 100%. Quanto à classificação final de Satisfaz, apenas 9 alunos conseguiram alcançar esta classificação, sendo a percentagem final obtida no teste de 51% e 68% (5 estudantes situam-se com entre a percentagem dos 51% e 58% e 4 educandos entre os 60% e 68%). Relativamente, à classificação final de Bom, apenas houve 3 alunos que obtiveram percentagens entre os 76% e 85% (1 aluno com 76%, 1 estudante com 77% e outro com 85%). Por fim, a classificação final de Muito Bom apenas foi conseguida por 3 educandos (90%, 92% e 94%).

Podemos, assim, concluir que as boas práticas e metodologias / estratégias / recursos aplicados foram bem-sucedidos na aprendizagem e motivação dos alunos, como ficou visível nos resultados obtidos nas questões da estagiária.

### **3.3 - Organização e gestão do ensino e da aprendizagem em Geografia: planificação, realização e avaliação das aprendizagens.**

O projeto de estágio pedagógico em Geografia iniciou-se com uma reunião entre o grupo de estagiários e a professora cooperante, Dr<sup>a</sup> Idalina Leite, em que ficaram definidas um conjunto de tarefas a desenvolver: datas e turmas de observação de aulas (assunto desenvolvido no capítulo 2), unidade letiva onde efetuaríamos as regências e a análise dos documentos estruturantes da escola. Nesta reunião, ficou definido que os quatro estagiários iriam ter as suas regências na mesma unidade letiva. Assim, elaboramos em conjunto, numa reunião de estagiários e professora cooperante, o plano de unidade letiva 4 – A população; como se movimenta e comunica (Anexo 32 – Plano de unidade letiva 4 – A população; como se movimenta e comunica). O plano de unidade obedeceu à estrutura definida tanto para os planos de aula como de unidade (assunto já desenvolvido no capítulo 3).

O estágio pedagógico da disciplina de Geografia decorreu numa turma V do 11<sup>º</sup> ano, em que a professora estagiária lecionou 2 blocos de 90 minutos, ou seja, 2 aulas. A estagiária foi, mais uma vez, a primeira do grupo de estágio a ter aula assistida, assim como em História. As duas aulas ocorreram na unidade letiva: A População; como se movimenta e comunica.

As regências das aulas eram sempre antecedidas de reuniões que tinham por objetivo que a estagiária apresentasse os planos de aula e os recursos. Desta forma, pretendia-se analisar e debater os planos de aula, definir as estratégias e atividades pedagógicas, bem como os recursos (vídeos, jogos, mapas, gráficos, imagens, textos, *PowerPoint*) e os instrumentos de avaliação (fichas de trabalho e jogo didático).

A preparação/elaboração da **planificação** foi fundamental, pois consideramos que esta é de grande relevância no processo de preparação das aulas, devendo este documento ser claro/direto de modo a facilitar o trabalho docente na condução da sua aula. Segundo Maria Cândida Proença “a planificação do ensino é uma necessidade decorrente da conceção do processo didático como uma ação cientificamente conduzida para alcançar determinadas finalidades educativas”

(Proença, 1990, p. 149). Na planificação das aulas, foram vários os aspetos que tivemos em consideração: o programa de Geografia A, os conteúdos que iríamos lecionar, as competências/objetivos a desenvolver, as especificidades da turma e dos alunos, a **motivação e a aprendizagem** que poderíamos conseguir através da utilização dos recursos selecionados.

As planificações de aula tiveram como base os Programas Curriculares de Geografia que, à semelhança das outras ciências sociais, têm como objeto de estudo a “realidade”, singulariza-se pelo tipo de questões que apresenta, “numa visão que inter-relaciona os fenómenos físicos e humanos com o espaço onde estes ocorrem” (M. E., Programa de Geografia A, 2001, p. 6). Pretende favorecer, face à variedade de conhecimentos que mobiliza, uma articulação com outros saberes, permitindo construir um saber integrado e coerente (*Ibidem*). Almeja, assim, “proporcionar aos alunos uma formação que lhes facilite a compreensão da crescente interdependência dos problemas que afetam os territórios e as relações do homem com o ambiente, permitindo-lhes participar nas discussões relativas à organização do espaço e desenvolver atitudes de solidariedade territorial, numa perspetiva de sustentabilidade” (*Ibidem*). Para tal, reúne um conjunto de competências que os alunos devem construir, alocando-as, embora mais uma vez não formalmente (para o Ensino Secundário), em três grupos: a localização, o conhecimento dos lugares e regiões, e o dinamismo das inter-relações entre espaços.

O ensino da Geografia deve promover a capacidade do aluno em “pensar geograficamente” e em localizar-se no espaço

O conhecimento geográfico inclui componentes muito diversificadas — ambiental, social, económica e cultural — que se concretizam em cada território. Dada a variedade de conhecimentos que mobiliza, a Geografia favorece a articulação com saberes diferentes, concorrendo para a afirmação de um saber integrado e coerente. Através da descoberta que promove, a educação geográfica estimula a consolidação de uma atitude crítica, o debate de ideias e a tomadas de decisões. (M. E., Programa de Geografia A, 2001, p. 14).

O estudo desta disciplina deve potenciar a utilização dos conceitos geográficos determinantes para descrever a localização, a distribuição e a inter-relação entre espaços, assim como visar interpretar e problematizar situações geográficas, e

saber recorrer às técnicas/ferramentas de expressão gráfica e da cartografia. Aspira desenvolver um conjunto de valores, designadamente a tolerância, o respeito e a valorização das diferenças entre indivíduos e culturas. Ou seja, deve contribuir para educar o: “cidadão geograficamente competente (...) que possui o domínio das destrezas espaciais (...), capaz de interpretar e analisar criticamente a informação geográfica e entender a relação entre identidade territorial, cultural, património e individualidade regional” (Currículo Nacional do Ensino Básico, 2001, p. 107).

Defende-se que a Geografia e o seu ensino devem promover a formação de um indivíduo que saiba ler o espaço, que consiga analisar o sistema e as estruturas que produzem a sua organização, e, sendo leitor eficiente de mapas, seja capaz de realizar estudos e pesquisas reorganizadoras e reconstrutoras do espaço. Desta forma, a aprendizagem da Geografia deve capacitar os alunos para a construção de espacialidade, que corresponde a orientar-se, deslocar-se e perceber o espaço (Castellar, 2005), sendo que uma das competências a ser desenvolvida é a leitura e interpretação de mapas. Nas Orientações Curriculares de Geografia para o 3.º ciclo, no intuito de construir a literacia geográfica, recomenda-se desenvolver competências geográficas de observação, classificação, organização, leitura e interpretação de mapas, sendo os mapas “a forma mais eficaz de representar espacialmente a informação e, por isso, constituem a ferramenta de trabalho mais importante da Geografia” (Orientações Curriculares de Geografia para o 3.º ciclo 2002, p. 7). No Ensino Secundário, há um capítulo inicial, no 10.º ano de escolaridade, somente dedicado a mapas, privilegiando, deste modo e novamente, a rentabilização de técnicas cartográficas. Assim, também é referida a necessidade de desenvolver a dimensão instrumental, nomeadamente, a literacia geográfica, na qual se inclui todas as questões envolvendo os mapas e a capacidade não só de construí-los como também de lê-los e interpretá-los, de forma a visarem “sempre integrar as diferentes características dos lugares num contexto espacial, de modo a desenvolver o processo de conhecimento do Mundo” (M. E. Orientações Curriculares, 2002, p. 5). Enquanto no Ensino Básico devem “saber ler diferentes tipos de mapas e a diferentes escalas, já no secundário, são apontados como objetivos/competências, saber interpretar documentos geográficos e rentabilizar

técnicas de expressão gráfica e cartográfica, desenvolvidas ao longo do processo de aprendizagem” (M. E. Programa de Geografia A, 2001, p. 10).

Ler o espaço, ler o mundo relaciona-se não apenas com a percepção das formas da paisagem, mas alcançando os seus significados, significados mesmo involuntários, fazendo, no caso do mapa, com que ele revele mais do que o seu autor queria. É necessário perceber conceitos, tais como a localização, orientação, território, região, natureza, paisagem, espaço e tempo (Ibidem). Santana Filho (2009, p. 7) defende que “(e)nsinar geografia implica desenvolver o mesmo método que ela usa na construção do conhecimento geográfico que está em contínua transformação” e, por conseguinte, “(t)rabalhar a cartografia como metodologia para a construção do conhecimento geográfico, a partir da linguagem cartográfica” (Castellar, 2005, p. 221). Assim, e no caso específico dos mapas, estes constituem-se simultaneamente como fontes através das quais o geógrafo retira informações e enquanto ferramenta/recurso/técnica que permite àquele representar um dado fenómeno. Por conseguinte, como sublinham Archela & Théry (2008, p. 2), independentemente do seu objetivo, “o mapa, como um meio de comunicação, exige conhecimentos específicos de Cartografia, tanto por parte do seu criador como do usuário, leitor e consumidor”.

A estagiária, ao planificar, elaborar e construir os seus **recursos, estratégias e atividades**, teve em linha de conta, como já referido, as orientações curriculares e o programa da disciplina. Quanto aos **recursos** elaborados, vídeos e apresentações em *PowerPoint*, foram construídos e pensados ao pormenor, tendo em conta determinados aspetos: espaço, tempo e as características dos alunos. A estagiária, quanto aos diapositivos, optou pelo fundo preto uma vez que havia muita claridade na sala. O fundo preto favorece e realça as imagens que foram colocadas ao longo dos diapositivos, e a concentração por parte dos alunos. O tamanho e a cor das letras nos diapositivos foi cuidadosamente pensado. Para o efeito, a estagiária utilizou a **pedagogia das cores** (<http://www.pedagogiadascors.com.br/>). O cérebro capta a cor, estimula o organismo e esse processa a informação fornecida, ou seja, as cores estimulam o cérebro. As cores não devem ser em excesso, pode ser apenas um simples detalhe. A cor laranja é estimulante e está associada à integração do grupo e à socialização. Assim, a estagiária utilizou esta cor para os títulos pois um dos seus

objetivos era a integração e aumento da autoestima dos alunos, recordamos que na turma existia um aluno que não estava integrado e um grupo de alunos com muitos problemas de distração. A cor amarela foi utilizada nos diapositivos para realçar palavras-chave ou tópicos importantes do diapositivo. Esta cor simboliza criatividade, alegria e descontração.

Na construção dos diapositivos, a estagiária utilizou e selecionou imagens, gráficos e mapas para ilustrar, demonstrar e explicar os conteúdos programáticos. Os **mapas e os gráficos** são dois instrumentos utilizados pois são importantes elementos de orientação e localização, estando sempre presentes nas regências para, desta forma, avaliarmos e consolidarmos os conhecimentos prévios adquiridos nos anos anteriores “a avaliação diagnóstica, a efetuar no módulo inicial deste programa e no início de cada um dos temas, sempre que seja considerado necessário, deverá ter por base os conceitos e competências essenciais adquiridos no Ensino Básico” (M. E. Programa de Geografia A, 2001, p. 7). Desta forma, ao longo das nossas regências, trabalhamos os conceitos e competências essenciais: “Utilizar o vocabulário geográfico, de forma clara, oralmente e por escrito; Ler diferentes tipos de mapas (hipsométrico, temáticos); Ler mapas a diferentes escalas; Ler gráficos lineares, de barras e sectogramas; Relacionar a distribuição da população com fatores naturais e humanos; Reconhecer que a modernização dos transportes torna os lugares mais acessíveis” (M. E. Programa de Geografia A, 2001, p. 7), pois pretendíamos promover a apetência pelo saber/pensar o espaço geográfico e favorecer a reconstrução crítica do próprio saber.

O uso de mapas e gráficos em livros didáticos de Geografia é cada vez mais frequente, dado possibilitar uma visão mais quantitativa dos assuntos abordados, referentes à organização do espaço geográfico. A Cartografia e os gráficos constituem um recurso visual muito utilizado pela disciplina de geografia, proporcionando aos professores a possibilidade de trabalhar e explorar as informações codificadas na representação gráfica.

A utilização de **gráficos** nas duas regências foi fundamental, pois estes são instrumentos facilitadores na compreensão de dados inerentes à sociedade na qual o aluno está inserido. Estes são recursos visuais utilizados para a leitura de informações sobre aspetos e processos naturais, sociais e económicos. A estagiária utilizou o gráfico de colunas e de linhas nas suas regências.

Independentemente da metodologia utilizada para inserir os gráficos no processo ensino-aprendizagem de Geografia, a sua utilização não o deve ser simplesmente por si só; é necessário que o educando entenda que os gráficos não representam figuras coloridas, mas que trazem dados e conteúdos que são representações do espaço vivido, do espaço geográfico. Quando este recurso (gráfico) de representação é trabalhado, os alunos não só identificam como também compreendem sua informação pois, quando o aluno tem contato orientado, ou seja, quando ele tem ajuda para entender o que está representado no gráfico, esse aluno tem condições de realizar de maneira autônoma a sua interpretação. Portanto, conclui-se que, se o gráfico for utilizado como recurso didático, os alunos serão capazes de entender as informações codificadas nessa representação (Mérenne-schoumaker, 1999; Silva, 2008).

A estagiária, nas suas regências de Geografia, procurou escolher **mapas** rigorosos e completos que, quando assim não acontecia, a eles subjaziam outras intenções. No caso da Geografia, defendemos que desenvolver a literacia visual geográfica contribui como estratégia de expressão, a montante e a jusante, do conhecimento geográfico. Tal explica-se, no caso dos mapas, por este poder apresentar-se como ponto a partir do qual se explana e se interpreta o conhecimento geográfico e, por outro lado, como uma ferramenta utilizada, desde a Antiguidade, como forma de representar o conhecimento geográfico (Dias, 2007; Archela e Théry, 2008; Silva, 2008). Assim concordamos com Castellar , quando afirma que:

Os mapas e as imagens presentes nas aulas são procedimentos, ou seja, estratégias de aprendizagem que possibilitam aos alunos trazer para a discussão o conhecimento prévio e ao mesmo tempo mobilizam habilidades mentais (classificar, analisar, relacionar, sintetizar...) e estimulam a percepção, bem como a observação e a comparação das influências culturais existentes nos diferentes lugares. Permitem ainda que os alunos entendam os mapas como construções sociais que transmitem ideias e conceitos sobre o mundo, apesar da pretendida neutralidade e objetividade que os meios técnicos utilizam para confecioná-los (Castellar, 2005, p. 221).

Na geografia encontramos um conjunto de idéias e conceitos que podem ser apreendidos, entre outras formas, através da **imagem**, nas quais as informações estão potencializadas, exigindo do leitor saber olhar e encontrar os temas/conteúdos que contêm. Nesta perspectiva, a imagem, no ensino de geografia, encerra um universo de possibilidades e comporta muitos desafios. As imagens utilizadas pela estagiária tiveram como principal finalidade ilustrar os conteúdos programáticos que estavam a ser lecionados, de forma a facilitar a aprendizagem e a criar “sensações geográficas” visando proporcionar ao leitor uma interpretação geográfica. As imagens também foram utilizadas no final da primeira regência, pois a estagiária criou um jogo pedagógico, consolidando e avaliando através desta técnica os conhecimentos adquiridos pelos alunos durante a aula (Calado, 1994; Balancho e Coelho, 1996; Mérenne-schoumaker, 1999, Santana Filho, 2009).

Na planificação das aulas de Geografia, consideramos que um professor eficaz tem em linha de conta o **perfil dos alunos** e as suas características. O conhecimento prévio, tanto dos alunos como dos seus conhecimentos, permitiu-nos individualizar a instrução e tornar as aulas eficazes e eficientes. Assim, e como já referido no capítulo I, procuramos conhecer detalhadamente a turma (comportamento, atitudes, dificuldades, interesses), tendo representado uma mais-valia a observação das aulas da professora cooperante e a análise do PCT<sup>24</sup>. Estávamos perante uma turma que tinha um nível satisfatório no aproveitamento, mas, quanto ao comportamento, era uma turma indisciplinada, problemática, imatura, distraída e pouco participativa (participação nas tarefas da aula e trabalhos de casa). A turma, na generalidade, demonstra muitas lacunas e dificuldades em Português, nomeadamente na expressão escrita e na interpretação, o que aumenta as suas dificuldades nas restantes disciplinas, contribuindo para a deficiente realização dos trabalhos de casa. A participação é reduzida, sendo de assinalar como um dos motivos a dificuldade, por vezes, na expressão oral dos alunos.

A estagiária planificou cuidadosamente as suas regências tendo como objetivo principal o despertar da **motivação aos alunos**, de forma a refletir-se na sua

---

<sup>24</sup> Projeto Curricular de Turma, facultado pela Diretora de Turma (professora cooperante), consultado e analisado em 12-01-2012.

**aprendizagem**, ou seja, a planificação está **centrada nos alunos** e desenvolve-se segundo uma perspectiva construtiva (Zabalza, 1992; Balancho, e Coelho, 1996; Nóvoa, 1997; Jesus, 2000; Alarcão, 2001; Pinto e Santos, 2006; Arends, 2008; Estanqueiro 2010). Como referimos, o grande objetivo deste estágio pedagógico assentou na motivação dos alunos e numa aprendizagem significativa. A estrutura do documento da planificação das regências contempla os objetivos/finalidades centrais a nível de conteúdo, bem como as capacidades a desenvolver. Neste documento, fica bem visível a adequação das experiências de aprendizagem a desenvolver, bem como dos métodos, das estratégias e dos recursos que proporcionem aos alunos aprendizagens significativas para a obtenção de sucesso, ou seja, os resultados pretendidos.

A estagiária, como professora eficaz e eficiente, teve em linha de conta os conhecimentos prévios sobre o perfil dos alunos que ia lecionar. Desta forma, sentiu a necessidade de planificar a sequência a dar às regências dando especial ênfase à **diferenciação pedagógica** (Braga *et al*, 2004, Braga, 2010 e 2011) que a turma, durante todo o processo de observação de aulas da professora cooperante, demonstrou necessitar. A turma era bastante heterogénea, pois era composta por um grupo de 4 alunos bons, 4 com muitas dificuldades ao nível do aproveitamento, sendo que 10 estudantes eram assinalados com necessidades de “atenção especial”. Da análise e observação realizada, destacaram-se dois alunos que foram alvo de uma atenção redobrada na planificação e realização das regências. Um aluno estava sinalizado pela professora cooperante e pela escola com problemas psicológicos, com falta de assiduidade, pontualidade e aproveitamento. Durante o período de observação de aulas da professora cooperante, demonstrou um comportamento indisciplinado, problemático e distraído. Outro aluno destacou-se pela desmotivação e falta de interesse pela disciplina. Desta forma, a estagiária planificou cuidadosamente tanto os **reforços positivos** como os **negativos**, adequando às circunstâncias tanto a postura corporal, como o tom de voz e o espaço. No entanto, também outros aspetos foram tidos em linha de conta na planificação, nomeadamente escolha dos métodos e recursos, bem como das estratégias para a motivação dos alunos, proporcionando um ambiente de aprendizagem produtivo e significativo (assunto já desenvolvido no ponto 3.1.1 – Planificação).

A **proxémica**, movimentação correta no **espaço**, foi planejada cuidadosamente e realizada pela estagiária dado que estávamos perante uma turma muito distraída, imatura e pouco participativa (Arends, 2008; Braga *et al*, 2004, Braga, 2010, 2011). A correta gestão e organização do espaço, adequando o *PowerPoint* (fundo e tamanho das letras) à sala/espaço (grande, muita luz o que impossibilita a visibilidade fácil) permite controlar eventuais distrações e comportamentos menos adequados; detetar e responder rapidamente às necessidades dos alunos; criar o sentimento de individualização e personalização; culminar/favorecer o interesse e a motivação dos alunos para a aula. A postura corporal, aproximação e o toque corporal, bem como o tom de voz, repreensão ou orientação também foram alvo no momento da planificação.

As duas regências permitem concluir que os alunos reagem bem à presença da estagiária tanto a nível da cinésica/quinésica, organização do espaço e tempo e dos recursos, técnicas e atividades apresentadas pois mudaram comportamentos, atitudes negativas para posturas positivas. Ou seja, de turma barrulhenta, distraída e que não fazia trabalhos de casa passou para uma turma disciplinada, participativa e que entregava os trabalhos de casa.

As planificações foram cumpridas na sua íntegra. Em relação ao **tempo** a estagiária fez uma correta gestão do tempo planificando minuciosamente todas as atividades e estratégias a desenvolver no processo de ensino aprendizagem. Porém, no decorrer das aulas e perante situações inesperadas ao nível do comportamento/atitudes e questões dos alunos houve momentos em que a estagiária teve necessidade de colocar de lado a planificação e valorizar as relações afetivas e psicomotoras. A estagiária teve de se adequar à nova realidade e necessidades demonstrando uma grande capacidade de gestão, flexibilidade na recuperação de tempo pois adequou e reajustou a proxémica (organização e gestão do espaço), cinésica/quinésica (postura corporal) e os seus comportamentos verbais. Assim, conseguiu realizar todas as atividades que tinha planificado e cumprir a planificação inicial. Desta forma, a estagiária sentiu a necessidade de refletir e avaliar as suas planificações criando para o efeito um novo documento que designou: avaliação e reajustamento do plano de aula (ver anexos referentes aos planos de avaliação e reajustamento do plano de aula), assunto já desenvolvido no ponto 3.1.1 – Planificação. Esta avaliação é

importante pois permite ao professor auto regular o processo e introduzir novas estratégias, técnicas e metodologias no processo de ensino aprendizagem. Ao longo das regências a estagiária deparou-se com situações inesperadas às quais conseguiu reagir de forma ética, profissional contribuindo para o desenvolvimento de um clima de aula de satisfação, orientação, inovação, individualização e personalização (Balancho, e Coelho, 1996; Perrenoud, 1997 b; Roldão, 2000 b; Flores, 2000; Arends, 2008; Estanqueiro, 2010).

Recordo, mais uma vez, que a **planificação e a realização** das regências da estagiária decorreram sem esta saber que o relatório de estágio tinha que ter um título e que o tema deveria de ter algo comum entre as duas disciplinas. Consideramos importante fazer novamente este pequeno reparo para vincar a importância dos jogos e vídeos no processo de ensino aprendizagem, motivação e aprendizagem significativa dos alunos, pois apesar de desconhecer esta realidade a estagiária utilizou em todas as suas regências estes recursos para criar aulas com ambientes de aprendizagem estimulantes que proporcionaram atividades/estratégias que não eram à partida previsíveis recorrendo à **técnica da demonstração/experimentação** utilizando os audiovisuais (vídeos), jogos e fibra óptica. Assim, a estagiária utilizou a aprendizagem cognitivista (Piaget, Bruner e Ausube) e o método ativo onde os alunos funcionam como agentes ativos da aprendizagem que integra os três níveis de saber: saber-saber, saber-fazer, saber-ser/estar. O saber fazer – o saber aplicar conhecimentos, capacidades e competências a situações reais e o saber transferir conhecimentos, capacidades e competências adquiridas a novas situações permite obter cidadãos mais ativos.

A utilização destes recursos (vídeos) permitiu cumprir com um dos objetivos gerais/competências para Geografia A “Utilizar as Tecnologias da Informação e Comunicação, nomeadamente os meios informáticos, telemáticos e vídeo” (M. E. Programa de Geografia A, 2001, p. 10) que, para além disso, atenderam à diversidade das características dos alunos e aos diferentes pontos de partida dos alunos, pois nem todos os alunos detinham os mesmos conhecimentos prévios. A utilização dos **recursos** audiovisuais (vídeos), dos jogos didáticos e da fibra óptica tiveram como objetivo principal **motivar** os alunos para desencadear a sua aprendizagem tendo em conta o perfil da turma. Consideramos que após a análise estatística realizada aos inquéritos de satisfação aos alunos ficou evidente

que a escolha dos recursos contribuiu para a motivação e aprendizagem dos alunos (ver ponto 2.1.3 – O estudo de caso: análise dos dados obtidos nos questionários de satisfação sobre os vídeos e jogos didáticos.). Assim, a estagiária planejou e realizou atividades onde os conteúdos foram apresentados de forma a torná-los significativos, desafiantes e funcionais para os alunos, para que estes lhes provocassem conflitos cognitivos, ajudando-os a desenvolver competências de aprender a aprender. Assim, procuramos motivar os alunos para as finalidades da disciplina e conteúdos através da adequação dos recursos (vídeos, jogos, imagens, gráficos, tabelas e mapas) e das estratégias de aprendizagem à faixa etária, interesses e dificuldades de aprendizagem detetadas nos alunos.

Ao longo da aula a estagiária utilizou os **métodos**: expositivo, demonstrativo, ativo e interrogativo, assunto já desenvolvido no tema 3.1.2 – Realização (Silva, 1992 e 1997; Marques, 1998 e 1999; Mão de Ferro, 1993 e 1999; Roldão, 1999 e 2000 a; Ferrão e Rodrigues, 2000; Braga, 2001; Arends, 2008; Martim, 2008). A estagiária utilizou o **método expositivo** pois é uma boa opção para transmitir e ajudar os alunos a adquirir, assimilar e reter informação nova, mas também largarem as suas estruturas conceptuais e desenvolverem hábitos de escutar e pensar sobre a informação. Este método deve ser complementado com os restantes métodos (interrogativo e demonstrativo). Ao utilizar este método a estagiária teve a preocupação de organizar eficazmente os conteúdos, fornecer organizadores prévios, estabelecer a prontidão ou a indução (assunto desenvolvido nas páginas XXX). O **método demonstrativo** foi utilizado aquando da visualização dos vídeos didáticos e da demonstração e experimentação da fibra óptica. O **método ativo** contém em si todos os outros métodos (expositivo, interrogativo e demonstrativo) e tem como finalidade motivar o aluno para as aprendizagens significativas. O método ativo favorece interação entre alunos e professor pois estes cooperam no processo de ensino aprendizagem contribuindo para o aumento da participação e motivação através da compreensão dos objetivos da aprendizagem. A utilização do **método interrogativo** requer uma participação ativa do professor pois exige muito trabalho de preparação. A estagiária adaptou as questões ao perfil e nível de aprendizagem dos alunos de modo a que as respostas sejam encontradas com alguma facilidade, para desta forma motivar e estimular os alunos para a

aula. A estagiária tinha como objetivo que os estudantes participassem voluntariamente, demonstrando que as suas intervenções são ouvidas e valorizadas através dos reforços positivos (elogios, aproximação corporal, tom de voz).

As **técnicas** pedagógicas utilizadas pela estagiária foram diversas: Brainstorming, discussão, demonstração/experimental (vídeos e fibra óptica), sessão de perguntas/respostas, técnica de perguntas, assunto já desenvolvido no tema 3.1.2 – Realização (Silva, 1992 e 1997; Marques, 1998 e 1999; Mão de Ferro, 1993 e 1999; Roldão, 1999 e 2000 a; Ferrão e Rodrigues, 2000; Arends, 2008; Martim, 2008).

A **avaliação** das aprendizagens não foi esquecida neste processo de ensino-aprendizagem, e no estágio pedagógico da estagiária. A avaliação é, sem dúvida, uma das dimensões mais visíveis da profissão docente. Mas ela é também para a maior parte dos professores, um campo de incertezas e ambiguidades pessoais, que estão relacionadas com o significado e conceção que cada professor tem da avaliação e com a sua própria experiência avaliativa, tal como refere Pinto e Santos (2006, pp. 97) "... avaliar é aquilo que mais custa nas tarefas de um professor, não tanto pelo trabalho, mas pelo receio de cometer injustiças". Ao longo do tempo, o significado do que é ensinar, aprender e avaliar tem sofrido profundas alterações. A aquisição de saberes não é o fim a atingir, mas sim apenas um meio. Assim, cresce a necessidade de uma avaliação reguladora e da diversificação dos instrumentos de avaliação, até para fazer face às alterações legislativas que conferem uma maior importância à avaliação formativa. Mesmo utilizando instrumentos de avaliação tradicionais, podemos utilizar a avaliação numa perspetiva formativa se para além de assinalarmos os erros, fizermos comentários que ajudem o aluno a compreendê-lo e lhe dermos pistas para o superar, promovendo assim um processo de autoavaliação regulada. Na disciplina de Geografia foram utilizadas as três modalidades de avaliação: diagnóstica, formativa e sumativa.

A **avaliação diagnóstica** realizou-se no início das aulas para desta forma a estagiária aferir os conhecimentos prévios pois partilhamos da mesma opinião que Melo (2008, p. 55) “o processo de aprendizagem afeta esse conhecimento tácito dos alunos, que persiste, se mescla com o novo, e que voltará a ser usado em novas situações, tarefas ou problemas, escolares ou não, e com novas configurações” pois o exercício do estudo da realidade Geográfica deve estar contextualizado com as realidades e faixas etárias dos alunos de forma a promover a motivação e a preencher as necessidades imediatas dos alunos promovendo e integrando o ensino Geográfico. A formação global (não apenas intelectual, mas afetiva, emocional, social) deve ser um objetivo da educação escolar e consta do programa curricular da disciplina de Geografia A. Ou seja, a escola não deve apenas formar o intelecto, mas fomentar o desenvolvimento da pessoa e do cidadão para a construção de uma sociedade futura melhor e mais justa. Assim, a avaliação inicial permite verificar os conhecimentos que os alunos detinham sobre os conteúdos programáticos que iriam ser trabalhados através da técnica de brainstorming, (assunto já desenvolvido nos pontos anteriores, no subtema 3.1.2 – Realização).

Quanto à **avaliação formativa** esta foi planificada e realizada pela estagiária, que recorreu às técnicas de observação e formulação de perguntas. Na técnica de observação direta e indireta a estagiária elaborou os seguintes instrumentos de avaliação: grelhas de observação e escalas de classificação. Quanto à formulação de perguntas utilizou a forma oral, planificando uma serie de perguntas, fichas de trabalho e questionários de satisfação. Quanto às fichas de trabalho estas eram compostas por perguntas que exigiam uma resposta curta e longa e de respostas de seleção (perguntas de verdadeiro e falso, escolha múltipla, emparelhamento e de completar. Relativamente, ao instrumento do questionário de satisfação este foi realizado no final das duas regências, aos alunos, com o objetivo de verificar os resultados dos recursos utilizados (jogos e vídeos didáticos) na motivação e aprendizagem. Através da análise estatística dos questionários, verificamos que estes foram considerados pelos alunos como importantes instrumentos de motivação e aprendizagem (assunto desenvolvido no ponto 2.1.3 – O estudo de caso: análise dos dados obtidos nos questionários de satisfação sobre os vídeos e jogos didáticos.).

Por fim, a **avaliação sumativa** foi composta por um teste de avaliação que possui três grupos de questões. Os dois primeiros grupos são compostos por perguntas de seleção de escolha múltipla. O primeiro grupo possui sete questões e o segundo três. O terceiro grupo é composto por cinco questões que possuem alíneas, perfazendo um total nove perguntas. As questões do terceiro grupo são de resposta de produção longa e curta.

O teste de avaliação foi realizado por todos os estagiários, pois a professora cooperante propôs ao grupo de estágio a elaboração deste instrumento de avaliação conjunto, uma vez que todos os estagiários tiveram duas regências na mesma unidade letiva. Para o efeito cada estagiário ficou responsável por elaborar e corrigir as questões que considera-se pertinente sobre os conteúdos programáticos abordados nas suas aulas. A professora cooperante estabeleceu prazos de entrega para a elaboração das perguntas e para a respetiva correção que foram cumpridos pela estagiária.

A professora cooperante decidiu que se deveria de elaborar duas versões do teste de avaliação. Assim, na preparação da versão 1 da ficha de avaliação a estagiária compilou as perguntas de todos os estagiários e criou a matriz do teste. Desta forma, a estagiária considerou que deveria criar um cabeçalho (Anexo 33 – Cabeçalho da ficha de avaliação) e rodapé (nome da professora da disciplina e dos estagiários) para a primeira folha do teste. A estagiária também criou uma caixa de texto no início do enunciado com a seguinte informação: “Leia, atentamente, cada questão antes de começar a responder. No grupo I e II, **selecione a alternativa mais correta. Indique a respetiva alínea na sua folha de respostas. Será atribuída a cotação de zero pontos quando apresentar mais** do que uma opção, mesmo que uma delas seja a correta”.

A elaboração da segunda versão do teste foi feita em conjunto pelos estagiários e professora cooperante. Quanto aos critérios de correção do teste a estagiária estabeleceu previamente com a professora cooperante que iria utilizar os mesmos critérios de correção dos exames nacionais, uma vez que foram detetados graves problemas nos alunos com a língua materna.

### **3.3.1 – Primeira aula de Geografia: planificação, realização e avaliação.**

A segunda regência do estágio pedagógico da estagiária foi na disciplina de Geografia A. A estagiária iniciou a unidade letiva 4: A População; como se movimenta e comunica. Assim, a aula versou sobre a primeira parte da unidade, ou seja, na temática dos transportes. Dado ter sido a primeira aula da unidade, a estagiária fez uma introdução à unidade, tendo como sumário “Introdução à Unidade: A População; como se movimenta e comunica. A Competividade dos diferentes modos de transporte: Vantagens e desvantagens.”.

A construção da **planificação** obedeceu à estrutura estabelecida (assunto já desenvolvido no ponto 3.1). Consideramos que os **objetivos definidos na** planificação foram **cumpridos**, pois os alunos manifestaram interesse, participação e motivação ao longo da aula. (Anexo 34 – Plano de aula: Transportes). A planificação da aula foi cuidadosamente realizada e pensada ao pormenor, pois, aquando da observação das aulas e análise do PCT, verificamos, como já referido, que estávamos perante uma turma distraída, pouco participativa e com alguns problemas de comportamento indisciplinado. A estagiária tinha o conhecimento prévio de que alguns elementos da turma podiam ter comportamentos menos adequados, e que eram pouco participativos. Assim, organizou o espaço da sala de forma a controlar rapidamente situações menos adequadas e a ter uma proximidade corporal próxima dos alunos. Desta forma, ao longo da aula, a estagiária circulou pela sala, aproximando-se dos alunos num tom de voz adequado à situação, de forma a motivar e interessar os alunos. Ao longo da aula, ocorreram diversas situações de elogio (reforços positivos). A estagiária fez questão de elogiar a participação de determinados elementos da turma (alunos tímidos que a estagiária, através da sua postura, técnicas e metodologias, conseguiu fazer com que os estudantes que não participavam, o fizessem), tornando-se notória a mudança de comportamentos, atitudes e motivação dos alunos em relação à disciplina e à aula.

Os **comportamentos verbais e não-verbais da proxémica** (linguagem da organização e gestão do espaço) e cinésica/quinésica (linguagem do corpo) também foram objeto de reflexão e planificação, a fim de controlar eventuais

comportamentos menos adequados, detetar e responder rapidamente às necessidades dos alunos, criar o sentimento de individualização e personalização com o **objetivo de motivar**, interessar os alunos pela aula.

Quanto aos comportamentos verbais, a estagiária planificou e construiu atividades a fim de que todos os estudantes participassem ativamente na aula. Assim, a interação cooperativa e por solicitação foi planificada para que todos os alunos participassem na aula através de questões diretas e orientadas, tendo em conta e adequando o grau de dificuldade das perguntas às características e competências do aluno. Para o efeito, a estagiária recolheu informações sobre os alunos através da observação das aulas da professora cooperante e durante as reuniões semanais, para assim conseguir traçar o perfil dos alunos e adaptar as aulas, questões e atividades aos alunos e suas competências. A interação entre estagiária e alunos ocorreu ao longo da aula e em diversas situações de aprendizagem, favorecendo o debate entre alunos (interpretação e leitura: vídeo, *PowerPoint*, imagens, mapas, gráficos e jogos didáticos).

A interação cooperativa espontânea, ou seja, o espaço aberto à expressão de opinião pessoal dos alunos, favorece a motivação e a solidificação das aprendizagens, pois os alunos debatem e refletem sobre as mesmas. Desta forma, a estagiária esteve atenta às participações espontâneas que ocorreram durante a aula, valorizando e realçando a importância das participações (reforços positivos) utilizando, para o efeito, a técnica das perguntas e da forma ricochete, ou seja, apelar à opinião da turma sobre uma questão colocada por outro aluno. Um dos alunos identificados com problemas psicológicos, complicado, desmotivado, pouco participativo e indisciplinado, participou espontaneamente, várias vezes, na aula, algo inédito, demonstrando estar muito motivado para a aula e com as técnicas/metodologias usadas pela estagiária. A participação deste aluno foi valorizada pela estagiária como forma de motivação e valorização do aluno perante a turma. Como afirma Mesquita, (2011, p. 131) “para que as relações pedagógicas se desenvolvam sobre bases sólidas de respeito mútuo, o professor deverá ajudar o aluno a construir valores e atitudes, contribuindo para a sua integração na sociedade. A estagiária tinha como objetivo aumentar a autoestima e integrar este educando na turma e no contexto escolar. Nas aulas de observação e nas reuniões com a professora cooperante, este aluno era

considerado como tendo uma autoestima muito baixa e era problemático com os outros elementos da turma.

A interação personalizada e pedagógica didática, ou seja, a forma como se apela à participação de um determinado aluno e como se trabalha o conhecimento, também foi alvo de planificação, pois, na escolha e seleção dos recursos e estratégias/atividades de aprendizagem, tivemos em linha de conta as características e o perfil dos alunos. Assim, os jogos didáticos (nuvem de palavras no início da aula e, no fim da aula, o jogo das imagens) foram planificados para que, desta forma, ocorresse uma aprendizagem significativa e personalizada, pois a estagiária adaptou a dificuldade das perguntas aos alunos, para que todos participassem na aula, motivando-os para os conteúdos, favorecendo assim a sua aprendizagem.

Como já referimos, no ponto 3.1.1 – Planificação, uma planificação deve ser objeto de reflexão e reajustamentos. Desta forma, e após a regência, a estagiária fez **uma avaliação e reajustamento** ao plano de aula, onde acrescentou as estratégias e descreveu a sequência da diferenciação pedagógica implementada (Anexo 35 – Avaliação e reajustamento do plano de aula: A competitividade dos diferentes modos de transporte). Neste documento, ficam realçadas as situações inesperadas e improváveis com que a estagiária se deparou no decorrer da aula, e as estratégias e metodologias que teve de adotar para conseguir cumprir todos os objetivos da planificação ao nível de conteúdos, tempo e clima da aula.

A **realização** da aula atingiu os objetos definidos na planificação, que foi cumprida na íntegra. O professor deve estar ciente da seleção dos métodos, técnicas e meios a utilizar para favorecer a aprendizagem. Assim, a estagiária utilizou os métodos: expositivo, ativo, interrogativo e demonstrativo (vídeo didático) e as técnicas: brainstorming, discussão, demonstração, sessão de perguntas/respostas, técnica de perguntas (assunto já desenvolvido no ponto 3.1.2 – Realização). A explicação dos pontos-chave dos conteúdos, dos tipos de intervenção, dos motivos de interesse, é aspeto fundamental a ser considerado pelo professor aquando de uma planificação, para, desta forma, proporcionar um maior envolvimento dos alunos.

A elaboração dos **materiais/recursos/estratégias/atividades** foi delineada, tendo em conta o perfil dos alunos. Os **recursos** foram cuidadosamente produzidos, como já referimos nas páginas anteriores, o *PowerPoint* (Anexo em CD, Geografia, 1ª aula Geografia – Apresentação em *PowerPoint*) foi cuidadosamente pensado e elaborado.

A estagiária, como forma de apelar à participação dos alunos, coloca-os a ler os diapositivos, fazendo com que toda a turma, inclusive os alunos mais tímidos e indisciplinados, participem na aula. Pelas reações dos alunos ao longo da aula, foi notório que esta técnica de leitura dos diapositivos e interpretação dos mesmos pelos alunos funcionou, pois os educandos pediam para ler os diapositivos, e começaram a participar ativamente na aula, colocando questões e interagindo, tornando a aula dinâmica.

Assim, foram planeadas atividades, estratégias de aprendizagem como: reflexão sobre a questão orientadora, exploração do vídeo e jogo didático, leitura interpretação e análise dos diapositivos que continham imagens, mapas e gráfico. Os recursos didáticos, os métodos e os materiais utilizados na aula tiveram em consideração os objetivos que pretendíamos que os alunos tivessem no final da aula (ver anexo 34 – plano de aula).

A aula inicia-se com a interação cooperativa por solicitação da estagiária para estabelecer um elo de ligação entre o que os alunos sabem (avaliação diagnóstica - aferir os conhecimentos prévios dos alunos) e o que estão prestes a aprender. Para o efeito, a estagiária recorreu à técnica pedagógica *brainstorming*, utilizando a “nuvem de palavras” (segundo diapositivo de *PowerPoint*, com diversas palavras/conceitos a abordar durante a aula). A estagiária solicita, reforça e evidencia todas as intervenções dos estudantes através dos elogios, reforços positivos, incentivando a criatividade e a originalidade dos alunos perante um conceito novo.

Ao longo do *PowerPoint*, a estagiária mostrou imagens que ilustram o conteúdo do diapositivo, ou seja, da forma como a população se movimenta e comunica. No terceiro diapositivo “definição de transporte,” a estagiária escolheu imagens referentes tanto ao transporte de pessoas como de bens. O quarto diapositivo refere-se à “evolução dos transportes” e é composto por imagens de meios transportes antigos e por um vídeo (Anexo 2, em CD – Vídeo: Evolução dos Transportes), com duração de 01.45. Na elaboração deste recurso, a estagiária

utilizou o programa *movie maker* para fundir diversos vídeos num só, permitindo observar, em poucos segundos, os vários meios de transporte e a sua evolução. Aquele inicia com a invenção da roda e termina com um foguetão. Desta forma, a estagiária pretende relacionar a história e a evolução dos transportes com a geografia. A estagiária tinha como finalidade motivar e despertar os alunos para a aula. No final do vídeo, os objetivos da estagiária tinham sido atingidos, pois os alunos, mesmo os mais distraídos, estavam atentos e queriam participar, respondendo às questões feitas e oferecendo-se para ler os diapositivos.

O diapositivo trinta e seis, “Transporte de mercadorias em função das distâncias (Custo/tonelada/km)”, possui um gráfico com animações para, desta forma, motivar e cativar a atenção dos alunos. A estagiária utilizou a técnica das perguntas gerais, dirigidas à turma, e diretas, tendo como objetivo controlar eventuais distrações e cativar os alunos mais distraídos.

O *PowerPoint* também possui diapositivos com mapas e gráficos, em razão de a estagiária pretender desenvolver as capacidades de interpretar, descrever e ler mapas e dados estatísticos. Para o efeito, a estagiária utiliza as técnicas pedagógicas: da discussão, sessão de perguntas/respostas e técnica de perguntas, permitindo criar a Interação cooperativa por solicitação e espontânea.

A aula terminou com um jogo pedagógico (três últimos diapositivos do *PowerPoint*) composto por imagens dos vários meios de transporte (Anexo em CD, Geografia, 1ª aula Geografia – Apresentação em *PowerPoint*). Para o efeito, a estagiária utilizou as técnicas pedagógicas: discussão, sessão de perguntas/respostas, técnica de perguntas. Aquando da visualização das imagens dos meios de transporte (diapositivo 42), foi questionando a turma ou um aluno em particular porque distraído, sendo uma forma de o controlar e chamar a sua atenção. As questões que a estagiária colocou, foram várias, entre as quais: enumera duas vantagens deste meio de transporte; menciona uma desvantagem do meio de transporte; como classifica este modo de transporte. A estagiária questionou sobre a evolução e escolha do meio de transporte mais adequado, tendo em conta a mercadoria (competitividade dos diferentes modos de transporte). Para o efeito, colocou diversos problemas e situações, por exemplo: qual o transporte mais competitivo para transportar flores do Brasil para a Europa e porquê. Qual o transporte no transporte de roupa da China para a França? A estagiária utilizou a técnica da discussão para promover a troca de opiniões e

facilitar a aprendizagem e a motivação. A estagiária solicitou aos alunos que registassem numa folha as respostas às questões, a ser entregue no final da aula. A estagiária colocava a questão, dando uns segundos para os alunos registarem na folha, e depois colocava a questão à turma para discussão ou diretamente a um aluno. Desta forma, a estagiária possuía um instrumento de avaliação escrita (folha com as respostas) e avaliava em simultâneo o interesse, participação e motivação dos alunos aquando da abertura da discussão à turma, promovendo o debate e as aprendizagens significativas. O objetivo é que o aluno tome consciência dos seus erros, reflita sobre eles, os compreenda, e seja capaz de fazer a sua autocorreção. Quando o próprio consegue identificar o erro e corrigi-lo, acontece aprendizagem. A orientação por parte do professor deve atender a certos aspetos, como seja, não identificar o erro, nem tão pouco corrigi-lo, mas sim questionar ou apresentar pistas de orientação da ação a desenvolver pelo aluno, que o leve à identificação e correção do erro.

A estagiária conseguiu criar um **clima** de individualização, inovação, orientação e satisfação, assunto desenvolvido no tema 3.1.1 – Planificação. O clima de individualização foi planeado e concretizou-se com a atenção especial que a estagiária dedicou a um grupo de alunos distraídos e desinteressados, através da observação direta e formulação de perguntas, proxémica e cinésica/quinésica, ou seja, aproximação e toque corporal e tom de voz baixo (Balancho, e Coelho, 1996; Perrenoud, 1997 b; Roldão, 2000 b; Flores, 2000; Arends, 2008; Estanqueiro, 2010). Os recursos (Jogos didáticos, início e fim da aula, e o vídeo sobre a evolução dos transportes), estratégias, metodologias, atividades e técnicas pedagógicas utilizadas ao longo da aula permitiram criar um clima de inovação pois a estagiária utilizou recursos e estratégias que a professora cooperante não usava e elogiou. Ao longo da aula, a estagiária criou um clima de orientação, pois os exercícios de leitura e interpretação de mapas e gráficos são acompanhados de questões orientadoras para, desta forma, o aluno ser bem-sucedido, e criar um sentimento de satisfação e autorrealização, promovendo assim a motivação e aprendizagens significativas. O clima de satisfação é criado ao longo da aula, em que todos os alunos são solicitados a participar. As questões são selecionadas tendo em conta o aluno e as suas capacidades para que consiga responder corretamente. Ou seja, o grau de dificuldade das

perguntas é intencionalmente modificado em razão das capacidades do aluno. O objetivo é a satisfação do aluno, aumentando a sua motivação. Desta forma, a estagiária tem como objetivo motivar e interessar os estudantes para os conteúdos.

Ao longo da aula, o papel da estagiária, as estratégias, as metodologias e os recursos modificaram comportamentos e atitudes dos alunos, motivando-os e levando-os a participar de uma forma ativa. A professora cooperante, na avaliação da aula, elogiou a estagiária e a forma como ela cativou os alunos e os manteve concentrados e participativos, reforçando que mesmo os alunos mais distraídos estiveram atentos.

A **avaliação** não foi descurada neste processo de ensino e de aprendizagem. A avaliação é fundamental para todos os intervenientes no processo de ensino e de aprendizagem (assunto já desenvolvido no tema 3.1.3 - Avaliação.).

A **Avaliação formativa**, como já referido no tema 3.1.3 - Avaliação, pode ocorrer em vários momentos da aula, para o efeito a estagiária utilizou as mesmas técnicas e instrumentos de avaliação que explicitadas relativamente às aulas de História.

A observação direta, realizada ao longo da aula, consistiu na análise dos níveis de participação e interesse manifestados pelas atividades propostas, tendo a estagiária recorrido à técnica de formulação de perguntas orais (interpretação e análise de mapas, gráficos e imagens). No final da aula, a estagiária elaborou um jogo didático com imagens dos diversos meios de transporte (Anexo em CD, Geografia, 1ª aula Geografia – Apresentação em *PowerPoint*). Para o efeito, elaborou uma série de questões. A estagiária solicitou aos alunos que respondessem, numa folha branca, às questões orais colocadas, e depois promovia a aprendizagem significativa através do debate. Também foi observado o respeito manifestado pelos colegas e professor. Para o efeito, a estagiária elaborou grelhas de observação e escalas de classificação.

A formulação de perguntas relacionou-se com a avaliação escrita, realizada através de uma ficha de trabalho de casa, composta por oito perguntas de resposta escrita (curta ou longa) e de seleção (verdadeiro-falso e de completamento) (Anexo 36 – Ficha de trabalho). Estes exercícios tinham como finalidade proceder à consolidação de conhecimentos, construção do saber, dado todas as questões terem sido abordadas durante a aula.

Os resultados obtidos através deste instrumento de avaliação foram muito positivos a dois níveis: entrega e resultados. Quanto à entrega, com a exceção de dois alunos, todos entregaram a ficha de trabalho, o que é muito positivo, dado o perfil da turma.

Quanto aos resultados, estes foram excelentes, como podemos observar no gráfico 32 e na tabela 26, pois apenas 3 alunos tiveram Suficiente (um com 123 pontos, outro com 145 pontos e por fim, outro com 154 pontos), 5 educandos com a classificação de Bom (valores entre 163 pontos e 173 pontos) e 6 aprendizes com a classificação de Muito Bom (valores entre 180 e 195 pontos). Assim, consideramos que conseguimos alterar comportamentos, atitudes e hábitos, graças às metodologias/estratégias de aprendizagem utilizadas durante a aula e no instrumento de avaliação.

Disciplina: <b>Geografia</b>		Ano/Turma: 11º /V																		CLASSIFICAÇÃO	
Nº	Nome	Questão	1.1	1.2	2.1	3	4.a	4.b	4.c	4.d	5.a	5.b	5.c	5.d	5.e	6.1	7	7.1	8		200
		Cotação	7	7	25	15	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	30	30	29		
1	.....	6	6	15	15	3	3	0	0	0	0	3	3	3	3	10	22	16	18	123,00	Suficiente
2	.....	7	7	23	15	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	29	27	27	29	191,00	Muito Bom
3	.....																			0,00	
4	.....	7	7	18	15	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	22	27	28	29	180,00	Muito Bom
5	.....	7	6	20	15	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	25	24	24	25	173,00	Bom
6	.....																			0,00	
8	.....	7	7	22	15	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	28	26	23	26	181,00	Muito Bom
9	.....	7	7	23	15	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	25	21	22	26	173,00	Bom
10	.....	6	6	21	15	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	21	22	21	24	163,00	Bom
11	.....	7	7	24	15	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	21	23	20	27	171,00	Bom
12	.....	7	7	24	15	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	26	27	22	28	183,00	Muito Bom
13	.....	6	6	19	15	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	16	22	16	18	145,00	Suficiente
15	.....	6	6	18	15	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	21	22	19	20	154,00	Suficiente
16	.....	6	5	21	15	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	23	23	22	22	164,00	Bom
17	.....	7	7	24	15	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	29	29	28	29	195,00	Muito Bom
18	.....	7	7	23	15	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	26	27	28	22	182,00	Muito Bom

Questão	1.1	1.2	2.1	3	4.a	4.b	4.c	4.d	5.a	5.b	5.c	5.d	5.e	6.1	7	7.1	8	Total	CLASSIFICAÇÃO
Cotação	7	7	25	15	3	3	3	3	3	3	3	3	3	30	30	29	30	200	
% acerto na questão	34,3	32,3	84,3	100,0	100,0	100,0	32,3	32,3	32,3	32,3	100,0	100,0	100,0	76,7	81,4	77,8	81,7		

Tabela 26 - Resultados de classificação obtidos na ficha de trabalho na 1ª aula de Geografia



Gráfico 32 – Classificações obtidas

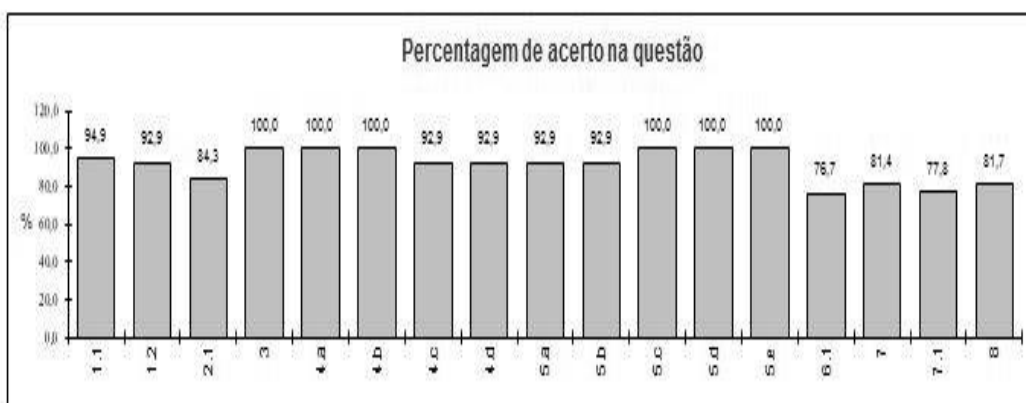


Gráfico 33 – Percentagem de acerto nas questões.

Na análise do gráfico 33, podemos observar que a percentagem de acerto nas questões é excelente, situando-se entre 76,7% e 100%. As questões com menor percentagem de acerto foram as perguntas de resposta longa, isto é, 2.1, 6.1, 7, 7.1, 8, com 84,3%, 76,7%, 81,4%, 77,8% e 81,7%, respetivamente. Ou seja, a percentagem de acerto nas questões é bastante positiva, pois apenas duas questões refletem valores inferiores a 80%. As respostas curtas tiveram uma percentagem de acerto excelente, pois a 1.1 teve 94,9% de acerto e a 1.2 o valor de 92,9%. A percentagem de acerto nas questões de completar, compostas pelas perguntas e alíneas 4 e 5, rondam os valores 92,9% (perguntas 4.c, 4.d, 5.a, 5.b) e os 100% de acerto, nas restantes questões. A maioria dos alunos, na questão 4 e 5, trocaram as respostas, por exemplo, colocaram a resposta 4.c na 4.d. Quanto à pergunta 3, que era de verdadeiro e falso, o acerto na questão foi de 100%. Podemos, assim, concluir que os alunos tiveram excelentes resultados na ficha de trabalho elaborada pela estagiária, sendo visível o resultado das metodologias/estratégias e a ação da estagiária, enquanto docente e educadora,

pois motivou os alunos para uma aprendizagem, através do uso de técnicas/recursos (jogos e vídeos didáticos) pedagógicos eficazes. Desta forma, a estagiária, ao longo da regência da sua aula, foi uma professora eficiente e eficaz, interagindo e comunicando com os alunos ao nível dos comportamentos verbais e não-verbais, proxémica e cinésica/quinésica.

A **Avaliação sumativa**, como já referimos nas páginas anteriores, foi realizada através de um teste de avaliação elaborado e corrigido pela estagiária. As questões elaboradas pela estagiária para a ficha de avaliação, da primeira regência, foram duas questões de seleção de escolha múltipla (grupo I) e uma com duas alíneas de produção escrita curta e outra de produção longa (grupo III) (Anexo 37 - Questões para a ficha de avaliação da primeira aula - versão 1 e Anexo 38 - Questões para a ficha de avaliação da primeira aula - versão 2).

A análise que de seguida apresentamos foi efetuada apenas com os valores das questões referentes à primeira aula, que foram elaboradas pela estagiária. O valor total destas questões é de 45 pontos. Os resultados obtidos na ficha de avaliação e nas questões referentes à primeira aula foram excelentes, dado todos os estudantes terem atingido metade da cotação. Os valores oscilaram entre os 24 e os 44 pontos, ou seja, todos obtiveram aproveitamento.

Disciplina: <b>Geografia</b>							
Nº	Nome	Questão	1	2	1.1	1.2	Total
		Observação	Grupo I		Grupo III		
		Cotação	5	5	15	20	
1			5	0	10	13	28,00
2			5	5	15	16	41,00
3			5	5	10	12	32,00
4			5	5	15	15	40,00
5			5	5	15	13	38,00
6			5	5	5	12	27,00
8			5	5	15	18	43,00
9			5	5	15	17	42,00
10			5	5	15	17	42,00
11			5	5	15	18	43,00
12			5	0	10	16	31,00
13			5	5	10	13	33,00
15			5	5	15	14	39,00
16			0	5	5	14	24,00
17			5	5	15	19	44,00
18			5	5	10	17	37,00

Questão	1	2	1.1	1.2	Total
Cotação	5	5	15	20	45
% acerto na questão	93,8	87,5	81,3	76,3	

Tabela 27 - Resultados de classificação obtidos na ficha de avaliação na 1ª aula de Geografia.

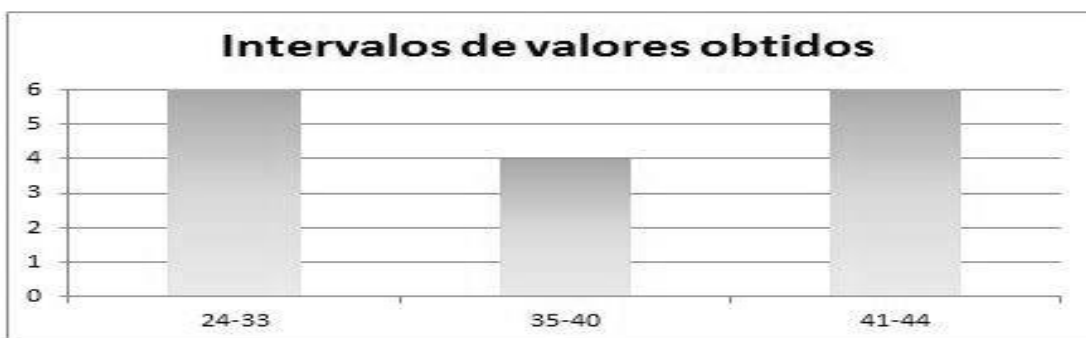


Gráfico 34 – Intervalo de valores obtidos

Na análise da tabela 27 e do gráfico 34, podemos observar que 6 estudantes obtiveram os valores entre os 24 e os 33 pontos, e outros 6 alcançaram os valores entre os 41 e 44 pontos. Todavia, 4 alunos atingiram os valores entre os 35 e os 40 pontos.

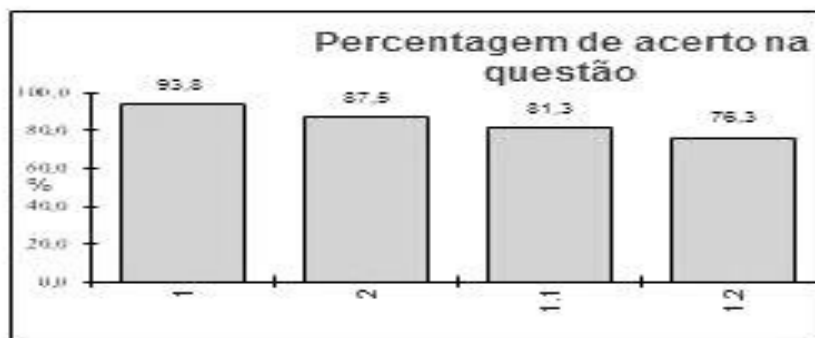


Gráfico 35 – Percentagem de acerto nas questões.

No Gráfico 35, podemos verificar que o aproveitamento e os resultados obtidos neste instrumento de avaliação são magníficos, dado a percentagem de acerto das questões rondar entre os 76,3% e os 93,8%. As questões 1 e 2, de escolha múltipla, alcançaram valores de acerto entre os 93,8% e 87,5%, respetivamente. Na questão 1, apenas 1 aluno falhou a resposta, enquanto que, na questão 2, erraram 2. A questão 1.1 (grupo III) é de resposta curta, e a percentagem de acerto é de 87,5%. Por fim, a questão 1.2 (grupo III) é de resposta longa, e a percentagem obtida é de 76,3%.

Podemos concluir que as boas práticas e metodologias/estratégias/recursos aplicados foram bem-sucedidos quanto à aprendizagem e motivação dos alunos, como os resultados obtidos o demonstram.

### 3.3.2 – Segunda aula de Geografia: planificação, realização e avaliação.

A segunda regência compreendeu a segunda parte da unidade, isto é, a comunicação, tendo como sumário “Os transportes invisíveis: cabos submarinos e satélites. A rede móvel”.

Os conteúdos das regências, em Geografia, como já referido, foram sorteados, não tendo sido dada a opção de escolha. A estagiária, porém, ao elaborar a **planificação** das suas regências, teve uma preocupação extra, ou seja, a estagiária considera que um professor eficaz e eficiente deve interligar os conteúdos programáticos, fazendo a “ponte” entre os vários conteúdos. Sempre que possível, devem relacionar-se os objetivos com a matéria dada anteriormente, com os saberes, a experiência ou vivência dos alunos, através de uma "sondagem informal", ou seja, recorrendo a várias técnicas de questionamento e estratégias e recursos.

Na elaboração da planificação e na escolha dos recursos didáticos (vídeos, imagens, gráficos, mapas, jogo pedagógico e fibra óptica), tivemos como objetivo central despertar a **motivação dos alunos**, de forma a refletir-se na sua **aprendizagem**. Ou seja, a planificação está **centrada nos alunos**, e desenvolve-se segundo uma perspectiva construtiva. Os alunos devem ser considerados como construtores da sua aprendizagem; há que considerar e relevar o conhecimento geográfico que eles transportam. Assim, defende-se que se deva partir das conceções dos alunos e, com base nestes conhecimentos, avançar para a descoberta e aprendizagem. “A aprendizagem é uma atividade construtiva que os próprios alunos têm de realizar” (Fosnot, 1996, 20).

Quanto ao documento da planificação, este obedeceu à estrutura definida para o efeito, como já referimos (Anexo 39 – Plano de aula: Telecomunicações). Nesta segunda aula, a estagiária, para além das informações que detinha sobre as características dos alunos através do PCT e da observação das aulas da professora cooperante, já tinha tido um contato direto com a turma, aquando da primeira aula. Esta situação permitiu elaborar uma planificação mais adequada aos alunos e aos seus comportamentos e atitudes, tendo como professora a estagiária. A primeira aula foi fundamental para conhecer a reação dos alunos perante a sua presença de estagiária. Ao planificar a aula, a estagiária teve em

linha de conta aspetos já referidos anteriormente, que consideramos fundamentais para o sucesso de uma aula: o espaço e o tempo.

A planificação tem que ser encarada como dinâmica e adaptável a diferentes circunstâncias, servindo de referência para o professor se orientar e verificar os objetivos alcançados e os pretendidos. Assim, e no decorrer de qualquer processo, deve-se refletir e avaliar as planificações e as aulas para, assim, introduzir melhorias no próprio processo de ensino/aprendizagem. Desta forma, e após a regência, fizemos uma avaliação e **reajustamento ao plano de aula**, onde acrescentamos as estratégias e descrevemos a sequência da diferenciação pedagógica implementada (Anexo 40 – Avaliação e reajustamento do plano de aula: Telecomunicações). Neste documento, são notórias as situações inesperadas e improváveis com que a estagiária se deparou no decorrer da aula, e as estratégias e metodologias que teve de adotar para conseguir alcançar todos os objetivos da planificação, a nível de conteúdos, tempo e clima de aula.

A estagiária, na sua planificação, programou o **clima da aula**, tendo elaborado cuidadosamente os recursos e as atividades, para que a aula decorresse no clima pretendido. Para ter um clima de individualização/ personalização, elaborou atividades, técnicas pedagógicas (perguntas ajustadas ao perfil dos alunos) e adaptou a cinésica/quinésica (toque e aproximação corporal), dando especial ênfase aos alunos mais problemáticos, sendo de destacar um grupo de 2 elementos. O clima de inovação também foi planificado. Para o efeito, a estagiária elaborou uma ficha com um jogo didático (palavras cruzadas), vídeos, e usou a técnica da demonstração/experimentação (candeeiro de fibra óptica). Para obter um clima de orientação, foram idealizados exercícios de leitura e interpretação de mapas e gráficos, acompanhados de questões orientadoras, para assim possibilitar o sucesso do aluno e criar um sentimento de satisfação e autorrealização – motivação. O clima de implicação e coesão foi delineado, tendo a estagiária, no início da aula, chamado a atenção dos alunos para a importância da realização dos trabalhos de casa, na avaliação final (Balancho, e Coelho, 1996; Perrenoud, 1997 b; Roldão, 2000 b; Flores, 2000; Arends, 2008; Estanqueiro, 2010).

As **técnicas pedagógicas** utilizadas pela estagiária foram diversas: Brainstorming, discussão, demonstração/experimental, sessão de perguntas/respostas, técnica de perguntas, assunto desenvolvido no tema 3.1.2 - Realização (Silva, 1992 e 1997; Marques, 1998 e 1999; Mão de Ferro, 1993 e 1999; Roldão, 1999; Ferrão e Rodrigues, 2000; Arends, 2008; Martim, 2008).

A técnica demonstração/experimental utilizada pela estagiária permitiu transformar alguns minutos da aula num pequeno laboratório experimental. Para o efeito, levou um candeeiro de fibra ótica que os alunos podiam tocar, experimentar e analisar. A estagiária considera que é fundamental que os alunos tenham oportunidades de experimentar, produzir, fazer, manipular e refletir sobre os conhecimentos e conteúdos programáticos. Esta atividade foi muito bem planeada, dado estarmos perante uma turma indisciplinada, barrulhenta e com alunos muito distraídos. A turma foi dividida em pequenos grupos. A estagiária elaborou uma ficha de trabalho para que uns alunos preenchessem, enquanto outros colegas observavam e experimentavam a fibra ótica. Esta ficha de trabalho é um jogo didático composto por doze palavras na horizontal e nove na vertical (Anexo 41 – Ficha de trabalho - Palavras cruzadas: As Telecomunicações). O preenchimento das palavras cruzadas, jogo didático, foi planificado para preencher o tempo em que a estagiária estava com um grupo de alunos a explorar o candeeiro de fibra ótica. Desta forma, no fundo da folha apareciam as soluções, pois o tempo estava limitado para a realização desta atividade. As palavras cruzadas foram planificadas com um **duplo objetivo**: evitar distrações e comportamentos menos corretos e motivar os educandos através do jogo promovendo a aprendizagem.

A elaboração dos **materiais/recursos/estratégias/atividades** foi delineada, tendo em conta o perfil dos alunos. Assim, foram planeados os recursos atividades, estratégias de aprendizagem como: análise e exploração de vários recursos como os diapositivos (*PowerPoint*), imagens, vídeos didáticos, mapas, gráficos, jogo didático (palavras cruzadas) e fibra ótica.

A estagiária criou trinta e sete diapositivos (*PowerPoint*) que foram organizados, planificados tendo em conta os três grandes temas que tinha de desenvolver: os cabos submarinos, as comunicações via satélite e a rede móvel (Anexo, em CD, Geografia, 2ª aula Geografia – Anexo 1 - Apresentação em *PowerPoint* da

segunda aula: Telecomunicações.). Estes três temas estão organizados com subtemas. O primeiro tema “Cabos submarinos” tem dezassete diapositivos que estão organizados com os seguintes subtemas: definição (1 diapositivo), cabo submarino – metálico (1 diaporama), cabo submarino – fibra óptica (6 diapositivos) e, por fim, cabos submarinos em Portugal (8 diapositivos).

Ao longo dos diapositivos, foram colocadas imagens que foram cuidadosamente selecionadas e que tinham como objetivo ajudar o aluno a “visualizar” os conteúdos programáticos de forma a ajudá-lo na sua aprendizagem. No diapositivo seis do *PowerPoint* “equipamentos de comunicação”, a imagem foi um recurso fundamental, pois a estagiária selecionou várias imagens de vários equipamentos. Neste diapositivo, a utilização das imagens foi muito importante dado permitir relacionar os diferentes conteúdos abordados nas aulas anteriores, tendo sido colocadas questões que permitiram analisar e relacionar as aprendizagens ocorridas nas aulas anteriores. A estagiária foi uma professora eficaz e eficiente. Um bom professor deve levar os seus alunos a serem capazes de relacionar as suas aprendizagens e os vários conteúdos programáticos. A estagiária questiona e recorda os conteúdos abordados na sua primeira aula, tendo iniciado a aula com o mesmo diapositivo (Classificação dos transportes), utilizado na sua primeira regência, com uma ligeira alteração, dado ter dado mais realce, ênfase aos transportes invisíveis, relacionando-os com as telecomunicações. Os primeiros seis diapositivos foram planeados de forma a conferir as aprendizagens adquiridas pelos alunos nas aulas anteriores da Unidade (primeira aula assistida da estagiária e primeira aula da segunda parte da unidade que tem como tema a comunicação, que foi lecionada por um colega estagiário). Ao longo da aula, a estagiária também pretendia aferir os conhecimentos dos alunos, adquiridos no ano anterior, 9º ano, (fluxos de transportes e comunicações).

A estagiária selecionou três mapas (dois sobre os cabos submarinos e um sobre a distribuição espacial das redes telecomunicação - rede de fibra óptica e satélites) e seis gráficos (um para o subtema cabos submarinos em Portugal, um de comparação da capacidade de transmissão entre os cabos submarinos e os satélites e quatro sobre a rede móvel). O mapa é um instrumento importante para desenvolver as capacidades de orientação e localização nos alunos, sendo um

recurso visual muito utilizado pela disciplina de geografia. Os mapas e os gráficos são recursos que foram trabalhados pela estagiária de forma a explorar as informações codificadas na representação cartográfica e gráfica. A estagiária pretendia que os alunos não só identificassem como também compreendessem a informação contida nos recursos (mapas e gráficos). A estagiária orientou e individualizou a leitura e interpretação dos mapas e gráficos elaborando, para o efeito, questões orientadoras, para que os alunos entendessem o que estava representado, promovendo, assim, as aprendizagens significativas, a autonomia e a motivação.

A estagiária conseguiu, fácil e rapidamente, atingir os seus objetivos, apesar de os conteúdos programáticos serem extensos, pois a exposição foi facilitada pelos meios audiovisuais que elaborou, mais eficazes do que o discurso oral, capazes de transmitir, de forma mais rápida, o conhecimento, porque os alunos estão mais concentrados e motivados. Concordamos com Estanqueiro (2010, p. 37) “Um professor competente utiliza recursos variados, incluindo recursos multimédia, para motivar os alunos e reforçar as suas mensagens. Qualquer pessoa aprende melhor o que escuta e vê ao mesmo tempo” pois a estagiária criou dois vídeos didáticos que provocaram um grande impacto, proporcionando um clima de inovação, de expectativa e estimulação dos sentidos, facilitando a memorização. A projeção dos dois vídeos tinha uma dupla finalidade: motivar os alunos para a aula e estabelecer a prontidão ou indução. Ou seja, com a visualização destes vídeos a estagiária pretendeu dar pistas para a participação e motivação dos alunos.

O primeiro vídeo (duração de 02.50) “Cabos submarinos” é o resultado de vários cortes de um vídeo extenso (duração de 15.23) (Anexo em CD, Geografia, 2ª aula Geografia – 1º Vídeo – Cabos Submarinos). Este pequeno vídeo permite compreender a história e evolução dos cabos submarinos, e a “revolução” e importância da fibra óptica nas telecomunicações.

O segundo vídeo (duração 02.15) “Comunicação via satélite” é o resultado de uma compilação de quatro vídeos que foram recortados e fundidos num só (Anexo em CD, Geografia, 2ª aula Geografia – 2º Vídeo – Comunicações via satélite). A estagiária utilizou este vídeo, mais uma vez, para explorar e aferir os conhecimentos dos alunos da aula anterior que tinha sido lecionada por um

colega do grupo de estágio. Ou seja, a estagiária relacionou os diferentes conteúdos programáticos. No final da visualização do vídeo, a estagiária formulou uma série de questões e, para orientar e motivar os alunos, passou novamente o vídeo, fazendo paragens em pontos estratégicos, ajudando os estudantes a dar a resposta correta.

Em termos de **conclusão**, pode-se afirmar que a utilização das técnicas, recursos e atividades pedagógicas permitiram fazer uma paragem ao longo das aulas com os métodos expositivos, interrogativos o que foi muito positivo, pois os alunos concentravam-se na visualização dos vídeos e relaxaram na experimentação da fibra ótica. Ou seja, a utilização destas técnicas permite ao professor apelar à atenção e à concentração do aluno de uma forma agradável e motivadora, pois o aluno associa a estes momentos sensações de lazer e de descontração; sem esforço, a aprendizagem acontece de uma forma natural – aprendizagem por significados.

A **proxémica** (linguagem da organização e gestão do espaço) foi muito bem planeada, pois o espaço e o tempo foram fundamentais na gestão e organização desta aula. Assim, a estagiária organizou a sala e os materiais pedagógicos, durante o intervalo: colocou uma mesa extra junto ao quadro e porta de entrada onde pousou o candeeiro de fibra ótica tapado, para que os alunos, ao entrarem na sala de aula, não o vissem, evitando perguntas antecipadas e o efeito surpresa. Ao longo da aula, a estagiária fez elogios, pois planificara a **interação personalizada e espontânea**. A estagiária considerou que era fundamental dar atenção e valorizar a participação da turma para, desta forma, motivar os alunos. Esta turma, como já referimos, é uma turma problemática, tendo dois alunos complicados: um desinteressado e desmotivado pela disciplina, outro com problemas psicológicos e comportamentos e atitudes inesperadas. É de salientar que os dois alunos estiveram interessados e motivados ao longo da aula, tendo uma interação espontânea. No entanto, a interação da estagiária foi personalizada, tanto na formulação das questões como na proxémica e cinésica/quinésica. Porém, ao longo da aula e com todos os alunos, a interação foi personalizada de forma a alterar comportamentos, atitudes e a motivar a turma, e não apenas os dois alunos, promovendo um clima de satisfação, coesão, orientação e individualização.

O **início da aula** foi atribulado e agitado. Os alunos chegaram à sala de aula com cerca de 10 minutos de atraso, após o segundo toque, ou seja, a aula iniciou-se com cerca de 20 minutos de atraso. A estagiária iniciou a aula chamando a atenção dos alunos para o atraso e para a importância da realização dos trabalhos de casa, na avaliação final. A estagiária teve de exercer o seu poder sobre os alunos em forma de **repreensão verbal**, tendo assim a cinésica/quinésica sido adequada à situação, ou seja, adotou uma posição corporal firme e um tom de voz grave, frio e distante. A estagiária estava à frente dos alunos, a olhar para todos, de forma a conseguir ver as suas reações e atitudes à chamada de atenção, a fim de sentirem a importância desta chamada de atenção, criando neles um **sentimento de implicação e coesão**. Este sentimento também foi evidente no final da aula, pois todos os elementos da turma participaram no esquema-síntese, demonstrando que as estratégias e metodologias resultaram, pois estávamos perante uma turma ativa e participativa. Esta atividade pedagógica, elaboração do esquema síntese, foi planeada com o objetivo de aferir e consolidar os conhecimentos adquiridos na aula.

Em **conclusão**, e apesar de todos os contratemplos externos: atraso, agitação, comportamentos e atitudes menos corretas dos alunos no início da aula, o clima “mau estar” foi-se diluindo. Este comportamento dos alunos foi, segundo a professora cooperante, muito atípico e que algo externo à aula deve ter acontecido, no intervalo, e tenha motivado este comportamento. No final da aula, o clima instalado na sala era de coesão, satisfação, interesse e curiosidade. Ao longo da aula, o papel da estagiária, as estratégias, as metodologias e os recursos modificaram comportamentos e atitudes dos alunos, motivando-os. No final da aula, todos os alunos participaram ativamente no esquema-síntese dos conteúdos. Após o toque e permissão para saírem da sala de aula, os alunos permaneceram na sala colocando questões, tendo alguns voltado a observar e manusear o candeeiro de fibra óptica. Porém e apesar do início atribulado da aula que obrigou a uma gestão de tempo mais eficaz e a reajustamento do plano, para conseguir recuperar o atraso de cerca de 20 minutos. A aula decorreu segundo o plano previsto. Desta forma, evidencia-se a capacidade de gestão de tempo, espaço, recursos, mudanças de comportamentos e motivação que a estagiária despertou nos alunos.

A **avaliação** das aprendizagens também foi realizada nesta aula. Na **avaliação formativa**, a estagiária utilizou as seguintes técnicas e instrumentos de avaliação: observação direta e formulação de perguntas.

Observação direta: participação, interesse, motivação, comportamento e empenho manifestado, ao longo da aula, pelas atividades propostas e recursos apresentados. Para o efeito, recorreu à técnica de formulação de perguntas orais (interpretação e análise de mapas, gráficos, imagens, vídeos e visualização da fibra óptica no candeeiro), para o efeito, elaborou uma série de questões.

A estagiária observou que, durante a visualização da fibra óptica, a sala estava em silêncio e não houve sinais que os alunos estivessem distraídos. Ou seja, o objetivo principal de manter os estudantes ocupados, enquanto um pequeno grupo estava com a professora a visualizar e experimentar a fibra óptica, foi atingido na plenitude, pois os alunos não causaram perturbações, barulho ou distrações.

No final da aula, a estagiária desenvolveu uma última atividade, elaboração de um esquema síntese dos conteúdos lecionados. Para o efeito, apelou à participação oral de toda a turma. Esta atividade foi um sucesso, pois todos os alunos participaram ativamente, mesmo os mais distraídos e tímidos. A professora cooperante elogiou a atividade e a forma como a estagiária motivou os alunos.

Também foi observado o respeito manifestado pelos colegas e professor. Para o efeito, a estagiária elaborou grelhas de observação e escalas de classificação.

Avaliação escrita: Ficha de trabalho - Palavras cruzadas: As Telecomunicações. (Anexo 41 – Ficha de trabalho - Palavras cruzadas: As Telecomunicações). Durante o preenchimento das palavras cruzadas, os alunos estiveram em silêncio, e os resultados foram excelentes, pois apenas quatro alunos não acertaram em todas as palavras. Os quatro não conseguiram terminar a ficha argumentando que não tiveram tempo. Dois deixaram três palavras, outro deixou cinco palavras e um outro apenas não conseguiu completar um espaço.

Formulação de perguntas (avaliação escrita): ficha de trabalho (trabalho de casa): composta por duas notícias (Anexo 85 – Ficha de trabalho: As Comunicações: cabo submarino, via satélite e móveis), em que as respostas eram de produção escrita longa. A primeira notícia era sobre a rede móvel e tinha duas questões

desenvolvimento. A segunda notícia tinha nove tópicos para desenvolver e era sobre os Açores e a sua importância na “plataforma de modernidade científica”. A realização desta ficha tinha como objetivo relacionar e aferir os conhecimentos dos alunos em relação à aula lecionada (primeira notícia) e aos conhecimentos adquiridos no ano anterior (segunda notícia). Estes exercícios tinham como finalidade proceder-se à consolidação de conhecimentos.

Em termos de análise dos resultados obtidos no instrumento de avaliação, a estagiária e a própria professora cooperante reconhecem que este exercício (ficha/instrumento de avaliação) era muito ambicioso, dado ser de muito difícil resolução. Recordamos que era uma turma com muitas dificuldades de aprendizagem onde havia muitos alunos com necessidades educativas especiais. Muitos destes alunos tinham muitas dificuldades na Língua Portuguesa, o que impedia a leitura e a interpretação correta das perguntas. Desta forma, os resultados obtidos neste instrumento de avaliação foram satisfatórios, como podemos observar na tabela 28.

A estagiária e a professora cooperante ficaram surpreendidas, pela positiva, com os resultados, pois, dos 16 alunos, 10 conseguiram resultados positivos, tendo os valores rondando entre os 101 e 150 pontos, como podemos observar na tabela 28. Apenas 3 alunos não conseguiram alcançar metade da cotação, ou seja, tiraram negativa com os seguintes valores 58, 75 e 90 pontos. Importa, porém, sublinhar que, apesar dos resultados a nível de realização da tarefa não serem muito positivos, os níveis de esforço e empenho superaram todas as expectativas, pois apenas três alunos não entregaram a ficha.

Na análise ao gráfico 36, podemos verificar que as questões com melhor percentagem de acerto foram as 1.1 com 77,5% e a 1.2 com 69,1%, dado estas duas questões estarem diretamente relacionadas com a matéria lecionada na aula. Porém, na segunda questão, a percentagem de acerto é muito baixa (43,1%), pois obrigava os alunos a recordar a matéria dada no ano anterior.

Na análise da ficha, nota-se que os alunos tentaram superar as suas dificuldades com pesquisas na internet, para, desta forma, conseguirem responder sobretudo à segunda notícia/questão. Os alunos tiveram pouco sucesso na realização da ficha; no entanto, esforçaram-se e empenham-se, o que é muito importante, dado a estagiária ter conseguido mudar atitudes e comportamentos. A professora

cooperante elogiou a estagiária em razão de esta ter obtido uma taxa de entrega de ficha de trabalho tão elevada, dado tratar-se de turma que raramente fazia os trabalhos. Recordamos que estamos perante uma turma indisciplinada e que não tem hábitos de fazer os trabalhos de casa, apesar de a professora cooperante, na avaliação final, ter em linha de conta este aspeto. A estagiária, no início da aula, recordou, mais uma vez, a importância da realização dos trabalhos de casa para a avaliação.

Disciplina: <b>Geografia</b>							
Nº	Nome	Questão	1.1	1.2	2	CLASSIFICAÇÃO	
		Cotação	50	50	100		200
1			24	18	16	<b>58,00</b>	Mau
2			40	37	55	<b>132,00</b>	Suficiente
3						<b>0,00</b>	
4			38	42	51	<b>131,00</b>	Suficiente
5			41	35	25	<b>101,00</b>	Suficiente
6						<b>0,00</b>	
8			41	33	58	<b>132,00</b>	Suficiente
9			38	40	49	<b>127,00</b>	Suficiente
10			41	38	52	<b>131,00</b>	Suficiente
11			45	43	41	<b>129,00</b>	Suficiente
12			42	37	54	<b>133,00</b>	Muito Bom
13			38	18	34	<b>90,00</b>	Mau
15			31	23	21	<b>75,00</b>	Mau
16						<b>0,00</b>	
17			42	46	62	<b>150,00</b>	Suficiente
18			43	39	42	<b>124,00</b>	Suficiente
Questão	1.1	1.2	2	Total	CLASSIFICAÇÃO		
Cotação	50	50	100	200			
% acerto na questão	77,5	69,1	43,1				

Tabela 28 com os resultados de classificação obtidos na ficha de trabalho da segunda aula de Geografia.

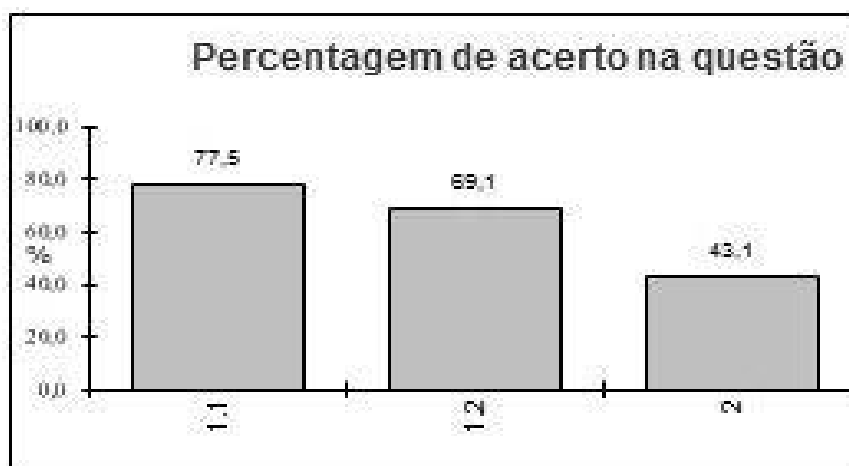


Gráfico 36 – Percentagem de acerto nas questões.

Concluimos que a motivação, o interesse e o empenho dos alunos foram excelentes, tanto ao longo da aula, como na realização dos trabalhos de casa.

A **Avaliação sumativa**, como já referimos nas páginas anteriores foi realizada através de um teste de avaliação elaborado e corrigido pela estagiária. As questões criadas pela estagiária para a ficha de avaliação, dos conteúdos abordados na segunda aula, foram duas questões de escolha múltipla (grupo I) e uma com duas alíneas de produção escrita curta, e outra de produção longa (grupo III) (Anexo 42 - Questões para a ficha de avaliação da primeira aula - versão 1 e Anexo 43 - Questões para a ficha de avaliação da primeira aula - versão 2).

A análise que de seguida apresentamos (análise conjunta das questões das duas aulas e dos resultados obtidos no instrumento de avaliação) foi elaborada apenas com os valores das questões referentes à primeira aula, e foram elaboradas pela estagiária. O valor total destas questões é de 45 pontos. Os resultados obtidos na ficha de avaliação e nas questões referentes à segunda aula foram muito positivos pois todos os estudantes atingiram valores superiores à metade da cotação (22,5 pontos), os valores rondaram entre os pontos 23 e 41, ou seja, todos obtiveram aproveitamento. Na análise à tabela 29 e ao gráfico 37 verificam que 4 estudantes obtiveram entre 23 e 29 pontos e outros 4 atingiram os valores entre os 37 e os 39 pontos. Todavia, 5 educandos alcançaram cotações entre 31 e 35 pontos e apenas 3 atingiram o valor de 41 pontos.

Disciplina: Geografia							
Nº	Nome	Questão	5	6	4.1	4.2	Total
		Observação	Grupo I		Grupo III		
		Cotação	5	5	15	20	
1			5	5	9	12	31,00
2			5	5	12	15	37,00
3			5	0	10	8	23,00
4			5	5	11	18	39,00
5			5	5	8	16	34,00
6			0	5	13	14	32,00
8			5	5	12	13	35,00
9			5	5	13	18	41,00
10			5	5	13	14	37,00
11			5	5	14	17	41,00
12			5	5	6	18	34,00
13			5	5	8	19	37,00
15			5	5	8	7	25,00
16			5	5	6	13	29,00
17			5	5	14	17	41,00
18			5	5	8	11	29,00

Questão	5	6	4.1	4.2	Total
Cotação	5	5	15	20	45
% acerto na questão	33,8	33,8	66,8	71,3	

Tabela 29 - Resultados de classificação obtidos nas questões da ficha de avaliação da 2ª aula de Geografia.

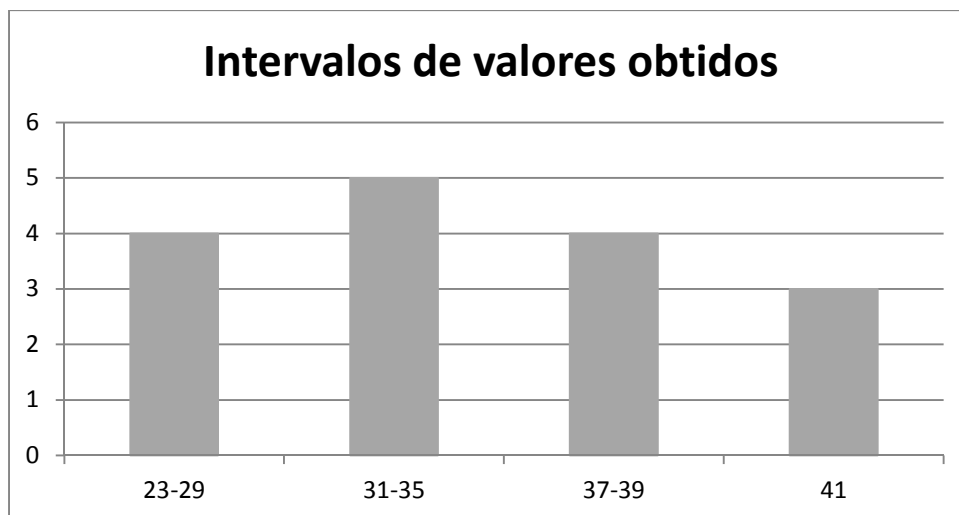


Gráfico 37 - Intervalo de valores obtidos.

No Gráfico 38 podemos verificar que o aproveitamento e os resultados obtidos neste instrumento de avaliação são satisfatórios, pois a percentagem no acerto das questões oscilam entre os 68,8% e os 93,8%. As questões 1 e 2 de escolha de múltipla obtiveram um valor de acerto de 93,8%, ou seja, apenas 1 aluno falhou a resposta. A questão 4 com as duas alíneas (grupo III) são de resposta longa e a percentagem obtida foi de 68,8% e 71,9%, questão 4.1 e 4.2 respetivamente.



Gráfico 38 – Percentagem de acerto nas questões.

A análise que se segue foi elaborada com os resultados obtidos em todas as questões elaboradas e corrigidas pela estagiária e nos resultados/classificações finais alcançadas pelos alunos no instrumento de avaliação. Ou seja, no valor total de todas as questões que constavam no teste, nomeadamente, as questões elaboradas pelos três colegas do núcleo de estágio.

Na análise conjunta das questões podemos verificar que o valor total é de 90 pontos. Desta forma, todos os alunos tiveram aproveitamento, isto é, tiveram mais de metade da cotação total. O valor mais baixo obtido apenas por um aluno é de 53 pontos e o valor mais elevado é de 85 pontos.

Ao realizarmos uma observação minuciosa à tabela 30 e ao gráfico 39, verificamos que 7 educandos obtiveram valores entre os 53 e 66 pontos (apenas houve 1 aluno com os pontos de 53, 55, 65 e 66, e 2 estudantes com 59 pontos). Quanto ao intervalo de valores entre os 70-79 pontos foram 6 alunos que conseguiram atingir esta cotação (apenas 1 aluno com 70 e 72 pontos e 2 com 78 e 79 pontos). Por fim, 3 estudantes obtiveram valores entre os 83 e 85 pontos. Esta análise permite-nos verificar que, com os magníficos resultados alcançados nas questões da estagiária, 9 alunos tiraram mais do que 70 pontos, o que significa que, para terem positiva no global do teste, apenas tinham de conseguir obter mais 3 pontos nas restantes questões elaboradas pelos outros estagiários. Recordamos que as restantes questões valiam 110 pontos no seu total.

Disciplina: <b>Geografia</b>												
Nº	Nome	Questão	1	2	5	6	1.1	1.2	4.1	4.2	Valor total das questões da estagiária	Valor total de todas as questões do teste
		Observação	Grupo I				Grupo III					
		Cotação	5	5	5	5	15	20	15	20	90	200
1			5	0	5	5	10	13	9	12	59,00	109,00
2			5	5	5	5	15	16	12	15	78,00	124,00
3			5	5	5	0	10	12	10	8	55,00	102,00
4			5	5	5	5	15	15	11	18	79,00	130,00
5			5	5	5	5	15	13	8	16	72,00	119,00
6			5	5	0	5	5	12	13	14	59,00	97,00
8			5	5	5	5	15	18	12	13	78,00	130,00
9			5	5	5	5	15	17	13	18	83,00	151,00
10			5	5	5	5	15	17	13	14	79,00	129,00
11			5	5	5	5	15	18	14	17	84,00	150,00
12			5	0	5	5	10	16	6	18	65,00	113,00
13			5	5	5	5	10	13	8	19	70,00	131,00
15			5	5	5	5	15	14	8	7	64,00	115,00
16			0	5	5	5	5	14	6	13	53,00	95,00
17			5	5	5	5	15	19	14	17	85,00	154,00
18			5	5	5	5	10	17	8	11	66,00	111,00

Questão	1	2	5	6	1.1	1.2	4.1	4.2	Total
Cotação	5	5	5	5	15	20	15	20	90
% acerto na questão	93,8	87,5	93,8	93,8	81,3	76,3	68,8	71,9	

Tabela 30 - Valor total das questões da estagiária e de todas as questões do teste.

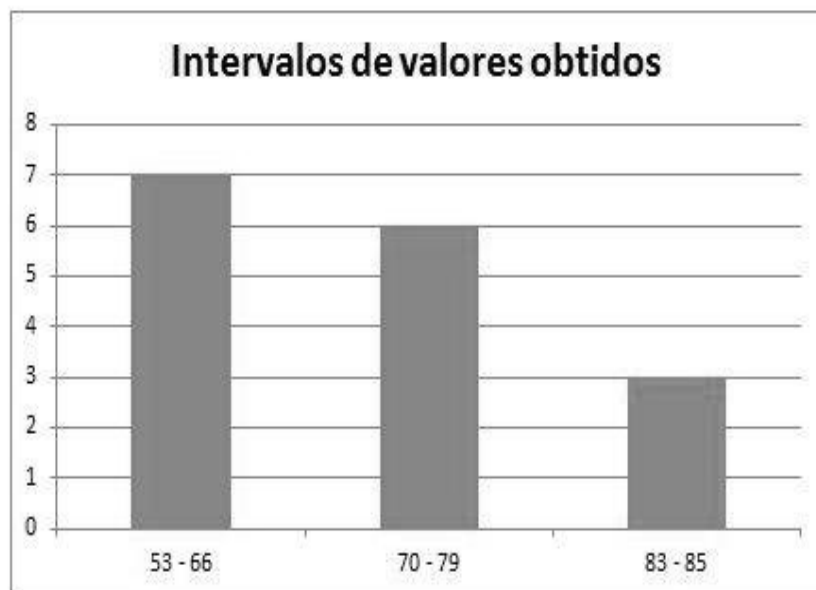


Gráfico 39 – Intervalo de valores obtidos nas questões da estagiária.

Na observação da tabela 30 podemos observar uma coluna onde constam os valores finais/totais obtidos, em todas as questões do teste. A cotação final do teste era de 200 pontos, ou seja, 20 valores.

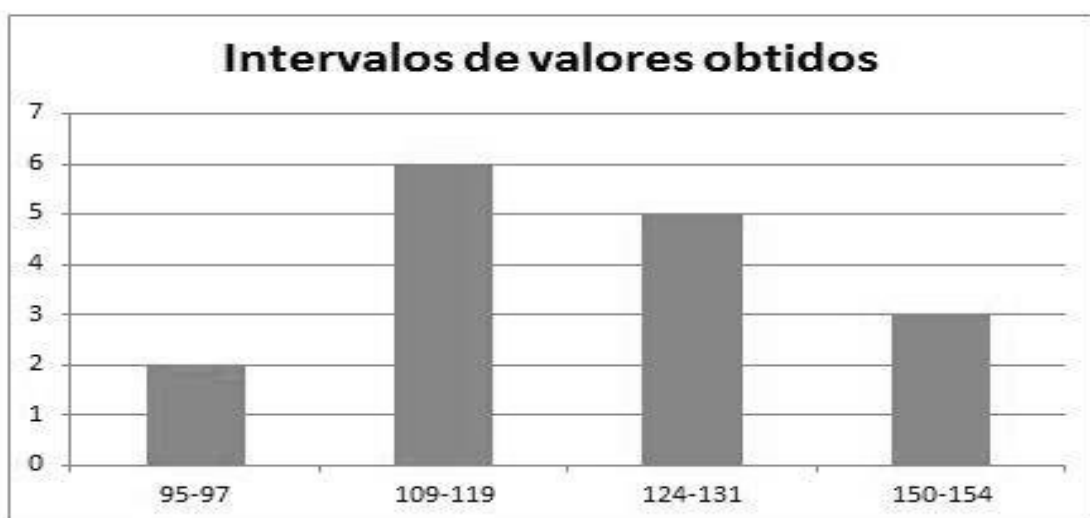


Gráfico 40 – Intervalo de valores obtidos em todas as questões do

No gráfico 40 observamos os valores finais obtidos no instrumento de avaliação; estes situam-se entre os 95 e 154 pontos.

Os resultados finais do teste são satisfatórios, pois apenas 2 alunos, com os números 6 e 16, não conseguiram alcançar metade da cotação, ou seja, positiva. Porém, ficaram muito próximos da positiva, pois conseguiram 95 e 97 pontos. Ao analisar a tabela 30, podemos verificar que estes 2 educandos também obtiveram os valores mais baixos nas questões da estagiária. No gráfico 40 observamos que o intervalo de valores situado entre os 109-119 pontos foi alcançado por 6 estudantes e 5 atingiram os valores que se situam entre os 124-131 pontos. Os valores entre os 150-154 pontos foram alcançados apenas por 3 alunos, que também tinham obtido bons resultados nas questões da estagiária, pois alcançaram os pontos 83-84 (gráfico 40). Recordamos que as questões da estagiária apenas possuíam 90 pontos e as restantes perguntas do teste valiam 110 pontos, perfazendo os 200 pontos. Desta forma, foi nas questões da estagiária que os alunos conseguiram alcançar mais de metade da cotação final.

Ao realizarmos uma análise comparativa entre os valores obtidos nas questões da estagiária e os resultados finais do teste, verificamos que 11 educandos obtiveram apenas a classificação de suficiente, ou seja, valores finais que se situam no intervalo 109-130 pontos. Fazendo a comparação com os resultados obtidos nas questões da estagiária verificamos que os mesmos 11 alunos obtiveram valores superiores a 70 pontos, com a exceção de 5 educandos (números 1, 3, 12, 15 e 18), que alcançaram os pontos 59, 55, 65, 64 e 66, respectivamente. Podemos assim concluir que uma grande percentagem dos estudantes obteve mais resultados/pontos nas questões da estagiária.

### **3.4 - Participação na escola e relação com a comunidade: colaboração em projetos em curso.**

A participação na vida da escola é algo que um professor nunca poderá descorar, pelo contrário, deve estabelecer uma cadeia de inter-relação e interação com os seus pares e toda a comunidade. Tal como Pinto, também a estagiária considera que “a escola é uma instituição social que existe pelas interações que se verificam entre os seus membros” (Pinto, 1995, p. 51).

A atividade docente não pode cingir-se unicamente à relação individual e estreita professor-aluno em ambiente de sala de aula, mas antes assumir uma atitude ativa e multidirecional com todos os que, na escola, se movimentam, tanto atores internos como externos. Neste âmbito, durante o estágio, a estagiária, procurou adquirir novas competências inerentes ao dinamismo profissional docente. Assim, participou na reunião de grupo de geografia, a qual visou uma reflexão sobre a melhoria operante dos departamentos curriculares, nomeadamente no que se refere à articulação vertical e horizontal. Desta reunião foi elaborada uma ata que foi redigida pela estagiária e por outra colega de estágio. Foi também determinante para o desenvolvimento profissional, a participação nos conselhos de turma finais do 2º período, referentes ao 8º I (História) e 11º V (Geografia). A participação nestes concelhos permitiu a aquisição e o conhecimento acerca da avaliação referente a cada educando e da turma, assim como as estratégias dos professores (planos de recuperação) para superar os níveis negativos de alguns estudantes.

A estagiária colaborou nas visitas de estudo que constavam no PAA da ESAS, uma vez que, no início do estágio, este documento já se encontrava delineado para todo o ano letivo. Porém, e como este é um documento em aberto, consideramos que seria uma mais-valia que os estagiários também participassem na sua elaboração, dando sugestões e propondo atividades (visitas de estudo, entre outras). Neste domínio, a primeira visita de estudo em que a estagiária participou foi no âmbito da História, a qual teve como destino a cidade de Lisboa. Em reunião com a docente cooperante, esta informou que no Mosteiro dos Jerónimos as visitas de estudo não eram guiadas; Desta forma, seriam os estagiários a ser os guias. Também solicitou que elaborássemos

materiais/recursos para uma ação de motivação em sala de aula sobre a visita que os alunos iriam realizar (Anexo, em CD, História, Motivação da visita). Assim, os alunos das duas turmas de 10º ano que participaram na visita foram divididos em quatro grupos e cada estagiário orientou um deles, explicando a origem deste monumento e o seu estilo arquitetónico. Esta atividade também contemplou uma visita ao Museu Nacional de Arte Antiga, onde os estagiários tiveram a tarefa de acompanhar os alunos, mas sem intervenção direta, uma vez que este disponha de guia.

A visita de estudo de Geografia, na qual a estagiária participou, teve como destino o Nordeste Transmontano, com os alunos do 11º V e outras turmas do mesmo ano. Para a sua realização, os estagiários elaboraram uma pequena brochura e promoveram a sua divulgação (Anexo 45 - Folheto da visita de estudo ao Nordeste Transmontano). Esta visita proporcionou aos estudantes a observação do vale da Vilariça, assim como a fertilidade e produtividade agrária deste local. Possibilitou-lhes, ainda, o contacto visual e o conhecimento organizacional de uma unidade de turismo rural. Esta teve como objetivos centrais promover o processo de ensino e aprendizagem, conhecer o papel dinamizador do turismo no espaço rural e o contacto com novas realidades (saída do contexto urbano para o rural).

A realização da *webquest*, acima citada, também se enquadra na relação com a comunidade, sendo que para a sua organização o núcleo de estágio interagiu com o docente destacado na biblioteca a cumprir a componente não letiva, assim como com o auxiliar de ação educativa responsável por este espaço.

Quanto ao preenchimento dos questionários, tanto em história como em geografia, a estagiária combinou previamente com as professoras cooperantes a aula onde estes instrumentos de avaliação seriam preenchidos. As professoras cooperantes permitiram que a estagiária colocasse, novamente, os vídeos e os jogos. Desta forma, o preenchimento dos questionários também foi rentabilizado para recordar e aferir, novamente, os conteúdos abordados nas regências.

Este campo de ação revestiu-se de grande importância, sendo que possibilitou o contato direto com os alunos em ambiente extra sala de aula, assim como com outros elementos integrantes da organização educativa, tornando o estágio num processo dinâmico e de interação.

### **3.5 - Desenvolvimento profissional docente: reflexão, auto e heteroavaliação, investigação.**

Neste ponto consideramos importante identificar dois subtemas: a escola e o ensino de hoje, os professores e as suas funções. Pensamos que uma reflexão sobre a função da escola de hoje e, concomitantemente, sobre a função docente, seria fundamental para compreender todas as opções tomadas pela estagiária em contexto de estágio. Neste ponto, e nos dois subtemas associados, pretendemos demonstrar os desafios, mudanças e ruturas da escola/ensino e do papel dos professores no século XIX.

A educação é fundamental na vida do Homem, sendo um direito de todos, pois está consagrado no artigo 26º da Declaração dos Direitos do Homem “Toda a pessoa tem direito à educação. A educação deve ser gratuita...”. Desta forma, a Educação deve ajudar a desenvolver as potencialidades de cada um e não a padronizar essas capacidades. Os professores, enquanto profissionais, ocupam um papel fundamental na sociedade, pois somos nós que estamos a preparar e a educar o nosso Futuro. A educação espelha o desenvolvimento de um país, desta forma consideramos crucial que todos os profissionais do ensino tenham uma formação sólida e constante, através de ações de formação ao longo da vida.

A formação inicial, nos últimos anos, está a sofrer mudanças e a introduzir novos conteúdos e competências nos currículos. Há uns anos atrás, a formação dos professores baseava-se exclusivamente nos saberes científicos. Felizmente, a formação inicial dos professores sofreu mudanças e introduziu novos conteúdos e competências nos currículos que, lentamente, foram integrando outras áreas (pedagogia, psicologia, novas tecnologias....) do saber que são fundamentais para que o docente possa ser eficaz. A vida é uma aprendizagem constante, aprender é uma rotina do quotidiano que ocorre no ser humano de forma consciente ou inconsciente, em contexto formal ou informal. O trabalho desenvolvido nas escolas deve pautar-se por uma reciclagem diária, capaz de responder à heterogeneidade cultural, económica e religiosa dos aprendentes, que chegam na atualidade ao sistema educativo. O professor de hoje deverá ter uma atitude multidirecional e ser um aprendiz constante. A formação, tanto inicial como ao longo da vida, deve timonar o professor na sua atividade letiva, no que diz

respeito à motivação e aprendizagem dos alunos, e também na sua relação com os restantes agentes educativos (pais e professores). A formação deve orientar o professor para as relações complexas com os pais e incentivar o trabalho multidisciplinar, em tarefas que envolvam as diferentes áreas do saber em que todos os professores participam. Infelizmente, esta cultura de partilha ainda não está muito dinamizada nas nossas escolas do ensino regular (Roldão, 2000 a; Alarcão, 2001; Braga, 2001; Mesquita, 2011; Morgado, 2011).

Com o passar do tempo, sentimos cada vez mais necessidade de formação e desejo de saber cada vez mais, aprender mais, experimentar e descobrir mais e mais. Inicialmente, começamos por fazer ações de formação de curta duração para conseguir responder assertivamente às novas exigências e problemas com que todos os dias convivíamos. Porém, numa determinada altura, sentimos necessidade de realizar este Mestrado. Esta necessidade surge por dois motivos, o primeiro por alterações na legislação e o segundo por sentirmos dificuldade em resolver certas situações pedagógicas. A frequência deste Mestrado contribuiu para a reflexão sobre as metodologias, práticas, recursos e estratégias utilizadas ao longo da nossa atividade letiva, adquirindo desta forma o conhecimento teórico que estava em falta.

A estagiária considera que a formação contínua de professores é fundamental para se exercer a sua atividade de uma forma eficaz. Desta forma, aquando da realização do estágio pedagógico, iniciou também a frequência do curso de profissionalização da Universidade Aberta, no grupo 200 (Português e Estudos Sociais). Neste curso, que terminou em Fevereiro de 2013, a estagiária, obteve um bom aproveitamento em todas as cadeiras.

O desenvolvimento profissional docente é uma necessidade constante e incessante, que converge para a aquisição ou melhoria de competências e qualidades. Segundo a ótica de José C. Morgado, com a qual estamos inteiramente de acordo, o desenvolvimento profissional é “um processo contínuo de formação e aprendizagem ao longo da carreira docente, [...] a profissionalização é a primeira etapa desse processo” (Morgado, 2011, pp. 96).

No decurso da prática supervisionada ou profissional, este deve ser o pano de fundo que norteia a atividade docente. Uma reflexão contínua é fundamental para o desenvolvimento da competência profissional, conseguindo assim um

conhecimento analítico que pode tender para uma alteração ou melhoramento das suas ações e estratégias.

Aprender através da reflexão constante dos nossos atos e repercussões, foi fundamental para o desenvolvimento do nosso estágio, sendo que desta forma operamos uma aprendizagem mais significativa para o nosso crescimento, enquanto, individuo e aperfeiçoamento profissional, pois “a reflexão como prática cotidiana contribui para aprender, mudar e construir novas competências” (Mesquita, 2011, p. 129).

As reflexões individuais e conjuntas com os restantes elementos do núcleo de estágio, e sobretudo com as docentes cooperantes, acerca das regências da estagiária, apresentaram-se como momentos de aprendizagem entusiasmantes; óticas diferentes em um ou outro aspeto traduziram-se em discussões críticas e construtivas, assim como a observação e a anotação das inferências das aulas dos docentes cooperante e dos colegas estagiários se afiguraram como momentos marcantes na construção do nosso saber.

Um diálogo permanente com a formação deve ser uma atitude inalterável de todos os professores para se alcançar e atualizar conhecimentos e competências profissionais. Desta forma, decidimos assistir à conferência sobre “A voz – Reabilitação, Colocação, Locução e Projeção”, com o Prof. Dr. Pais Clemente, promovida pela Escola Secundaria de Oliveira do Douro. Esta conferência foi transversal às duas áreas de formação (História e Geografia), tendo sido de suma importância, uma vez que a voz e o aparelho fonador são os principais instrumentos de trabalho do professor. Os conhecimentos aqui adquiridos permitiram melhorar as nossas práticas no exercício da docência, tanto no âmbito da História, como no âmbito da geografia.

### **3.5.1 – A escola e o ensino hoje.**

A escola tem como função construir um Homem/cidadão com conhecimentos e competências laborais, técnicas, humanas e sociais, através de políticas educacionais e de objetivos curriculares, característicos de cada ciclo e/ou nível de ensino. Desta forma, consideramos que a escola, enquanto instituição, tem como obrigação corresponder a todas as necessidades de todos os elementos que integram o Universo escolar. No entanto, a Educação e as escolas enfrentam

uma realidade cada vez mais constante no nosso sistema de ensino, que se relaciona com o insucesso escolar.

A sociedade é um organismo vivo, nasce, desenvolve-se, morre e renasce. A falta de preparação de jovens e adolescentes pode criar um sentimento de impossibilidade do controlo da interação com a vida, originando frustrações, desequilíbrios e estados de alienação na sociedade. A “correta” organização do ensino pressupõe a existência de objetivos claros, o ponto de partida para uma significativa transformação da educação que acompanhe um mundo em mudanças. Nas últimas décadas, em Portugal, o ensino tem-se alterado, numa constante demanda de melhoria e de ajustes a uma sociedade cada vez mais rigorosa. Tem-se consciência da necessidade de uma reforma do ensino. Mas, até hoje, tem-se assistido a reformas desconexas, desorganizadas, provocadas pela ausência de um fio condutor e não fazendo parte de um plano constituído por finalidades comuns.

As grandes metas de ensino têm sido apontadas, por alguns educadores, com os quais concordamos Alarcão (2001), Estanqueiro (2010), Roldão (2000), Perrenoud (1997 e 1999c), como uma forma de lançar a educação no sentido correto. As metas a que se deve dar mais relevo seriam: possuir ou ser capaz de localizar informação; possuir capacidades cognitivas altamente generalizáveis; possuir estratégias gerais de resolução de problemas; estabelecer os seus próprios objetivos; avaliar os resultados da sua própria aprendizagem; estar devidamente motivado. No fundo, trata-se de ensinar as pessoas a pensar, não somente em termos das regras da ciência, mas também em termos das exigências da vida. Pensamos que estes aspetos em conjunto permitirão a adaptação dos jovens ao mundo, favorecendo o desenvolvimento cognitivo, motor, psicológico e emotivo. O ensino deve centrar-se na aprendizagem dos conhecimentos, como um fim em si mesmo. O ensino deve ser capaz de capacitar o aluno de espírito crítico, de capacidade de avaliação das situações e deve facilitar o desenvolvimento de estratégias. O ensino deve também ser capaz de se centrar na resolução de problemas sociais, ligando o aluno à vida real. O professor tem um desempenho fundamental neste tipo de desenvolvimento, devendo centrar a sua atenção no aluno, e este deve ser capaz de efetuar uma aprendizagem metacognitiva, no sentido em que, tanto como aprender, o aluno deve compreender o modo como se aprende.

### **3.5.2 – O professor e as suas funções.**

A passagem do ensino tradicional para a pedagogia ativa originou alterações e mudanças no papel e funções do professor. No passado era considerado o detentor do saber, num ensino autoritário e livresco. As suas funções eram únicas e prendiam-se exclusivamente com a transmissão do conhecimento. No entanto, e apesar das mudanças, o professor continua a ser o protagonista do conhecimento, sendo o aluno o sujeito que se enriquece do conhecimento passado.

O professor deve valorizar a experiência que os alunos já têm com o saber histórico e geográfico. Sabe-se que, do ponto de vista da psicologia, a criança produz conhecimento ao longo da sua formação. Esse conhecimento é construído não só na escola, mas também fora dela, através das relações que a criança estabelece com o mundo que a cerca. Ou seja, é possível produzir um conhecimento novo a partir de fontes primárias. O professor deve produzir conhecimento junto dos seus alunos, mas não o faz na perspectiva de que seja um conhecimento absolutamente novo. Desta forma, o professor deve pedir aos alunos que tragam os conhecimentos que adquirem num processo de aprendizagens informais (família, amigos) para a sala de aula.

O ensino não deve ser visto como mera transmissão, mas também produção do conhecimento. A pesquisa é vista como princípio científico e realiza-se no contexto do ensino. Ou seja, pesquisar é um processo que deve estar presente em toda a ação educativa, como princípio e pré-requisito. Desta forma, consideram os investigadores que a pesquisa e a prática, enquanto instrumentos didático-pedagógicos, devem ser utilizadas quotidianamente pelo professor. Esta prática não deve ser vista como um mero recurso de que o professor dispõe esporadicamente. Para o efeito, o professor deixa de ser um mero transmissor de conhecimento e passa a ser um orientador. No entanto, este não deve deixar de fazer as suas exposições (desde que interagindo com os alunos) e direcionar a aula.

Podemos concluir que a pesquisa como princípio educativo opõe-se totalmente ao mero ensinar/aprender e ao professor transmissor de matéria. O trabalho do professor consiste em ser mediador entre o aluno e o conhecimento. Ele deve promover o diálogo com o conhecimento sistematizado, mas também com

memórias e vivências do aluno. A função do professor, enquanto, mediador do processo de ensino e do processo de aprendizagem, implica controlar a ação do aluno. Ou seja, incentivar, elogiar, mas sobretudo garantir que o aluno possui espaço suficiente para a aquisição de novos conhecimentos. Desta forma, o professor deve ajudar o aluno na problematização e contextualização, oferecendo condições para a construção do conhecimento pelo aluno.

O professor tem, em termos curriculares, uma certa autonomia dentro de referências que lhe são impostas: Assim, relativamente aos objetivos, o professor tem autonomia na formulação de objetivos de aprendizagem ao nível da turma, em conformidade com as competências e níveis de aprendizagem. Em relação aos conteúdos, o professor é autónomo na programação, transformação didática, sequencialização para que os conteúdos sejam compreendidos pelos alunos. Assim, a formação dos professores deve evidenciar competências cognitivas, emotivas e comportamentais sensíveis às culturas, à educação intercultural, ao biculturalismo e etnicidade, entre outras conjunturas (Perrenoud, 1997; Roldão, 2000a e 2003; Alarcão 2001).

O professor é autónomo nas atividades e recursos didáticos e faz a gestão do tempo de aprendizagem. O professor tem autonomia compartilhada, quando se escolhe o manual, que será de uso obrigatório. Por último, o professor tem autonomia quando avalia os rendimentos dos alunos. Maria do Céu Roldão (2000a) considera que o professor deve adaptar, agir, refletir e aplicar o currículo no seu dia-a-dia, conforme o seu público-alvo. Desta forma, o currículo não deve ser visto como algo normativo.

O papel do professor e as suas funções estão em constante mudança. Assim, na atualidade surgiu o conceito de professor-investigador, adequando-se à nossa realidade na perfeição, pois deseja-se na atual conceção e gestão curricular que o professor não se limite a executar os currículos, mas sim que seja um gestor e um intérprete crítico. A questão do professor investigador foi e continua a ser alvo de muita discussão e investigação de diversos autores; no entanto, Isabel Alarcão (2001) foca duas autoras americanas, Marilyn Cochram-Smith e Susan Lytle, que definem o conceito de “teacher researcher”. Ou seja, defendem que o professor deve investigar as suas vivências profissionais e procurar respostas para os problemas que vão surgindo (pesquisa). Nos dias de hoje, exige-se que o professor dê vida ao currículo num processo de co-construção, ou seja, o

construa à medida das suas necessidades e o adapte aos seus alunos, respeitando sempre os princípios e objetivos nacionais e transnacionais. A pesquisa e a investigação por parte do professor vão contribuir para o conhecimento da educação e melhoria do processo educativo, bem como para o desenvolvimento dos professores e das escolas onde estão inseridos. (Estrela e Estrela, 1997; Gomez, 1995; Ferrão e Rodrigues, 2000; Roldão, 2000 a e 2003; Alarcão, 2001; Braga, 2001; Mesquita, 2011; Morgado, 2011).

## **CAPÍTULO 4 - AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES DE ESTÁGIO**

Ao longo de todo o processo do estágio pedagógico todas as atividades desenvolvidas no âmbito da prática pedagógica foram devidamente refletidas e avaliadas. Também a estagiária concorda com Schön: “a reflexão na e sobre a ação, bem como a meta-reflexão, constituem processos fomentadores do desenvolvimento profissional pelo constante questionamento e reconstrução de teorias e práticas educativas, permitindo uma diatética e interdependência positivas entre a prática e referenciais teóricos” (Schön, cit. por Arantes, 2004, p. 56), pois todo o seu estágio e as suas regências foram alvo de uma reflexão profunda e de um reajustamento e avaliação, como ficou visível nas páginas anteriores.

O processo de avaliação do desempenho teve uma grande importância, uma vez que o debate de ideias em reunião com o núcleo de estágio e as docentes cooperantes, onde sobressaiam opiniões diversas, análises críticas e sugestões, foram essenciais para a aquisição, melhoramento e enriquecimento da nossa competência pedagógica.

Os momentos de avaliação referentes às regências, tanto no âmbito da História como de Geografia, pautaram-se por diversas variáveis: a pontualidade, a gestão do tempo e da sala de aula, a cientificidade dos conteúdos, as estratégias, os recursos didáticos, o compromisso ético com o ensino e aprendizagem, e a conduta pessoal perante os alunos. De referir que a motivação dos alunos foi uma preocupação que, desde cedo, a estagiária demonstrou, pois pretendia com as suas metodologias/recursos mudar comportamentos, atitudes que se refletissem na aprendizagem dos estudantes.

Em conclusão, na realização de todas as tarefas inerentes à prática pedagógica, fossem elas normativas da universidade<sup>25</sup>, sugestão da docente cooperante ou por iniciativa própria, a estagiária empenhou-se e dedicou-se para uma execução eficiente e eficaz.

---

<sup>25</sup> Observação de aulas da docente cooperante e preenchimento do proctólogo de observação, observação integral de todas as regências dos restantes elementos do núcleo de estágio, análise dos documentos estruturantes da ESAS, participação numa reunião de grupo (420) e em atividades do PAA.

## 4.1 - Avaliação das atividades de estágio em História.

No decorrer da prática supervisionada, com o auxílio e a orientação da docente cooperante, foram desenvolvidas competências essenciais e adequadas ao ensino da História e ao processo de ensino e de aprendizagem.

As aulas foram minuciosamente planejadas e preparadas, atendendo à gestão do tempo e da sala de aula, ao público-alvo, à motivação, às estratégias e aos recursos didáticos, como já referimos nas páginas anteriores. A professora cooperante, Dr<sup>a</sup> Célia Gomes, observou as regências integralmente, procedendo ao registo de todas as inferências, nos domínios pedagógico e didático. Após cada aula lecionada, foram sempre efetuadas reuniões, as quais visavam uma autorreflexão, uma análise crítica por parte dos restantes elementos do núcleo de estágio e docente cooperante, sendo que esta sempre o fez de forma construtiva. De seguida, apresenta-se a tabela referente às sessões de pré e pós observação de aulas lecionadas pela estagiária.

Reuniões de pré e pós observação de aulas lecionadas pela estagiária	Data
Reunião de pré observação do 1º bloco de aulas a lecionar	07-01-2012
Reunião de pós observação do 1º bloco de aulas (auto e heteroavaliação)	11-01-2012
Reunião de pré observação do 2º bloco de aulas a lecionar	16-03-2012
Reunião de pós observação do 2º bloco de aulas (auto e heteroavaliação)	21-03-2012

Tabela nº 31 – Reuniões de pré e pós observação de aulas

A avaliação das aulas da estagiária foi muito positiva, pois todos os elementos do núcleo de estágio e a professora cooperante consideraram que a planificação tinha sido cumprida na íntegra, as aulas estavam bem estruturadas, salientando que os recursos estavam bem estruturados, completos, objetivos e apelativos.

Os **materiais didáticos** (*PowerPoint*, imagens, jogos didáticos, vídeos) foram classificados como “bons recursos” pois alcançaram o interesse/motivação dos alunos. O *PowerPoint* foi cuidadosamente elaborado, tendo em conta as características da sala e a seleção das imagens criteriosa. Este recurso foi

considerado “completo, objetivo, bem estruturado, apelativo”. Na segunda aula a estagiária utilizou as cores da bandeira Francesa nos títulos, o que foi elogiado como “criativo e apelativo”. Quanto às imagens selecionadas para serem trabalhadas e escolhidas para ilustrar os diapositivos, foi mencionado que “a seleção foi muito bem-feita, pois as imagens ilustram muito bem os conteúdos”. Quanto aos jogos didáticos estes foram considerados “excelentes recursos didáticos que motivaram os alunos para a aprendizagem”. A segunda aula terminou com um jogo didático e a “participação e entusiasmo foi contagiante” pois depois do toque queriam mais questões.

Quanto aos vídeos, “foram fundamentais para uma melhor compreensão dos acontecimentos históricos. Estavam bem trabalhados e construídos”. Os vídeos apresentados contribuíram para a motivação e aprendizagem dos alunos. Na segunda aula o vídeo inicial da Lady Gaga “despertou a curiosidade dos alunos e este ajudou a acalmar o ambiente (inicial) instalado de agitação”. Recordamos que o início da aula foi atribulado, pois os alunos queriam ver um filme, pois era a última aula de 90 minutos que tinham no período e também queriam saber as notas da ficha de avaliação. Porém, a planificação, como referido anteriormente, foi cumprida na íntegra, o que foi elogiado, pois a estagiária conseguiu ultrapassar as dificuldades iniciais, demonstrando uma grande capacidade de improvisar e rentabilizar o tempo. Ou seja, a estagiária demonstrou que é uma professora eficaz e que domina as técnicas e os métodos pedagógicos, pois conseguiu recuperar os 15 minutos de atraso. A forma como a estagiária exerceu o seu poder nos primeiros minutos da aula, com reforços negativos (postura corporal adequada e tom de voz grave), foi elogiado pela professora cooperante. Porém, a cinésica/quinésica (aproximação e tom de voz baixo e meigo) e elogios também foram mencionados como aspetos positivos, pois promoveram a confiança, a auto estima e a participação de alguns alunos, que foram cativados e que eram extremamente problemáticos. Ou seja, a estagiária controlou a turma e mudou comportamentos e atitudes, pois o clima instalado foi de coesão, satisfação, orientação, inovação, interesse e curiosidade devido aos recursos apresentados (vídeos, jogo didático, imagens, música) e às estratégias e métodos pedagógicos aplicados.

Quanto ao instrumento de avaliação, ficha de trabalho da segunda aula, a professora cooperante considerou que estava bem elaborada e que os jogos tinham contribuído para a motivação dos alunos.

A estagiária conseguiu cumprir com todos os parâmetros de avaliação previamente estabelecidos, pois esteve segura e versátil, pois apelou à motivação e aprendizagem de diversas formas, apresentando distintos recursos, interagiu e exerceu o seu poder através da interação por solicitação, personalizada, cooperativa e espontânea. O clima de personalização também esteve presente nas regências, o que foi realçado pela professora cooperante, pois a estagiária mostrou interesse em esclarecer todas as dúvidas. Efetivamente, no decorrer das duas regências a participação dos alunos foi constante, através de uma atitude espontânea (dúvidas e cimentar de conhecimentos) ou por solicitação com vista à reflexão e avaliação de conhecimentos. Ao longo das aulas a estagiária utilizou o vocabulário adequado em conformidade com os conteúdos programáticos e com as características dos alunos e fez a articulação dos conhecimentos. Na segunda aula a articulação e a avaliação dos conhecimentos foram realizadas de uma forma criativa e dinâmica, apelando à memória visual dos alunos (vídeos) e do jogo pedagógico.

Ao longo das aulas, o papel da estagiária, as estratégias, as metodologias e os recursos modificaram comportamentos e atitudes dos alunos, motivando-os para a aprendizagem.

## **4.2 - Avaliação das atividades de estágio em Geografia.**

O desenvolvimento do estágio pedagógico na área de geografia ocorreu sob a orientação da docente cooperante, Dr<sup>a</sup> Idalina Leite, que desempenhou um papel determinante na aquisição de competências, tanto no âmbito da Geografia como em outras áreas transversais, conducentes com o processo de ensino e aprendizagem. Desde do início do estágio, esta docente assumiu uma postura constante de auxílio, colaboração e orientação para com todos os estagiários, disponibilizando-se sempre de forma a efetuar um trabalho que conduzisse à aquisição de competências profissionais. Assim, estimulou-nos para desenvolvermos as capacidades de iniciativa, decisão e organização, exigindo de nós responsabilidade, empenho e dedicação na realização de todas as tarefas. Similarmente, também proporcionou liberdade para fazermos sugestões de estratégias, recursos didáticos e práticas inovadoras, com vista à melhoria do ensino e da aprendizagem.

As aulas lecionadas pela estagiária foram alvo de uma planificação e preparação cuidada, com vista a uma interação pedagógica que conduzisse à motivação, ou seja, ao sucesso do ensino e aprendizagem de todos os alunos. As regências e todos os recursos foram antecipadamente objeto de verificação e orientação por parte da docente cooperante. Na data da sua realização, estas foram inteiramente supervisionadas pela mesma docente, que preencheu o registo das inferências, tanto no âmbito didático como pedagógico.

Nas reuniões de apreciação, após as regências, pelo grupo de estágio, a professora cooperante sempre que proferiu qualquer crítica foi de forma construtiva, indicando soluções para as dificuldades sentidas. Estas reuniões tinham como objetivos basilares a autorreflexão, a análise da supervisora e dos restantes elementos do núcleo de estágio.

De seguida, apresenta-se a tabela referente às sessões de pré e pós observação de aulas lecionadas pela estagiária.

Sessões de pré e pós observação de aulas lecionadas pela estagiária	Data
Reunião de pré observação do 1º bloco de aulas a lecionar	06-02-2012
Reunião de pós observação do 1º bloco de aulas (auto e heteroavaliação)	08-02-2012
Reunião de pré observação do 2º bloco de aulas a lecionar	22-02-2012
Reunião de pós observação do 2º bloco de aulas (auto e heteroavaliação)	27-02-2012

Tabela 32 – Sessões de pré e pós observação de aulas

A avaliação das regências da estagiária, feita pelos colegas estagiários e pela professora cooperante, foi **muito positiva**, pois todos elogiaram os **materiais** apresentados nas duas aulas (*PowerPoint*, jogos, vídeos e fibra óptica), pois conseguiram cativar e motivar os alunos para os conteúdos. Todos os elementos referiram que a estagiária conseguiu mudar comportamentos, atitudes nos alunos, pois conseguiu que todos os estudantes participassem ativamente na aula, mesmo dois alunos que eram extremamente complicados, tanto a nível de disciplina como de saber, ou seja, tinham muitas dificuldades de aprendizagem. Quanto ao *PowerPoint* todos exprimiram que este estava muito bem elaborado e estruturado, tanto a nível de conteúdo, seleção de imagens, cor de fundo e tamanho da letra. Relativamente aos jogos, foram considerados instrumentos muito interessantes e muito bem elaborados e pensados. A professora cooperante elogiou os jogos, pois foram “muito bem utilizados, nos momentos certos da aula e estavam muito bem construídos”. Os vídeos foram considerados muito bem trabalhados e foi dito que, através deste recurso, a estagiária tinha conseguido atrair a atenção dos estudantes e em poucos minutos transmitir muita informação sobre os conteúdos. Também elogiaram a forma como a estagiária trabalhou, explorou os vídeos. Em relação à fibra ótica, todos os colegas e a professora afirmaram que foi muito interessante, o que ficou visível no rosto, atitudes e comportamento dos alunos, que adoraram, realçando o facto de, no final da aula, os alunos terem ficado na sala a questionar e a observar a fibra.

Quanto aos instrumentos de avaliação concebidos, a professora cooperante considerou que estavam muito bem estruturados e que a estagiária tinha conseguido resultados excelentes. Em relação às fichas de trabalho, referiu que os níveis de entrega foram muito elevados, o que não era normal nesta turma. Referiu também que a segunda ficha era de difícil resolução, tendo em conta as características iniciais da turma. A professora cooperante também louvou o uso correto das terminologias de Geografia e a forma como a estagiária terminou as aulas, pois “tinha a preocupação de aferir os conhecimentos adquiridos”, assim como a forma criativa e dinâmica como o fez: na primeira aula terminou com um jogo didático e na segunda com um esquema síntese.

A professora cooperante e os colegas de estágio elogiaram a forma como a estagiária ultrapassou todos os obstáculos que surgiram “a gestão de tempo eficaz e reajustamento do plano, para conseguir recuperar o atraso de cerca de 20 minutos. Apesar das dificuldades cumpriu o plano previsto”, e a forma como esta interagiu e comunicou com os alunos, tanto ao nível dos comportamentos verbais, como não-verbais (proxémica e cinésica/quinésica). Ou seja, a aproximação corporal aos alunos, tom de voz, elogios e repreensões apropriados à situação e aos alunos. Desta forma, evidencia-se a capacidade de gestão de tempo, espaço, recursos, mudanças de comportamentos e motivação que a estagiária despertou nos alunos. Por fim, todos elogiaram a participação ativa dos educandos (solicitação, personalizada e espontânea) durante as aulas e a mudança de comportamentos, atitudes dos alunos. No final das aulas, o clima instalado na sala era de coesão, satisfação, interesse e curiosidade. Ao longo das aulas, o papel da estagiária, as estratégias, as metodologias e os recursos modificaram comportamentos e atitudes dos alunos, motivando-os para a aprendizagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O produto final do trajeto vivido no mestrado, o Relatório de Estágio, tem implicações para o (nosso) ensino da História e de Geografia. O projeto afigura-se, indubitavelmente, como uma mais-valia, um instrumento extremamente válido na formação de um professor-investigador. Almeja-se que todos, e cada professor, desenvolvam esse percurso com os alunos, desde a observação e diagnóstico das dificuldades da turma, até ao desenho de um projeto para aplicar com esses alunos, recolhendo dessa forma um conjunto de dados, que o próprio possa analisar para construir a partir daí aprendizagens. Tal permite, simultaneamente, beneficiar os alunos ao enriquecer as aprendizagens dos mesmos, e aos professores tornaram-se cada vez melhores pedagogos.

Nesse caminho de aprendizagem, defendemos ainda que o professor deve implementar tarefas, dinâmicas de motivação, interesse, participação, como incluímos no nosso procedimento de investigação, que se revelam essenciais para que os alunos monitorizem o seu conhecimento e as suas aprendizagens. Tal potenciará não só a competência de saber ouvir, discutir pontos de vista, como também respeitar os ritmos de cada um. Depois, afigura-se transversal a importância e a necessidade dos professores valorizarem a história cultural e a geografia cultural, dando relevo às suas experiências, sentimentos, crenças e valores em relação às pessoas e artistas do passado (Melo, Coelho e Santos, 2010).

Ao longo deste projeto, deparamo-nos com alguns constrangimentos e limitações. O tema do projeto teve de ser delineado num curto espaço de tempo e a primeira regência, tanto em História como em Geografia, já tinham acontecido. Desta forma, a necessidade de conjugar, criar um título comum às duas disciplinas de História e de Geografia de forma coerente tornou-se numa tarefa um pouco complicada e num grande constrangimento e limitação. O formato do segundo ano de mestrado retirou também ao estágio curricular, que se transformou numa unidade curricular, a sua importância real e simbólica, confirmada pelo escasso número de aulas lecionadas pelos professores-estagiários, apenas duas em cada disciplina, e pelo peso do mesmo na classificação final do mestrado. Esta situação veio prejudicar a própria aplicação do projeto, visto os espaços e os tempos de aprendizagem (logo de aplicação) serem reduzidos. Perante as poucas

horas de lecionação, a margem para a implementação do projeto é limitada, facto que deriva de não termos o estatuto de professor responsável por uma turma, levando à perda de uma certa autoridade, e legitimidade na condução da dinâmica do processo de ensino-aprendizagem.

Desde o primeiro momento da prática pedagógica assumimos uma atitude de recetividade em relação às críticas e sugestões proferidas, tanto pelas docentes cooperantes como pelos restantes elementos do núcleo de estágio. Apesar de esta ser a fase terminal da formação inicial de professores, consideramos que não é o fim, mas sim um processo sempre inacabado que se prolonga no tempo do percurso profissional. Ou seja, a formação contínua é uma necessidade e obrigatoriedade para responder às exigências de uma Educação cada vez mais multicultural e com diversidades cognitivas. Os professores eficazes e eficientes devem realizar formação contínua de forma a serem capazes de responder a todos os alunos nos seus múltiplos aspetos: ritmos de aprendizagem, capacidades cognitivas, motivação para as disciplinas, entre outras.

O período de estágio foi escasso, caso contrário gostaríamos de ter desenvolvido e aplicado outras técnicas, metodologias, recursos e estratégias no nosso processo de ensino aprendizagem. As potencialidades de criar atividades, estratégias de motivação, aprendizagem e ensino seriam mais diversificadas, pois podíamos potenciar e favorecer a aprendizagem de pares, criando situações de trabalho de grupo e debate sobre as investigação realizada (ensino cooperativo), simulando situações históricas, ou seja, poderíamos criar e realizar uma peça de teatro para ser apresentada no final do ano ou do período.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

- Abrantes, J. C. (1992). *Os media e a escola: da imprensa aos audiovisuais no ensino e na formação*. Lisboa: Texto Editora.
- Abreu, M. (1998). *Cinco ensaios sobre a motivação*. Coimbra: Almedina.
- Alarcão, I. (2001). *Professor-investigador: Que sentido? Que formação?* Aveiro: Cadernos de Formação de Professores, N<sup>o</sup> 1, pp. 21-30.
- Arends, R. I. (2008). *Aprender a ensinar*. Lisboa: Mc Graw-Hill de Portugal, 7<sup>a</sup> edição.
- Balancho, M., & Coelho, F. (1996). *Motivar os alunos – criatividade na relação pedagógica: conceitos e práticas*. Lisboa: Texto Editora.
- Barca, I. (2000). *O pensamento histórico dos jovens*. Braga: CEEP/Universidade do Minho.
- Barca, I. (Org.) (2004). *Para uma Educação Histórica de Qualidade*. Braga: CEEP/Universidade do Minho.
- Barreira, A. e Moreira, M. (2004). *Pedagogia das Competências - Da Teoria à Prática*. Lisboa. Edições Asa.
- Bauza, S. (1991). *Aplicaciones didácticas del vídeo*. Barcelona: Editorial Alta Fulla.
- Boruchovitch, E. e Bzuneck. J. A (2009). *A motivação do aluno: Contribuições da psicologia contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Braga, F. (2001). *Formação de Professores e Identidade Profissional*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Braga, F. (2010). *Para uma Pedagogia da co-responsabilização e do reconhecimento: Elementos para a construção de um referencial na avaliação de desempenho dos professores*. In R.Bizarro e M.A.Moreira (Orgs.). *Supervisão Pedagógica e Educação em Línguas*. Mangualde: Edições Pedagogo.
- Braga, F. (2011). *Processos e protocolos de observação da prática docente numa lógica de supervisão colaborativa – contributos para a profissionalidade docente*. In E.A.Machado, M.P.Alves, e F.R.Gonçalves (Org.). *Observar e Avaliar as Práticas Docentes*. Santo Tirso: DeFacto Editores.

- Braga, F. et al (2004). *Planificação: novos papéis, novos modelos – dos projetos de planificação à planificação em projeto*. Porto: ASA.
- Calado, I. (1994). *A utilização educativa das imagens*. Porto: Porto Editora.
- Carmo, H. (1998). *Metodologia da Investigação – Guia para Auto-Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Dias, M. H. (2007). *Cartografia Temática: programa*. Relatório n.º 6. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa.
- Eça, T. T. (2008). Prefácio, In *Imagens na Aula de História. Diálogos e Silêncios*. Mangualde: Edições Pedagogo (pp. 7-12).
- Estanqueiro, A. (2010). *Boas Práticas na Educação – O papel dos Professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- Estrela, M. T. (1992). *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula*. Porto: Porto Editora.
- Estrela, M. T. e Estrela, A. (1977). *Perspectivas Actuais sobre a Formação de Professores*. Lisboa: Estampa.
- Febregat, M. H. (1989). *Como preparar uma aula de História*. Porto: Asa.
- Felgueiras, M. L. (1994). *Pensar a História, repensar o seu Ensino*. Porto: Asa.
- Ferrão, L. & Rodrigues, M. (2000). *Formação Pedagógica de Formadores*. Lisboa: Lidel – Edições Técnicas Lda.
- Ferrés, J. (1995): *Vídeo e Educação*. Porto Alegre, Artes Médicas Sul Lda.
- Flores, M. A. (2000). *A indução no ensino: desafios e constrangimentos*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Fosnot, C. T. (1996). *Construtivismo e Educação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Freire, P. (1980). *Conscientização, teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Moraes, 3ª edição.
- Gago, M. (2007). *História 8 – História 8º ano*. Lisboa: Texto Editores.
- Ghiglione, R. e Matalon, B. (1993). *O Inquérito – Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editores.

- Gomez, A. (1995). *O pensamento Prático do Professor: A Formação do Professor como Profissional Reflexivo*. In NÓVOA, A. (coord.). *Os Professores e a sua Formação*. Lisboa: D. Quixote, pp. 93-114.
- Hill, M. e Hill, A. (2005). *Investigação por Questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Horn, G. B. e Germinari, G. D. (2006). *O ensino de História e seu currículo; teoria e método*. Petrópolis: Vozes.
- Jesus, N. (2000). *Motivação e Formação de Professores*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Lieury, A. & Fenouillet, F. (1997). *Motivação e sucesso escolar*, trad. de Ana Patrão. Lisboa: Editorial Presença.
- Mager, R. (1983). *Análise de objetivos*. Porto Alegre: Globo.
- Mão de Ferro, A. (1993). *Método e Técnicas Pedagógicas*. Lisboa: Coleção Aprender. I.E.F.P.
- Mão de Ferro, A. (1999). *Método Expositivo*. Lisboa: Coleção Aprender. I.E.F.P.
- Marques, R. (1999). *A Arte de Ensinar*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas.
- Martin, A. (2008). *Promovendo a motivação do aluno: contribuições da teoria da atribuição de causalidade*. *Psicol. Esc. Educ.*, 12 (2), 479-480.
- Meirinhos, M. (2000). *A Escola perante os desafios da sociedade da informação. Encontro As Novas Tecnologias e a Educação*. Bragança: Instituto Politécnico da Bragança.
- Melo, M. (Org.) (2008). *Imagens na Aula de História. Diálogos e Silêncios*. Mangualde: Edições Pedagogo.
- Mérenne-Schoumaker, B. (1999). *Didática da Geografia*. Porto: Edições ASA.
- Mesquita, E. (2011). *Competências do Professor*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Monteiro, M. (2002). *Como ajudar os filhos nos estudos*. Porto: Porto Editora.
- Morgado, J; Alves, M (2005). *Mudanças educativas e curriculares... e os Educadores/Professores? Atas Do Colóquio Sobre Formação De Professores*. Centro de Investigação Em Educação, Departamento de Currículo e Tecnologia Educativa. Universidade do Minho.

- Nóvoa, A. (1991). *Profissão Professor*. Porto: Porto Editora.
- Nóvoa, A. (1997). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Pacheco, J. (2000) *Políticas de integração curricular*, Porto Editora, Porto.
- Pais, A. e Monteiro, M. (1996). *Avaliação - Uma Prática Diária*. Lisboa: Editorial Presença.
- Perrenoud, P. (1997). *Práticas Pedagógicas, Profissão Docente e Formação. Perspetivas Sociológicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote. Instituto de Inovação Educacional.
- Perrenoud, P. (1999a). *Avaliação. Da Excelência à Regulação das Aprendizagens*. Porto Alegre: Artmed Editora (trad. em português de L'évaluation des élèves. De la fabrication de l'excellence à la régulation des apprentissages. Bruxelles: De Boeck, 1998).
- Perrenoud, P. (1999b). *Pedagogia Diferenciada. Das Intenções à Ação*. Porto Alegre: Artmed Editora (trad. em português de Pédagogie différenciée: des intentions à l'action. Paris: ESF, 1997)
- Pinto, A. (1995). *Sociologia da Escola*. Lisboa: Editora Mcgrawhill.
- Pinto, J. e Santos, L. (2006). *Modelos de Avaliação das Aprendizagens*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Proença, M. C. (1990). *Ensinar / Aprender História: Questões de didática aplicada*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Proença, M. C. (1992). *Didática da História*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ribeiro, A. C. e Ribeiro, C. L. (1989). *Planificação e Avaliação do ensino aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ribeiro, A. (1992). *Relação Educativa. Psicologia do desenvolvimento e Educação dos jovens*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ribeiro, C. L. (1993). *Avaliação da Aprendizagem*. Lisboa: Texto Editora.
- Roldão, M. C. (1987). *Gostar de História. Um desafio Pedagógico*. Lisboa: Texto Editora.

- Roldão, M. C. (1997). *Gostar de História. Um desafio Pedagógico*. Lisboa: Texto Editora.
- Roldão, M. C. (1999). *Os Professores e a Gestão do Currículo. Perspetivas e Práticas em Análise*. Porto: Porto Editora.
- Roldão, M. C. (2000a). *Formar professores: Os desafios da profissionalidade e do currículo*. Aveiro: CIFOP. Universidade de Aveiro.
- Roldão, M. C. (2000b). *Currículo e Gestão das Aprendizagens*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Roldão, M. C. (2003). *Gestão do Currículo e Avaliação de Competências - As Questões dos Professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- Quivy, R. e Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Grávida.
- Santos, L. e Gomes, A. (2006). Apropriação de critérios de avaliação: um estudo com alunos do 7º ano de escolaridade. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 40.
- Santos, L. (2010). *Avaliar para Aprender: Relatos de experiências de sala de aula do pré-escolar ao ensino secundário*. Porto: Porto Editora.
- SEIES, Equipa de formadores do IEFP. (1992). *Jogos pedagógicos*. In Coleção Formar Pedagogicamente (n.º 10). Lisboa: IEFP.
- Silva, M. G. (1992). *Métodos e Técnicas Pedagógicas*. Lisboa: CNS Companhia Nacional de Serviços, S. A.
- Silva, M. G. (1997). *Métodos Ativos*. Lisboa: CNS Companhia Nacional de Serviços, S.A.
- Sousa, H. (2012). Exames Nacionais: Instrumentos de regulação de Boas Práticas de Ensino e de Aprendizagem. In J. karpicke, Sousa, H. e Almeida, L. *Questões chave da Educação: A avaliação dos alunos*. Porto: Porto Editora. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Torres, L. L. (1997). *Cultura Organizacional Escolar. Representações dos professores numa Escola Portuguesa*. Oeiras: Celta Editora.
- Zabalza, M. A. (1992). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Rio Tinto: Edições Asa.

## Webgrafia - Sites consultados

[www.iefp.pt](http://www.iefp.pt) – Acedido a 22 de Maio de 2013.

[http://www.projetopedagogicosdinamicos.kit.net/index\\_arquivos/Page756.htm](http://www.projetopedagogicosdinamicos.kit.net/index_arquivos/Page756.htm) -  
Acedido a 27 de outubro de 2012.

[www.forma-te.com](http://www.forma-te.com) – Acedido a 11 de Junho de 2013.

<http://www.sitequente.com/frases/professores.html> - Acedido a 11 de Junho de 2013.

[www.formar.pt](http://www.formar.pt) – Acedido a 7 de Fevereiro de 2014.

<http://kdfrases.com/frase/104094> - Acedido no dia 22 de junho de 2013

<http://www.pedagogiadascotes.com.br/> - Acedido a 26 de Março de 2014

Alegria, M. F. (2002). *As recentes alterações no currículo obrigatório da geografia em Portugal (1989-2001)*. In Finisterra, XXXVII, 73: 81-98. (<http://www.ceg.ul.pt/finisterra/> - acedido a 28 de Julho de 2013)

Alegria, M. F. (2005). *Representações sobre a imagem na aprendizagem geográfica*. In Finisterra, XL, 79: 177-193. (<http://www.ceg.ul.pt/finisterra/> - acedido a 28 de Julho de 2013).

Arantes, V. A. (2004). *Afetividade e cognição: rompendo a dicotomia na educação*. Editora Mandruvá. (<http://www.hottopos.com/videtur23/valeria.htm> - acedido a 15 de Setembro de 2014).

Archela, R. S. e Théry, H. (2008). *Orientação metodológica para construção e leitura de mapas temáticos*. Confins (Revista online), 3. (<http://confins.revues.org/index3483.html> – acedido a 22 de Fevereiro de 2014).

Barbosa, M. J. (2006). *O uso de recursos didáticos com base nas tecnologias de informação no ensino da climatologia*. Universidade Federal do Ceará. [http://egal2009.easyplanners.info/area03/3308\\_Monteiro\\_Jander\\_Barbosa.doc](http://egal2009.easyplanners.info/area03/3308_Monteiro_Jander_Barbosa.doc).  
Acedido a 21 de Março de 2014.

Braga, A. J; Araújo. M. M; Vargas, S. R. S. (sem data). *Uso dos jogos didáticos em sala de aula*. Guaíba.

<http://guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2007/artigos/letras/242.pdf> - Acedido a 27 de Abril de 2014.

Bueno, E. (2010). *Jogos e brincadeiras na educação infantil: ensinando de forma lúdica*. Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia apresentado à Universidade Estadual de Londrina. <http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/ELIZANGELA%20BUENO.pdf> – Acedido a 27 de Março de 2014.

Braga, A. J. (2007). *O uso de jogos didáticos em sala de aula*. <http://guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2007/artigos/letras/242.pdf> - Acedido a 27 de Março de 2014.

Castellar, S. M. V. (2005). *Educação Geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar*. In Caderno Cedes. Campinas, Vol. 25 /66: 209-225. ([www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622005000200005&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622005000200005&script=sci_arttext) – acedido a 22 de Fevereiro de 2014).

Castro, B. J; Costa, P. C. F. (2011). *Contribuições de um jogo didático para o processo de ensino e aprendizagem de Química no Ensino Fundamental segundo o contexto da Aprendizagem Significativa*. Revista Electrónica de Investigación en Educación en Ciencias, vol. 6, núm. 2. Argentina. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=273322687002> – Acedido a 1 de Junho de 2014.

Contreras, J. e Lafuente, M. (s/d). *Motivación y juego en el aula: La implicación del alumno en las clases de E/LE*. <http://www.uv.es/foroele/2Marti.pdf> - Acedido em 12 de Fevereiro de 2013.

Escolano, A. C. M; Generozo, D. B; Dornfeld, C. B. (2011). *Jogos: uma proposta lúdica para a aprendizagem de biologia*. 3ª Congresso Internacional de Educação. Tema – Educação: Saberes para o século XXI. [http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCAQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.isapg.com.br%2F2011%2Fciepg%2Fdownload.php%3Fid%3D33&ei=DeiuU2WH6ua0AWD1oDQBA&usg=AFQjCNE5X1\\_eEnTF2ordawnwTg201Wd68Q&sig2=dAqCqLLACXWt66xgPC1bQ&bvm=bv.69837884,d.d2k](http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCAQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.isapg.com.br%2F2011%2Fciepg%2Fdownload.php%3Fid%3D33&ei=DeiuU2WH6ua0AWD1oDQBA&usg=AFQjCNE5X1_eEnTF2ordawnwTg201Wd68Q&sig2=dAqCqLLACXWt66xgPC1bQ&bvm=bv.69837884,d.d2k) – Acedido a 21 de Maio de 2014.

Farinha, A. F. (2008). *O lúdico na aprendizagem da língua inglesa produção didática pedagógica 2008, Unidade didática*. Miringá. <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2163-6.pdf> - Acedido a 2 de Junho de 2014.

Maurício, J. T. (sem data). *Aprender Brincando: O Lúdico na Aprendizagem*. <http://www.profala.com/arteducesp140.htm> - Acedido a 30 de Maio de 2014.

Melo, M. C; Coelho, B; Santos, C (2010). *Do riso ao siso: a leitura e a interpretação de cartazes e cartoons políticos na aula de História; História e Imagem* (<http://www.historiaimagem.com.br> - Acedido a 12 de Abril de 2014).

Moran, J. M. (1995). *O vídeo na sala de aula. Comunicação e educação*. São Paulo. [www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/viewFile/3927/3685](http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/viewFile/3927/3685) Acedido a 10 de Março de 2014.

Morgado, J. C. (2011). *Identidade e profissionalidade docente: sentidos e (im)possibilidades* (<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v19n73/04.pdf> - acedido a 12 de Maio de 2013).

Pedroso, C. V. (2009). Jogos didáticos no ensino de biologia: uma proposta metodológica baseada em módulo didático. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE; III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. [http://www.isad.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2944\\_1408.pdf](http://www.isad.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2944_1408.pdf) - Acedido a 1 de Maio de 2014.

Pereira, B. T. (s/d). *O uso das tecnologias da informação e comunicação na prática pedagógica da escola*. Secretaria de Estado da educação do Paraná. [www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/13818.pdf?PHPSESSID=2010061809542411](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/13818.pdf?PHPSESSID=2010061809542411) – Acedido a 10 de Março de 2014.

Perrenoud, P. (1999c). *Formar professores em contextos sociais em mudança*. ([http://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/perrenoud/php\\_main/Perrenoud\\_livros\\_e\\_artigos.html](http://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/perrenoud/php_main/Perrenoud_livros_e_artigos.html) - Acedido a 12 de Janeiro de 2013).

Santana Filho, M. M. (2009). *Conteúdos e Relações na sala de aula de Geografia*. ([www.grupos.com.br/](http://www.grupos.com.br/) - Acedido a 15 de Janeiro de 2014).

Santos, L. C. M (2001). Experiência com a utilização dos recursos didáticos nas aulas de ciências do 7º ano na escola estadual profº Arício Fortes. V Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”. São Cristovão. Brasil. ([http://www.educonufs.com.br/ivcoloquio/cdcoloquio/eixo\\_05/E5-31a.pdf](http://www.educonufs.com.br/ivcoloquio/cdcoloquio/eixo_05/E5-31a.pdf)) Acedido a 24 de Março de 2014.

Silbiger, L. N. (2001). *O potencial educativo do audiovisual na educação formal*. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silbiger-lara-potencial-educativo-audiovisual-educacao-formal.pdf> - Acedido a 26 de Março de 2014.

Silva, A. F. A. (2008). *Leitura e Interpretação de Mapas e Gráficos – uma estratégia na prática cartográfica*. <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/5464.pdf?PHPSESSID=2009050409462695> – acedido a 11 de Janeiro de 2014).

Vasconcelos, F. C. G. C. e Leão, M. (2009). *A utilização de vídeos didáticos na introdução de conceitos científicos em um museu de Ciências*. In: Encontro Nacional de pesquisa em educação em ciências. Florianópolis. *Anais VII Enpec*. Disponível em: [www.fae.ufmg.br/abrapec/viempec/7enpec/pdfs/118.pdf](http://www.fae.ufmg.br/abrapec/viempec/7enpec/pdfs/118.pdf). Acedido a 2 de Fevereiro de 2014.

## **Legislação**

Lei de Bases do Sistema Educativo - Lei n.º 14/86 de 14 de Outubro

Decreto-Lei n.º 74/2004

Decreto-Lei 75/2008

Despacho Normativo 1 de 2005, de 5 de Janeiro

Despacho Normativo 1 de 2005, de 5 de Janeiro

Despacho Normativo nº 30 de 2001

## **Documentos oficiais:**

Projeto Educativo - Escola Secundária de António Sérgio (2009/2010).

Plano Curricular de Escola - Escola Secundária de António Sérgio (2011).

Plano Anual de Atividades - Escola Secundária de António Sérgio (2011).

Regulamento Interno - Escola Secundária de António Sérgio (2011).

Relatório de avaliação externa da Escola Secundária de António Sérgio – promovido pelo Ministério da Educação (2011).

## **Anexos**



**Anexos 1 e 2** – Questionários de satisfação sobre os vídeos e jogos didáticos.

**Anexo 1** – Questionário de satisfação da turma de História.

**ESCOLA SECUNDÁRIA ANTÓNIO SÉRGIO**

Ano Letivo 2011-12

História – 8º Ano

**Questionário sobre os recursos didáticos na aula de Geografia**

Este questionário é **anónimo** para desta forma responder livremente às questões que de seguida se apresentam sobre os recursos didáticos na aula de História. Este questionário tem como objetivo recolher as opiniões dos alunos sobre os materiais didáticos utilizados nas duas aulas assistidas da professora estagiária Ana Paula Rocha. Os resultados serão trabalhados na sua tese de Mestrado que tem como objetivo analisar a importância dos jogos didáticos e das novas tecnologias no ensino da História e Geografia.

1 – Quais os recursos didáticos que lhe despertam mais interesse/motivação? (Ordene por ordem de preferência. 1 para a opção que gosta mais e 5 para a que gosta menos).

Imagens

Vídeos

Jogos didáticos

Apresentações em diapositivos

Textos escritos

**Parte I – Os Jogos didáticos**

**Assinale com X a resposta que corresponde à sua opinião.**

1 – Os jogos didáticos foram uma forma de aprender?

Sim

Não

2 – O que achou dos jogos usados?

Mau

Insuficiente

Suficiente

Bom

Muito Bom

3 – Achou mais fácil de responder às questões através dos jogos?

Sim

Não

4 - O jogo no ensino da História pode influenciar a aprendizagem e interesse pela disciplina?

Sim

Não

5 - O facto da ficha de trabalho ter jogos didáticos motiva-o (a)?

Sim

Não

## Parte II – Os Vídeos

**Assinale com X a resposta que corresponde à sua opinião.**

1 - Considera que a visualização de vídeos didáticos o (a) ajudam na sua aprendizagem?

Sim

Não

2 - Gostou dos vídeos que visualizou nas aulas assistidas da professora estagiária Ana Paula Rocha?

Sim

Não

3 - Como classifica os vídeos utilizados nas aulas?

Mau

Insuficiente

Suficiente

Bom

Muito Bom

4 - Os vídeos no ensino da História podem influenciar a aprendizagem e interesse pela disciplina.

Sim

Não

5 - A utilização dos vídeos ajuda-o (a) a memorizar e a perceber os conteúdos lecionados?

Sim

Não

Obrigada pela colaboração!

## Anexo 2 – Questionário de satisfação da turma de Geografia.

### ESCOLA SECUNDÁRIA ANTÓNIO SÉRGIO

Ano Letivo 2011-12

Geografia – 11º Ano

#### Questionário sobre os recursos didáticos na aula de Geografia

Este questionário é **anónimo** para desta forma responder livremente às questões que de seguida se apresentam sobre os recursos didáticos na aula de Geografia. Este questionário tem como objetivo recolher as opiniões dos alunos sobre os materiais didáticos utilizados nas duas aulas assistidas da professora estagiária Ana Paula Rocha. Os resultados serão trabalhados na sua tese de Mestrado que tem como objetivo analisar a importância dos jogos didáticos e das novas tecnologias no ensino da História e Geografia.

1 – Quais os recursos didáticos que lhe despertam mais interesse/motivação? (Ordene por ordem de preferência. 1 para a opção que gosta mais e 5 para a que gosta menos).

Imagens

Vídeos

Jogos didáticos

Apresentações em diapositivos

Textos escritos

#### Parte I – Os Jogos didáticos

Assinale com X a resposta que corresponde à sua opinião.

1 - Os jogos didáticos foram uma forma de aprender?

Sim

Não

2 - O que achou dos jogos usados?

Mau

Insuficiente

Suficiente

Bom

Muito Bom

3 – Achou mais fácil de responder às questões através dos jogos?

Sim

Não

4 - O jogo no ensino da Geografia pode influenciar a aprendizagem e interesse pela disciplina.

Sim

Não

5 - O facto da ficha de trabalho ter jogos didáticos motiva-o (a)?

Sim

Não

## Parte II – Os Vídeos

**Assinale com X a resposta que corresponde à sua opinião.**

1 - Considera que a visualização de vídeos didáticos o (a) ajudam na sua aprendizagem?

Sim

Não

2 - Gostou dos vídeos que visualizou nas aulas assistidas da professora estagiária Ana Paula Rocha?

Sim

Não

3 - Como classifica os vídeos utilizados nas aulas?

Mau

Insuficiente

Suficiente

Bom

Muito Bom

4 - Os vídeos no ensino da Geografia podem influenciar a aprendizagem e interesse pela disciplina.

Sim

Não

5 - A utilização dos vídeos ajuda-o (a) a memorizar e a perceber os conteúdos lecionados?

Sim

Não

Obrigada pela colaboração!

**Anexos 3 ao 9** – Protocolos de observação das aulas da professora cooperante de História.

**Anexo 3 - Protocolo de Observação da 1ª Aula**

**Disciplina: História**

**Unidade:** 3 - O espaço civilizacional Greco-Latino à beira da mudança.

**Subunidade:** 3.1. – O Imperio Universal Romano – Cristão.

**Ano:** 10º **Turma:** V

**DATA:** 09-12-2011

**Estagiária:** Ana Paula Rocha

**Professora Cooperante:** Célia Gomes

Descrição	Inferências / juízos
<p><b>O Cristianismo no Império Romano</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Questão orientadora - O Cristianismo no Império Romano;</li> <li>➤ Resumo da aula anterior com perguntas/questões;</li> <li>➤ Projeção e exploração de uma apresentação em power point;               <ul style="list-style-type: none"> <li>• Imagens alusivas às perseguições aos cristãos/mártires e sarcófagos;</li> <li>• Leitura e análise de textos de apoio às imagens;</li> <li>• Relação de imagens e textos de apoio à Arte;</li> </ul> </li> <li>➤ O triunfo do Cristianismo – Constantino - Edito de Milão;</li> <li>➤ As razões do concílio de Niceia;</li> <li>➤ Édito de Tessalónica;</li> <li>➤ Alunos passam a apresentação para os cadernos diários, havendo alguns elementos da turma que não acatam a ordem da professora);</li> <li>➤ A nível comportamental, havia muitas conversas paralelas entre alunos e comportamentos menos corretos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ O professor utilizou o vocabulário adequado aos conteúdos de ensino;</li> <li>➤ Para rever o conhecimento, a docente utilizou o questionamento;</li> <li>➤ Por vezes a professora não manteve o contato visual com os alunos;</li> <li>➤ Ao nível <b>cinésico/quinésico</b> a professora apresentou uma postura estática, mantendo-se na secretária para melhor interpelar os diferentes alunos quando necessário;</li> <li>➤ Quanto à <b>interação é cooperativa</b> pois os alunos apenas participaram mediante <u>solicitação do professor</u>;               <ul style="list-style-type: none"> <li>• Os alunos foram questionados sobre a questão orientadora e sobre as imagens apresentadas no power point;</li> </ul> </li> <li>➤ No <b>decorrer da aula</b> alguns alunos começaram a <b>participar espontaneamente</b>, com o intuito de esclarecer dúvidas e ofereceram-se para a leitura dos textos de apoio. Também interpelaram a professora sobre algumas palavras dos textos de apoio e seu significado.               <ul style="list-style-type: none"> <li>• A <u>participação espontânea</u> causou problemas de gestão de comportamentos e gestão de aula;</li> </ul> </li> <li>➤ <u>Momentos de interação causadora de perturbação</u> (alguns alunos não recusam-se a passar apontamentos, conversas paralelas e comportamentos incorretos);</li> <li>➤ Por vezes a professora exerceu o seu <b>poder</b> fazendo pequenos intervalos de silêncio de forma a controlar os comportamentos inadequados e conversas paralelas.</li> </ul>

## Anexo 4 - Protocolo de Observação da 2ª Aula

<b>Disciplina: História</b>	
<b>Unidade 6</b> - Portugal no Contexto Europeu dos Séculos XVII e XVIII.	
<b>Subunidade 6.1.</b> – O Império Português e a Concorrência Internacional.	
<b>Ano:</b> 8º Turma: I	<b>DATA:</b> 09-12-2011
<b>Estagiária:</b> Ana Paula Rocha	<b>Professora Cooperante:</b> Célia Gomes

Descrição	Inferências / juízos
<p style="text-align: center;"><b>I parte da aula</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Entrega e correção de teste;</li> <li>➤ Muito barulho e confusão, com alunos a questionarem sobre as notas dos colegas;</li> <li>➤ Atitudes e palavras incorretas dos alunos ao longo da aula; <ul style="list-style-type: none"> <li>• A professora preencheu observações sobre mau comportamento;</li> </ul> </li> <li>➤ Trocou de lugar dois alunos;</li> <li>➤ Alguns alunos não fazem correção e conversam entre eles;</li> </ul> <p style="text-align: center;"><b>II parte da aula</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Continuação da leção sobre o Império Holandês.</li> </ul>	<p style="text-align: center;"><b>I parte da aula</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ A docente manteve o contato visual com os alunos, enquanto entregava os testes e fazia a respetiva correção;</li> <li>➤ A interação dos alunos durante a correção do teste foi <b>cooperativa</b>: por solicitação do professor e espontânea (para a aprendizagem e causadora de perturbação); <ul style="list-style-type: none"> <li>• <u>Espontânea – para a aprendizagem</u>: alguns alunos manifestaram interesse na atividade (correção) e participaram espontaneamente e ativamente;</li> <li>• <u>Espontânea – Causadora de perturbação</u>: alguns estavam completamente desatentos e com atitudes e comportamentos incorretos o que desencadeou uma mudança de postura da professora;</li> </ul> </li> <li>➤ A nível <b>cinésico</b> a professora apresentou uma postura correta, fazendo três minutos de silêncio como medida corretiva que resultou; mudança de lugar e anotação de comportamento incorreto - punição.</li> </ul> <p style="text-align: center;"><b>II parte da aula</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Para rever o conhecimento, a professora utilizou o <b>questionamento linguístico</b> à medida que esta ia sendo dada.</li> </ul>

## Anexo 5 - Protocolo de Observação da 3ª Aula

<b>Disciplina: História</b>	
<b>Unidade 6</b> Portugal no Contexto Europeu dos Séc. XVII e XVIII. <b>Subunidade</b> - 6.1 O Império Português e Concorrência Internacional.	
<b>Ano:</b> 8º <b>Turma:</b> II	<b>DATA:</b> 12-12-2011
<b>Estagiária:</b> Ana Paula Rocha	<b>Professora Cooperante:</b> Célia Gomes

Descrição	Inferências / juízos
<ul style="list-style-type: none"><li>➤ Entrega dos testes;</li><li>➤ Correção dos testes feita oralmente e com interpelações aos alunos;<ul style="list-style-type: none"><li>• Comentário final sobre os resultados.</li><li>• Correção dos trabalhos de casa.</li></ul></li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>➤ A professora manteve o contato visual com os alunos;</li><li>➤ Ao nível <b>cinésico</b> a professora apresentou uma postura correta, aproximando-se dos alunos quando necessário;</li><li>➤ Participação <b>cooperativa</b> quer espontânea quer mediante solicitação do professor na correção do teste;</li><li>➤ Os alunos tiveram oportunidade de dar a sua opinião pessoal, nos momentos de questionamento linguístico, quando tal era pertinente;</li><li>➤ O <b>clima</b> da aula decorreu dentro da normalidade com características de <u>implicação e satisfação</u>;</li><li>➤ Os alunos são um pouco barulhentos no entanto quando a professora exerce o seu <b>poder</b> de <u>castigo ou de recompensa funciona</u>.</li></ul>

## Anexo 6 - Protocolo de Observação da 4ª Aula

<b><u>Disciplina: História</u></b>	
<b>Unidade 3</b> - O espaço civilizacional Greco-Latino à beira da mudança.	
<b>Subunidade 3.1</b> -O império Universal Roma-Cristão.	
<b>Ano:</b> 10º <b>Turma:</b> V	<b>DATA:</b> 12-12-2012
<b>Estagiário:</b> Ana Paula Rocha	<b>Professor Cooperante:</b> Célia Gomes

Descrição	Inferências / juízos
<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Verificação e correção dos trabalhos de casa.</li> <li>➤ Continuação da aula anterior.</li> <li>✓ Papel da Igreja cristã enquanto transmissora da herança clássica</li> <li>✓ Reforma do ordenamento do território decalcada do mapa das dioceses.</li> <li>✓ A nível comportamental, havia muitas conversas paralelas entre alunos e comportamentos menos corretos, interpelando várias vezes a docente com assuntos externos à aula.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ A linguagem utilizada pela docente estava adequada aos conteúdos de ensino.</li> <li>✓ Manteve o contacto visual com os alunos, mesmo a quando da apresentação em PPT.</li> <li>✓ Ao nível cinésico a professora apresentou uma postura correta, aproximando-se dos alunos quando necessário, para os chamar atenção ou para tirar dúvidas.</li> <li>➤ Para rever os conhecimentos a professora procedeu à correção do trabalho de casa, todavia apenas uma aluna o tinha realizado. Assim, como medida corretiva a professora obrigou os restante a passar para o caderno, mas nem todos o fizeram.</li> <li>➤ No decorrer da aula os alunos participaram mediante solicitação do professor e espontaneamente.</li> <li>➤ No decurso da aula alguns alunos interpelavam várias vezes a docente com assuntos externos à aula, como medida corretiva esta chamou-os várias vezes atenção.</li> <li>➤ O conhecimento foi trabalhado através da observação análise de imagens e mapas. Também se procedeu à leitura e análise de documentos que constavam no manual.</li> <li>➤ A planificação para esta alua teve ser reajustada devido ao tempo perdido com os comportamentos indesejados dos alunos.</li> </ul>

## Anexo 7 - Protocolo de Observação da 5ª Aula

<b>Disciplina: História</b>	
<b>Unidade 6</b> Portugal no Contexto Europeu dos Séc. XVII e XVIII.	
<b>Subunidade - 6.1</b> O Império Português e Concorrência Internacional.	
<b>Ano:</b> 8º <b>Turma:</b> B	<b>DATA:</b> 14-12-2011
<b>Estagiária:</b> Ana Paula Rocha	<b>Professora Cooperante:</b> Célia Gomes

Descrição	Inferências / juízos
<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Projeção de uma apresentação em <i>PowerPoint</i>, relativa à expansão ultramarina europeia.</li> <li>✓ Final do séc. XVI os Ingleses tal como os Holandeses eram defensores da política <i>Mare liberum</i>.</li> <li>✓ Governo de Oliver Cromwell – Ato de navegação.</li> <li>✓ Ingleses após a União Ibérica atacam os interesses Portugueses e Espanhóis em diversas partes do Mundo.</li> <li>✓ Filipe II forma a invencível armada para conter os ataques – derrotado pelos Ingleses.</li> <li>✓ Guerra dos Sete Anos.</li> <li>➤ Questionamento dos alunos relativamente à matéria dada.</li> <li>➤ Análise de textos e imagens.</li> <li>➤ Turma interessada, no entanto, conversadora.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ A professora utilizou o vocabulário adequado aos conteúdos de ensino.</li> <li>✓ A professora questionou os alunos sobre os seus conhecimentos prévios sobre a matéria.</li> <li>✓ Manteve o contato visual com os alunos, mesmo quando visualizava a apresentação</li> <li>✓ Ao nível cinésico a professora apresentou uma postura correta, aproximando-se dos alunos quando necessário.</li> <li>✓ Para rever o conhecimento, o professor utilizou o questionamento.</li> <li>➤ Os alunos participaram quer espontaneamente quer mediante solicitação do professor.</li> <li>✓ Os alunos foram questionados sobre a matéria à medida que esta ia sendo dada.</li> <li>✓ No decorrer da aula alguns alunos começaram a participar espontaneamente, com o intuito de esclarecer dúvidas ou de completar alguma matéria relacionada para perceberem se as suas linhas de interpretação e raciocínio eram corretas. A participação espontânea não causou problemas de gestão da aula.</li> <li>✓ Os alunos tiveram oportunidade de dar a sua opinião pessoal, nos momentos de questionamento, quando tal era pertinente.</li> <li>➤ O plano de aula programado foi cumprido na íntegra.</li> </ul>

## Anexo 8 - Protocolo de Observação da 6ª Aula

### Disciplina: História

**Unidade 1** A identidade Civilizacional da Europa Ocidental.

**Subunidade 1.1** Poderes e Crenças – Multiplicidade e Unidade.

**Ano:** 10º **Turma:** IV

**DATA:** 05-01-2012

**Estagiário:** Ana Paula Rocha

**Professor Cooperante:** Célia Gomes

Descrição	Inferências / juízos
<ul style="list-style-type: none"><li>➤ Exploração das ideias tácitas dos alunos.</li><li>➤ Projeção de uma apresentação em <i>PowerPoint</i> sobre:<ul style="list-style-type: none"><li>✓ Diversidade do mundo medieval face à unidade do Mundo Romano.</li><li>✓ Poder e organização da Igreja.</li><li>✓ A Cristandade ocidental contra Bizâncio e o Islão.</li></ul></li><li>➤ Turma com alunos participativos, que solicitavam muitas vezes esclarecimentos.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>➤ Ao nível cinésico a docente apresentou sempre uma postura correta.</li><li>✓ A docente aplicou o vocabulário pertencente aos conteúdos de ensino.</li><li>✓ Manteve sempre o contato visual com os discentes, mesmo no decorrer das apresentações em <i>PowerPoint</i>.</li><li>✓ A professora questionou várias vezes os alunos à medida que os conteúdos iam sendo locionados.</li><li>➤ Os alunos tiveram oportunidade de dar a sua opinião pessoal, nos momentos de questionamento, quando tal era pertinente.</li><li>➤ A planificação desta aula foi cumprida na íntegra.</li></ul>

## Anexo 9 - Protocolo de Observação da 7ª Aula

<b><u>Disciplina: História</u></b>	
<b>Unidade 1</b> A identidade Civilizacional da Europa Ocidental.	
<b>Subunidade 1.2</b> O quadro económico e demográfico- expansão e limites do crescimento.	
<b>Ano:</b> 10º <b>Turma:</b> IV	<b>DATA:</b> 09-01-2012
<b>Estagiário:</b> Ana Paula Rocha	<b>Professor Cooperante:</b> Célia Gomes

Descrição	Inferências / juízos
<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Exploração das ideias tácitas dos alunos.</li> <li>➤ Projeção de uma apresentação em <i>PowerPoint</i> relativa à expansão agrária e crescimento demográfico.               <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ O desenvolvimento agrícola.</li> <li>✓ Crescimento demográfico.</li> </ul> </li> <li>➤ Turma com alunos interessados e participativos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Ao nível cinésico a docente apresentou sempre uma postura correta.               <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ A docente utilizou o vocabulário relativo aos conteúdos de ensino.</li> <li>✓ Manteve sempre o contato visual com os discentes, mesmo no decorrer da apresentação em <i>PowerPoint</i>.</li> <li>✓ A professora questionou várias vezes os alunos à medida que os conteúdos iam sendo locionados. Esta solicitou várias vezes a alguns alunos para ler e analisar documentos.</li> </ul> </li> <li>➤ A docente trabalhou o conhecimento através da leitura e análise de documentos gráficos e iconográficos.</li> <li>➤ Os alunos participaram mediante a solicitação da professora e espontaneamente, com o objetivo de esclarecer dúvidas e cimentar a aprendizagem.               <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Os alunos tiveram oportunidade de dar a sua opinião pessoal, nos momentos de questionamento, quando tal era pertinente.</li> </ul> </li> <li>➤ A planificação desta aula foi cumprida na íntegra.</li> </ul>

Anexos 10 ao 14 – Protocolos de observação das aulas da professora cooperante de Geografia.

### Anexo 10 - Protocolo de Observação da 1ª Aula

<b>Disciplina: Geografia</b>	
<b>Unidade 3</b> Os espaços organizados pela população.	
<b>Módulo 3.1.1.</b> <i>As fragilidades dos sistemas agrários.</i>	
<b>Ano:</b> 11º <b>Turma:</b> V	<b>DATA:</b> 10-01-2012
<b>Estagiário:</b> Ana Paula Rocha	<b>Professora Cooperante:</b> Idalina Leite

Descrição	Inferências / juízos
<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Verificação dos conhecimentos dos alunos, questionando-os acerca da agricultura;</li> <li>➤ Projeção de uma apresentação em <i>PowerPoint</i>, relativo à agricultura;</li> <li>➤ Questionamento dos alunos relativamente às representações gráficas;</li> <li>➤ Análise de mapas relativos à agricultura intensiva e extensiva;</li> <li>➤ Análise da produtividade e rendimento na agricultura.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Ao nível <b>cinésico</b>, o professor mostrou uma postura correta. Aproximou-se dos alunos para o esclarecimento de dúvidas colocadas, e para facilitar a compreensão dos conteúdos;</li> <li>✓ A professora utilizou o vocabulário adequado aos conteúdos de ensino.</li> <li>✓ Manteve o contato visual com os alunos, mesmo no decorrer das apresentações em <i>PowerPoint</i>.</li> <li>✓ Os alunos participaram apenas mediante <u>solicitação do professor</u>;</li> <li>✓ Os alunos foram <u>questionados</u> quanto aos dois tipos de agricultura: "Tradicional e Moderna";</li> <li>✓ No <b>decorrer da aula</b>, alguns alunos começaram a participar de forma <u>espontânea</u>, com o intuito de esclarecer dúvidas, ou de completar alguma matéria relacionada, para confirmarem a certeza do próprio raciocínio. A participação espontânea não gerou nenhum obstáculo;</li> <li>✓ Para trabalhar o conhecimento, o professor utilizou o questionamento, a análise de mapas, gráficos, imagens;</li> <li>✓ Os alunos tiveram oportunidade de dar a sua opinião pessoal, nos momentos de questionamento...</li> </ul>

## Anexo 11 - Protocolo de Observação da 2ª Aula

<b>Disciplina: Geografia</b>	
<b>Unidade 3</b> - Os espaços organizados pela população.	
<b>Módulo</b> - 3.1.1. As fragilidades dos sistemas agrários.	
<b>Ano:</b> 11º <b>Turma:</b> V	<b>DATA:</b> 13-01-2012
<b>Estagiária:</b> Ana Paula Rocha	<b>Professora Cooperante:</b> Idalina Leite

Descrição	Inferências / juízos
<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Projeção de uma apresentação em <i>PowerPoint</i>, relativa aos fatores condicionantes da agricultura em Portugal; Clima;               <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Recursos Hídricos;</li> <li>✓ Relevo;</li> <li>✓ Fertilidade do solo;</li> </ul> </li> <li>➤ Questionamento dos alunos relativamente à influência que o clima, o relevo e os recursos hídricos exercem na agricultura;</li> <li>➤ Análise de mapas e gráficos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Ao nível cinésico, a professora teve sempre uma postura correta. Aproximou-se dos alunos para facilitar a compreensão dos conteúdos; e para lhes chamar a atenção.               <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ A professora usou o vocabulário adequado aos conteúdos de ensino.</li> <li>✓ Manteve o contato visual com os alunos.</li> </ul> </li> <li>➤ Os discentes participaram, por solicitação da professora, no período inicial da aula; posteriormente alguns começaram a fazê-lo espontaneamente.</li> <li>➤ A docente trabalhou o conhecimento através da análise de gráficos vários mapas sobre o clima, o relevo e os recursos hídricos.</li> <li>➤ Ao <b>longo da aula</b>, a professora solicitou a participação de diversos alunos para, no quadro, explicar os diversos mapas e gráficos do power point. Para o efeito, a docente solicita aos alunos que identifiquem o território nacional e expliquem como as diferenças no território nacional influenciam a formação das regiões agrárias.</li> <li>➤ A planificação desta aula foi cumprida na íntegra.</li> </ul>

## Anexo 12 - Protocolo de Observação da 3ª Aula

<b>Disciplina: Geografia</b>	
<b>Unidade 3</b> - Os espaços organizados pela população. <b>Módulo</b> - 3.1.1. As fragilidades dos sistemas agrários.	
<b>Ano:</b> 11º <b>Turma:</b> V	<b>DATA:</b> 17-01-2012
<b>Estagiário:</b> Ana Paula Rocha	<b>Professora Cooperante:</b> Idalina Leite

Descrição	Inferências / juízos
<ul style="list-style-type: none"><li>➤ Verificação dos trabalhos de casa;</li><li>➤ Breve contextualização histórica sobre os fatores humanos que interferem na diversidade de paisagens agrárias existentes em Portugal;</li><li>➤ Projeção de uma apresentação em <i>PowerPoint</i>, relativa aos fatores humanos que interferem na agricultura, e nas características das estruturas agrárias em Portugal Continental;</li><li>✓ Projeção de imagens alusivas à morfologia agrária</li><li>✓ Análise de mapas e gráficos.</li><li>➤ Questionamento aos alunos quanto à sua identificação;</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>➤ Ao nível cinésico a professora teve sempre uma postura correta. Aproximou-se dos alunos para facilitar a compreensão dos conteúdos; e para os chamar atenção</li><li>✓ A Professora usou o vocabulário próprio aos conteúdos de ensino.</li><li>✓ Manteve sempre o contato visual com os alunos.</li><li>✓ Para trabalhar o conhecimento a professora através de questionamento solicitou aos alunos que realizassem a análise de imagens, de mapas e de gráficos. Esta teve o cuidado para que todos pudessem participar.</li><li>➤ Os alunos participaram por solicitação do professo, no período inicial da aula, posteriormente alguns começaram a fazelo espontaneamente.</li><li>➤ A planificação desta aula foi cumprida na íntegra.</li></ul>

## Anexo 13 - Protocolo de Observação da 4ª Aula

<b>Disciplina: Geografia</b>	
<b>Unidade</b> 2 O Mundo Policêntrico <b>Módulo</b> 2.2 A emergência dos novos centros de poder	
<b>Ano:</b> 12º <b>Turma:</b> VI	<b>DATA:</b> 17-01-2012
<b>Estagiária:</b> Ana Paula Rocha	<b>Professor Cooperante:</b> Idalina Leite

Descrição	Inferências / juízos
<p style="text-align: center;"><b>As economias emergentes</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>➤ Verificação das ideias prévias que os alunos detinham sobre as economias emergentes;</li><li>➤ Projeção de duas notícias do jornal Público: “Os novos centros do poder” e “Estudo de caso: como a China nos quer comprar”;<ul style="list-style-type: none"><li>✓ Debate sobre as notícias projetadas;</li></ul></li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>➤ A professora utilizou o vocabulário inerente aos conteúdos de ensino.</li><li>➤ Manteve o contato visual com os alunos;</li><li>➤ Ao nível <b>cinésico</b>, a professora apresentou uma postura correta. Aproximou-se dos alunos para facilitar a compreensão dos conteúdos;</li><li>➤ Os alunos participaram por <u>solicitação da docente</u> e espontaneamente;</li><li>➤ Para trabalhar o conhecimento, o professor utilizou o <u>questionamento</u>, leitura e a análise de notícias;</li><li>➤ Os alunos tiveram oportunidade de dar a sua opinião pessoal durante o decorrer do debate;</li><li>➤ A planificação desta aula foi cumprida na íntegra.</li></ul>

## Anexo 14 - Protocolo de Observação da 5ª Aula

<b>Disciplina: Geografia</b>	
<b>Unidade 3</b> - Os espaços organizados pela população. <b>Módulo</b> - 3.1.1. As fragilidades dos sistemas agrários.	
<b>Ano:</b> 11º <b>Turma:</b> V	<b>DATA:</b> 20-01-2012
<b>Estagiária:</b> Ana Paula Rocha	<b>Professora Cooperante:</b> Idalina Leite

Descrição	Inferências / juízos
<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Alguns alunos chegaram atrasados à aula.</li> <li>✓ A professora iniciava a explicação sobre a metodologia de estudos através do site INE (pois alguns elementos da turma estavam a participar num concurso nacional de estatística);</li> <li>➤ Um aluno interpelou a professora sobre a reunião de pais e avaliação. A docente remete o assunto para o final da aula.</li> <li>➤ Docente continua a explicação e informação de como realizar pesquisas e respetivo tratamento no site do INE.</li> <li>✓ Características da população agrícola.</li> <li>✓ Gestão e utilização do solo arável.</li> <li>➤ No final da aula, a professora deu a palavra ao aluno que a havia questionado sobre a reunião com os encarregados de educação. Este apresentou uma postura inadequada. No entanto, a professora manteve a calma e respondeu de forma correta ao aluno.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Ao nível <b>cinésico</b>, a professora teve sempre uma postura correta.</li> <li>✓ Quanto à <b>proxémica</b>, a docente fez uma correta gestão do espaço e do tempo;</li> <li>✓ Manteve o contato visual com os alunos; <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ A professora usou o vocabulário adequado aos objetivos definidos para a aula e seus conteúdos – explicação do funcionamento da página do INE;</li> </ul> </li> <li>➤ Na aula desenvolveu-se a <b>interação cooperativa</b>:</li> <li>✓ <u>Espontânea e causadora de perturbação</u> – interpelação do aluno sobre a reunião de pais e avaliação, no entanto a postura cinésica da professora foi adequada à situação, terminando com esta participação incorreta;</li> <li>✓ Os alunos participaram por <u>solicitação da professora</u>;</li> <li>✓ A aula decorreu num <b>ambiente de orientação e individualização</b>: <ul style="list-style-type: none"> <li>• <u>Orientação</u>: explicações e informações sobre o INE;</li> <li>• <u>Individualização</u>: explicação e resolução do conflito que o aluno gerou ao questionar a professora sobre a reunião;</li> </ul> </li> <li>✓ Ao longo da aula, a docente teve uma postura corporal e linguagem adequada a cada situação ou fase de desenvolvimento da aula.</li> </ul>

## Anexos 15 ao 17 – Quadros de síntese sobre a avaliação.

### Anexo 15 – Síntese da avaliação inicial.

Quadro 1 - síntese da avaliação inicial.

AVALIAÇÃO INICIAL		
AVALIA:	DIAGNOSTICA:	PERMITE:
Realizações prévias relevantes (experiências, capacidades).	Se o aluno possui ou não as competências tidas como pré-requisitos.	Selecionar para a aprendizagem (seleção). Permite averiguar se os alunos já adquiriram algumas das aprendizagens dos novos conteúdos.
Conhecimentos e habilidades (pré-requisitos).	Que objetivos da disciplina o aluno já domina.	Decidir o ponto de entrada (colocação).
Aptidões relevantes para a escolha de alternativas de aprendizagem.	Características como: personalidade; aptidões; habilidades.	Orientar para uma aprendizagem (orientação). Permite fazer reajustamentos na planificação.

### Anexo 16 – Síntese da avaliação sumativa.

Quadro 2 – Síntese da avaliação sumativa.

AVALIAÇÃO SUMATIVA		
AVALIA:	DIAGNOSTICA:	PERMITE:
Em que grau de satisfação ocorreu a aprendizagem.	No final da unidade letiva, as causas responsáveis pelas deficiências da aprendizagem.	Verificar se os Objetivos Gerais foram atingidos. Equilibra a avaliação formativa Contribui para o aperfeiçoamento do ensino e para o sucesso da aprendizagem.
Se o processo de aprendizagem foi efetivo.	Alerta para matérias mais difíceis de assimilar, para estratégias que não foram inteiramente eficazes.	Medir o grau em que os objetivos esperados foram atingidos.
		Identificar as alterações a introduzir nas aulas. Permite comparar resultados globais, o desempenho de turmas, a utilização de estratégias diferentes.

## Anexo 17 – Síntese da avaliação formativa.

Quadro 3 – Síntese da avaliação formativa.

AVALIAÇÃO FORMATIVA		
AVALIA:	DIAGNOSTICA:	PERMITE:
A estrutura de cada disciplina de aprendizagem (programa).	Decurso das unidades de ensino (deve avaliar conteúdos relevantes) e deve de diagnosticar as razões e causas responsáveis pelas deficiências de aprendizagem.	Verificar se o Objetivo Específico foi alcançado. Informa o aluno e o professor (assegura a correção e incita à remediação). Fontes de informação – diálogo com o aluno, observação de uma tarefa, queixas do aluno.
O aluno no grau de domínio dos objetivos.	Causas físicas, Ambientais e Emocionais.	Melhorar a organização da disciplina.
O professor na função técnico-pedagógica.	Permite a análise de sinais de desvio (trabalhos incompletos, inquietudes, sinais de ajuda, pedidos de explicação).	Alterar a sequência de aprendizagem.
O processo de ensino/aprendizagem.		Feedback em função do progresso do aluno. Implica a correção pelo professor, pelo aluno ou em conjunto.
As causas dos insucessos na aprendizagem.		Prescrever alternativas de aprendizagem e materiais necessários.
		Desenvolver capacidades de autoavaliação e autonomia.

## Anexo 18 – Síntese das técnicas de avaliação

Quadro 4 - Síntese das técnicas de avaliação

### TÉCNICAS DE AVALIAÇÃO

TÉCNICA	FORMA	INSTRUMENTOS	
OBSERVAÇÃO	DIRETA INDIRETA (VIDEO, JOGOS, ETC)	Ficha de observação Lista de ocorrências Escala de classificação	
FORMULAÇÃO DE PERGUNTAS	AVALIAÇÃO ORAL	Lista de perguntas	
	AVALIAÇÃO ESCRITA	Inquéritos	Questionário Inventário Escala de atitudes Sociograma Outros
		Testes	De Produção
De Seleção	Escolha múltipla Emparelhamento Verdadeiro-Falso De Completar		
MEDIÇÃO	AVALIAÇÃO PRÁTICA	Fichas de avaliação analítica.	Qualitativa Quantitativa

1)		OBSERVAÇÃO	
APLICAÇÃO	REGRAS	VANTAGENS	INCONVENIENTES
Vendo e ouvindo, é possível observar as alterações do comportamento do aluno. Pode-se registar na memória, por escrito ou de outra forma.	Fazer com que a observação seja uma técnica e não um improviso.	Permite captar elementos importantes no momento em que acontecem, sendo reais e fidedignos.	Atividade extremamente exigente e cansativa para o professor, especialmente quando a turma é grande.
Obtém-se dados em todos os domínios do saber.	Observar discretamente sem perturbar o aluno.		Requer uma atenção e cuidados constantes.
	Criar um ambiente propício à observação, sem inibições, com autenticidade e espontaneidade.		
INSTRUMENTOS DE OBSERVAÇÃO:	Ficha de observação, lista de ocorrências e escala de classificação.		

### ***Fichas de Observação***

- Registo de factos com interesse para avaliação (comportamento, pontualidade, atitudes, realizar uma tarefa, apresentação, atenção, pertinência das questões, comportamento em grupo – saber ser e fazer).
- Aplicação em sessões teóricas, práticas, visitas de estudo, etc.

### ***Listas de Ocorrências***

- Elaboração prévia, listando-se os comportamentos que virão a ocorrer, com uma sequência prevista, tomando a observação mais fácil de registar e mais objetiva.
- Um sinal marcado significa que ocorre o comportamento (aplicação de conhecimentos, execução da tarefa, etc.).

### ***Escala de Classificação***

Registo e atribuição de um determinado grau, numa escala progressiva: Muito Bom, Bom, Razoável, Mau, etc.

2) FORMULAÇÃO DE PERGUNTAS			
2.1) AVALIAÇÃO ORAL			
APLICAÇÃO	REGRAS	VANTAGENS	INCONVENIENTES
O aprofundamento progressivo das questões permite a imediata graduação do desempenho do aluno, situando-o em determinado domínio.	Elaboração prévia da lista de perguntas objetivas e representativas dos conteúdos a serem avaliados.	Facilita o diálogo direto do professor/aluno.	Processo moroso.
Forma eficaz de avaliação formativa: permite obter feedback contínuo.	Procurar abranger todos os conhecimentos dos alunos, não centrado demasiado a atenção nas suas falhas.	Permite o treino da expressão oral.	Dificuldade em criar condições de igualdade na avaliação.
	Fazer perguntas claras e curtas e adaptar a linguagem.		Dá vantagem a quem tem maior capacidade de expressão oral.
	Não dar pistas nem contributos para as respostas.		
	Distribuir as perguntas por todos os elementos, arbitrariamente.		
	Primeiro colocar as questões ao grupo e só mais tarde a um aluno.		
	Toda a turma deve de participar.		

2) FORMULAÇÃO DE PERGUNTAS
2.2) AVALIAÇÃO ESCRITA
2.2.1) INQUÉRITOS
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Questionário</b> – Lista de interrogações acerca de um determinado assunto. Elaborados para um fim único e um momento específico.</li> </ul>

- **Inventário** – Trata-se de uma lista de afirmações, devendo o aluno assinalar aquelas com que concorda.
- **Escala de atitudes** – Inventariação de atitudes em que é possível graduar o posicionamento do aluno.
- **Sociograma** – Permite fornecer a estrutura afetiva da turma.

### 2.2.2) TESTES

#### Tipos de testes:

##### *a) Diagnósticos*

- As questões giram em torno de um tema limitado da matéria.
- Pretende-se averiguar a presença ou ausência dos pré-requisitos necessários para o prosseguimento da matéria.
- Não faz sentido atribuir uma classificação a este tipo de testes.

##### *b) Formativos*

- A sua estrutura pode ser semelhante à do teste de diagnóstico.
- Tem por finalidade a certificação, por parte do professor, de que a matéria lecionada está a ser convenientemente apreendida.
- Estes testes/fichas de trabalho cingem-se a pequenos segmentos da matéria.

##### *c) Sumativos*

- Estrutura diversa dos tipos de testes anteriores.
- Trata-se de avaliar as aprendizagens efetuadas ao nível global da matéria lecionada.

APLICAÇÃO	REGRAS	VANTAGENS	INCONVENIENTES
Apresentação de questões escritas, as quais devem ser respondidas, também por escrito.	Dependem dos instrumentos utilizados.	Economia de tempo.	Exige preparação cuidadosa e, em consequência, morosa.
Permite a obtenção de elementos respeitantes aos domínios afetivo (inquéritos) e cognitivo (testes).		Possibilidade de administração simultânea a várias turmas.	Dá vantagens aos alunos que têm facilidade de interpretação e expressão escrita.

		Tratamento igual de todos os alunos, sendo submetidos às mesmas questões.	
		O professor, em posse da resposta, pode estudá-la, compará-la, refletir sobre ela (em colaboração com os alunos).	
<b>TESTES DE PRODUÇÃO</b> (resposta aberta) – O aluno organiza a resposta de modo espontâneo, utilizando o seu próprio vocabulário. A resposta pode ser curta ou longa (redação).			
<b>TESTES DE PRODUÇÃO CURTA</b>		<b>TESTES DE PRODUÇÃO LONGA</b>	
<b>Regras:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Texto claro e curto.</li> <li>• Indicar o n.º de dados para a resposta ou a extensão da mesma (uma frase, n.º de linhas).</li> <li>• As respostas solicitadas devem ser, tanto quanto possível, homogêneas e semelhantes em expansão.</li> </ul>		<b>Regras:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Texto claro e curto, se possível subdividido em alíneas.</li> <li>• Limitar o âmbito da resposta, indicando claramente o que se pretende (forma; n.º; qualidade e profundidade)</li> <li>• Criar uma matriz de correção com tópicos que devem constar nas respostas dos alunos.</li> </ul>	
<b>Vantagens:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Conceção e resposta fáceis e rápidas.</li> <li>• Objetividade na resposta dos alunos e na avaliação do professor.</li> <li>• Permitem testar a capacidade de síntese.</li> </ul>		<b>Vantagens:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apelo à criatividade pelo facto da resposta ser livre, testando as capacidades de análise e de emissão de opiniões.</li> <li>• Possibilitam o treino da expressão escrita.</li> <li>• Podem aplicar-se a todas as matérias.</li> <li>• Permitem avaliar todas as capacidades cognitivas mesmo os processos mentais superiores: raciocínio hipotético-dedutivo, criatividade e análise crítica.</li> <li>• Conceção fácil e rápida.</li> </ul>	
<b>Inconvenientes:</b> Limitação à criatividade e capacidade de expressão.		<b>Inconvenientes:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Produção morosa e subjetiva.</li> <li>• Possibilidade de existirem várias respostas, de grau de desenvolvimento diferente, etc.</li> <li>• Avaliação subjetiva.</li> <li>• Difícil estabelecer comparações entre as respostas.</li> </ul>	

**TESTES DE SELEÇÃO** (resposta fechada) – O aluno não produz a resposta, apenas tem de selecioná-la de entre as várias apresentadas. Permitem separar a qualidade da resposta (o que se pretende) da capacidade de expressão verbal.

#### **A) VERDADEIRO/FALSO**

##### ***Regras de Elaboração***

- Texto claro e curto.
- Texto afirmativo.
- Apenas uma ideia no enunciado que seja totalmente verdadeira ou totalmente falsa.
- As instruções devem ser claras relativamente à forma de indicar a opção.

#### **B) QUESTÕES DE COMPLETAR**

##### ***Regras de Elaboração***

- Texto claro e curto.
- A frase deve ter um sentido lógico.
- Os espaços devem ter a mesma extensão independentemente do tamanho da palavra.
- Só se devem omitir elementos importantes.
- Não fornecer pistas gramaticais.
- De preferência, colocar o elemento omitido no final da frase, sendo apenas possível uma resposta.

#### **C) EMPARELHAMENTO**

Pedir ao aluno que ligue, corresponda, emparelhe ou associe entre si dois ou mais grupos (séries ou colunas) de elementos afins.

##### ***Modalidades***

- Dois grupos a emparelhar, com frases.
- Dois grupos a emparelhar, com símbolos.
- Dois grupos a emparelhar, um com frases e outro com símbolos.
- Mais de dois grupos a emparelhar.

### ***Regras de Elaboração***

- Texto claro e o mais curto possível.
- Instruções claras e precisas relativamente a: forma de proceder ao emparelhamento; se a um elemento num grupo corresponde um ou mais elementos no outro.
- Os elementos a corresponder devem ser afins e homogéneos e conter apenas uma ideia totalmente a apoiar ou rejeitar.
- Para evitar acertar ao acaso, uma das listas deve ter mais elementos do que a outra (+/- 50%) que não devem ser corretos. A lista não deve ultrapassar os 7 elementos para evitar fadiga, dispersão e desatenção.

### **D) QUESTÕES DE ESCOLHA MÚLTIPLA**

Apresentar uma questão ao aluno fornecendo-lhe, simultaneamente, várias respostas entre as quais terá a(s) certa(s).

#### ***Estrutura***

- Tronco: contém a questão ou enunciado do problema e as instruções.
- Lista de escolhas: contém a(s) resposta(s) correta(s) e os distratores (respostas erradas).

#### ***Modalidades***

- Complemento simples (e variantes): apenas uma resposta correta/errada.
- Complementos agrupados: mais do que uma resposta é correta/errada.

#### ***Como evitar respostas ao acaso***

- Prever várias respostas certas.
- Prever várias respostas erradas.
- Várias respostas “incompletamente certas” e só uma totalmente correta, a escolher.
- Prever o grau de certeza (com penalização seletiva - descontos).

### 3) MEDIÇÃO

#### AVALIAÇÃO PRÁTICA

Técnica de avaliação que consiste em medir determinadas “performances” ou qualidade de execução do aluno.

Destina-se a colher dados sobretudo no domínio psicomotor, como:

- Tempo de execução;
- Quantidade de trabalho produzido;
- Qualidade do trabalho: respeito pelas medidas pré-determinadas, tolerâncias máximas, normas de execução, acabamento, etc.

Além dos dados recolhidos por medição, através de instrumentos como o relógio ou cronómetro... A avaliação das tarefas práticas exige quase sempre o recurso a outras técnicas como a observação e a formulação de perguntas.

## ANEXOS 19 ao 31 – Disciplina de História

**Anexo 19 e 20** – Planos de Unidades da disciplina de História.

**Anexo 19** – Plano de unidade: Absolutismo e mercantilismo numa sociedade de ordens.

### ***PLANO DA PRIMEIRA UNIDADE LETIVA***

Disciplina História	
Unidade F2 - Absolutismo e Mercantilismo numa sociedade de Ordens	
N.º de blocos (45') previstos: <u>16</u>	
LIÇÕES N.º 38,39,40,41,42,43,44,45	Ano 8º Turma II
Estagiários: Ana Paula Rocha.	Professor(a) Cooperante <u>Dra. Célia Santos</u>

#### ***Conceito-chave e situação-problema / desafio***

Qual foi o sistema político, social e económico que vigorou, entre os séculos XVI e XVIII/XIX?  
Quais as medidas aplicadas pelo Marquês de Pombal a nível social, económico e urbanístico?

#### ***Objetivos centrais da unidade letiva / metas***

##### ➤ **Objetivos:**

- ✓ Localizar no tempo e no espaço o Antigo Regime
- ✓ . Compreender e explicar a sociedade de ordens
- ✓ Aprender e dominar os conceitos do vocabulário referente ao Antigo Regime
- ✓ Compreender os fundamentos do poder real
- ✓ Identificar as características do poder absoluto
- ✓ Relacionar a História Europeia com a História Nacional
- ✓ Compreender e explicar a economia do antigo regime
- ✓ Reconhecer a importância do mercantilismo

➤ **Metas:**

**Compreensão histórica**

**Temporalidade:**

-O aluno utiliza unidades/convenções de datação para relacionar e problematizar a relevância de acontecimentos, processos e interações em diversos tempos. **(Meta Final 1)**.

**Contextualização:**

- O aluno apresenta sínteses sobre acontecimentos, processos e períodos de diversas sociedades do passado, integrando várias causas (motivações de protagonistas individuais ou coletivos, condicionalismos materiais e humanos) e consequências, em diversas dimensões históricas, para relacionar a história nacional, europeia e mundial. **(Meta Final 7)**.

-O aluno aplica terminologia e conceitos substantivos (essenciais para a compreensão histórica), tornados significativos ao longo da abordagem das temáticas em estudo. **(Meta Final 8)**.

-O aluno reconhece a diversidade, quer de interesses, culturas e ideologias quer de experiências interculturais, e avalia motivações e razões dos intervenientes em situações históricas (pacíficas, de tensão ou conflituais) e respetivas consequências. **(Meta Final 9)**.

- O aluno apresenta breves sínteses diacrónicas sobre contributos significativos para a Humanidade, de vários indivíduos, grupos sociais, povos e civilizações. **(Meta Final 10)**.

-O aluno reconhece a utilidade social do saber historiográfico, pela capacidade que fornece de examinar a informação sobre o mundo de forma objetiva e multiperspetivada, e de pensar a vida e as identidades a uma escala temporal abrangente. **(Meta Final 11)**.

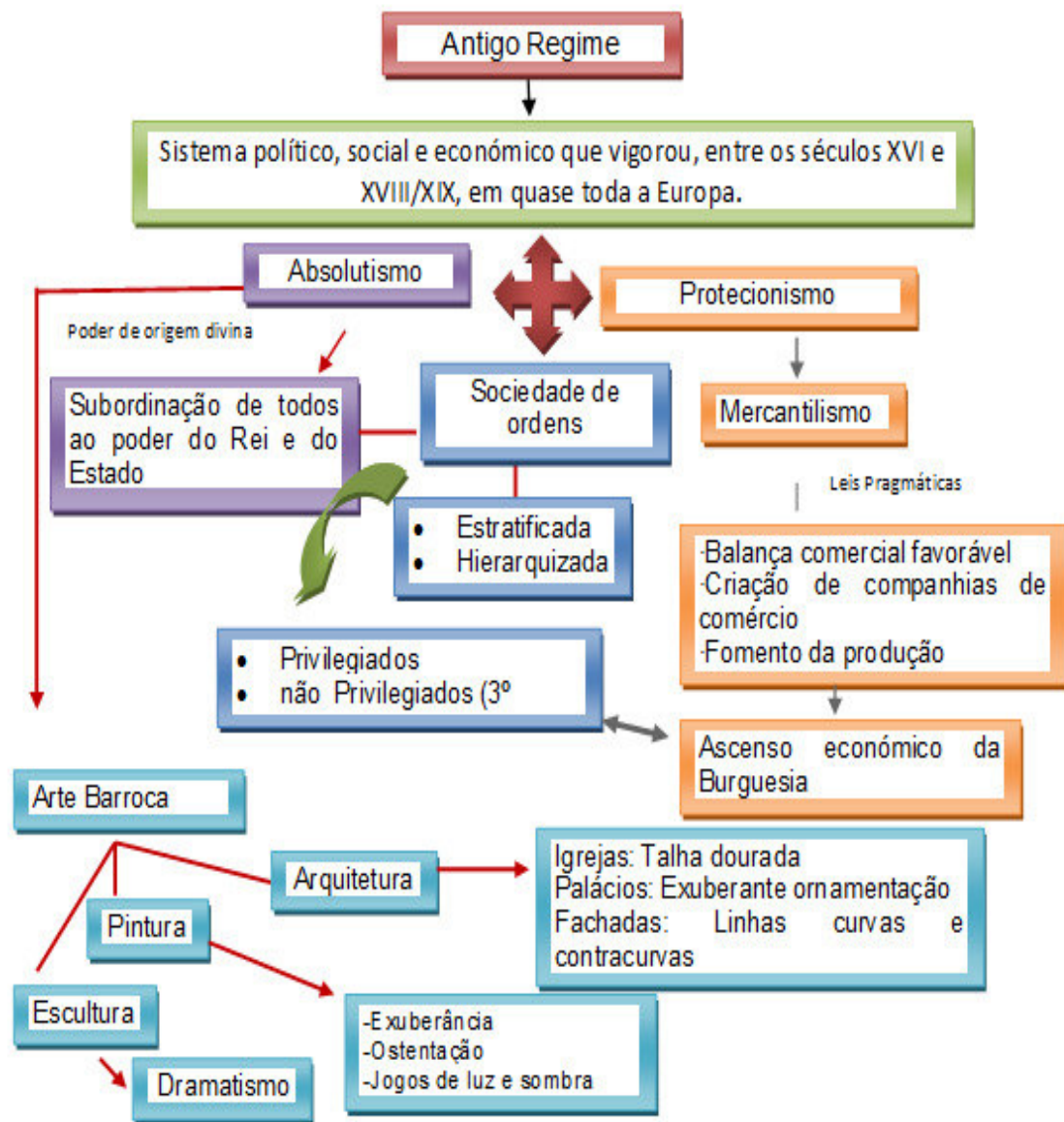
**Comunicação em História:**

- O aluno comunica as suas ideias em História, por escrito (em narrativas, relatórios de pesquisa, pequenos ensaios e respostas breves) e oralmente (em debates e diálogos de grande e pequeno grupo). **(Meta Final 12)**.

**Interpretação de fontes:**

-O aluno Interpretar fontes diversificadas para, com base nelas e em conhecimentos prévios, inferir leituras historicamente válidas e abrangentes sobre o passado. **(Meta final 6)**.

**Esquema conceptual para a unidade letiva**



**Informação nova / conteúdos**

<p><b>Ideias prévias dos alunos</b> (avaliação diagnóstica)</p>	<p>Aferir conhecimentos do 2º Ciclo, através da exploração de nuvem de palavras, imagens e vídeos.</p>
<p><b>Conceitos novos</b></p>	<p>Antigo Regime, Sociedade de Ordens, Absolutismo, Manufatura, Economia mercantilista, Protecionismo, Balança comercial, Crise comercial, Leis pragmáticas, Barroco, Ostentação da imagem, Ornamentação, Talha dourada.</p>

## ***Capacidades a desenvolver***

### **TRATAMENTO DE INFORMAÇÃO /UTILIZAÇÃO DE FONTES**

- ✓ Utilizar a metodologia específica da História.
- ✓ Inferir conceitos históricos a partir da interpretação e análise cruzada de fontes, com linguagens e mensagens variadas (textos, imagens, mapas e plantas, tabelas cronológicas, gráficos e quadros).

### **COMPREENSÃO HISTÓRICA**

#### **Temporalidade**

- ✓ Identificar e caracterizar fases principais da evolução histórica e grandes momentos de rutura.
- ✓ Localizar no tempo eventos e processos.
- ✓ Distinguir ritmos de evolução em sociedades diferentes e no interior de uma mesma sociedade.
- ✓ Estabelecer relações entre passado e presente.
- ✓ Aplicar noções emergentes de multiplicidade temporal.

#### **Espacialidade**

- ✓ Localizar no espaço, com recursos a formas diversas de representação espacial, diferentes aspetos das sociedades em evolução e interação

### **COMUNICAÇÃO EM HISTÓRIA**

- ✓ Utilizar diferentes formas de comunicação escrita na produção de narrativas, sínteses e pequenos trabalhos temáticos, aplicando o vocabulário específico da História na descrição, no relacionamento e na explicação dos diferentes aspetos das sociedades da História Mundial.

## ***Experiências de aprendizagem a proporcionar aos alunos / métodos / estratégias***

- Visionamento de imagens e vídeos facultando aos alunos uma aprendizagem interativa com vista à reflexão sobre os conteúdos lecionados, através de questões orais que vão sendo colocadas pela docente.
- Leitura e análise de documentos que permitam aos alunos uma atitude reflexiva e crítica sobre o Antigo Regime.
- Realização de *Webquest* para averiguação dos conhecimentos adquiridos - atividade realizada na Biblioteca da Escola.
- Realização de fichas de trabalho acerca da temática lecionada.

### **Recursos / Fontes**

- Manual e Caderno de Atividades adotados (Cadernos de História 8, Areal Editores).
- TIC: PowerPoint, Prezi, Vídeos e *Webquest*.
- Fichas de trabalho.

### **Avaliação intercalar**

#### Avaliação informal:

- Participação dos discentes (opiniões e conclusões individuais) demonstrada durante a aula.
- Interesse demonstrado através de questões que exijam um raciocínio comparado de relação com temáticas lecionadas nas aulas anteriores sobre o Antigo Regime.
- Fichas de trabalho.

#### Avaliação formal:

- Realização de uma *Webquest*

### **Avaliação final**

- Ficha de avaliação elaborada e avaliada pela docente titular da disciplina Dra. Célia Santos.

### **Sequencia a dar à unidade letiva (diferenciação pedagógica)**

Dado as características da turma (conversadora) solicitar a participação dos alunos e controlar algumas participações menos convenientes de forma a todos serem motivados a participar e a adquirem aprendizagem.

### **Sumários**

#### **Lição nº 38 e 39**

A sociedade de ordens: privilegiados e não privilegiados.

#### **Lição nº 40 e 41**

O Poder Absoluto de Luís XIV e D. João V.

#### **Lição nº 42 e 43**

O mercantilismo na Europa e em Portugal.

#### **Lição nº 44 e 45**

A Arte e a Mentalidade barrocas:

- A Arquitetura barroca como reafirmação da imponência e autoridade do absolutismo.
- A pintura e a escultura barroca como reflexo dos ideais políticos, económicos, sociais e religiosos do séc. XVII.

## **PLANO DA SEGUNDA UNIDADE LETIVA**

<b>Disciplina História</b>	
<b>Unidade <u>G2</u> – <u>O triunfo das Revoluções Liberais</u></b>	
<b>N.º de blocos (45') previstos: 20</b>	
Ano 8º	Turma: II
Estagiários: Ana Paula Rocha	Professor(a) Cooperante <u>Dra. Célia Santos</u>

### ***Conceito-chave e situação-problema / desafio***

Fim do Antigo Regime e a ascensão do Liberalismo.

O contributo da Revolução Francesa para a alteração das mentalidades no resto do Mundo.

Quais os fatores que terão contribuído para eclodir a Revolução Liberal Portuguesa e quais as consequências desta Revolução?

Os impactos sociais, económicos, políticos e culturais das Revoluções liberais.

### ***Objetivos centrais da aula letiva/metás***

#### ➤ **Objetivos:**

- Localizar no tempo e no espaço as Revoluções Liberais.
- Explicar a importância das ideias Iluministas nas Revoluções Liberais.
- Compreender e explicar os fatores que contribuíram para o descontentamento social principalmente das classes populares.
- Enumerar e explicar os antecedentes económicos, políticos, sociais e culturais que contribuíram para as Revoluções Liberais.
- Compreender e explicar os motivos que levou ao fim da sociedade de ordens e do regime político da Monarquia Absoluta.
- Aprender e dominar os conceitos do vocabulário referente às Revoluções Liberais.
- Relacionar a História Mundial e Europeia com a História Nacional
- Enumerar e compreender os antecedentes das Revoluções Liberais.
- Relacionar as Revoluções Liberais na América e Europa com a Revolução Francesa.
- Relacionar a conjuntura política, económica e social resultante das invasões Francesas com a Revolução Liberal de 1820.
- Associar as Revoluções Liberais com a afirmação da Igualdade de Direitos.
- Avaliar e detetar possíveis dificuldades dos alunos com os conteúdos abordados.

➤ Metas:

**Compreensão temporal**

- O aluno utiliza unidades/convenções de datação para relacionar e problematizar a relevância de personalidades, acontecimentos, processos e interações em diversos tempos **(meta 1)**.
- Interpretar cronologias comparadas que sejam significativas para compreender a história da Humanidade, relacionando a história nacional com a história europeia e mundial **(Meta final 2)**.
- O aluno reconhece a complexidade das ideias de mudança e continuidade em História, integrando noções sobre diferentes ritmos de evolução (longa, média e curta duração; evolução e rutura) e múltiplas perspectivas sobre sentidos de mudança (progresso, declínio, ciclo) e permanência (estabilidade, inevitabilidade) **(meta 3)**.

✓ **Interpretação de fontes**

- O aluno interpreta fontes diversificadas para, com base nelas e em conhecimentos prévios, inferir leituras historicamente válidas e abrangentes sobre o passado **(meta final 6)**.

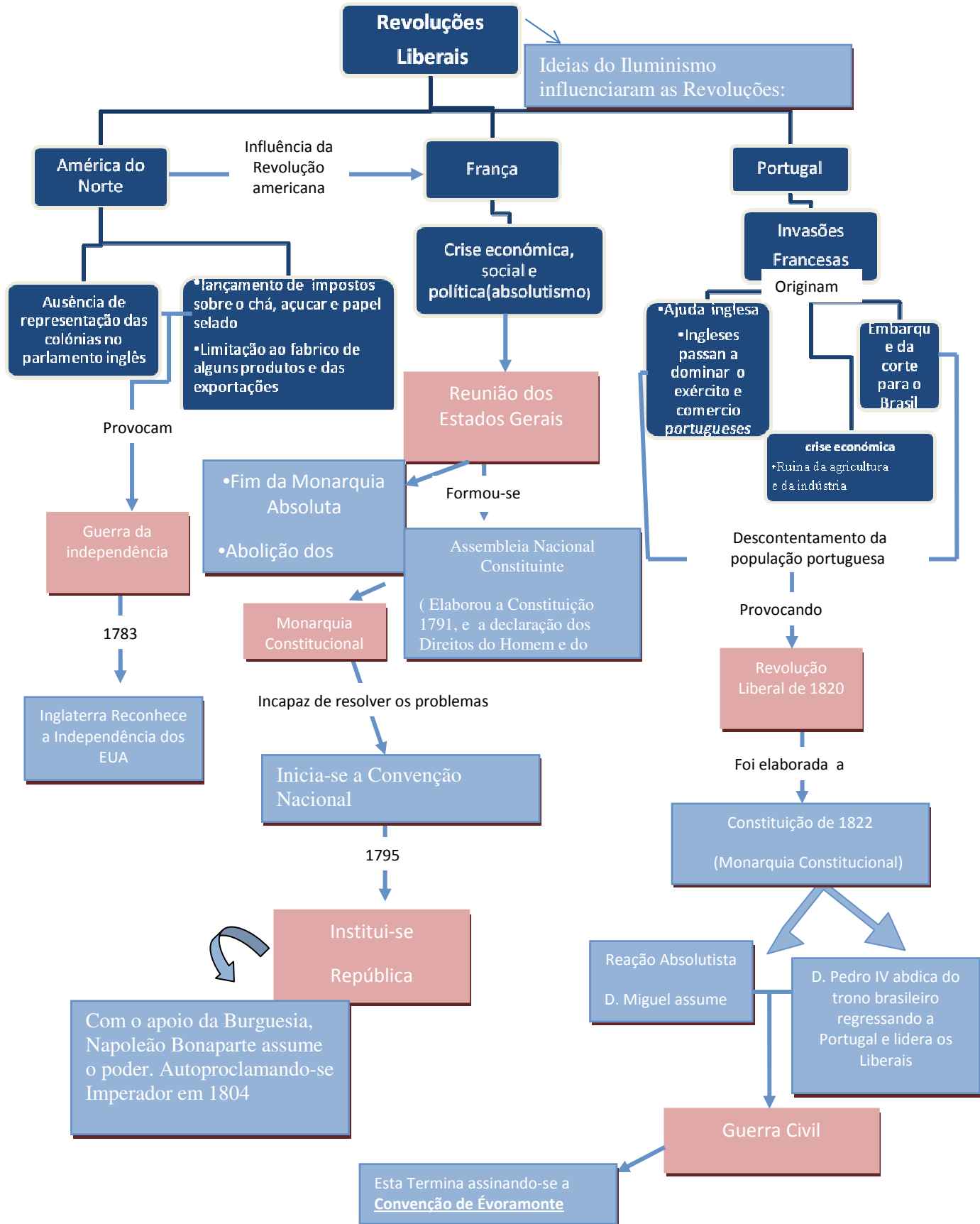
✓ **Compreensão Histórica Contextualizada**

- O aluno apresenta sínteses sobre acontecimentos, processos e períodos de diversas sociedades do passado, integrando várias causas (motivações de protagonistas individuais ou colectivos, condicionalismos materiais e humanos) e consequências, em diversas dimensões históricas, para relacionar a história nacional, europeia e mundial **(meta 7)**.
- O aluno aplica terminologia e conceitos substantivos (essenciais para a compreensão histórica), tornados significativos ao longo da abordagem das temáticas em estudo **(meta 8)**.
- O aluno reconhece a diversidade, quer de interesses, culturas e ideologias quer de experiências interculturais, e avalia motivações e razões dos intervenientes em situações históricas (pacíficas, de tensão ou conflituais) e respetivas consequências **(meta 9)**.
- O aluno apresenta breves sínteses diacrónicas sobre contributos significativos para a Humanidade, de vários indivíduos, grupos sociais, povos e civilizações **(meta 10)**.
- O aluno reconhece a utilidade social do saber historiográfico, pela capacidade que fornece de examinar a informação sobre o mundo de forma objetiva e multiperspetivada, e de pensar a vida e as identidades a uma escala temporal abrangente. **(Meta Final 11)**

✓ **Comunicação em História**

- O aluno comunica as suas ideias em História, por escrito (em narrativas, relatórios de pesquisa, pequenos ensaios e respostas breves) e oralmente (em debates e diálogos de grande e pequeno grupo) **(meta 12)**.

**Esquema conceptual para a unidade letiva**



### ***Informação nova / conteúdos***

<b>Ideias prévias dos alunos</b> (avaliação diagnóstica)	Aferir conhecimentos do 2º Ciclo, através da exploração de imagens, vídeos e música.
<b>Conceitos novos</b>	Constituição. Liberalismo. Estado federal. Sufrágio censitário e universal. Estados Gerais. Assembleia Nacional. Revolução Burguesa. Jacobinos. Sans-culottes. República. Bloqueio Continental. Monarquia Constitucional. Veto suspensivo. Carta Constitucional. Vintismo.

### ***Capacidades a desenvolver***

#### **TRATAMENTO DE INFORMAÇÃO/UTILIZAÇÃO DE FONTES:**

- ✓ Utilizar metodologia específica da História.
- ✓ Inferir conceitos históricos a partir da interpretação e análise cruzada de fontes, com linguagens e mensagens variadas (textos, imagens, gráficos e vídeos).
- ✓ Formular hipóteses de interpretação de factos históricos;
- ✓ Utilizar conceitos e generalizações na compreensão de situações históricas;
- ✓ Utilizar conceitos e generalizações na compreensão de situações históricas;
  
- **Contextualização:**
  - ✓ Distinguir, numa dada realidade, os aspetos de ordem demográfica, económica, social, política e cultural e estabelece conexões e inter-relações entre eles.
  - ✓ Interpretar o papel dos indivíduos e dos grupos na dinâmica social.
  
- **Temporalidade:**
  - ✓ Identificar e caracteriza fases principais da evolução histórica e grandes momentos de rutura.
  - ✓ Localizar no tempo eventos processos, distingue ritmos de evolução em sociedades diferentes e no interior de uma mesma sociedade, estabelecendo relações entre passado e presente e aplicando noções emergentes de multiplicidade temporal.
  
- **Espacialidade:**
  - ✓ Localizar no espaço, com recursos a formas diversas de representação espacial, diferentes aspetos das sociedades em evolução e interação (áreas de intervenção económica, espaço de dominação política e militar, espaço de expansão cultural e linguística, fluxos/circuitos comerciais).

### **COMUNICAÇÃO EM HISTÓRIA:**

- ✓ Utilizar de diferentes formas de comunicação escrita na produção de narrativas, síntese, relatórios e esquemas trabalhos temáticos, aplicando o vocabulário específico da História na descrição, no relacionamento e na explicação dos diferentes aspetos das sociedades da História Mundial (ficha de trabalho).

### ***Experiências de aprendizagem a proporcionar aos alunos / métodos / estratégias***

- ✓ Visionamento de imagens e vídeos, facultando aos alunos uma aprendizagem interativa com vista à reflexão sobre os conteúdos lecionados, através de questões orais que vão sendo colocadas pela docente.
- ✓ - Leitura e análise de documentos que permitam aos alunos uma atitude reflexiva e crítica sobre as Revoluções Liberais.
- ✓ - Realização de fichas de trabalho acerca da temática lecionada que podem ser para trabalhos de casa.
- ✓ **Jogo didático** – Apresentação em Power point - questões sobre a Revolução Francesa

**Método:** Ativo, interrogativo e expositivo.

### ***Recursos / Fontes***

- Manual e Caderno de Atividades adotados (Cadernos de História 8, Areal Editores)
- TIC: PowerPoint, Prezi, Vídeos e música.
- Fichas de trabalho.

### ***Avaliação intercalar***

- Participação das discentes (opiniões e conclusões individuais) demonstradas durante a aula.
- Interesse demonstrado através de questões que exijam um raciocínio comparado de relação com temáticas lecionadas nas aulas anteriores sobre as Revoluções Liberais.
- **Observação direta e indireta** – participação dos alunos ao longo da aula: análise e interpretação dos vídeos, imagens e no jogo didático.
- Leitura e análise de documentos que permitam aos alunos uma atitude reflexiva e crítica sobre as Revoluções Liberais.
- **Trabalho de casa** – Preenchimento de **ficha de trabalho** composta por duas partes. I – **Jogos didáticos**. II – Questões de desenvolvimento – questões orientadoras.

### ***Avaliação final***

Ficha de avaliação sobre a Unidade G2 – Triunfo das revoluções liberais – elaborada e avaliada pela professora cooperante – Dr<sup>a</sup> Célia Gomes.

### ***Sequencia a dar à unidade letiva (diferenciação pedagógica)***

Dado as características da turma (conversadora) solicitar a participação dos alunos e controlar algumas participações menos convenientes de forma a todos serem motivados a participar e a adquirem aprendizagem.

### ***Sumários***

A Revolução Francesa. Antecedentes da Revolução Francesa. Da Monarquia Absolutista à Monarquia Constitucional.

A posição e as consequências para Portugal quanto ao cumprimento do Bloqueio continental.

# ANEXOS 21 a 27 - 1ª AULA DE HISTÓRIA

**Anexo 21** – Plano da primeira aula: Sociedade do Antigo Regime

## ***PLANO DA PRIMEIRA AULA***

### **Disciplina História**

Unidade 6 - Portugal no contexto europeu dos séculos XVII e XVIII

N.º de blocos (45') previstos: 2

LIÇÕES N.º 38 e 39

Ano 8 Turma II

DATAS: 9 de Janeiro de 2012 de 2012

Estagiária Ana Paula Rocha

Professora Cooperante Célia Gomes

### ***Conceito-chave e situação-problema***

**Conceito-chave:** Sociedade de Ordens.

**Situação-problema:** "Sociedade de Ordens: uma sociedade de nascimentos, de regalias, de vestuário e de funções"

## **Objetivos centrais da aula letiva/metas**

### ➤ **Objetivos:**

- Localizar no tempo o Antigo Regime e a Sociedade de Ordens.
- Compreender e dominar os conceitos do vocabulário referente à Sociedade do Antigo Regime.
- Identificar e descrever os diferentes grupos sociais.
- Refletir sobre os aspetos sociais e culturais de épocas diferentes.
- Comparar a Sociedade do Antigo Regime com a Sociedade Atual.

### ➤ **Metas:**

#### ✓ **Compreensão temporal**

- 1 - O aluno utiliza unidades/convenções de datação para relacionar e problematizar a relevância de personalidades, acontecimentos, processos e interações em diversos tempos.
- 3 - O aluno reconhece a complexidade das ideias de mudança e continuidade em História, integrando noções sobre diferentes ritmos de evolução (longa, média e curta duração; evolução e rutura) e múltiplas perspectivas sobre sentidos de mudança (progresso, declínio, ciclo) e permanência (estabilidade, inevitabilidade).

#### ✓ **Compreensão Espacial em História**

- 5 - O aluno integra na sua ideia de história uma visão diacrónica e multiperspetivada da ocupação humana dos espaços (no sentido em que as visões e formas de representação dos espaços mudam ao longo dos tempos e segundo pontos de vista diversos).

#### ✓ **Interpretação de fontes**

- 6 - O aluno interpreta fontes diversificadas para, com base nelas e em conhecimentos prévios, inferir leituras historicamente válidas e abrangentes sobre o passado.

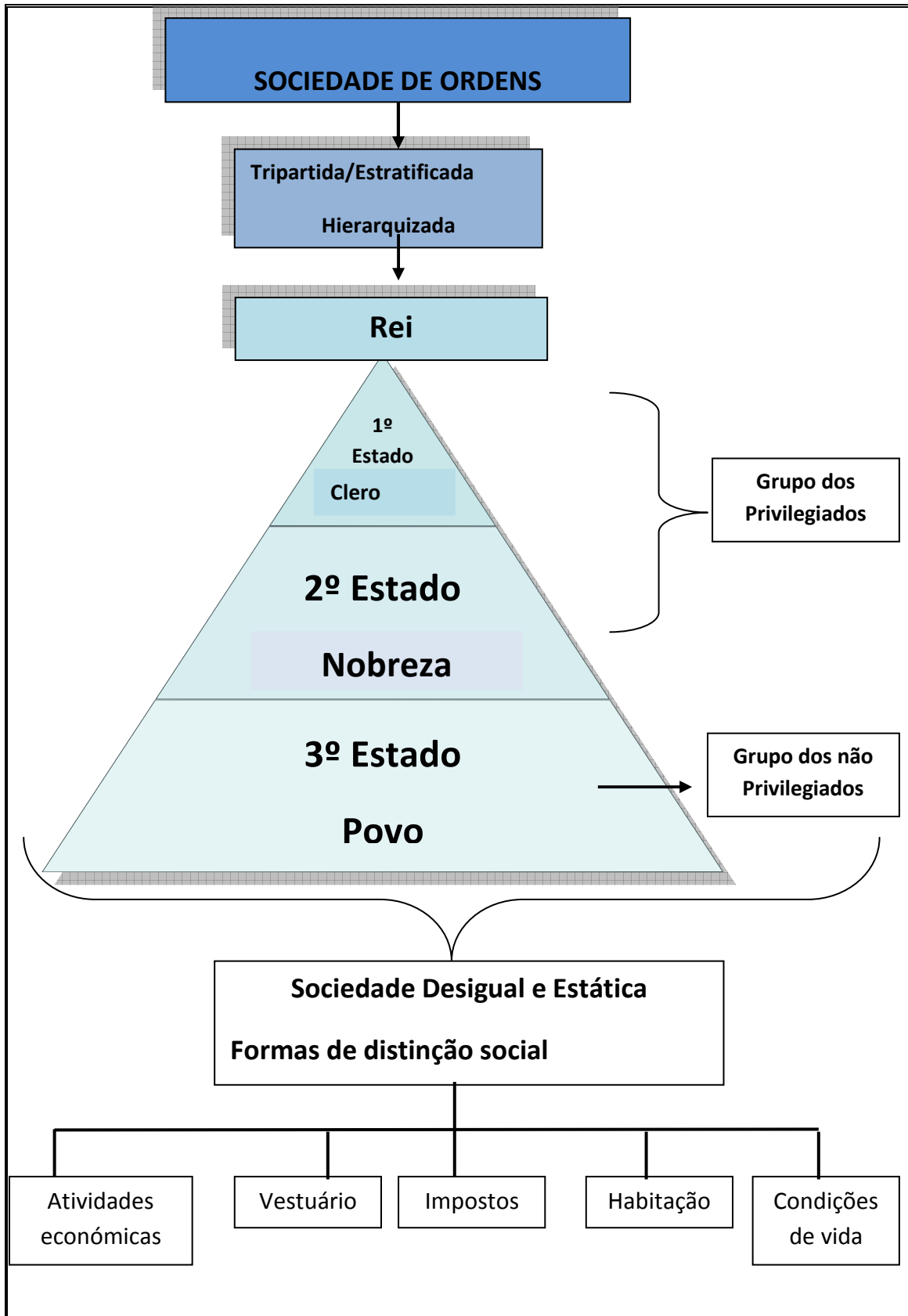
#### ✓ **Compreensão Histórica Contextualizada**

- 7 - O aluno apresenta sínteses sobre acontecimentos, processos e períodos de diversas sociedades do passado, integrando várias causas (motivações de protagonistas individuais ou coletivos, condicionalismos materiais e humanos) e consequências, em diversas dimensões históricas, para relacionar a história nacional, europeia e mundial.
- 8 - O aluno aplica terminologia e conceitos substantivos (essenciais para a compreensão histórica), tornados significativos ao longo da abordagem das temáticas em estudo.
- 9 - O aluno reconhece a diversidade, quer de interesses, culturas e ideologias quer de experiências interculturais, e avalia motivações e razões dos intervenientes em situações históricas (pacíficas, de tensão ou conflituais) e respetivas consequências.
- 10 - O aluno apresenta breves sínteses diacrónicas sobre contributos significativos para a Humanidade, de vários indivíduos, grupos sociais, povos e civilizações.
- 11 - O aluno reconhece a utilidade social do saber historiográfico, pela capacidade que fornece de examinar a informação sobre o mundo de forma objetiva e multiperspetivada, e de pensar a vida e as identidades a uma escala temporal abrangente.

#### ✓ **Comunicação em História**

- 10 - O aluno comunica as suas ideias em História, por escrito (em narrativas, relatórios de pesquisa, pequenos ensaios e respostas breves) e oralmente (em debates e diálogos de grande e pequeno grupo).

*Esquema conceptual para o plano de aula*



### ***Informação nova / conteúdos novos***

<b>Ideias prévias dos alunos</b> (avaliação diagnóstica)	Aferir conhecimentos adquiridos no 6º ano no tema C1 – O Império e a Monarquia Absoluta no Séc. XVIII.
<b>Conceitos novos</b>	Sociedade de Ordens e Estados.

### ***Capacidades a desenvolver***

- **Temporalidade:** Identifica e caracteriza fases principais da evolução histórica e grandes momentos de rutura.
  - ✓ Localiza no tempo eventos processos, distingue ritmos de evolução em sociedades diferentes e no interior de uma mesma sociedade, estabelecendo relações entre passado e presente e aplicando noções emergentes de multiplicidade temporal.
  
- **Contextualização:** Distingue, numa dada realidade, os aspetos de ordem demográfica, económica, social, política e cultural e estabelece conexões e inter-relações entre eles.
  - ✓ Interpreta o papel dos indivíduos e dos grupos na dinâmica social.
  - ✓ Relaciona a história nacional com a história europeia e mundial, abordando a especificidade do caso português.
  
- **Tratamento de Informação/Utilização de fontes:** Utilização da metodologia específica da histórica: participar na seleção de informação adequada aos temas em estudo; distinguir fontes de informação histórica diversas: fontes primárias e secundárias, historiográficas e não historiográficas (ficção, propaganda...).
  - ✓ Interpretar documentos com mensagens diversificadas; formular hipóteses de interpretação de factos históricos; utilizar conceitos e generalizações na compreensão de situações históricas; realizar trabalhos simples de pesquisa, individualmente ou em grupo.
  - ✓ Inferência de conceitos históricos a partir da interpretação e da análise cruzada de fontes com linguagens e mensagens variadas (textos, imagens, mapas e plantas, tabelas cronológicas, gráficos e quadros).
  
- **Comunicação em História:** Utilização de diferentes formas de comunicação escrita na produção de narrativas, síntese, relatórios e esquemas trabalhos temáticos, aplicando o vocabulário específico da História na descrição, no relacionamento e na explicação dos diferentes aspetos das sociedades da História Mundial.

### ***Experiências de aprendizagem a proporcionar aos alunos / métodos / estratégias***

- 1 - Apresentação em Power Point sobre a Sociedade de Ordens.
- 1.1 - Visualização pequenos extratos de filmes ("Perfume" e "Os três Mosqueteiros") que retratam a Sociedade do Antigo Regime (Povo, Nobreza, Clero).
- 1.2 - Observação, análise e interpretação de imagens que retratam as classes sociais.
  - ✓ Elaboração de pequenas sínteses orais.
  - ✓ Resposta às questões orientadoras.
  - ✓ Elaboração de pequeno texto reflexivo sobre a situação problema

**Método:** Ativo, interrogativo e expositivo

### ***Recursos / Fontes***

- Utilização das TIC - Videoprojector e computador.
- Motivação: Power point com imagens e música que retrata a Sociedade do Antigo Regime.
  - ✓ Pequenos extratos de filmes ("Perfume" e "Os três Mosqueteiros") que retratam a Sociedade do Antigo Regime (Povo, Nobreza, Clero).
- Apresentação em Power Point sobre a Sociedade de Ordens:
  - ✓ Imagens sobre as classes sociais (Povo, Nobreza, Clero).
- Manual – Pequenos extratos.

### ***Sequência a dar à aula (diferenciação pedagógica)***

#### **❖ Comportamentos verbais**

- **Interação cooperativa por solicitação da estagiária** - Interpelar todos os alunos para que todos participem na aula, com o objetivo de os motivar:
  - ✓ Questões diretas e orientadas.
    - ✓ Solicitação para que leiam os diapositivos.
    - ✓ Análise e exploração dos vídeos didáticos apresentados.
    - ✓ Análise e leitura de imagens.
    - ✓ Resposta às questões orientadoras.
- **Interação cooperativa espontânea para a aprendizagem e interação Pedagógico-didática** (como se trabalha o conhecimento).
  - ✓ Análise e exploração do vídeo da motivação e da situação problema.
  - ✓ Análise e exploração dos vídeos didáticos apresentados ao longo da aula.
    - ✓ Análise e leitura de imagens e questões orientadoras.

➤ **Interação Personalizada e espontânea (espaço à expressão de opinião pessoal)**

✓ Conhecimento prévio das características da turma – **fundamental dar atenção e valorizar a participação de alguns elementos da turma.**

1. Grupo de 4 alunos extremamente complicados e incertos – brincalhões e barulhentos.

2. Grupo de 3 alunos desmotivados e desinteressados pela disciplina.

3. Grupo de 4 alunos interessados, participativos, no entanto, muito barulhentos.

❖ **Comportamentos não-verbais**

➤ **Proxémica (linguagem da organização e gestão do espaço) e Cinésica/quinésica (linguagem do corpo)**

✓ Controlar eventuais comportamentos menos adequados, detetar e responder rapidamente às necessidades dos alunos, criar o sentimento de individualização e personalização com o objetivo de motivar, interessar os alunos pela aula...

✓ Boa gestão e organização do espaço e do tempo.

- Movimento correto dentro da sala de aula.
- Aproximação corporal, voz baixa, toque nos alunos (grupo 2 e 3).
- Distanciamento corporal, olhar frio e de reprovação, voz alta (grupo 1).

➤ **Exemplos que ocorreram na aula:**

✓ **Repreensão** - chamar a atenção dos alunos do grupo 1 (incidência especial para dois) pois estavam desatentos e a brincar. Questionei-os sobre a matéria que estava a ser abordada e projetada no momento. Os alunos não souberam responder e tiveram inicialmente uma atitude de "nem quero saber...". Perante esta situação a minha postura corporal, voz e olhar foi de reprovação e atribui um "castigo" (reforço negativo, sendo a psicologia) copiarem duas vezes em casa a matéria para a aula seguinte.

✓ **Recompensa ou elogio** ao longo da sessão foram feitos vários elogios aos alunos participativos: "Muito bem", "...É isso mesmo", "...Sim senhora está atento (a)"... A minha postura corporal foi de aproximação e voz baixa e meiga.

❖ **Clima de aula**

➤ **Individualização/ Personalização** – atenção especial e individualizada aos alunos mais problemáticos (grupo 1 e 2).

➤ **Inovação** – Vídeo de motivação, impostos, caricatura, imagens, palavras cruzadas.

- **Orientação** – os exercícios de leitura e interpretação das questões orientadoras e imagens são acompanhados de vídeos. Para desta forma o aluno ser bem-sucedido e criar um sentimento de satisfação e auto realização – motivação.
- **Satisfação** – ao longo da sessão colocar todos os alunos a participar corretamente na aula para motiva-los e interessa-los pelos conteúdos. As questões são selecionadas tendo em conta o aluno e as suas capacidades para desta forma ele consiga responder corretamente. Ou seja, o grau de dificuldade das perguntas é intencionalmente modificado tendo em conta as capacidades do aluno. O objetivo é a satisfação do aluno no final da aula e aumentar a sua motivação.

### ***Avaliação intercalar***

- Observação direta e indireta – participação dos alunos ao longo da aula.
- Exercício escrito/reflexivo sobre a situação problema (terminar em casa).
- Jogo didático – palavras cruzadas (trabalho de casa).

### ***Avaliação final***

Ficha de avaliação sobre a Unidade 6.

### ***Sumário***

A Sociedade de Ordens: privilegiados e não privilegiados.

**Anexo 22** – Avaliação e reajustamento do plano da primeira aula: Sociedade do Antigo Regime

## ***AVALIAÇÃO/REAJUSTAMENTO DO PLANO DA PRIMEIRA AULA***

### **Disciplina História**

Unidade 6 - Portugal no contexto europeu dos séculos XVII e XVIII

N.º de blocos (45') previstos: 2

LIÇÕES N.º 38 e 39    Ano 8 Turma II

DATAS: 9 de Janeiro de 2012

Estagiária Ana Paula Rocha

Professora Cooperante Célia Gomes

### ***Conceito-chave e situação-problema***

**Conceito-chave:** Sociedade de Ordens.

**Situação-problema:** "Sociedade de Ordens: uma sociedade de nascimentos, de regalias, de vestuário e de funções"

### ***Objetivos centrais da aula letiva/metás***

➤ **Objetivos:**

- Localizar no tempo o Antigo Regime e a Sociedade de Ordens.
- Compreender e dominar os conceitos do vocabulário referente à Sociedade do Antigo Regime.
- Identificar e descrever os diferentes grupos sociais.
- Refletir sobre os aspetos sociais e culturais de épocas diferentes.
- Comparar a Sociedade do Antigo Regime com a Sociedade Atual.

➤ **Metas:**

✓ **Compreensão temporal**

- 2 - O aluno utiliza unidades/convenções de datação para relacionar e problematizar a relevância de personalidades, acontecimentos, processos e interações em diversos tempos.
- 4 - O aluno reconhece a complexidade das ideias de mudança e continuidade em História, integrando noções sobre diferentes ritmos de evolução (longa, média e curta duração; evolução e rutura) e múltiplas perspetivas sobre sentidos de mudança (progresso, declínio, ciclo) e permanência (estabilidade, inevitabilidade).

✓ **Compreensão Espacial em História**

5 - O aluno integra na sua ideia de história uma visão diacrónica e multiperspetivada da ocupação humana dos espaços (no sentido em que as visões e formas de representação dos espaços mudam ao longo dos tempos e segundo pontos de vista diversos).

✓ **Interpretação de fontes**

6 - O aluno interpreta fontes diversificadas para, com base nelas e em conhecimentos prévios, inferir leituras historicamente válidas e abrangentes sobre o passado.

✓ **Compreensão Histórica Contextualizada**

8 - O aluno apresenta sínteses sobre acontecimentos, processos e períodos de diversas sociedades do passado, integrando várias causas (motivações de protagonistas individuais ou coletivos, condicionalismos materiais e humanos) e consequências, em diversas dimensões históricas, para relacionar a história nacional, europeia e mundial.

8 - O aluno aplica terminologia e conceitos substantivos (essenciais para a compreensão histórica), tornados significativos ao longo da abordagem das temáticas em estudo.

11 - O aluno reconhece a diversidade, quer de interesses, culturas e ideologias quer de experiências interculturais, e avalia motivações e razões dos intervenientes em situações históricas (pacíficas, de tensão ou conflituais) e respetivas consequências.

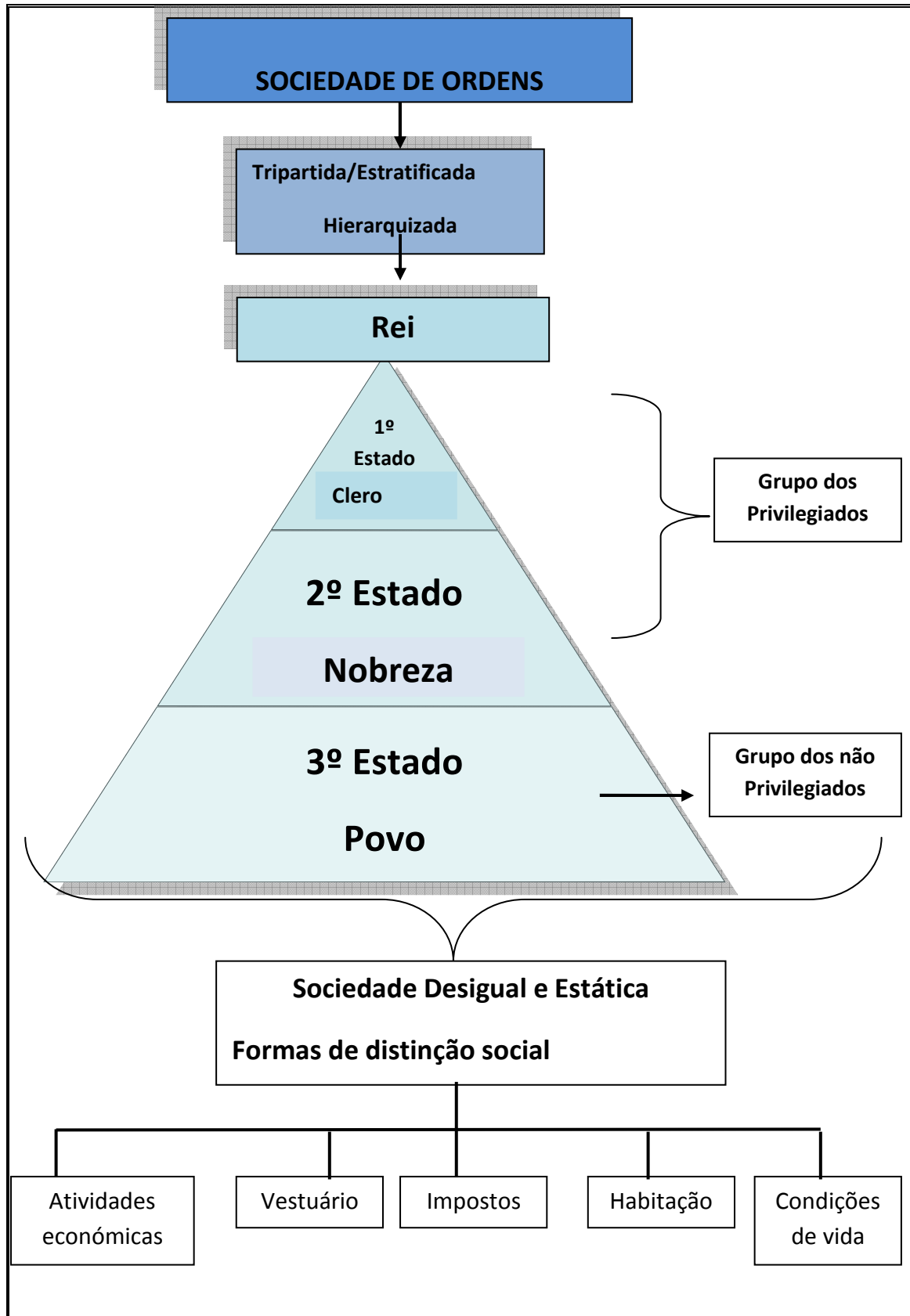
10 - O aluno apresenta breves sínteses diacrónicas sobre contributos significativos para a Humanidade, de vários indivíduos, grupos sociais, povos e civilizações.

11 - O aluno reconhece a utilidade social do saber historiográfico, pela capacidade que fornece de examinar a informação sobre o mundo de forma objetiva e multiperspetivada, e de pensar a vida e as identidades a uma escala temporal abrangente.

✓ **Comunicação em História**

12 - O aluno comunica as suas ideias em História, por escrito (em narrativas, relatórios de pesquisa, pequenos ensaios e respostas breves) e oralmente (em debates e diálogos de grande e pequeno grupo).

*Esquema conceptual para o plano de aula*



### ***Informação nova / conteúdos novos***

<b>Ideias prévias dos alunos</b> (avaliação diagnóstica)	Aferir conhecimentos adquiridos no 6º ano no tema C1 – O Império e a Monarquia Absoluta no Séc. XVIII.
<b>Conceitos novos</b>	Sociedade de Ordens e Estados.

### ***Capacidades a desenvolver***

- **Temporalidade:** Identifica e caracteriza fases principais da evolução histórica e grandes momentos de rutura.
  - ✓ Localiza no tempo eventos processos, distingue ritmos de evolução em sociedades diferentes e no interior de uma mesma sociedade, estabelecendo relações entre passado e presente e aplicando noções emergentes de multiplicidade temporal.
- **Contextualização:** Distingue, numa dada realidade, os aspetos de ordem demográfica, económica, social, política e cultural e estabelece conexões e inter-relações entre eles.
  - ✓ Interpreta o papel dos indivíduos e dos grupos na dinâmica social.
  - ✓ Relaciona a história nacional com a história europeia e mundial, abordando a especificidade do caso português.
- **Tratamento de Informação/Utilização de fontes:** Utilização da metodologia específica da histórica: participar na seleção de informação adequada aos temas em estudo; distinguir fontes de informação histórica diversas: fontes primárias e secundárias, historiográficas e não historiográficas (ficção, propaganda...).
  - ✓ Interpretar documentos com mensagens diversificadas; formular hipóteses de interpretação de factos históricos; utilizar conceitos e generalizações na compreensão de situações históricas; realizar trabalhos simples de pesquisa, individualmente ou em grupo.
  - ✓ Inferência de conceitos históricos a partir da interpretação e da análise cruzada de fontes com linguagens e mensagens variadas (textos, imagens, mapas e plantas, tabelas cronológicas, gráficos e quadros).
- **Comunicação em História:** Utilização de diferentes formas de comunicação escrita na produção de narrativas, síntese, relatórios e esquemas trabalhos temáticos, aplicando o vocabulário específico da História na descrição, no relacionamento e na explicação dos diferentes aspetos das sociedades da História Mundial.

### ***Experiências de aprendizagem a proporcionar aos alunos / métodos / estratégias***

- 1 - Apresentação em Power Point sobre a Sociedade de Ordens.
- 1.3 - Visualização pequenos extratos de filmes ("Perfume" e "Os três Mosqueteiros") que retratam a Sociedade do Antigo Regime (Povo, Nobreza, Clero).
- 1.4 - Observação, análise e interpretação de imagens que retratam as classes sociais.
  - ✓ Elaboração de pequenas sínteses orais..
  - ✓ Resposta às questões orientadoras.
  - ✓ Elaboração de pequeno texto reflexivo sobre a situação problema

**Método:** Ativo, interrogativo e expositivo

### ***Recursos / Fontes***

- Utilização das TIC - Videoprojector e computador.
- Motivação: Power point com imagens e música que retrata a Sociedade do Antigo Regime.
  - ✓ Pequenos extratos de filmes ("Perfume" e "Os três Mosqueteiros") que retratam a Sociedade do Antigo Regime (Povo, Nobreza, Clero).
- Apresentação em Power Point sobre a Sociedade de Ordens:
  - ✓ Imagens sobre as classes sociais (Povo, Nobreza, Clero).
- Manual – Pequenos extratos.

### ***Sequência a dar à aula (diferenciação pedagógica)***

- ❖ **Comportamentos verbais**
- **Interação cooperativa por solicitação da estagiária** - Interpelar todos os alunos para que todos participem na aula, com o objetivo de os motivar:
  - ✓ Questões diretas e orientadas.
    - ✓ Solicitação para que leiam os diapositivos.
    - ✓ Análise e exploração dos vídeos didáticos apresentados.
    - ✓ Análise e leitura de imagens.
    - ✓ Resposta às questões orientadoras.
- **Interação cooperativa espontânea para a aprendizagem e interação Pedagógico-didática** (como se trabalha o conhecimento).
  - ✓ Análise e exploração do vídeo da motivação e da situação problema.
  - ✓ Análise e exploração dos vídeos didáticos apresentados ao longo da aula.
    - ✓ Análise e leitura de imagens e questões orientadoras.

➤ **Interação Personalizada e espontânea (espaço à expressão de opinião pessoal)**

✓ Conhecimento prévio das características da turma – **fundamental dar atenção e valorizar a participação de alguns elementos da turma.**

4. Grupo de 4 alunos extremamente complicados e incertos – brincalhões e barulhentos.

5. Grupo de 3 alunos desmotivados e desinteressados pela disciplina.

6. Grupo de 4 alunos interessados, participativos, no entanto, muito barulhentos.

❖ **Comportamentos não-verbais**

➤ **Proxémica (linguagem da organização e gestão do espaço) e Cinésica/quinésica (linguagem do corpo)**

✓ Controlar eventuais comportamentos menos adequados, detetar e responder rapidamente às necessidades dos alunos, criar o sentimento de individualização e personalização com o objetivo de motivar, interessar os alunos pela aula...

✓ Boa gestão e organização do espaço e do tempo.

- Movimento correto dentro da sala de aula.
- Aproximação corporal, voz baixa, toque nos alunos (grupo 2 e 3).
- Distanciamento corporal, olhar frio e de reprovação, voz alta (grupo 1).

➤ **Exemplos que ocorreram na aula – formas da estagiária exercer o poder:**

✓ **Repreensão** - chamar a atenção dos alunos do grupo 1 (incidência especial para dois) pois estavam desatentos e a brincar. Questionei-os sobre a matéria que estava a ser abordada e projetada no momento. Os alunos não souberam responder e tiveram inicialmente uma atitude de "nem quero saber...". Perante esta situação a minha postura corporal, voz e olhar foi de reprovação e atribui um "castigo" (reforço negativo) copiarem duas vezes em casa a matéria para o caderno diário e mostrarem na aula seguinte. Perante esta atitude os alunos mudaram de comportamento e atitude pois começaram a participar na aula de forma correta. No fim da aula os alunos pediram desculpa pela atitude e agradeceram as palavras cruzadas.

✓ **Recompensa ou elogio** ao longo da aula foram feitos vários elogios aos alunos participativos: "Muito bem", "...É isso mesmo", "...Sim senhora estás atento (a)"... A minha postura corporal foi de aproximação e voz baixa e meiga.

✓ Permitir a leitura dos diapositivos como forma de recompensa.

✓ Ficha das palavras cruzadas (jogo didático entregue no final da aula como forma de recompensa).

#### ❖ **Clima de aula**

- **Individualização/ Personalização** – atenção especial e individualizada aos alunos mais problemáticos (grupo 1 e 2).
- **Inovação** – Vídeo de motivação, impostos, caricaturas, imagens, palavras cruzadas.
- **Orientação** – os exercícios de leitura e interpretação das questões orientadoras e imagens são acompanhados de vídeos. Para desta forma o aluno ser bem-sucedido e criar um sentimento de satisfação e auto realização – motivação.
- **Satisfação** – ao longo da sessão colocar todos os alunos a participar corretamente na aula para motiva-los e interessa-los pelos conteúdos. As questões são selecionadas tendo em conta o aluno e as suas capacidades para desta forma ele consiga responder corretamente. Ou seja, o grau de dificuldade das perguntas é intencionalmente modificado tendo em conta as capacidades do aluno. O objetivo é a satisfação do aluno no final da aula e aumentar a sua motivação.

#### ➤ **Conclusões sobre o clima de aula**

- ✓ **No final da aula o clima** que estava instalado na sala era de **coesão, satisfação, interesse e curiosidade**. Ou seja, ao longo da aula o papel da estagiária, as estratégias, as metodologias e os recursos modificaram comportamentos e atitudes dos alunos motivando-os e levando à participação ativa.

#### ❖ **Formas como o professor exerceu o seu poder (estratégias e metodologias)**

##### ✓ **Repreensão**

✓ Repreensão verbal, cinésica/quinésica adequada. Ou seja, posição corporal e tom de voz grave e frio, distante.

✓ **Recompensa ou elogio** ao longo da sessão foram feitos vários elogios aos alunos: "Muito bem", "...É isso mesmo", "...Sim senhora estás atento (a)"...

#### ***Avaliação intercalar***

- Observação direta e indireta – participação dos alunos ao longo da aula.
- Exercício escrito/reflexivo sobre a situação problema (terminar em casa).
- Jogo didático – palavras cruzadas (trabalho de casa).

#### ***Avaliação final***

Ficha de avaliação sobre a Unidade 6.

#### ***Sumário***

A Sociedade de Ordens: privilegiados e não privilegiados.

## **Recursos da 1ª Aula de História**

**Consultar CD, História, 1ª aula de História-** Apresentação em power point da primeira aula: A Sociedade de Ordens.

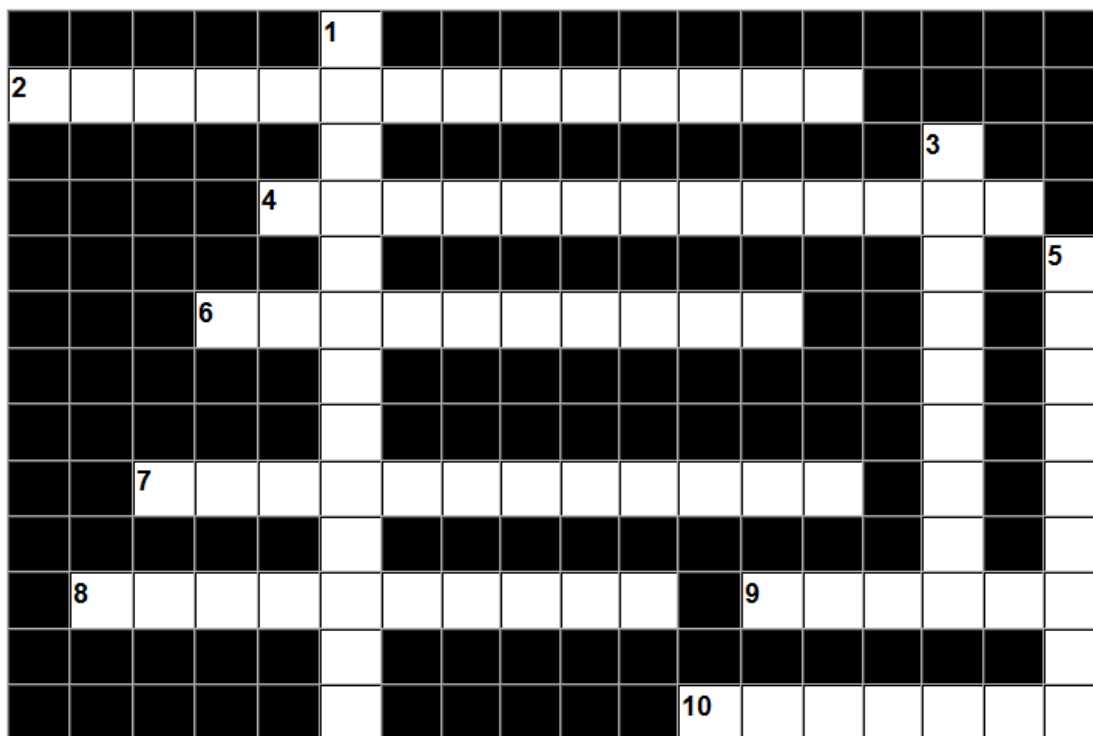
### **Consultar CD, História, 1ª aula de História – Vídeos.**

- 1º Vídeo - Motivação.
- 2º Vídeo - Duelo.
- 3º Vídeo - Povo.
- 4º Vídeo - Impostos.
- 5º Vídeo - Sociedade do Antigo Regime.

## Anexos 23 ao 27 - Instrumentos de avaliação da 1ª Aula de História

### Anexo 23 – Palavras cruzadas – Primeira aula.

#### A Sociedade do Antigo Regime



#### Across:

- 2** Base da pirâmide social.  
**4** Grupos sociais que tinham mais benefícios.  
**6** Deveres das classes sociais.  
**7** Nome atribuído à sociedade dos finais da Idade Moderna.  
**8** Outra designação da Sociedade Ordens.  
**9** Nome dos grupos sociais do Antigo Regime.  
**10** Grupo social relacionado com a administração e comandos militares.

#### Down:

- 1** Organização social.  
**3** Conjunto de todos os indivíduos.  
**5** Grupo social ligado ao comércio e serviços.

### Anexo 24 - Situação problema – Primeira aula.

“SOCIEDADE DE ORDENS: UMA SOCIEDADE DE NASCIMENTO, DE REGALIAS, DE VESTUÁRIO E DE FUNÇÕES”

## Anexo 25 – Questões da webquest – Primeira Aula.

# O ANTIGO REGIME

### Navegação


- Webquest - O Antigo Regime
  - Introdução
  - Tarefas
  - Processos
    - Secção 1** →
  - Avaliação
  - Conclusão

### Proprietários do Site

- Marlene Ricardo
- Ana Paula Rodrigues Rocha
- João Lopes

### Processos >

## Secção 1



\*Obrigatório

Nome e número: \*

Nome e número: \*

Nome e número:

Turma: \*

**Partindo da análise deste texto, responde às questões sobre a sociedade que caracteriza o Antigo Regime.**

"Não podemos viver todos na mesma condição. É necessário que uns comandem e os outros obedecam. Os que comandam têm várias categorias ou graus: os soberanos mandam em todos os do seu reino, transmitindo o seu comando aos grandes, os grandes aos pequenos e estes ao povo. É o povo, que obedece a todos eles, está, por sua vez, dividido em várias categorias. No conjunto da sociedade, uns dedicam-se especialmente a serviço de Deus, outros a defender o Estado pelas armas, outros a alimentá-lo e mantê-lo pelo exercício da paz."

Charles Loyseau, Tratado das Ordens e das Dignidades, 1610-13

Explica o que significa uma sociedade hierarquizada. \*

Refere quais os grupos sociais não privilegiados. \*

Carrega na seta desce e escolhe uma opção.

Povo, Nobreza de Sangue e Nobreza de Toga. ▾

Refere quais os grupos sociais que pertencem ao 3º Estado. Explica por palavras tuas porque eram considerados não privilegiados. \*

Quais das seguintes opções são privilégios da Nobreza e do Clero? Escolhe a correta. \*

Direito de voto e porte de armas.

Altos cargos administrativos, militares e religiosos, não tinham isenção de impostos.

Cobravam impostos aos camponeses que trabalhavam nas suas terras e tinham estatuto jurídico próprio.

Trabalhavam de sol a sol.

Diz quais os dois tipos de Nobreza. \*

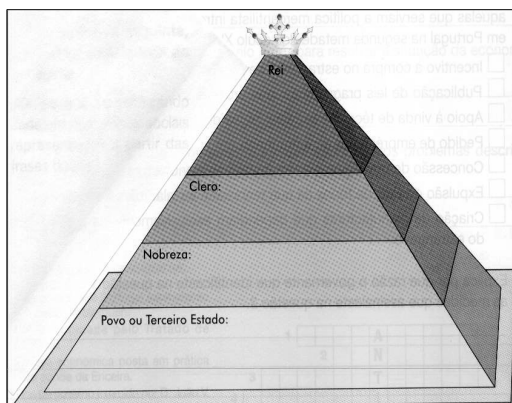
## Anexo 26 – Certificados: marcadores de livros – Primeira aula.

<p><i>Escola Secundária António Sérgio Estágio de História</i></p>  <p>Certifica-se que o aluno (a) _____ participou na resolução da Webquest de História tendo obtido a classificação de _____</p>	<p><i>Escola Secundária António Sérgio Estágio de História</i></p>  <p>Certifica-se que o aluno (a) _____ participou na resolução da Webquest de História tendo obtido a classificação de _____</p>	<p><i>Escola Secundária António Sérgio Estágio de História</i></p>  <p>Certifica-se que o aluno (a) _____ participou na resolução da Webquest de História tendo obtido a classificação de _____</p>	<p><i>Escola Secundária António Sérgio Estágio de História</i></p>  <p>Certifica-se que o aluno (a) _____ participou na resolução da Webquest de História tendo obtido a classificação de _____</p>
--	--	---	--

<p><i>Escola Secundária António Sérgio Estágio de História</i></p>  <p>Certifica-se que o aluno (a) _____ participou na resolução da Webquest de História tendo obtido a classificação de _____</p>	<p><i>Escola Secundária António Sérgio Estágio de História</i></p>  <p>Certifica-se que o aluno (a) _____ participou na resolução da Webquest de História tendo obtido a classificação de _____</p>
---	---

## Anexo 27 – Questão da ficha de avaliação da primeira aula de História (Sociedade do Antigo Regime).

3. Observa a pirâmide do Antigo Regime. De seguida preenche-a com as frases dadas. (11%).



- Detinha o poder executivo, legislativo e judicial.
- Vivia em condições miseráveis e não possuía qualquer privilégio.
- Era responsável pelo ensino.
- Dedicava-se à vida religiosa.
- Dedicava-se especialmente à guerra.
- Não pagava impostos.
- Trabalhava para sustentar toda a população.
- Os mais ricos dedicavam-se essencialmente ao comércio.
- Governava sem consultar Cortes.
- Alguns exerciam altos cargos na corte, no exército e na administração ultramarina.
- O seu poder era-lhe concedido por Deus.

# ANEXOS 28 ao 31 - 2ª AULA DE HISTÓRIA

**Anexo 28** – Plano da segunda aula: Antecedentes da Revolução Francesa

## ***PLANO DA SEGUNDA AULA***

Disciplina <u>História</u>	
Unidade <u>G2</u> – <u>O triunfo das Revoluções Liberais</u>	
N.º de blocos (45') previstos: <u>2</u>	
<u>LIÇÕES N.º 66 e 67</u>	<u>ANOS</u> : <u>8º</u>
<u>Ano 8º Turma B</u>	<u>DATAS</u> : <u>16 de Março de 2012</u>
<u>Estagiária Ana Paula Rocha</u>	<u>Professor(a) Cooperante Célia Gomes</u>

### ***Conceito-chave e situação-problema***

**Conceito-chave:** Revolução Francesa.

**Situação-problema:** "Revolução Francesa, uma Revolução burguesa, camponesa e do operário urbano".

### ***Objetivos centrais da aula letiva/metás***

➤ **Objetivos:**

- Localizar no tempo a Revolução Francesa.
- Compreender e explicar os fatores que contribuíram para o descontentamento social em França principalmente das classes populares.
- Enumerar e compreender os antecedentes da Revolução francesa.
- Explicar a tomada da Bastilha e a sua simbologia.
- Perceber o papel e importância da burguesia, dos camponeses e do operário urbano na Revolução Francesa.
- Relacionar as cores da bandeira Francesa com a divisão do poder político.
- Relacionar as Revoluções Liberais na América e Europa com a Revolução Francesa.
- Avaliar e detetar possíveis dificuldades dos alunos com os conteúdos abordados – Finalizar com jogo didático (Power point com questões sobre os conteúdos abordados na aula)

➤ **Metas:**

✓ **Compreensão temporal**

- O aluno utiliza unidades/convenções de datação para relacionar e problematizar a relevância de personalidades, acontecimentos, processos e interações em diversos tempos (**meta 1**).

- O aluno reconhece a complexidade das ideias de mudança e continuidade em História, integrando noções sobre diferentes ritmos de evolução (longa, média e curta duração; evolução e rutura) e múltiplas perspetivas sobre sentidos de mudança (progresso, declínio, ciclo) e permanência (estabilidade, inevitabilidade) **(meta 3)**.

✓ **Interpretação de fontes**

- O aluno interpreta fontes diversificadas para, com base nelas e em conhecimentos prévios, inferir leituras historicamente válidas e abrangentes sobre o passado **(meta final 6)**.

✓ **Compreensão Histórica Contextualizada**

- O aluno apresenta sínteses sobre acontecimentos, processos e períodos de diversas sociedades do passado, integrando várias causas (motivações de protagonistas individuais ou colectivos, condicionalismos materiais e humanos) e consequências, em diversas dimensões históricas, para relacionar a história nacional, europeia e mundial **(meta 7)**.

- O aluno aplica terminologia e conceitos substantivos (essenciais para a compreensão histórica), tornados significativos ao longo da abordagem das temáticas em estudo **(meta 8)**.

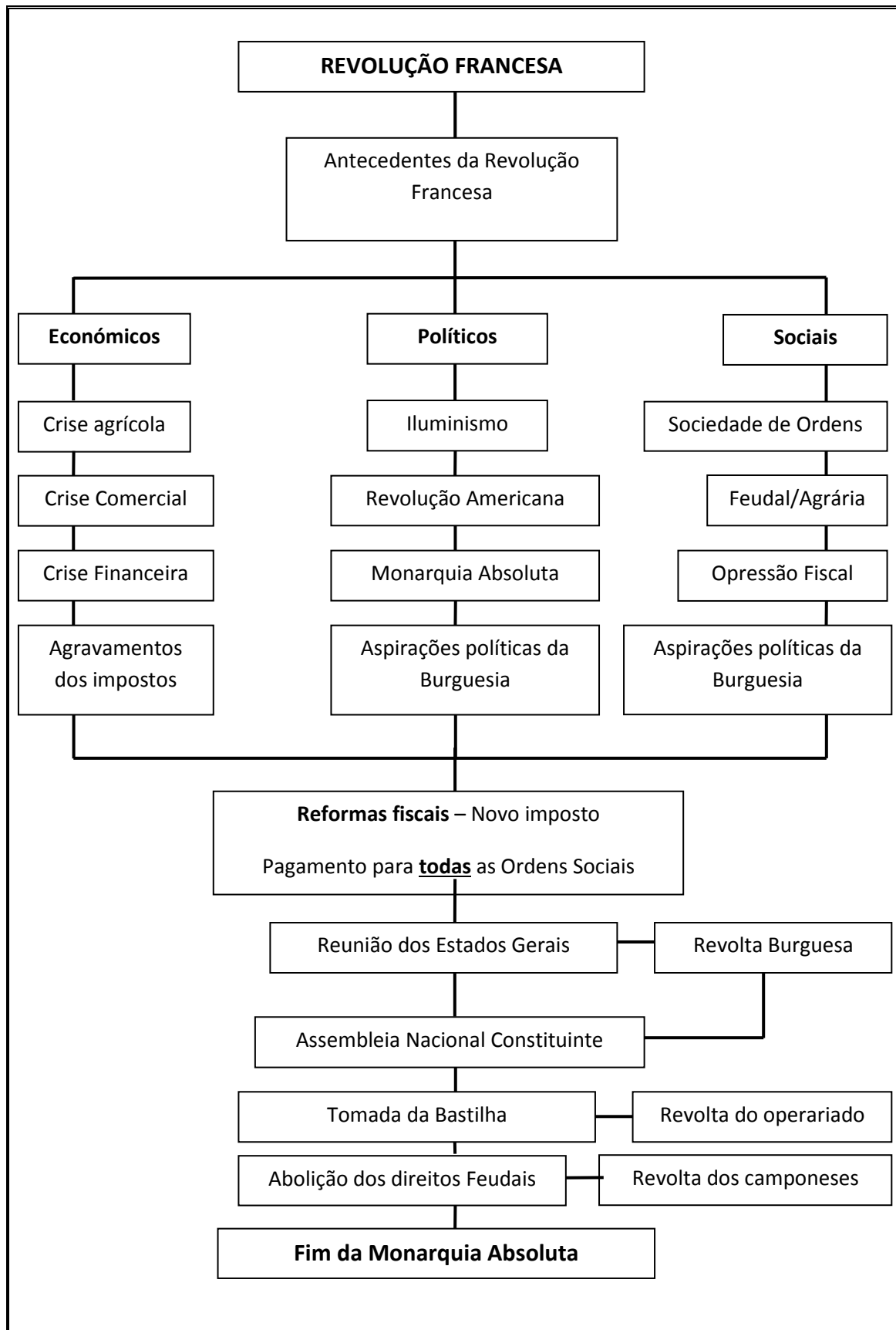
- O aluno reconhece a diversidade, quer de interesses, culturas e ideologias quer de experiências interculturais, e avalia motivações e razões dos intervenientes em situações históricas (pacíficas, de tensão ou conflituais) e respetivas consequências **(meta 9)**.

- O aluno apresenta breves sínteses diacrónicas sobre contributos significativos para a Humanidade, de vários indivíduos, grupos sociais, povos e civilizações **(meta 10)**.

✓ **Comunicação em História**

- O aluno comunica as suas ideias em História, por escrito (em narrativas, relatórios de pesquisa, pequenos ensaios e respostas breves) e oralmente (em debates e diálogos de grande e pequeno grupo) **(meta 12)**.

**Esquema conceptual para o plano de aula**



### ***Informação nova / conteúdos novos***

<b>Ideias prévias dos alunos</b> (avaliação diagnóstica)	Conferir as aprendizagens adquiridas dos alunos nas aulas (revolução Americana – aula dada pela professora cooperante) e unidade anteriores (Portugal no contexto europeu dos séculos XVII e XVIII – mais especificamente às aulas onde foram abordadas as temáticas: Sociedade de ordens, poder absoluto, mercantilismo e arte barroca – aulas dadas pelo grupo de professores estagiários). Aferir conhecimentos do 2º Ciclo, através da exploração de imagens e vídeos.
<b>Conceitos novos</b>	Estados Gerais. Assembleia Nacional. Revolução Burguesa.

### ***Capacidades a desenvolver***

<ul style="list-style-type: none"><li>• <b><u>Tratamento de Informação/Utilização de fontes:</u></b><ul style="list-style-type: none"><li>✓ Utilizar metodologia específica da História.</li><li>✓ Inferir conceitos históricos a partir da interpretação e análise cruzada de fontes, com linguagens e mensagens variadas (textos, imagens, gráficos e vídeos).</li><li>✓ Formular hipóteses de interpretação de factos históricos;</li><li>✓ Utilizar conceitos e generalizações na compreensão de situações históricas;</li><li>✓ Utilizar conceitos e generalizações na compreensão de situações históricas;</li></ul></li><li>• <b>Contextualização:</b><ul style="list-style-type: none"><li>✓ Distinguir, numa dada realidade, os aspetos de ordem demográfica, económica, social, política e cultural e estabelece conexões e inter-relações entre eles.</li><li>✓ Interpretar o papel dos indivíduos e dos grupos na dinâmica social.</li></ul></li><li>• <b><u>Temporalidade:</u></b><ul style="list-style-type: none"><li>✓ Identificar e caracteriza fases principais da evolução histórica e grandes momentos de rutura.</li><li>✓ Localizar no tempo eventos processos, distingue ritmos de evolução em sociedades diferentes e no interior de uma mesma sociedade, estabelecendo relações entre passado e presente e aplicando noções emergentes de multiplicidade temporal.</li></ul></li><li>• <b>Espacialidade:</b><ul style="list-style-type: none"><li>✓ Localizar no espaço, com recursos a formas diversas de representação espacial, diferentes aspetos das sociedades em evolução e interação (áreas de intervenção económica, espaço de dominação política e militar, espaço de expansão cultural e linguística, fluxos/circuitos comerciais).</li></ul></li></ul>
---

- **Comunicação em História:**

- ✓ Utilizar de diferentes formas de comunicação escrita na produção de narrativas, síntese, relatórios e esquemas trabalhos temáticos, aplicando o vocabulário específico da História na descrição, no relacionamento e na explicação dos diferentes aspetos das sociedades da História Mundial (ficha de trabalho).

***Experiências de aprendizagem a proporcionar aos alunos / métodos / estratégias***

1 - Apresentação em Power Point sobre a revolução Francesa.

1.5 - Visualização pequenos vídeos que tiveram como base uma série de documentários do canal História e música (The French Revolution (Bad Romance\_ by Lady Gaga).

1.6 - Observação, análise e interpretação de imagens e gráficos que retratam os acontecimentos marcantes da revolução Francesa.

- ✓ **Jogo didático** – Apresentação em Power point - questões sobre a Revolução Francesa
- ✓ **Trabalho de casa** – Preenchimento de ficha de trabalho composta por duas partes. I – Jogos didáticos. II – Questões de desenvolvimento – questões orientadoras

**Método:** Ativo, interrogativo e expositivo.

***Recursos / Fontes***

- Utilização das TIC - Videoprojector e computador.
- **Motivação:**
  - ✓ Música The French Revolution (\_Bad Romance\_ by Lady Gaga);
  - ✓ Imagem/quadro – A liberdade guiando o Povo;
  - ✓ Pequeno vídeo com resumo da Revolução Francesa
- Apresentação em Power Point sobre a Revolução Francesa
  - ✓ ).Esquema com tópicos sobre a Revolução Francesa juntamente com imagens, gráficos e vídeos
- Manual – Pequenos extratos da página 35 (Estados Gerais), página 37 (Revolução Burguesa) ao longo da aula. Iniciar o jogo didático com o texto da página 36 (Sabias que...?).
- **Jogo didático** – apresentação em power point – questões sobre a Revolução Francesa
- **Trabalho de casa** – Preenchimento de **ficha de trabalho** composta por duas partes. I – **Jogos didáticos.** II – Questões de desenvolvimento – questões orientadoras.

## ***Sequência a dar à aula (diferenciação pedagógica)***

### **❖ Comportamentos verbais**

➤ **Interação cooperativa por solicitação da estagiária** - Interpelar todos os alunos para que todos participem na aula, com o objetivo de os motivar:

- ✓ Questões diretas e orientadas.
  - ✓ Solicitação para que leiam os diapositivos.
  - ✓ Análise e exploração dos vídeos didáticos apresentados.
  - ✓ Análise e leitura de imagens.
  - ✓ Resposta às questões orientadoras.

➤ **Interação cooperativa espontânea para a aprendizagem e interação Pedagógico-didática** (como se trabalha o conhecimento).

- ✓ Análise e exploração dos vídeos (música e resumo) da motivação e da imagem/quadro.
- ✓ Análise e exploração dos vídeos didáticos apresentados ao longo da aula.
- ✓ Análise e leitura de imagens, gráficos e questões orientadoras.

➤ **Interação Personalizada e espontânea (espaço à expressão de opinião pessoal)**

✓ Conhecimento prévio das características da turma – **fundamental dar atenção e valorizar a participação de alguns elementos da turma.**

7. Grupo de 4 alunos extremamente complicados e incertos – brincalhões e barulhentos.

8. Grupo de 3 alunos desmotivados e desinteressados pela disciplina.

9. Grupo de 4 alunos interessados, participativos, no entanto, muito barulhentos.

### **❖ Comportamentos não-verbais**

➤ **Proxémica (linguagem da organização e gestão do espaço) e Cinésica/quinésica (linguagem do corpo)**

✓ Controlar eventuais comportamentos menos adequados, detetar e responder rapidamente às necessidades dos alunos

✓ Criar o sentimento de individualização e personalização com o objetivo de motivar, interessar os alunos pela aula...

✓ Boa gestão e organização do espaço e do tempo.

- Movimentos corretos dentro da sala de aula.
- Aproximação corporal, voz baixa, toque nos alunos (grupo 2 e 3).
- Distanciamento corporal, olhar frio e de reprovação, voz alta (grupo 1).

### ***Avaliação intercalar***

- Observação direta e indireta – participação dos alunos ao longo da aula: análise e interpretação dos vídeos e no jogo didático.
- **Trabalho de casa** – Preenchimento de **ficha de trabalho** composta por duas partes. I – **Jogos didáticos.** II – Questões de desenvolvimento – questões orientadoras.

### ***Avaliação final***

Ficha de avaliação sobre a Unidade G2 – Triunfo das revoluções liberais – elaborada e avaliada pela professora cooperante – Dr<sup>a</sup> Célia Gomes.

### ***Sumário***

A Revolução Francesa. Antecedentes da Revolução Francesa. Da Monarquia Absolutista à Monarquia Constitucional.

**Anexo 29** – Avaliação e reajustamento do plano da segunda aula: Sociedade do Antigo Regime

## ***AVALIAÇÃO/REAJUSTAMENTO DO PLANO DA SEGUNDA AULA***

Disciplina <u>História</u>	
Unidade <u>G2 – O triunfo das Revoluções Liberais</u>	
N.º de blocos (45') previstos: <u>2</u>	
<u>LIÇÕES N.º 66 e 67</u>	Ano 8º Turma <u>B</u>
<u>DATAS: 16 de Março de 2012</u>	
Estagiária <u>Ana Paula Rocha</u>	Professor(a) Cooperante <u>Célia Gomes</u>

### ***Conceito-chave e situação-problema***

**Conceito-chave:** Revolução Francesa.

**Situação-problema:** “Revolução Francesa, uma Revolução burguesa, camponesa e do operário urbano”.

### ***Objetivos centrais da aula letiva/metás***

➤ **Objetivos:**

- Localizar no tempo a Revolução Francesa.
- Compreender e explicar os fatores que contribuíram para o descontentamento social em França principalmente das classes populares.
- Enumerar e compreender os antecedentes da Revolução francesa.
- Explicar a tomada da Bastilha e a sua simbologia.
- Perceber o papel e importância da burguesia, dos camponeses e do operário urbano na Revolução Francesa.
- Relacionar as cores da bandeira Francesa com a divisão do poder político.
- Relacionar as Revoluções Liberais na América e Europa com a Revolução Francesa.
- Avaliar e detetar possíveis dificuldades dos alunos com os conteúdos abordados – Finalizar com jogo didático (Power point com questões sobre os conteúdos abordados na aula).

➤ **Metas:**

✓ **Compreensão temporal**

- O aluno utiliza unidades/convenções de datação para relacionar e problematizar a relevância de personalidades, acontecimentos, processos e interações em diversos tempos **(meta 1)**.

- O aluno reconhece a complexidade das ideias de mudança e continuidade em História, integrando noções sobre diferentes ritmos de evolução (longa, média e curta duração; evolução e rutura) e múltiplas perspectivas sobre sentidos de mudança (progresso, declínio, ciclo) e permanência (estabilidade, inevitabilidade) **(meta 3)**.

✓ **Interpretação de fontes**

- O aluno interpreta fontes diversificadas para, com base nelas e em conhecimentos prévios, inferir leituras historicamente válidas e abrangentes sobre o passado **(meta final 6)**.

✓ **Compreensão Histórica Contextualizada**

- O aluno apresenta sínteses sobre acontecimentos, processos e períodos de diversas sociedades do passado, integrando várias causas (motivações de protagonistas individuais ou colectivos, condicionalismos materiais e humanos) e consequências, em diversas dimensões históricas, para relacionar a história nacional, europeia e mundial **(meta 7)**.

- O aluno aplica terminologia e conceitos substantivos (essenciais para a compreensão histórica), tornados significativos ao longo da abordagem das temáticas em estudo **(meta 8)**.

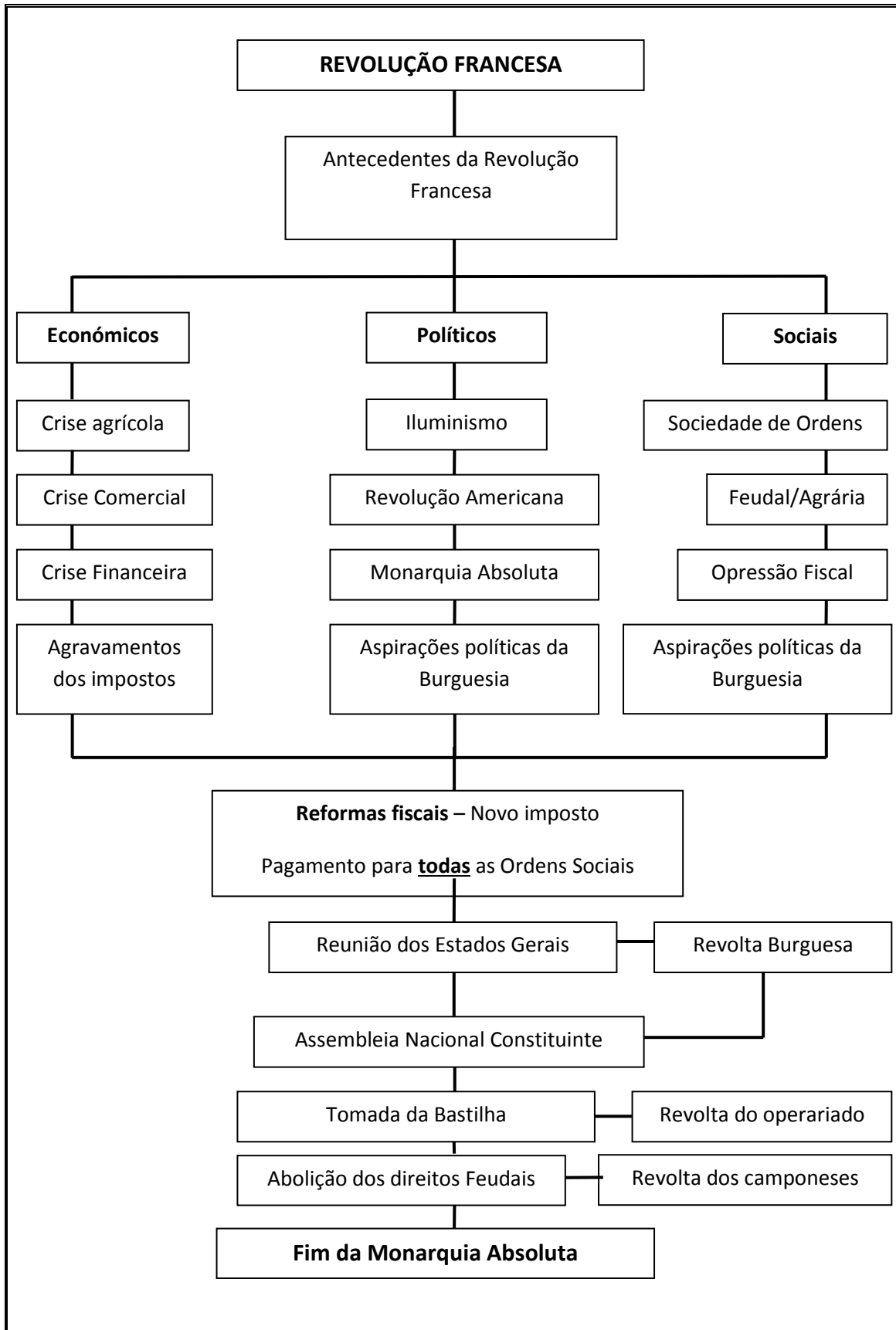
- O aluno reconhece a diversidade, quer de interesses, culturas e ideologias quer de experiências interculturais, e avalia motivações e razões dos intervenientes em situações históricas (pacíficas, de tensão ou conflituais) e respetivas consequências **(meta 9)**.

- O aluno apresenta breves sínteses diacrónicas sobre contributos significativos para a Humanidade, de vários indivíduos, grupos sociais, povos e civilizações **(meta 10)**.

✓ **Comunicação em História**

- O aluno comunica as suas ideias em História, por escrito (em narrativas, relatórios de pesquisa, pequenos ensaios e respostas breves) e oralmente (em debates e diálogos de grande e pequeno grupo) **(meta 12)**

**Esquema conceptual para o plano de aula**



### ***Informação nova / conteúdos novos***

<b>Ideias prévias dos alunos</b> (avaliação diagnóstica)	Conferir as aprendizagens adquiridas dos alunos nas aulas (revolução Americana – aula dada pela professora cooperante) e unidade anteriores (Portugal no contexto europeu dos séculos XVII e XVIII – mais especificamente às aulas onde foram abordadas as temáticas: Sociedade de ordens, poder absoluto, mercantilismo e arte barroca – aulas dadas pelo grupo de professores estagiários). Aferir conhecimentos do 2º Ciclo, através da exploração de imagens e vídeos.
<b>Conceitos novos</b>	Estados Gerais. Assembleia Nacional. Revolução Burguesa.

### ***Capacidades a desenvolver***

<ul style="list-style-type: none"><li>• <b><u>Tratamento de Informação/Utilização de fontes:</u></b><ul style="list-style-type: none"><li>✓ Utilizar metodologia específica da História.</li><li>✓ Inferir conceitos históricos a partir da interpretação e análise cruzada de fontes, com linguagens e mensagens variadas (textos, imagens, gráficos e vídeos).</li><li>✓ Formular hipóteses de interpretação de factos históricos;</li><li>✓ Utilizar conceitos e generalizações na compreensão de situações históricas;</li><li>✓ Utilizar conceitos e generalizações na compreensão de situações históricas;</li></ul></li> <li>• <b>Contextualização:</b><ul style="list-style-type: none"><li>✓ Distinguir, numa dada realidade, os aspetos de ordem demográfica, económica, social, política e cultural e estabelece conexões e inter-relações entre eles.</li><li>✓ Interpretar o papel dos indivíduos e dos grupos na dinâmica social.</li></ul></li> <li>• <b><u>Temporalidade:</u></b><ul style="list-style-type: none"><li>✓ Identificar e caracteriza fases principais da evolução histórica e grandes momentos de rutura.</li><li>✓ Localizar no tempo eventos processos, distingue ritmos de evolução em sociedades diferentes e no interior de uma mesma sociedade, estabelecendo relações entre passado e presente e aplicando noções emergentes de multiplicidade temporal.</li></ul></li> <li>• <b>Espacialidade:</b><ul style="list-style-type: none"><li>✓ Localizar no espaço, com recursos a formas diversas de representação espacial, diferentes aspetos das sociedades em evolução e interação (áreas de intervenção económica, espaço de dominação política e militar, espaço de expansão cultural e linguística, fluxos/circuitos comerciais).</li></ul></li></ul>
--

- **Comunicação em História:**

- ✓ Utilizar de diferentes formas de comunicação escrita na produção de narrativas, síntese, relatórios e esquemas trabalhos temáticos, aplicando o vocabulário específico da História na descrição, no relacionamento e na explicação dos diferentes aspetos das sociedades da História Mundial (ficha de trabalho).

***Experiências de aprendizagem a proporcionar aos alunos / métodos / estratégias***

1 - Apresentação em Power Point sobre a revolução Francesa.

1.7 - Visualização pequenos vídeos que tiveram como base uma série de documentários do canal História e música (The French Revolution (Bad Romance\_ by Lady Gaga).

1.8 - Observação, análise e interpretação de imagens e gráficos que retratam os acontecimentos marcantes da revolução Francesa.

- ✓ **Jogo didático** – Apresentação em Power point - questões sobre a Revolução Francesa
- ✓ **Trabalho de casa** – Preenchimento de ficha de trabalho composta por duas partes. I – Jogos didáticos. II – Questões de desenvolvimento – questões orientadoras

**Método:** Ativo, interrogativo e expositivo.

***Recursos / Fontes***

- Utilização das TIC - Videoprojector e computador.
- **Motivação:**
  - ✓ Música The French Revolution (\_Bad Romance\_ by Lady Gaga);
  - ✓ Imagem/quadro – A liberdade guiando o Povo;
  - ✓ Pequeno vídeo com resumo da Revolução Francesa
- Apresentação em Power Point sobre a Revolução Francesa
  - ✓ ).Esquema com tópicos sobre a Revolução Francesa juntamente com imagens, gráficos e vídeos
- Manual – Pequenos extratos da página 35 (Estados Gerais), página 37 (Revolução Burguesa) ao longo da aula. Iniciar o jogo didático com o texto da página 36 (Sabias que...?).
- **Jogo didático** – apresentação em power point – questões sobre a Revolução Francesa
- **Trabalho de casa** – Preenchimento de **ficha de trabalho** composta por duas partes. I – **Jogos didáticos.** II – Questões de desenvolvimento – questões orientadoras.

## ***Sequência a dar à aula (diferenciação pedagógica)***

### ❖ **Comportamentos verbais**

➤ **Interação cooperativa por solicitação da estagiária** - Interpelar todos os alunos para que todos participem na aula, com o objetivo de os motivar:

- ✓ Questões diretas e orientadas.
  - ✓ Solicitação para que leiam os diapositivos.
  - ✓ Análise e exploração dos vídeos didáticos apresentados.
  - ✓ Análise e leitura de imagens.
  - ✓ Resposta às questões orientadoras.

➤ **Interação cooperativa espontânea para a aprendizagem e interação Pedagógico-didática** (como se trabalha o conhecimento).

- ✓ Análise e exploração dos vídeos (música e resumo) da motivação e da imagem/quadro.
- ✓ Análise e exploração dos vídeos didáticos apresentados ao longo da aula.
- ✓ Análise e leitura de imagens, gráficos e questões orientadoras.

➤ **Interação Personalizada e espontânea (espaço à expressão de opinião pessoal)**

- ✓ Conhecimento prévio das características da turma – **fundamental dar atenção e valorizar a participação de alguns elementos da turma.**

10. Grupo de 4 alunos extremamente complicados e incertos – brincalhões e barulhentos.

11. Grupo de 3 alunos desmotivados e desinteressados pela disciplina.

12. Grupo de 4 alunos interessados, participativos, no entanto, muito barulhentos.

### ❖ **Comportamentos não-verbais**

➤ **Proxémica (linguagem da organização e gestão do espaço) e Cinésica/quinésica (linguagem do corpo)**

- ✓ Controlar eventuais comportamentos menos adequados, detetar e responder rapidamente às necessidades dos alunos
- ✓ Criar o sentimento de individualização e personalização com o objetivo de motivar, interessar os alunos pela aula...
  
- ✓ Boa gestão e organização do espaço e do tempo.
  - Comportamento e gestão da sala de aula adequado.
  - Aproximação corporal, voz baixa, toque nos alunos (grupo 2 e 3).
  - Distanciamento corporal, olhar frio e de reprovação, voz alta (grupo 1).

➤ **Exemplos que ocorreram na aula:**

✓ **Repreensão** - chamar a atenção dos alunos do grupo 1 (incidência especial para um) pois estava desatento e a brincar. Este aluno, por vezes, quando participava na aula fazia comentários verbais pouco adequados. Desta forma, e perante esta situação a minha postura corporal, voz e olhar foi de reprovação chamando a atenção do aluno para os comentários inadequados e comportamento incorreto.

✓ **Recompensa ou elogio** ao longo da sessão foram feitos vários elogios aos alunos participativos: "Muito bem", "...É isso mesmo", "...Sim senhora estás atento (a)"... A minha postura corporal foi de aproximação e voz baixa e meiga.

❖ **Clima de aula**

➤ **Individualização/ Personalização** – atenção especial e individualizada aos alunos mais problemáticos (grupo 1 e 2).

➤ **Inovação** – Música e imagem de motivação.

✓ Vídeos utilizados ao longo da aula alusivos aos conteúdos abordados.

✓ Power Point com cores alusivas à bandeira Francesa.

✓ Jogo didático – relacionado com o caderno de queixas dos populares para serem analisadas pela Assembleia Nacional Constituinte. Escolha da figura do cão relacionando com os desenhos animados o Dartação dos três Mosqueteiros que viviam em França durante o reinado de Luís XIV.

➤ **Orientação** – exercícios de leitura do manual. Interpretação e análise da música, imagens e dos vídeos. Para desta forma o aluno ser bem-sucedido e criar um sentimento de satisfação e auto realização – motivação.

➤ **Satisfação** – ao longo da sessão colocar todos os alunos a participar corretamente na aula para motiva-los e interessa-los pelos conteúdos. As questões são selecionadas tendo em conta o aluno e as suas capacidades para desta forma ele consiga responder corretamente. Ou seja, o grau de dificuldade das perguntas é intencionalmente modificado tendo em conta as capacidades do aluno. O objetivo é a satisfação do aluno no final da aula e aumentar a sua motivação.

➤ **Conclusões sobre o clima de aula – mudanças e alterações de comportamentos e atitudes verificadas na aula.**

✓ No **início da aula** o clima era de grande instabilidade, agitação, confusão comportamentos e atitudes menos corretas dos alunos devido a **contratempos externos**: atrasos dos alunos, penúltima aula do fim do período (alunos pensavam que iam ver um filme), ansiedade por saber a nota do teste que tinham realizado. Todos estes fatores conjugados fizeram com que o inicio da aula tivesse um atraso de cerca de 15 minutos.

✓ **No final da aula** o clima que estava instalado na sala era de **coesão, satisfação, interesse e curiosidade**. Ou seja, ao longo da aula o papel da estagiária, as estratégias, as metodologias e os recursos modificaram comportamentos e atitudes dos alunos motivando-os, pois no fim da aula os alunos diziam “queremos mais perguntas... queremos mais perguntas...”, “só mais uma pergunta, só mais uma...”, “professora vamos repetir o jogo.”. No final da aula todos os alunos participaram ativamente no jogo didático respondendo às questões. Após o toque e permissão para saírem da sala de aula um grupo de alunos permaneceram na sala colocando questões.

❖ **Formas como o professor exerceu o seu poder (estratégias e metodologias)**

✓ **Repreensão** – o início da aula foi atribulado e agitado os alunos chegaram à sala de aula dizendo que não queriam ter aula.

✓ Repreensão verbal, cinésica/quínésica adequada. Ou seja, posição corporal e tom de voz grave e frio, distante.

✓ **Recompensa ou elogio** ao longo da sessão foram feitos vários elogios aos alunos: “Muito bem”, “...É isso mesmo”, “...Sim senhora estás atento (a)”...

### ***Avaliação intercalar***

- Observação direta e indireta – participação dos alunos ao longo da aula: análise e interpretação dos vídeos e no jogo didático.

- **Trabalho de casa** – Preenchimento de **ficha de trabalho** composta por duas partes. I – **Jogos didáticos**. II – Questões de desenvolvimento – questões orientadoras.

### ***Avaliação final***

Ficha de avaliação sobre a Unidade G2 – Triunfo das revoluções liberais – elaborada e avaliada pela professora cooperante – Dr<sup>a</sup> Célia Gomes.

### ***Sumário***

A Revolução Francesa. Antecedentes da Revolução Francesa. Da Monarquia Absolutista à Monarquia Constitucional.

## **Recursos da 2ª Aula de História**

### **Consultar CD, História, 2ª aula de História**

- Anexo 1 - \_Apresentação em power point da segunda aula: Revolução Francesa.
- Anexo 2 – Jogo didático.

### **Consultar CD, História, 2ª aula de História – Vídeos.**

- 1º Vídeo – Motivação – “The French Revolution - Bad Romance\_ by Lady Gaga”
- 2º Vídeo – Resumo da Revolução Francesa.
- 3º Vídeo – Causas da Revolução Francesa.
- 4º Vídeo – A Tomada da Bastilha.

## **Anexos 30 ao 31 - Instrumentos de avaliação 9 da 2ª Aula de História.**

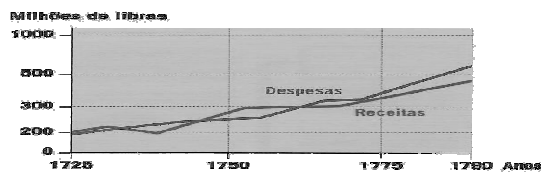


**Anexo 31** - Questões da ficha de avaliação da 2ª aula de História (Antecedentes da Revolução Francesa).

**1. Analisa os documentos que se seguem.**



Doc. 1



Doc. 2 A dívida pública em França antes da Revolução.

**1.1** Comenta os documentos 1 e 2 tendo em conta as características da França, antes da Revolução. (12%)

**1.2** Ordena cronologicamente os acontecimentos seguintes: (5%)

Constituição de 1791

Período do terror

Reunião dos Estados Gerais

Abolição dos direitos feudais

Tomada da Bastilha

**2. Lê o texto que se segue:**

**Doc. 3 A Constituição Francesa de 1791**

TÍTULO III — Art.º 1 — A soberania é uma [...] pertence à Nação [...].

Art.º 2 — [...] A Constituição francesa é representativa: os representantes são o corpo legislativo e o rei.

Art.º 3 — O poder legislativo é delegado a uma Assembleia Nacional composta de representantes temporários, livremente eleitos pelo povo, para ser exercido por ela, com a sanção do Rei. [...]

Art.º 4 — O Governo é monárquico: o poder executivo é delegado no rei, para ser exercido sob sua autoridade por ministros e outros agentes responsáveis. [...]

Art.º 5 — O poder judicial é delegado em juizes, eleitos pelo Povo, por tempo limitado.

CAPÍTULO I — Art.º 1 — Para formar a Assembleia Nacional legislativa, os cidadãos activos reunir-se-ão todos os dois anos em assembleia primária nas cidades e cantões.

Art.º 2 — Para ser cidadão activo é necessário: ter nascido ou ter-se tornado francês, ter 25 anos de idade completos; pagar [...] de contribuição directa pelo menos o valor de três dias de trabalho [...].

**2.1** Tendo em conta o documento, refere os princípios iluministas que estavam consignados na Constituição de 1791. (6%).

**2.2** O princípio da soberania popular aplicava-se a toda a população francesa? Justifica a resposta com frases retiradas do texto. (6%).

# ANEXOS 32 ao 44 – Disciplina de Geografia

## Anexo 32 – Plano da Unidade Letiva de Geografia

### **PLANO DA UNIDADE LETIVA**

Disciplina Geografia	
Unidade F2 - Absolutismo e Mercantilismo numa sociedade de Ordens	
N.º de blocos (90') previstos: <u> 8</u>	
<u>LIÇÕES N.º 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62</u>	Ano 11º Turma V
<u>DATAS: 7/02/2012; 8/02; 14/02; 15/02; 17/02; 24/02; 28/02; 29/02</u>	
Estagiária: Ana Paula Rocha.	Professor(a) Cooperante <u>Dra. Idalina Leite</u>

#### ***Conceito-chave e situação-problema / desafio***

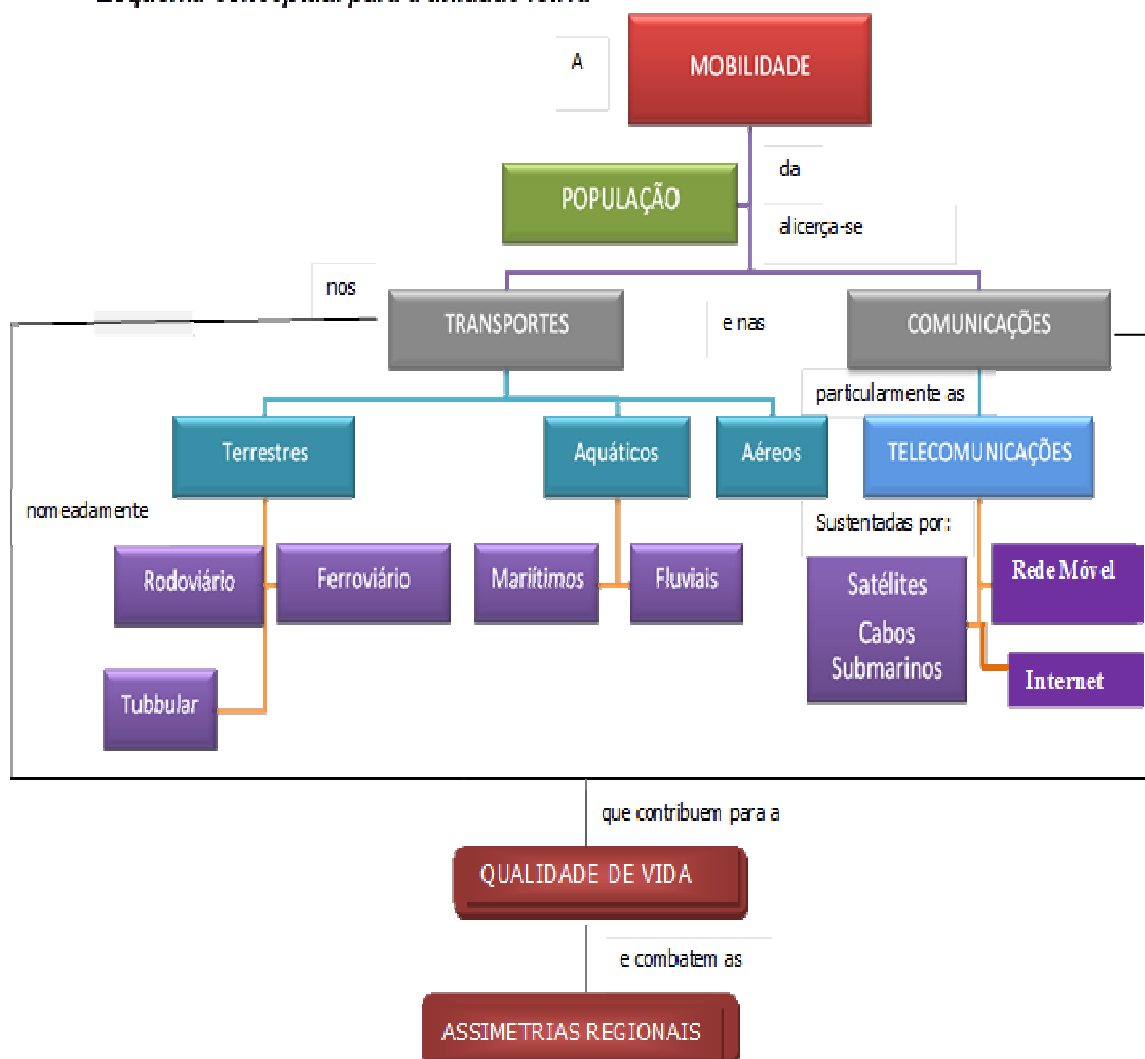
A mobilidade no contexto da globalização

#### ***Objetivos centrais da unidade letiva / metas***

##### **Objetivos**

- Caraterizar os diferentes modos de transporte.
- Distinguir as vantagens e desvantagens de cada um dos meios de transporte.
- Caraterizar as diferentes redes de transportes: terrestre (rodoviária e ferroviária), aquática e aérea.
- Identificar as características da rede rodoviária nacional.
- Explicar a evolução da rede ferroviária nacional.
- Caraterizar a rede de portos marítimos e fluviais.
- Justificar o traçado das diferentes redes de transportes.
- Reconhecer os diversos meios de comunicação.
- Compreender a importância dos transportes e telecomunicações no mundo globalizado.
- Relacionar o uso de transportes e das tecnologias com a qualidade de vida da população.

### Esquema conceptual para a unidade letiva



### Informação nova / conteúdos

<b>Ideias prévias dos alunos</b>	Aferir os conhecimentos dos alunos dos anos anteriores 9º - Fluxos de transportes e comunicações 10º - População 11º - Transportes nas cidades
<b>Conceitos novos</b>	Acessibilidade: espaço relativo: distância relativa: distância-tempo: distância-custo: Isócronas: Isótimas: Interface: Plataforma multimodal: Transporte intermodal: Transshipment: Eclusas: Logística: Ro-Ro ( <i>Roll on- Roll Off</i> ): Telecomunicações: Fibra ótica: Cabo submarino: Satélite: Internet: Ciberespaço: Teletrabalho: Teleconferência: E-learning: B-learning: Globalização Low Cost .Hackers

### ***Capacidades a desenvolver***

- Descrever e interpretar situações geográficas
- Utilizar o processo de inferência para interpretar documentos geográficos
- Conhecer a distribuição das redes de transportes em Portugal
- Relacionar a dinamização das atividades económicas com o desenvolvimento dos transportes e das comunicações

### ***Experiências de aprendizagem a proporcionar aos alunos / métodos / estratégias***

Interpretação e exploração de gráficos, textos, mapas, imagens e vídeos.

### ***Recursos***

Apresentações Multimédia  
Manual  
Fichas de trabalho (TPC)  
Ficha Sumativa  
Vídeos  
Gráficos  
Textos  
Mapas  
Imagens

### ***Sumários***

Introdução à Unidade: A População como se movimenta e comunica. A Competitividade dos diferentes modos de transporte: Vantagens e desvantagens.  
As redes rodoviárias e ferroviária nacional e a sua integração na rede europeia de transportes.  
Os transportes aquáticos. O transporte fluvial. A importância dos transportes portugueses no contexto do comércio marítimo internacional.  
Os transportes aéreos.  
A comunicação e a evolução das telecomunicações.  
Os transportes invisíveis: cabos submarinos e satélites. A rede móvel.  
A internet e as TIC no dinamismo das diferentes regiões.  
Os problemas de segurança, ambiente e saúde associados aos transportes e às comunicações.

### ***Avaliação final***

Teste Sumativo escrito elaborado e avaliado pelos estagiários.

# ANEXOS 33 a 38 - 1ª AULA DE GEOGRAFIA

## Anexo 33 – Cabeçalho da ficha de avaliação

Duração: 90 minutos

Ano letivo 2011/2012

Versão 1

PROVA ESCRITA DE GEOGRAFIA A

11º Ano – Turma D

## Anexo 34 – Plano da primeira aula: Transportes

### **PLANO DA PRIMEIRA AULA**

			Disciplina <u>Geografia</u>
			Unidade <u>4</u> - <u>A População, como se movimenta e comunica</u>
			N.º de blocos (90') previstos: <u>1</u>
<u>LIÇÕES N.º 54</u>	Ano <u>11</u>	Turma <u>V</u>	<u>DATAS: 7 de Fevereiro de 2012</u>
<u>Estagiária Ana Paula Rocha</u>		<u>Professor(a) Cooperante Idalina Leite</u>	

#### ***Conceito-chave e situação-problema***

##### **Conceito-chave:**

Transporte.

##### **Situação-problema:**

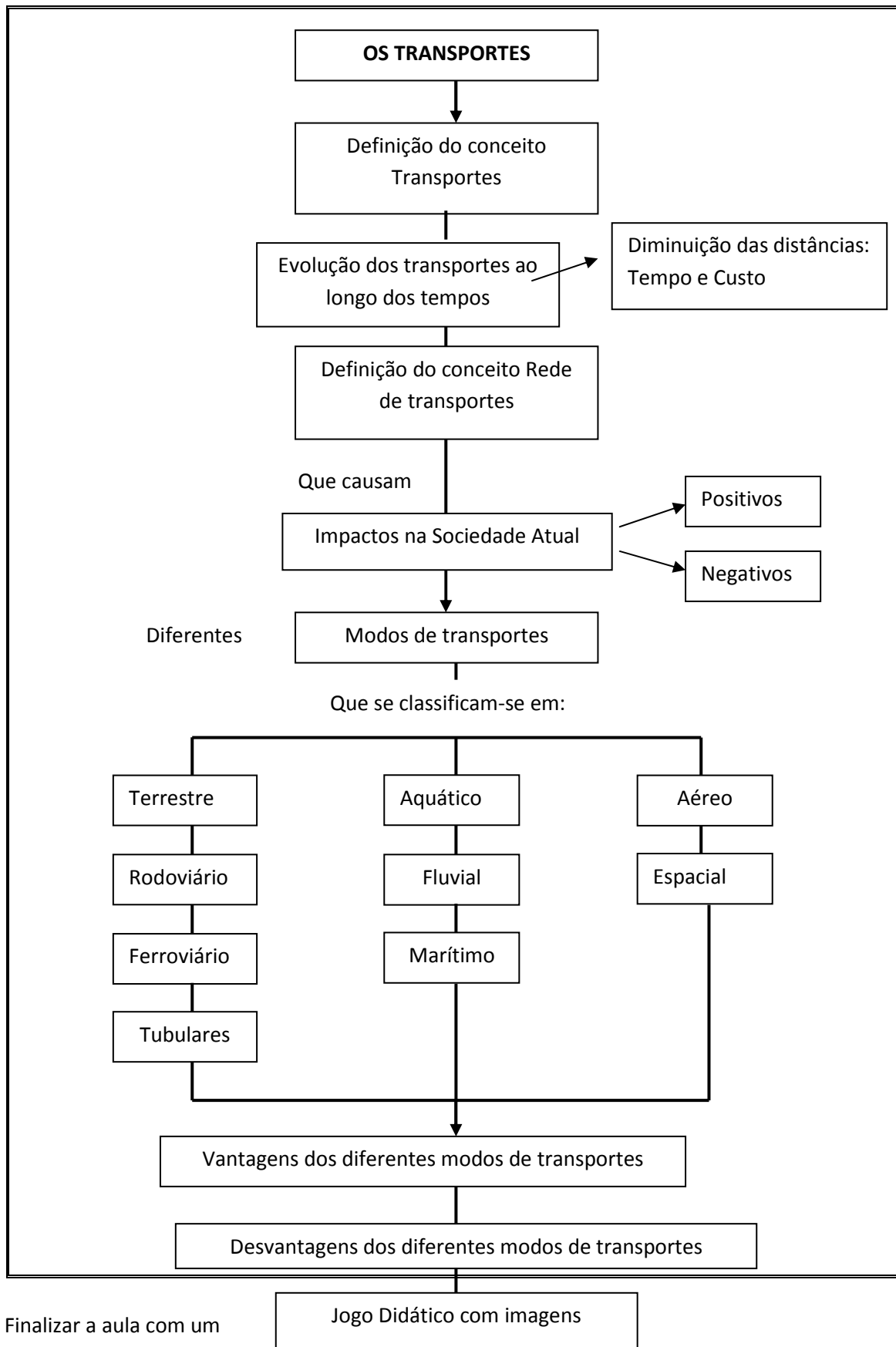
A competitividade dos diferentes modos de transporte.

#### ***Objetivos centrais da aula letiva***

##### **Objetivos:**

1. Indicar os diferentes modos e formas de transporte;
- 2 - Identificar as vantagens associadas a cada meio de transporte;
- 3 - Distinguir as desvantagens associadas a cada meio de transporte;
- 4 - Justificar a escolha do modo de transporte, de acordo com o objeto/mercadoria a transportar
- 5 - Explicar o encurtamento das distâncias com o desenvolvimento dos transportes;
- 6 - Relacionar a dinamização das atividades económicas com o desenvolvimento dos transportes;
- 7 - Avaliar o papel da rede de transportes no desenvolvimento económico e social das regiões e dos Países.

**Esquema conceptual para o plano de aula**



### **Conteúdos novos**

<b>Ideias prévias dos alunos</b> (avaliação diagnóstica)	Aferir os conhecimentos dos alunos dos anos anteriores: 11º ano (transportes nas cidades), 10º ano (população) e 9º ano (fluxos de transportes e comunicações).
<b>Conceitos novos</b>	Acessibilidade; rede de transporte, distância – tempo; distância – custo, transporte multimodal, meio de transporte, modo de transporte.

### **Capacidades a desenvolver**

Utilizar corretamente os conceitos geográficos.

- Reconhecer a importância das redes de transporte no atenuar das desigualdades de desenvolvimento regional.
- Descrever e interpretar situações geográficas.
- Ler e interpretar mapas e dados estatísticos.

### **Experiências de aprendizagem a proporcionar aos alunos / métodos / estratégias**

1 - Apresentação de Power Point sobre a competitividade dos transportes.

1.9 – Visualização de um pequeno vídeo sobre a evolução dos diferentes modos de transporte.

1.10 - Observação, análise e interpretação de imagens que retratam os diferentes modos de transporte.

1.11 - Utilização, análise, interpretação de mapas e gráficos.

1.12 - Jogo didático – imagens dos diferentes modos de transporte.

- Evolução dos meios de comunicação

- Escolha do meio de transporte mais adequado, tendo em conta a mercadoria – competitividade dos diferentes modos de transporte.

**Método:** Ativo, interrogativo e expositivo

### **Recursos / Fontes**

- Utilização das TIC.
- Videoprojector e computador.
- Apresentação de Power Point sobre a competitividade dos transportes.
- ✓ Jogo didático – Nuvem de palavras – escolher uma das palavras e explicar o porquê da sua escolha
- ✓ Pequeno vídeo sobre a evolução dos diferentes modos de transporte.
- ✓ Imagens sobre os diferentes modos de transporte.
- ✓ Mapas sobre as diferentes redes de transporte.
- ✓ Gráficos sobre estatísticas de emprego no sector dos transportes e modalidades/competitividade dos transportes.
- ✓ Jogo didático com imagens - evolução dos transportes e escolha do meio de transporte mais adequado, tendo em conta a mercadoria –; competitividade dos diferentes modos de transporte).

### **Sequência a dar à aula (diferenciação pedagógica)**

#### **❖ Comportamentos verbais**

➤ **Interação cooperativa por solicitação da estagiária** - Interpelar cada aluno para que todos participem na aula, com o objetivo de os motivar:

- ✓ Questões diretas e orientadas.
  - ✓ Solicitação para que leiam os diapositivos.
  - ✓ Análise e exploração dos vídeos didáticos apresentados.
  - ✓ Análise e leitura de imagens, mapas e gráficos.
- ✓ Jogo didático – Nuvem de palavras (início da aula) e jogo de imagens (final da aula).

➤ **Interação cooperativa espontânea para a aprendizagem e interação Pedagógico-didática** (como se trabalha o conhecimento).

- ✓ Jogo didático – Nuvem de palavras (início da aula) e jogo de imagens (final da aula).
- ✓ Análise e exploração dos vídeos didáticos apresentados.
- ✓ Análise e leitura de imagens, mapas e gráficos.

➤ **Interação personalizada e espontânea (espaço à expressão de opinião pessoal)**

✓ Conhecimento prévio das características da turma. É **fundamental prestar atenção e valorizar a participação de dois elementos da turma.**

13. Um dos alunos é extremamente complicado e incerto (com problemas psicológicos).

14. O segundo aluno mostra-se desmotivado e desinteressado da disciplina.

#### **❖ Comportamentos não-verbais**

➤ **Proxémica (linguagem da organização e gestão do espaço) e Cinésica/quinésica (linguagem do corpo)**

- Controlar eventuais comportamentos menos adequados, detetar e responder rapidamente às necessidades dos alunos, criar o sentimento de individualização e personalização com o objetivo de motivar, interessar os alunos pela aula... Aproximação corporal, toque corporal nos alunos e voz baixa, em caso de repreensão ou orientação, ...
- ✓ **Boa gestão e organização do espaço e do tempo.**
  - Movimentação correta dentro da sala de aula, gerida de acordo com os objetivos de cada etapa.
  - Aproximação corporal, voz baixa, toque nos alunos – motivação através do afeto e atenção.
  - Cumprimento do plano de aula.

#### ❖ **Clima de aula**

- **Individualização/ Personalização** – Atenção especial e individualizada aos alunos mais problemáticos (informações dadas pela professora cooperante e observação de aulas assistidas).
- **Inovação** – Jogos didáticos (início e fim da aula), vídeo (evolução dos transportes).
  - ✓ **Implicação e coesão** – Todos os elementos da turma devem participa. As estratégias e metodologias desenvolvidas devem criar o sentimento de coesão na turma e na sala.
- **Orientação** – Exercícios de leitura e interpretação de mapas e gráficos, acompanhados de questões orientadoras para, desta forma, o aluno ser bem-sucedido, e criar um sentimento de satisfação e autorrealização – motivação.
- **Satisfação** – Colocar todos os alunos a participar corretamente na aula para motivá-los e interessá-los pelos conteúdos. As questões são selecionadas tendo em conta o aluno e as suas capacidades para, assim, ele poder responder corretamente. Ou seja, o grau de dificuldade das perguntas é intencionalmente modificado, considerando as capacidades do aluno. O objetivo é a satisfação do aluno no final da aula e aumentar a sua motivação.

#### ❖ **Formas como o professor exerce o poder (estratégias e metodologias)**

- Repreensão verbal cinésica/quinésica adequada.
- **Recompensa ou elogio.** Ao longo da sessão, ir fazendo vários elogios aos alunos: “Muito bem”, “...É isso mesmo”, “...Sim, senhor! Estás atento (a)”...

#### ***Avaliação intercalar***

- Observação direta e indireta – participação dos alunos ao longo da aula.
- Jogo didático (final da aula – evolução dos transportes e escolha do meio de transporte mais adequado, tendo em conta a mercadoria – competitividade dos diferentes modos de transporte).
- Preenchimento de ficha de trabalho (Trabalho de casa).

#### ***Avaliação final***

Ficha de avaliação sobre a Unidade 4.

#### ***Sumário***

Introdução à Unidade: A População, como se movimenta e comunica. A Competitividade dos diferentes modos de transporte: Vantagens e desvantagens.

**Anexo 35** – Avaliação e reajustamento do plano da primeira aula:  
Transportes

## ***AVALIAÇÃO/REAJUSTAMENTO DO PLANO DA PRIMEIRA AULA***

Disciplina <u>Geografia</u>		
Unidade <u>4</u> - <u>A População, como se movimenta e comunica</u>		
N.º de blocos (90') previstos: <u>1</u>		
<u>LIÇÕES N.º 54</u>	Ano 11 Turma <u>D</u>	<u>DATAS: 7 de Fevereiro de 2012</u>
Estagiária <u>Ana Paula Rocha</u>	Professor(a) Cooperante <u>Idalina Leite</u>	

### ***Conceito-chave e situação-problema***

#### **Conceito-chave:**

Transporte.

#### **Situação-problema:**

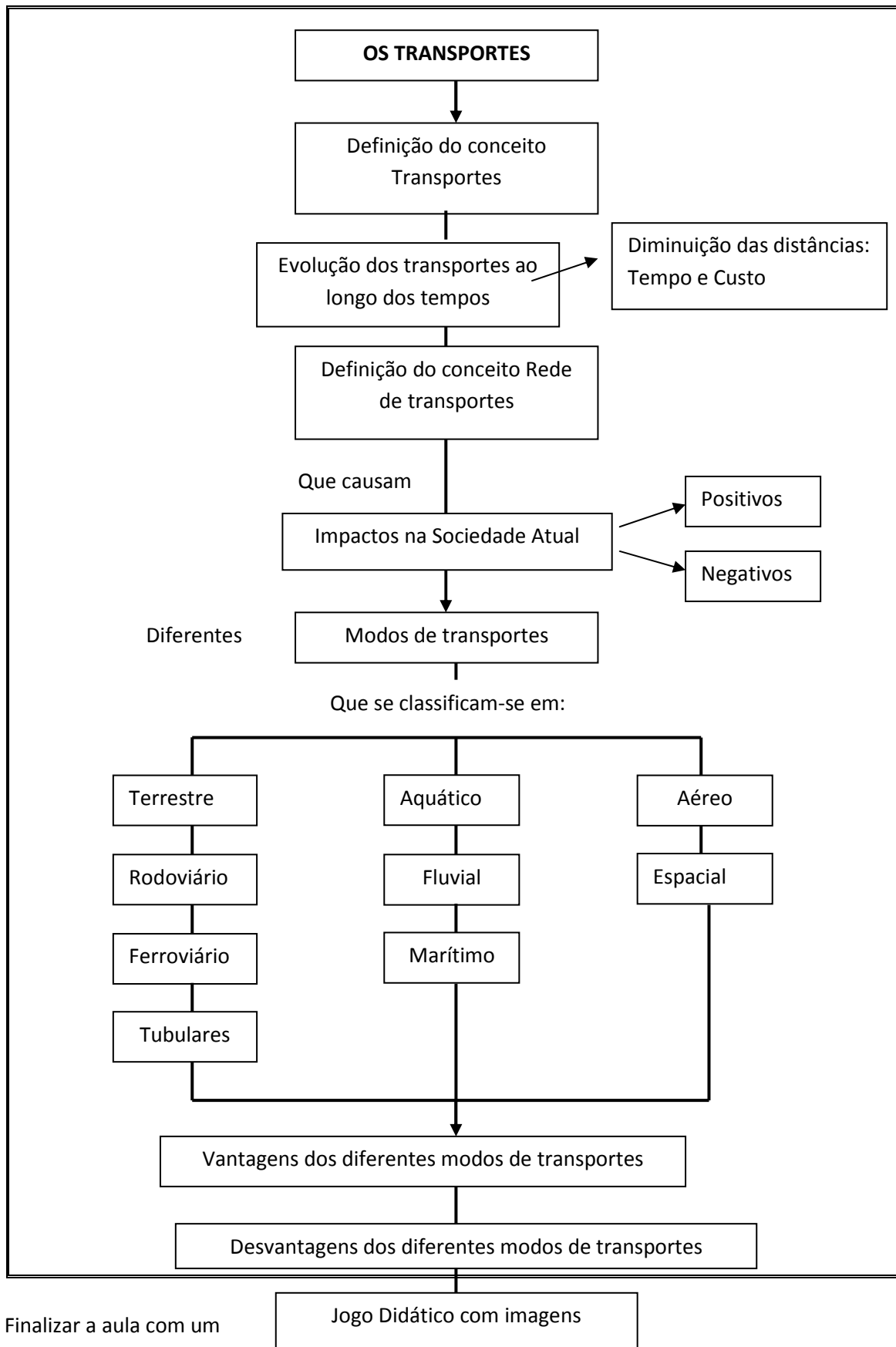
A competitividade dos diferentes modos de transporte.

### ***Objetivos centrais da aula letiva***

#### **Objetivos:**

2. Indicar os diferentes modos e formas de transporte;
- 2 - Identificar as vantagens associadas a cada meio de transporte;
- 3 - Distinguir as desvantagens associadas a cada meio de transporte;
- 4 - Justificar a escolha do modo de transporte, de acordo com o objeto/mercadoria a transportar
- 5 - Explicar o encurtamento das distâncias em razão do desenvolvimento dos transportes;
- 6 - Relacionar a dinamização das atividades económicas com o desenvolvimento dos transportes;
- 7 - Avaliar o papel da rede de transportes no desenvolvimento económico e social das regiões e dos países.

**Esquema conceptual para o plano de aula**



Finalizar a aula com um

Jogo Didático com imagens

### **Conteúdos novos**

<b>Ideias prévias dos alunos</b> (avaliação diagnóstica)	Aferir os conhecimentos dos alunos dos anos anteriores: 11º ano (transportes nas cidades), 10º ano (população) e 9º ano (fluxos de transportes e comunicações).
<b>Conceitos novos</b>	Acessibilidade; rede de transporte, distância – tempo; distância – custo, transporte multimodal, meio de transporte, modo de transporte.

### **Capacidades a desenvolver**

- Utilizar corretamente os conceitos geográficos.
- Reconhecer a importância das redes de transporte no atenuar das desigualdades de desenvolvimento regional.
- Descrever e interpretar situações geográficas.
- Ler e interpretar mapas e dados estatísticos.

### **Experiências de aprendizagem a proporcionar aos alunos / métodos / estratégias**

- 1 - Apresentação de Power Point sobre a competitividade dos transportes.
- 1.13 – Visualização de um pequeno vídeo sobre a evolução dos diferentes modos de transporte.
- 1.14 - Observação, análise e interpretação de imagens que retratam os diferentes modos de transporte.
- 1.15 - Utilização, análise, interpretação de mapas e gráficos.
- 1.16 - Jogo didático – imagens dos diferentes modos de transporte.
  - Evolução dos meios de comunicação
  - Escolha do meio de transporte mais adequado, tendo em conta a mercadoria – competitividade dos diferentes modos de transporte.

**Método:** Ativo, interrogativo e expositivo

### **Recursos / Fontes**

- Utilização das TIC.
- Videoprojector e computador.
- Apresentação de Power Point sobre a competitividade dos transportes.
- ✓ Jogo didático – Nuvem de palavras – escolher uma das palavras e explicar o porquê da sua escolha
- ✓ Pequeno vídeo sobre a evolução dos diferentes modos de transporte.
- ✓ Imagens sobre os diferentes modos de transporte.
- ✓ Mapas sobre as diferentes redes de transporte.
- ✓ Gráficos sobre estatísticas de emprego no sector dos transportes, e modalidades/competitividade de transporte.
- ✓ Jogo didático com imagens - evolução dos transportes e escolha do meio de transporte mais adequado, tendo em conta a mercadoria; competitividade dos diferentes modos de transporte.

## **Sequência a dar à aula (diferenciação pedagógica) Avaliação e reajustamento. Como decorreu.**

### ❖ **Comportamentos verbais**

➤ **Interação cooperativa por solicitação da estagiária** - Interpelar todos os alunos para que todos participem na aula, com o objetivo de os motivar:

- ✓ Questões diretas e orientadas.
  - ✓ Solicitação para que leiam os diapositivos.
  - ✓ Análise e exploração dos vídeos didáticos apresentados.
  - ✓ Análise e leitura de imagens, mapas e gráficos.
- ✓ Jogo didático – Nuvem de palavras (início da aula) e jogo de imagens (final da aula).

➤ **Interação cooperativa espontânea para a aprendizagem e interação Pedagógico-didática** (como se trabalha o conhecimento).

- ✓ Jogo didático – Nuvem de palavras (início da aula) e jogo de imagens (final da aula).
- ✓ Análise e exploração dos vídeos didáticos apresentados.
  - ✓ Análise e leitura de imagens, mapas e gráficos.

➤ **Interação Personalizada e espontânea (espaço à expressão de opinião pessoal)**

- ✓ Conhecimento prévio das características da turma – **fundamental dar atenção e valorizar a participação de dois elementos da turma.**

15. Um dos alunos é extremamente complicado e incerto (com problemas psicológicos). Participou na aula por iniciativa própria, esteve motivado e interessado ao longo da aula.

16. O segundo aluno é um aluno desmotivado e desinteressado pela disciplina.

### ❖ **Comportamentos não-verbais**

➤ **Proxémica (linguagem da organização e gestão do espaço) e Cinésica/quinésica (linguagem do corpo)**

- Controlar eventuais comportamentos menos adequados, detetar e responder rapidamente às necessidades dos alunos, criar o sentimento de individualização e personalização, com o objetivo de motivar, interessar os alunos pela aula... Aproximação corporal, toque corporal nos alunos e voz baixa em caso de repreensão ou orientação, ...
- ✓ Boa gestão e organização do espaço e do tempo.
  - “Passear” dentro da sala de aula.
  - Aproximação corporal, voz baixa, toque nos alunos.

- **Exemplos que ocorreram na aula:**
  - ✓ **Repreensão** - Chamar a atenção dos alunos por estarem desatentos. A minha postura corporal e comunicação foi de aproximação: tocar no aluno e falar num tom baixo, pedindo para não o fazer mais. Como exemplo de uma situação ocorrida com o aluno problemático que estava a enrolar notas, aproximei-me dele e baixinho disse "... isso não se faz aqui". O aluno arrumou as notas e pediu desculpa.
  - ✓ **Recompensa ou elogio.** Ao longo da sessão, foram feitos vários elogios aos alunos: "Muito bem", "...É isso mesmo", "...Sim, senhor! Estás atento (a)"...

❖ **Clima de aula**

- **Individualização/ Personalização** – Atenção especial e individualizada aos alunos mais problemáticos.
- **Inovação** – Jogos didáticos (início e fim da aula), vídeo (evolução dos transportes).
- **Orientação** – Os exercícios de leitura e interpretação de mapas e gráficos são acompanhados de questões orientadoras, facilitando, assim, o sucesso do aluno, criando nele um sentimento de satisfação e autorrealização/motivação.
- **Satisfação** – Ao longo da sessão, conseguir a participação correta de todos os alunos na aula, a fim de os motivar e de os interessar pelos conteúdos. As questões são selecionadas, levando em consideração o aluno e as suas capacidades, para que, desta forma, ele consiga responder corretamente. Ou seja, o grau de dificuldade das perguntas é intencionalmente modificado, tendo em conta as capacidades do aluno. O objetivo é a satisfação do aluno no final da aula e aumentar a sua motivação.
  
- **Conclusões sobre o clima de aula**
  - ✓ No final da aula, o clima da sala era de **coesão, satisfação, interesse e curiosidade**. Ou seja, ao longo da aula, o papel da estagiária, as estratégias, as metodologias e os recursos modificaram comportamentos e atitudes dos alunos, motivando-os e levando-os a participar de uma forma ativa.

❖ **Formas como o professor exerceu o seu poder (estratégias e metodologias)**

- ✓ **Recompensa ou elogio.** Ao longo da sessão, foram feitos vários elogios aos alunos: "Muito bem", "...É isso mesmo", "...Sim, senhor! Estás atento (a)"...
  - **Especial ênfase para um aluno que, desde cedo, foi diagnosticado como problemático e que na aula participou ativamente, demonstrando estar muito motivado, tendo participado sem ser solicitado.**

### ***Avaliação intercalar***

- Observação direta e indireta – participação dos alunos ao longo da aula.
- Jogo didático (final da aula – evolução dos transportes e escolha do meio de transporte mais adequado, tendo em conta a mercadoria – competitividade dos diferentes modos de transporte).
- Preenchimento de ficha de trabalho (Trabalho de casa).

### ***Avaliação final***

Ficha de avaliação da Unidade 4.

### ***Sumário***

Introdução à Unidade: A População: como se movimenta e comunica. A Competitividade dos diferentes modos de transporte: vantagens e desvantagens.

## **Recursos da 1ª Aula de Geografia**

**Consultar CD, Geografia, 1ª aula Geografia – Anexo 1** - Apresentação em power point da primeira aula: Transportes.

**Consultar CD, Geografia, 1ª aula Geografia – vídeo.**

- 1º Vídeo – Evolução dos transportes

**Anexos 36 a 38 - Instrumentos de avaliação da 1ª Aula de Geografia**

**Anexo 36 – Ficha de trabalho**

**ESCOLA SECUNDÁRIA ANTÓNIO SÉRGIO**

Ano Letivo 2011-12 GEOGRAFIA A – 11º Ano

**Ficha de trabalho: Competitividade entre os modos de transporte**

Nome \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_ Data \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**Lê, atentamente, cada questão antes de começares a responder.**

1. Explica, por palavras tuas, o conceito de:

1.1. **Distância-tempo** \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

1.2. **distância-custo.** \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**2. "Os transportes são fundamentais para a economia e para o desenvolvimento económico e social".**

2.1. Menciona dois aspetos que testemunhem a importância dos transportes nas sociedades atuais, em termos económicos ou sociais.

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

3. Das seguintes afirmações, assinala as verdadeiras (V) e as falsas (F).

- a) O transporte tubular insere-se no modo marítimo. \_\_\_\_\_  
b) O automóvel, o autocarro e o camião inserem-se no modo rodoviário.  
\_\_\_\_\_  
c) O comboio e o metropolitano inserem-se no modo ferroviário. \_\_\_\_\_  
d) O barco e o comboio são transportes terrestres. \_\_\_\_\_  
e) As aeronaves inserem-se no modo aéreo. \_\_\_\_\_

4. Associa cada letra (A, B, C, D) ao respetivo modo de transporte.

A

- Vocacionado para mercadorias pesadas e volumosas (carvão, minério, cereais, veículos automóveis, produtos petrolíferos, etc.).
- Está associado à lentidão e à necessidade de transbordo.
- Utilizado para transportar grandes quantidades de mercadorias a longas distâncias.

\_\_\_\_\_

B

- Apresenta baixos índices de poluição e um elevado grau de segurança.
- Está associado ao carácter fixo dos itinerários.
- Baixo custo unitário para percorrer médias e longas distâncias.

\_\_\_\_\_

C

- Apresenta uma grande flexibilidade nos itinerários, uma vez que permite o transporte porta a porta, sem necessidade de transbordo.
- Está associado aos congestionamentos de tráfego.
- Está associado a uma elevada insegurança, visível pela grande sinistralidade.

\_\_\_\_\_

D

- É o mais utilizado no tráfego internacional de passageiros a longas distâncias devido à sua comodidade e liberdade de movimento.
- Apresenta um elevado custo.
- Fraca capacidade de carga.

\_\_\_\_\_

5. Associa o meio de transporte respetivo (avião, barco, camião, comboio, gasoduto) às seguintes vantagens ou desvantagens:

a) Lentidão na deslocação. \_\_\_\_\_

b) É a forma mais segura de transportar energia por terra. \_\_\_\_\_

c) Grande flexibilidade nos itinerários. \_\_\_\_\_

d) Baixo custo unitário para percorrer médias e longas distâncias. \_\_\_\_\_

e) Elevados índices de poluição atmosférica e sonora. \_\_\_\_\_

**6 – Explica, por palavras tuas, a seguinte afirmação.**

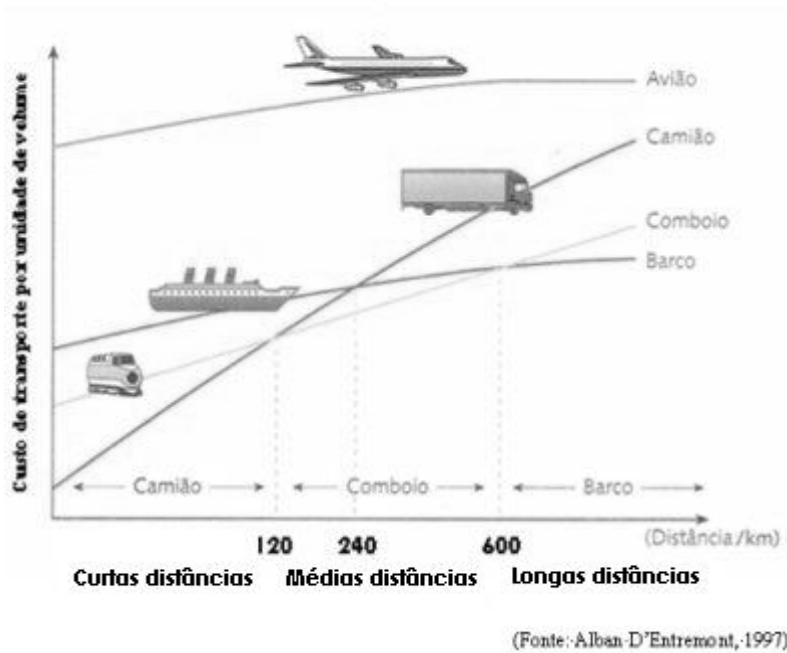
6.1 - No tráfego de passageiros, sobretudo nas áreas urbanas e suburbanas, a conjugação de vários modos de transporte é o mais indicado. Porquê?

---

---

---

7 – Com base na análise da figura, justifique a maior competitividade do transporte marítimo face ao transporte rodoviário no transporte de mercadorias.



---

---

---

7.1. Indica o modo de transporte mais eficaz para transportar mercadorias pesadas e volumosas da Ásia para a Europa. Justifica a tua resposta.

---

---

---

---

8. Refere o modo de transporte mais eficaz para transportar frutas frescas do Brasil para Portugal. Justifica a tua escolha.

---

---

---

Bom Trabalho!

## Anexo 37 – Questões para a ficha de avaliação da primeira aula - versão 1

### Grupo I

1 - **Nos últimos anos tem-se, registado maior competitividade entre os diferentes modos de transporte.**

- a) Esta afirmação é verdadeira, porque se registou um forte desenvolvimento e especialização, o que permitiu aumentar quer a capacidade de carga quer as distâncias relativas.
- b) Esta afirmação é verdadeira, porque se registou um forte desenvolvimento e especialização, o que levou a um aumento da capacidade de carga e a uma diminuição das distâncias relativas.
- c) Esta afirmação é falsa, porque não se têm observado sinais que demonstrem um aumento de competitividade entre os diferentes modos de transporte.
- d) Esta afirmação é falsa, porque apenas se tem verificado competitividade entre o transporte ferroviário e aéreo.

2 - **No tráfego de passageiros, sobretudo nas áreas urbanas e suburbanas, a conjugação de vários modos de transporte e a construção de interfaces é cada vez mais importante.**

- a) Esta afirmação é falsa, porque neste tipo de deslocações é mais vantajosa a utilização de um só modo de transporte.
- b) Esta afirmação é falsa, porque nas deslocações suburbanas apenas se deve utilizar o transporte rodoviário e o ferroviário.
- c) Esta afirmação é verdadeira, porque permite reduzir os congestionamentos, o consumo energético e o tempo das deslocações.
- d) Esta afirmação é verdadeira, porque permite reduzir os congestionamentos, reduzir o consumo energético e aumentar o tempo das deslocações.

### Grupo III

1 – Analise atentamente o gráfico da figura 5.

1.1 - Identifique o modo de transporte indicado, respetivamente, pelos algarismos 1, 2 e 3.

1.2 Justifique qual é o meio de transporte mais competitivo para o transporte de mercadorias volumosas.

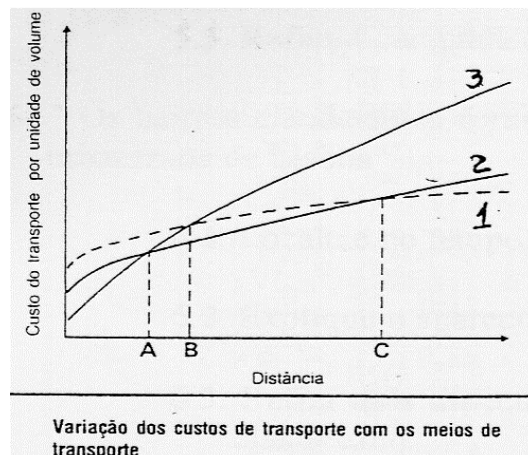


Fig. 5

## Anexo 38 – Questões para a ficha de avaliação da primeira aula - versão 2

### Grupo I

1 - **Nos últimos anos, tem-se registado maior competitividade entre os diferentes modos de transporte.**

- a) Esta afirmação é falsa, porque não se têm observado sinais que demonstrem um aumento de competitividade entre os diferentes modos de transporte.
- b) Esta afirmação é falsa, porque apenas se tem verificado competitividade entre o transporte ferroviário e aéreo.
- c) Esta afirmação é verdadeira, porque se registou um forte desenvolvimento e especialização, o que levou a um aumento da capacidade de carga e a uma diminuição das distâncias relativas quer à capacidade de carga quer às distâncias relativas.
- d). Esta afirmação é verdadeira, porque se registou um forte desenvolvimento e especialização, o que permitiu aumentar quer a capacidade de carga quer as distâncias relativas.

2 - **A conjugação de vários modos de transporte e a construção de interfaces é cada vez mais importante.**

- a) Esta afirmação é verdadeira, porque permite reduzir os congestionamentos, o consumo energético e o tempo das deslocações.
- b) Esta afirmação é verdadeira, porque permite reduzir os congestionamentos, reduzir o consumo energético e aumentar o tempo das deslocações.
- c) Esta afirmação é falsa, porque nas deslocações suburbanas apenas se deve utilizar o transporte rodoviário e o ferroviário.
- d) Esta afirmação é falsa, porque neste tipo de deslocações é mais vantajoso a utilização de um só modo de transporte.

### Grupo III

1 – Analise atentamente o gráfico da figura 5.

1.1 - Identifique o modo de transporte indicado, respetivamente, pelos algarismos **1, 2 e 3**.

1.2 Justifique qual é o meio de transporte mais competitivo para o transporte de mercadorias volumosas.

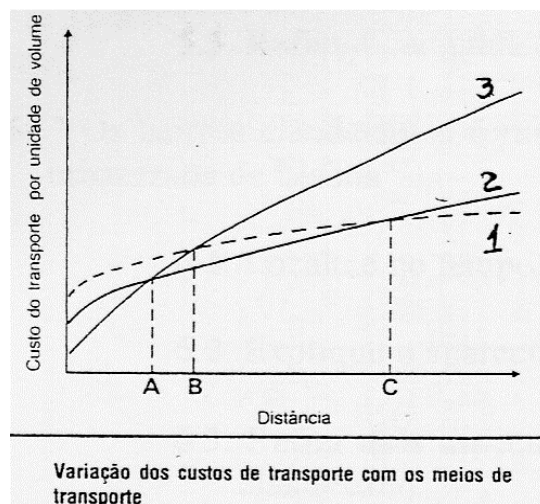


Fig. 5

# ANEXOS 39 a 44 - 2ª AULA DE GEOGRAFIA

**Anexo 39** – Plano da segunda aula: Telecomunicações

## ***PLANO DA SEGUNDA AULA***

Disciplina <u>Geografia</u>		
Unidade <u>4</u> - <u>A População. como se movimenta e comunica</u>		
N.º de blocos ( <b>90´</b> ) previstos: <b>1</b>		
<u>LIÇÕES N.º 54</u>	Ano 11 Turma <u>D</u>	<u>DATAS: 24 de Fevereiro de 2012</u>
Estagiária <u>Ana Paula Rocha</u>		Professor(a) Cooperante <u>Idalina Leite</u>

### ***Conceito-chave e situação-problema / desafio***

#### **Conceito-chave:**

Autoestradas de Informação.

#### **Situação-problema:**

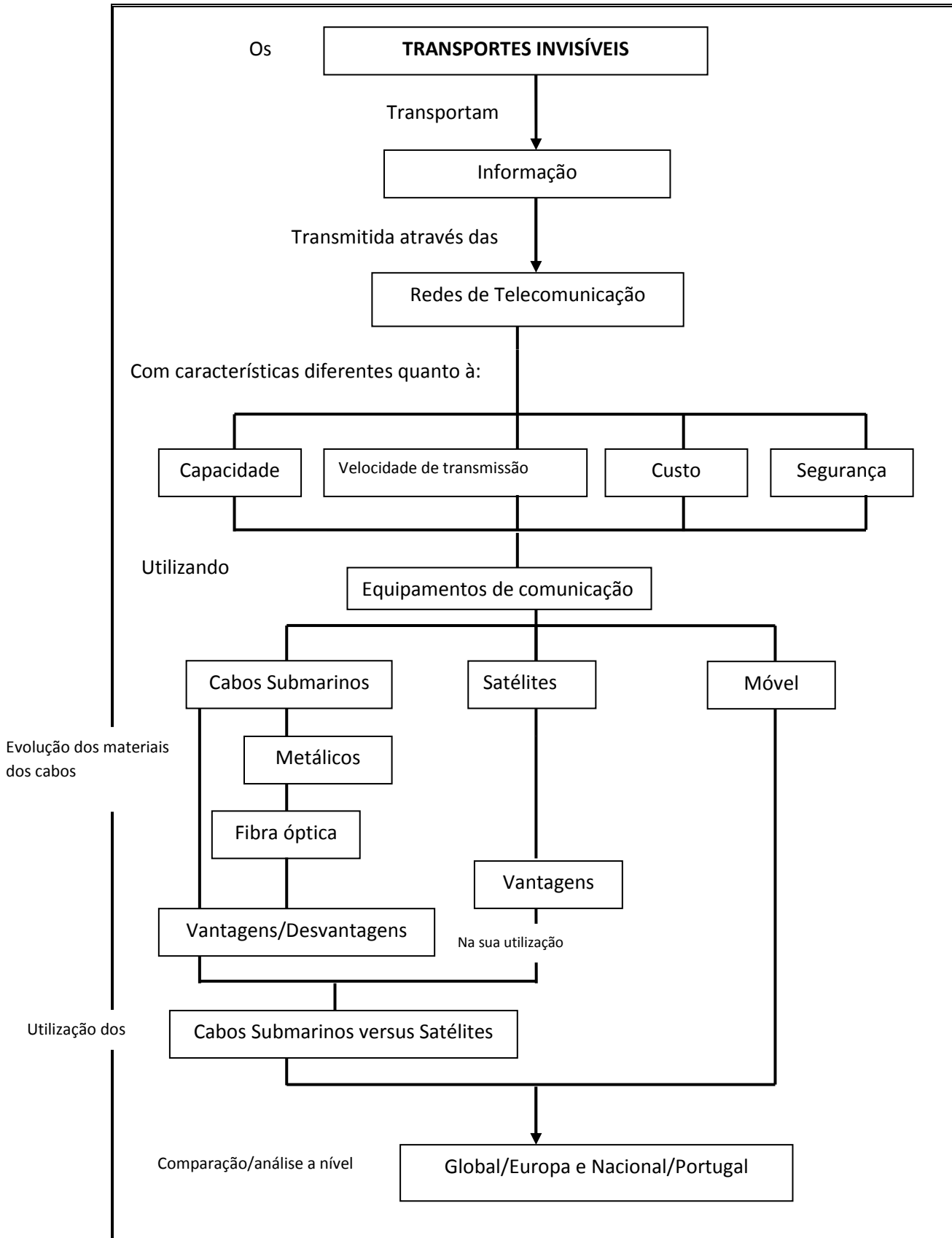
A Revolução das Telecomunicações e o seu impacto nas relações interterritoriais.

### ***Objetivos centrais da unidade letiva***

#### **Objetivos:**

- Relacionar os conteúdos com aulas anteriores (primeira aula da unidade – os transportes e aula do João. Comunicação e evolução das telecomunicações);
- Estabelecer a relação entre telecomunicação e transportes invisíveis;
- Definir Redes de Telecomunicação;
- Distinguir os diferentes tipos de cabos submarinos;
- Analisar a distribuição dos cabos submarinos, a nível global e nacional;
- Diferenciar as diferentes vantagens e desvantagens associadas aos cabos submarinos e satélites;
- Comparar as vantagens dos cabos submarinos e satélites;
- Relacionar a distribuição espacial das redes de telecomunicação (cabos submarinos e satélites);
- Avaliar a distribuição e evolução da rede móvel na Europa e em Portugal;

**Esquema conceptual para a aula letiva**



### **Informação nova / conteúdos**

<b>Ideias prévias dos alunos</b> (avaliação diagnóstica)	Conferir as aprendizagens dos alunos adquiridas nas aulas anteriores da Unidade (primeira aula assistida de Ana Paula Rocha – Os transportes, e segunda aula do João). Aferir os conhecimentos dos alunos, adquiridos no ano anterior, do 9º ano (fluxos de transportes e comunicações).
<b>Conceitos novos</b>	Telecomunicações, rede de telecomunicações, cabo submarino, fibra óptica, via de comunicação, rede móvel.

### **Capacidades a desenvolver**

- Relacionar os diferentes conteúdos abordados em aulas.
- Utilizar corretamente os conceitos geográficos.
- Reconhecer a importância das redes de telecomunicações e o seu impacto nas relações interterritoriais.
- Descrever e interpretar situações geográficas.
- Ler e interpretar mapas e dados estatísticos.

### **Experiências de aprendizagem a proporcionar aos alunos / métodos / estratégias**

- 1 – Apresentação de Power Point sobre os transportes invisíveis.  
- Iniciar a aula com diapositivo da minha aula anterior – Classificação dos meios de transporte.  
Questionar e recordar os conteúdos abordados na aula anterior, e relacionar o transporte invisível com as telecomunicações.
- 1.17 – Visualização de dois pequenos vídeos sobre os cabos submarinos e satélites.
- 1.18 - Observação, análise e interpretação de mapas e gráficos sobre a distribuição espacial e evolução das diferentes redes de telecomunicação (cabos submarinos, satélites e móvel).
- 1.19 – Visualizar e tocar em fibra óptica – “laboratório de experimentação”.
- 1.3.1 - Realização de uma ficha de trabalho – palavras cruzadas.
- Método:** Ativo, interrogativo, demonstrativo e expositivo

### **Recursos / Fontes**

- Utilização das TIC.
- Videoprojector e computador.
- ✓ Apresentação de Power Point sobre os transportes invisíveis.
  - ✓ Jogo didático. (Apresentação de imagens de equipamentos de comunicação)
  - ✓ Pequenos vídeos sobre os cabos submarinos e satélites.
  - ✓ Imagens sobre cabos submarinos e satélites.
  - ✓ Candeeiro de fibra óptica
  - ✓ Ficha de trabalho – palavras cruzadas.
  - ✓ Mapas sobre a distribuição espacial das diferentes redes de telecomunicação (cabos submarinos, satélites e móvel).
  - ✓ Gráficos sobre a distribuição e evolução das diferentes redes de telecomunicação.

### **Sequência a dar à aula (diferenciação pedagógica)**

#### **❖ Comportamentos verbais**

➤ **Interação cooperativa por solicitação da estagiária** - Interpelar todos os alunos para que todos participem na aula, com o objetivo de os motivar:

- ✓ Questões diretas e orientadas.
  - ✓ Solicitação para que leiam os diapositivos.
  - ✓ Análise e exploração dos vídeos didáticos apresentados.
  - ✓ Análise e leitura de imagens, mapas e gráficos.
  - ✓ Jogos didáticos – (apresentação de imagens de equipamentos de comunicação e palavras cruzadas).

➤ **Interação cooperativa espontânea para a aprendizagem, e interação pedagógico-didática** - (Como se trabalha o conhecimento).

- ✓ Jogos didáticos – (Apresentação de imagens de equipamentos de comunicação e palavras cruzadas).
- ✓ Perguntas e comentários feitos pelos alunos durante a visualização da fibra óptica.
- ✓ Análise e exploração dos vídeos didáticos apresentados.
- ✓ Análise e leitura de imagens, mapas e gráficos.

➤ **Interação personalizada e espontânea. (Espaço à expressão de opinião pessoal)**

✓ Comportamento da turma na primeira aula assistida (É **fundamental dar atenção e valorizar a participação da turma para motivar os alunos**).

#### **❖ Comportamentos não-verbais**

➤ **Proxémica (linguagem da organização e gestão do espaço) e Cinésica/quinésica (linguagem do corpo)**

• Controlar eventuais comportamentos menos adequados, detetar e corresponder rapidamente às necessidades dos alunos, criar o sentimento de individualização e personalização com o objetivo de motivar, interessar os alunos pela aula... Aproximação corporal, toque corporal nos alunos e voz baixa em caso de repreensão ou orientação, ...

✓ **Boa gestão e organização do espaço e do tempo.**

- Movimentação correta dentro da sala de aula, gerida de acordo com os objetivos de cada etapa.
- Aproximação corporal, voz baixa, toque nos alunos, – motivação dos afetos e da atenção.
- Cumprimento do plano de aula.

#### **❖ Clima de aula**

➤ **Individualização/ Personalização.** – Atenção especial e individualizada aos alunos mais problemáticos, sendo de destacar um grupo de 2 elementos.

➤ **Inovação** – Jogos didáticos (imagens e palavras cruzadas), vídeos e fibra óptica.

➤ **Orientação** – Exercícios de leitura e interpretação de mapas e gráficos são acompanhados de questões orientadoras para que, desta forma, o aluno seja bem-sucedido e crie um sentimento de satisfação e autorrealização – motivação.

✓ **Implicação e coesão** – Iniciar a aula chamando a atenção dos alunos para a importância da realização dos trabalhos de casa, e para a avaliação final.

✓ Repreensão verbal cinésica/quinésica adequada. Isto é, manter uma posição corporal adequada e tom de voz grave e frio, distante. Neste momento, devo estar à frente dos alunos e olhar para todos de modo a perceber as reações e atitudes dos alunos, perante a chamada de atenção. O objetivo é perceber se a chamada de atenção criou o sentimento de implicação e coesão.

- Divisão da turma em pequenos grupos para o manuseamento da fibra óptica. (Troca de opiniões e dúvidas).
- No final da aula, todos os elementos da turma devem participar no esquema-síntese. As estratégias e metodologias devem proporcionar sentimento de coesão na turma e na sala.

➤ **Satisfação** – Provocar a participação correta de todos os alunos na aula, para motivá-los e interessá-los pelos conteúdos. As questões são selecionadas tendo em conta o aluno e as suas capacidades para que, assim, ele consiga responder corretamente. Isto é, o grau de dificuldade das perguntas é intencionalmente modificado tendo em conta as capacidades do aluno. O objetivo é a satisfação do aluno no final da aula e aumentar a sua motivação.

#### ❖ **Formas como o professor exerce o poder (estratégias e metodologias)**

- Repreensão verbal cinésica/quinésica adequada.
- **Recompensa ou elogio.** Ao longo da sessão, ir elogiando os alunos: “Muito bem”, “...É isso mesmo”, “...Sim, senhor! Estás atento (a)”...

#### ***Avaliação intercalar***

- Observação direta e indireta da participação dos alunos ao longo da aula.
- Perguntas e comentários realizados pelos alunos durante a visualização da fibra óptica.
- Jogos didáticos - (Apresentação de imagens de equipamentos de comunicação e palavras cruzadas).
- Participação oral na elaboração do esquema- síntese
- Preenchimento de ficha de trabalho (Trabalho de casa).

#### ***Avaliação final***

Ficha de avaliação sobre a Unidade 4.

#### ***Sumário***

Os transportes invisíveis: cabos submarinos e satélites. A rede móvel.

**Anexo 40** – Avaliação e reajustamento do plano da segunda aula:  
Telecomunicações.

## ***AVALIAÇÃO E REAJUSTAMENTO DO PLANO DE AULA***

		Disciplina <u>Geografia</u>
Unidade <u>4</u> - <u>A População. Como se movimenta e comunica</u>		
		N.º de blocos ( <b>90´</b> ) previstos: <b>1</b>
<u>LIÇÕES N.º 54</u>	Ano 11 Turma <u>D</u>	<u>DATAS: 24 de Fevereiro de 2012</u>
Estagiária <u>Ana Paula Rocha</u>	Professor(a) Cooperante <u>Idalina Leite</u>	

### ***Conceito-chave e situação-problema / desafio***

#### **Conceito-chave:**

Autoestradas de Informação.

#### **Situação-problema:**

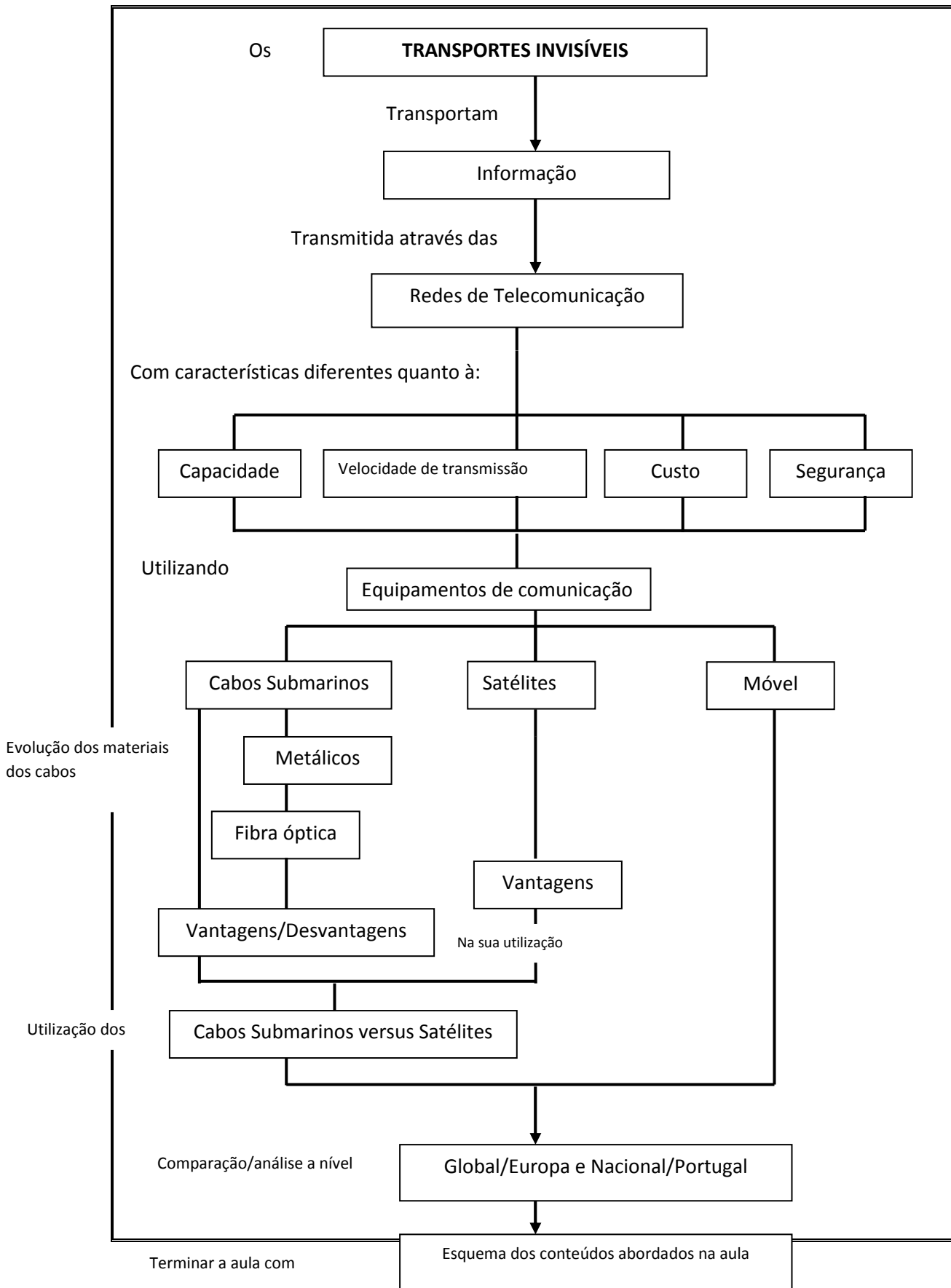
A Revolução das Telecomunicações e o seu impacto nas relações interterritoriais.

### ***Objetivos centrais da unidade letiva***

#### **Objetivos:**

- Relacionar os conteúdos com aulas anteriores (primeira aula da unidade: os transportes e aula do João Comunicação e a evolução das telecomunicações);
- Estabelecer a relação entre telecomunicação e transportes invisíveis;
- Definir Redes de Telecomunicação;
- Distinguir os diferentes tipos de cabos submarinos;
- Analisar a distribuição dos cabos submarinos, a nível global e nacional;
- Diferenciar as diferentes vantagens e desvantagens associadas aos cabos submarinos e satélites;
- Comparar as vantagens dos cabos submarinos e satélites;
- Relacionar a distribuição espacial das redes de telecomunicação (cabos submarinos e satélites);
- Avaliar a distribuição e evolução da rede móvel na Europa e em Portugal;

**Esquema conceptual para a aula letiva**



### **Informação nova / conteúdos**

<b>Ideias prévias dos alunos</b> (avaliação diagnóstica)	Conferir as aprendizagens dos alunos, adquiridas nas aulas anteriores da Unidade (primeira aula assistida de Ana Paula Rocha: Os transportes, e segunda aula do João). Aferir os conhecimentos dos alunos adquiridos no ano anterior, do 9º ano (fluxos de transportes e comunicações).
<b>Conceitos novos</b>	Telecomunicações, rede de telecomunicações, cabo submarino, fibra óptica, via de comunicação, rede móvel.

### **Capacidades a desenvolver**

- Relacionar os diferentes conteúdos abordados em aulas.
- Utilizar corretamente os conceitos geográficos.
- Reconhecer a importância das redes de telecomunicações e o seu impacto nas relações interterritoriais.
- Descrever e interpretar situações geográficas.
- Ler e interpretar mapas e dados estatísticos.

### **Experiências de aprendizagem a proporcionar aos alunos / métodos / estratégias**

- 1 - Apresentação de Power Point sobre os transportes invisíveis.
  - Iniciar a aula com diapositivo da minha aula anterior: Classificação dos meios de transporte. Questionar e recordar os conteúdos abordados na aula anterior, e relacionar o transporte invisível com as telecomunicações.
  - 1.20 – Visualização de dois pequenos vídeos sobre os cabos submarinos e satélites.
  - 1.21 - Observação, análise e interpretação de mapas e gráficos sobre a distribuição espacial e evolução das diferentes redes de telecomunicação (cabos submarinos, satélites e móvel).
  - 1.22 – Visualizar e tocar em fibra óptica – “laboratório de experimentação”.
  - 1.3.1 - Realização de uma ficha de trabalho( palavras cruzadas).
- Método:** Ativo, interrogativo, demonstrativo e expositivo

### **Recursos / Fontes**

- Utilização das TIC.
- Videoprojector e computador.
- ✓ Apresentação de Power Point sobre os transportes invisíveis.
  - ✓ Jogo didático (apresentação de imagens de equipamentos de comunicação)
  - ✓ Pequenos vídeos sobre os cabos submarinos e satélites.
  - ✓ Imagens sobre cabos submarinos e satélites.
  - ✓ Candeeiro de fibra óptica
  - ✓ Ficha de trabalho (palavras cruzadas).
  - ✓ Mapas sobre a distribuição espacial das diferentes redes de telecomunicação (cabos submarinos, satélites e móvel).
  - ✓ Gráficos sobre a distribuição e evolução das diferentes redes de telecomunicação.

## Sequência a dar à aula (diferenciação pedagógica) Avaliação e reajustamento. Como decorreu.

### ❖ Comportamentos verbais

- **Interação cooperativa por solicitação da estagiária** - Interpelei todos os alunos para que todos participassem na aula, com o objetivo de os motivar:
  - ✓ Questões diretas e orientadas.
    - ✓ Solicitei para que lessem os diapositivos.
    - ✓ Análise e exploração dos vídeos didáticos apresentados.
    - ✓ Análise e leitura de imagens, mapas e gráficos.
    - ✓ Jogos didáticos (apresentação de imagens de equipamentos de comunicação e palavras cruzadas).

### ➤ **Interação cooperativa espontânea para a aprendizagem e interação Pedagógico-didática** (Como se trabalha o conhecimento).

- ✓ Jogos didáticos – (apresentação de imagens de equipamentos de comunicação e palavras cruzadas).
- ✓ Perguntas e comentários feitos pelos alunos durante a visualização da fibra óptica.
- ✓ Análise e exploração dos vídeos didáticos apresentados.
  - ✓ Análise e leitura de imagens, mapas e gráficos.

### ➤ **Interação personalizada e espontânea (Espaço à expressão de opinião pessoal)**

- ✓ Comportamento da turma na primeira aula assistida – **É fundamental dar atenção e valorizar a participação da turma para motivar os alunos.** Especial atenção a dois alunos problemáticos: um desinteressado e desmotivado pela disciplina, outro com problemas psicológicos e comportamentos e atitudes inesperadas. É de salientar que os dois alunos estiveram interessados e motivados ao longo da aula, tendo uma interação espontânea. No entanto, a minha interação foi personalizada, tanto na formulação das questões como na proxémica e cinésica/quinésica. Porém, ao longo da aula e com todos os alunos, a interação foi personalizada de forma a alterar comportamentos e atitudes, e motivar a turma e não apenas os dois alunos. e a criar na aula um clima de satisfação, coesão, orientação e individualização.

### ❖ Comportamentos não-verbais

#### ➤ **Proxémica (linguagem da organização e gestão do espaço) e Cinésica/quinésica (linguagem do corpo)**

- No início da aula e na primeira parte da aula, houve necessidade de controlar comportamentos menos adequados, dado os alunos chegarem muito atrasados e com um comportamento atípico. Ao longo da aula, detetei e correspondi atempadamente às necessidades dos alunos, dado circular pela sala. Desta forma, rapidamente pude

responder às questões e dúvidas dos alunos, com o objetivo de os motivar e interessar pela aula, o que permitiu criar o sentimento de individualização e personalização.

- Em relação à **cinésica/quinésica**, foi adequada à faixa etária, características e comportamento inicial atípico – (aproximação corporal, toque corporal nos alunos e voz baixa em caso de repreensão ou orientação para, desta forma, motivar e criar coesão e satisfação nos alunos).

✓ **Boa gestão e organização do espaço e do tempo.**

- Movimentação correta dentro da sala de aula, gerida de acordo com os objetivos de cada etapa.
- Aproximação corporal, voz baixa, toque nos alunos.
- Cumpri o plano de aula, apesar de iniciar a aula com cerca de 20 minutos de atraso. Esta situação obrigou a uma reformulação da planificação inicial pois tinha cerca de 15 minutos para recuperar, tendo conseguido atingir os objetivos iniciais a que me tinha proposto. O papel e a postura da estagiária foram fundamentais para a mudança de comportamento dos alunos e cumprimento do cronograma (tempo).

❖ **Clima de aula**

- **Individualização/ Personalização** – Dei atenção especial e individualizada aos alunos mais problemáticos, sendo de destacar um grupo de 2 elementos.
- **Inovação** – Jogos didáticos (imagens e palavras cruzadas), vídeos e fibra óptica.
- **Orientação** – Realizei exercícios de leitura e interpretação de mapas e gráficos que foram acompanhados de questões orientadoras para assim possibilitar o sucesso do aluno e criar um sentimento de satisfação e autorrealização – motivação.

✓ **Implicação e coesão** – Iniciei a aula chamando a atenção dos alunos para o seu atraso e para a importância da realização dos trabalhos de casa na avaliação final.

✓ Repreensão verbal cinésica/quinésica adequada. Posição corporal firme, e tom de voz grave e frio, distante. Estava à frente dos alunos, a olhar para todos de forma a conseguir perceber as suas reações e atitudes à chamada de atenção, a fim de sentirem a importância desta chamada de atenção, criando neles um sentimento de implicação e coesão.

- Divisão da turma em pequenos grupos para o manuseamento da fibra óptica, possibilitando a troca de opiniões e exposição de dúvidas.
- No final da aula, todos os elementos da turma participaram no esquema-síntese, demonstrando que as estratégias e metodologias utilizadas resultaram, em razão do sentimento de coesão verificado na turma e na sala.

➤ **Satisfação** –Proporcionei a todos os alunos a participação correta na aula, a fim de motivá-los e interessá-los pelos conteúdos. As questões são selecionadas, tendo em consideração o aluno e as suas capacidades para que, desta forma, ele consiga responder corretamente. O grau de dificuldade das perguntas é intencionalmente modificado, tendo em conta as capacidades do aluno. O objetivo é a satisfação do aluno no final da aula e aumentar a sua motivação.

➤ **Conclusões sobre o clima de aula. Mudanças e alterações de comportamentos e atitudes verificadas na aula.**

✓ Apesar de todos os **contratempos externos**: atraso, agitação, comportamentos e atitudes menos corretas dos alunos no início da aula, o clima de “ma estar” foi-se diluindo. Este comportamento dos alunos foi, segundo a professora cooperante, muito atípico e que algo externo à aula deve ter acontecido no intervalo, e tenha motivado este comportamento.

✓ **No final da aula, o clima** instalado na sala era de **coesão, satisfação, interesse e curiosidade**. Ao longo da aula, o papel da estagiária, as estratégias, as metodologias e os recursos modificaram comportamentos e atitudes dos alunos, motivando-os. No final da aula, todos os alunos participaram ativamente no esquema-síntese dos conteúdos. Após o toque e permissão para saírem da sala de aula, os alunos permaneceram na sala colocando questões, tendo alguns voltado a observar e manusear o candeeiro de fibra óptica.

❖ **Formas como o professor exerceu o seu poder (estratégias e metodologias)**

✓ **Repreensão** – O início da aula foi atribulado e agitado. Os alunos chegaram à sala de aula com cerca de 10 minutos de atraso, após o segundo toque. A aula iniciou-se com cerca de 20 minutos de atraso. Chamei à atenção para o atraso, e para a importância da realização dos trabalhos de casa na avaliação final.

✓ Repreensão verbal, cinésica/quínésica adequada. Posição corporal firme e tom de voz grave e frio, distante.

✓ **Recompensa ou elogio**. Ao longo da sessão, foram feitos vários elogios aos alunos: “Muito bem”, “...É isso mesmo”, “...Sim, senhor! Estás atento (a)”...

❖ **Conclusão e avaliação final da aula e do papel do professor:**

❖ O início atribulado da aula obrigou a uma mais eficaz **gestão de tempo e reajustamento, para conseguir recuperar o atraso de cerca de 20 minutos**. A aula decorreu segundo o plano previsto. Desta forma, evidencio a **capacidade de gestão de tempo, espaço, recursos, mudanças de comportamentos e motivação que despertei nos alunos**.

### ***Avaliação intercalar***

- Observação direta e indireta – (Participação dos alunos ao longo da aula)
- Perguntas e comentários feitos pelos alunos durante a visualização da fibra óptica.
- Jogos didáticos - (apresentação de imagens de equipamentos de comunicação e palavras cruzadas).
- Participação oral na elaboração do esquema- síntese
- Preenchimento de ficha de trabalho (Trabalho de casa).

### ***Avaliação final***

Ficha de avaliação sobre a Unidade 4.

### ***Sumário***

Os transportes invisíveis: cabos submarinos e satélites. A rede móvel.

## **Recursos da 2ª Aula de Geografia**

**Consultar CD, Geografia, 2ª aula Geografia – Anexo 1** - Apresentação em power point da segunda aula: Telecomunicações.

**Consultar CD, Geografia, 2ª aula Geografia – vídeo.**

- 1º Vídeo – Cabos Submarinos
- 2º Vídeo – Comunicações via satélite

## **Anexos 41 a 44 - Instrumentos de avaliação da 2ª Aula de Geografia**

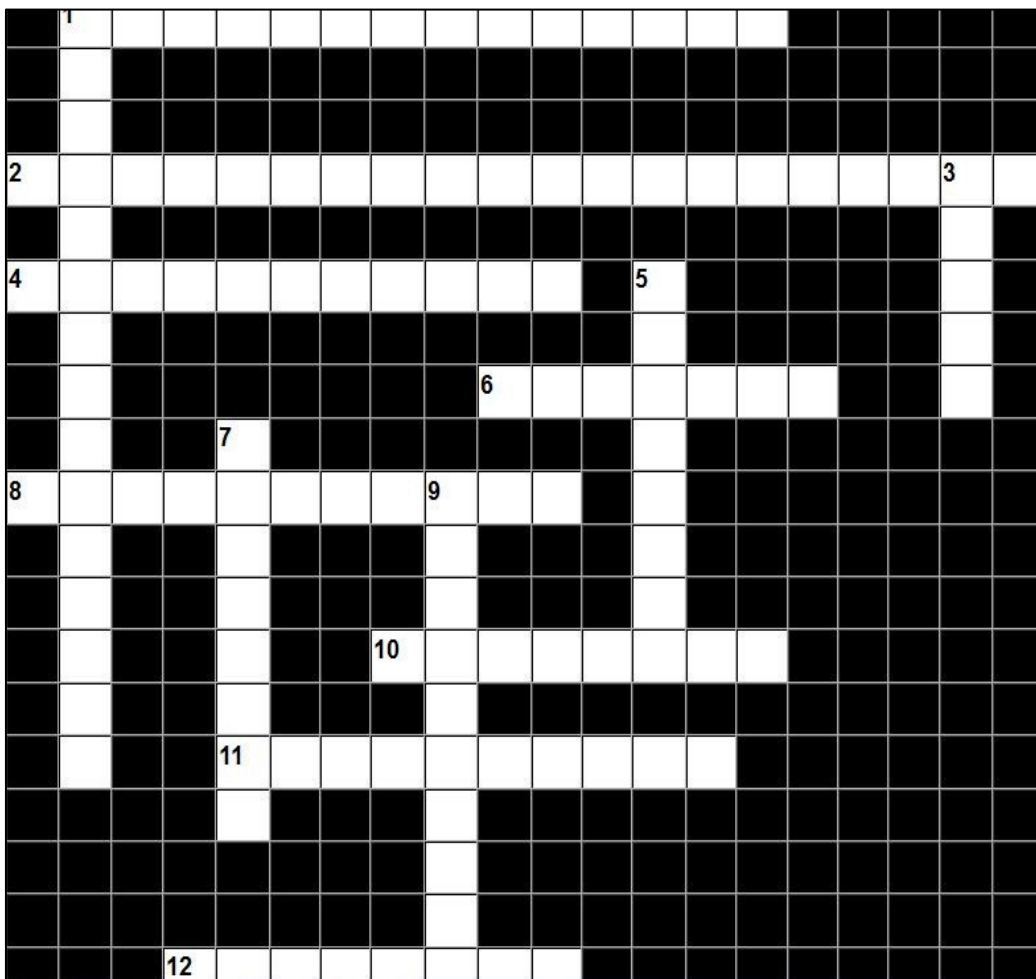
# Anexo 41 – Ficha de trabalho - Palavras cruzadas: As Telecomunicações.

Ano Letivo 2011-2012

ESCOLA SECUNDÁRIA ANTÓNIO SÉRGIO

Geografia A – 11º Ano

## Ficha de trabalho - Palavras cruzadas: As Telecomunicações.



- 1** Cabo óptico submarino que liga os oceano Atlântico e Pacífico em 1988.
- 2** Conjunto de vias de transporte que permitem enviar e receber informação.
- 4** Palavra que deriva do Latim "Communicare". Nome dado a troca de ideias, opiniões e mensagens, contemplando o intercâmbio de informação entre sujeitos ou objetos.
- 6** Primeiro satélite artificial lançado pela União Soviética em 1957.
- 8** Transmite as informações por sinais luminosos.
- 10** Marca do primeiro telemóvel.
- 11** Equipamento móvel que permite a comunicação por ondas electromagnéticas.
- 12** Equipamento que foi inventado por Bell.

### Vertical -

- 1** Designação atribuída à transmissão, emissão ou recepção, por fio, radioeletricidade, meios ópticos ou qualquer outro processo eletromagnético, de símbolos, caracteres, sinais, escritos, imagens, sons ou informações de qualquer natureza.
- 3** Primeiro satélite de comunicação lançado em 1960.
- 5** Cabo feito com chumbo e cobre.
- 7** Sistema que orbita o nosso Planeta, com uma altitude e velocidade constante.
- 9** O que transportam os Transportes Invisíveis?

### SOLUÇÕES



Nome \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Boa sorte!

A professora estagiária: Ana Paula Rocha

**Anexo 42** – Ficha de trabalho: As Comunicações: cabo submarino, via satélite e móveis.

**ESCOLA SECUNDÁRIA ANTÓNIO SÉRGIO**

Ano Letivo 2011-12 **GEOGRAFIA A – 11º Ano**

**Ficha de trabalho:** As Comunicações: cabo submarino, via satélite e móveis.

Nome \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**1 – A partir da leitura desta notícia:**

1.1 - Explica o impacto do telemóvel na Sociedade Portuguesa.

1.2 Justifica a via de comunicação mais utilizada neste equipamento.

### **Jovens portugueses enviam 100 SMS/dia**

Os jovens portugueses enviam mais de 100 mensagens escritas, em média, por dia, através do telemóvel e fazem aproximadamente seis chamadas diárias.

De acordo com um estudo do Instituto Superior Técnico (IST), o telemóvel "é quase omnipresente na vida dos jovens", uma vez que menos de 0,5% não dispõe deste tipo de equipamento de comunicação, mas há já muitos que já têm mais de um aparelho.

O Instituto Superior Técnico (IST) e o Instituto de Telecomunicações (IT) elaboraram um estudo sobre os "Telemóveis e os jovens: utilizações e preocupações", tendo sido inquiridos 2471 alunos de 40 estabelecimentos de ensino no ano letivo 2010/2011.

O trabalho permitiu também saber que a grande maioria dos jovens portugueses teve o telemóvel aos 10 anos, altura em que entraram no 2.º ciclo do Ensino Básico e que, em média, ocupam, por dia, mais de 30 minutos a falar.

O estudo, realizado no âmbito do projeto monIT, teve como principais objetivos perceber qual a perspetiva dos jovens sobre a temática das radiações eletromagnéticas, nomeadamente a nível do seu grau de preocupação e eventuais medidas de precaução que tomam quando usam o telemóvel, assim como avaliar os níveis de utilização dos telemóveis por parte dos jovens, e a sua variação com a idade e outros fatores.

Mais de metade dos jovens alunos indicou preocupar-se com os possíveis efeitos das radiações eletromagnéticas, mas apenas 20% já procurou informação sobre o tema.

Contudo, uma percentagem inferior de jovens garantiu não ter tomado quaisquer medidas de precaução, segundo o estudo.

Por género, constatou-se que as raparigas fazem mais chamadas por telemóvel, sendo que a duração média destas, por dia, é superior em 20% à dos rapazes.

Sobre o envio de mensagens (SMS), a diferença entre géneros não chega a 1%, conclui o estudo.

*Fonte: Jornal de Notícias, 9 de Janeiro de 2012*

**2 – Lê atentamente a seguinte notícia:**

### **Açores: Medeiros Ferreira destaca importância do arquipélago como "plataforma de modernidade científica"**

O professor e investigador universitário Medeiros Ferreira defendeu hoje que os Açores apresentam-se novamente como uma plataforma de modernidade científica numa perspetiva civil e não militar, cuja aplicação tem um carácter estratégico mundial.

"Esta plataforma de investigação científica e tecnológica de ponta só tem paralelo com o que aconteceu nos Açores nos finais do século XIX, quando chegaram os mais modernos aparelhos de meteorologia e telecomunicações, como os cabos submarinos", afirmou Medeiros Ferreira, que falava no II Fórum Açoriano Franklin Roosevelt, em Angra do Heroísmo.

Medeiros Ferreira justificou esta posição, frisando que "os Açores estão a participar nas investigações do oceano e da atmosfera", citando o observatório em Santa Maria que analisa a balística relacionada com os foguetões Ariane e o centro de monitorização de ensaios nucleares da Graciosa.

*Fonte: Lusa, 14 de Abril de 2010*

**2.1 – Com base na notícia que acabaste de ler, elabora uma reflexão pessoal tendo em conta os seguintes aspetos:**

- **Importância geoestratégica dos Açores.**
- **Conceito de plataforma. Exemplos.**
- **Função das vias de comunicação, satélite e cabos submarinos.**
- **Particularidades do Arquipélago dos Açores:**
  - **Origem (geológica)**
  - **Climatologia**
  - **Cobertura vegetal**
  - **Densidade populacional**
  - **Distribuição da população pelo território**

**Bom Trabalho!**

**A estagiária: Ana Paula Rocha**

## **Anexo 43** – Questões para a ficha de avaliação da segunda aula - versão 1

### **Grupo I**

#### **5 - Por telecomunicações entende-se:**

- a) Comunicações através do ar, como os pombos correio, os sinais de fumo ou o correio aéreo.
- b) Um conjunto de dispositivos e técnicas para a transmissão de informações instantâneas a longa distância.
- c) Os meios de comunicação audiovisuais, como por exemplo o retroprojetor.
- d) O telefone, o telefax, o telex e a máquina de escrever.

#### **6 – Existem cabos submarinos com mais capacidade que todos os satélites do mundo juntos.**

- a) Esta afirmação é verdadeira, porque os cabos submarinos de fibra ótica têm mais capacidade e velocidade de transmissão de informação.
- b) Esta afirmação é falsa, porque os cabos submarinos de fibra ótica têm maior capacidade de transmissão e menor velocidade e qualidade de transmissão.
- c) Esta afirmação é falsa, porque os cabos submarinos de fibra ótica têm menor capacidade de transmissão que os satélites.
- d) Esta afirmação é verdadeira, porque os satélites são mais rápidos do que os cabos submarinos.

### **Grupo III**

#### **4 - Leia atentamente o extrato da notícia que se segue:**

##### **Madeira/Mau tempo: PT criou equipa reforçada para restabelecer comunicações**

"A Portugal Telecom tem vindo a acompanhar a situação na Madeira e irá disponibilizar de imediato meios técnicos e humanos suplementares para repor de forma célere a normalidade nas comunicações fixas, móveis, via satélite e cabo submarino na Região Autónoma da Madeira...".

Fonte: Lusa, 21 fevereiro de 2011.

4.1- Justifique a importância das redes de telecomunicações para a Região Autónoma da Madeira.

4.2 - Explique os impactos das redes de telecomunicação para a Sociedade atual.

## **Anexo 44** – Questões para a ficha de avaliação da segunda aula - versão 2

### **Grupo I**

#### **5 - Por telecomunicações entende-se:**

- a) Um conjunto de dispositivos e técnicas para a transmissão de informações instantâneas a longa distância.
- b) O telefone, o telefax e o telex e a máquina de escrever.
- c) Os meios de comunicação audiovisuais, como por exemplo o retroprojetor.
- d) Comunicações através do ar, como os pombos correio, os sinais de fumo ou o correio aéreo.

#### **6 – Existem cabos submarinos com mais capacidade que todos os satélites do mundo juntos.**

- a) Esta afirmação é falsa, porque os cabos submarinos de fibra ótica têm menor capacidade de transmissão que os satélites.
- b) Esta afirmação é falsa, porque os cabos submarinos de fibra ótica têm maior capacidade de transmissão e menor velocidade e qualidade de transmissão.
- c) Esta afirmação é verdadeira, porque os cabos submarinos de fibra ótica têm mais capacidade e velocidade de transmissão de informação.
- d) Esta afirmação é verdadeira, porque os satélites são mais rápidos do que os cabos submarinos.

### **Grupo III**

#### **4 - Leia atentamente o extrato da notícia que se segue:**

##### **Madeira/Mau tempo: PT criou equipa reforçada para restabelecer comunicações**

"A Portugal Telecom tem vindo a acompanhar a situação na Madeira e irá disponibilizar de imediato meios técnicos e humanos suplementares para repor de forma célere a normalidade nas comunicações fixas, móveis, via satélite e cabo submarino na Região Autónoma da Madeira..."

Fonte: Lusa, 21 fevereiro de 2011.

4.1- Justifique a importância das redes de telecomunicações para a Região Autónoma da Madeira.

4.2 - Explique os impactos das redes de telecomunicação para a Sociedade atual.

